

0
Noivado

MIRELLA SICHIROLLO PATZER



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



0 Noivado

MIRELLA SIGHIROLLO PATZER



Table of contents

1.	Capa
2.	Folha Rosto
3.	Dedicatória
4.	Epígrafe
5.	Reconhecimentos
6.	1
7.	2
8.	3
9.	4
10.	5
11.	6
12.	7
13.	8
14.	9
15.	10
16.	11
17.	12
18.	13
19.	14
20.	15
21.	16
22.	17
23.	18
24.	19
25.	20
26.	21
27.	22
28.	23
29.	24
30.	25
31.	26
32.	27
33.	28
34.	29
35.	30
36.	31
37.	32
38.	33
39.	34
40.	35

41. [36](#)
42. [37](#)
43. [38](#)
44. [39](#)
45. [40](#)
46. [41](#)
47. [42](#)
48. [43](#)
49. [44](#)
50. [45](#)
51. [46](#)
52. [47](#)
53. [48](#)
54. [49](#)
55. [50](#)
56. [51](#)
57. [52](#)
58. [53](#)
59. [54](#)
60. [55](#)
61. [56](#)
62. [57](#)
63. [58](#)
64. [59](#)
65. [60](#)
66. [61](#)
67. [62](#)
68. [63](#)
69. [64](#)
70. [65](#)
71. [66](#)
72. [67](#)
73. [68](#)
74. [69](#)
75. [70](#)
76. [71](#)
77. [72](#)
78. [73](#)
79. [74](#)
80. [75](#)
81. [76](#)
82. [77](#)
83. [78](#)
84. [79](#)

85.	80
86.	81
87.	82
88.	83
89.	84
90.	85
91.	86
92.	87
93.	88
94.	89
95.	90
96.	91
97.	92
98.	93
99.	94
100.	95
101.	96
102.	97
103.	98
104.	99
105.	100
106.	101
107.	102
108.	103
109.	104
110.	105
111.	106
112.	107
113.	108
114.	109
115.	110
116.	111
117.	112
118.	113
119.	114
120.	115
121.	116
122.	117
123.	118
124.	119
125.	120
126.	121
127.	122
128.	123

- 129. [124](#)
- 130. [125](#)
- 131. [126](#)
- 132. [127](#)
- 133. [128](#)
- 134. [129](#)
- 135. [130](#)
- 136. [131](#)
- 137. [132](#)
- 138. [133](#)
- 139. [134](#)
- 140. [135](#)
- 141. [136](#)
- 142. [137](#)
- 143. [138](#)
- 144. [139](#)
- 145. [140](#)
- 146. [141](#)
- 147. [142](#)
- 148. [Guia do Grupo de Leitura](#)
- 149. [Sobre Mirella S. Patzer](#)

Guide

- 1. [Cover](#)
- 2. [Beginning](#)

0 Noivado

MIRELLA
SICHIROLLO
PATZER

1ª Edição



2024

Ribeirão Preto/SP



Direitos Autorais



Título Original: The Betrothal
Copyright © 2011 by Mirella Patzer
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução Denise Escher
Revisão: Isabel Vasconcellos
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGRÁFICA

P322lbe

Patzer, Mirella Sichirollo.
Título: O Noivado (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar Books
Editora Ltda.- Ribeirão Preto - SP
Tradução de: The Betrothal -© 2011 Mirella Patzer
Formato: e-Pub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-260-2

1. Romance histórico. 2. Medieval. I. Escher, Denise. II. Título

88382

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CP: 5008
CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Dedicatória



Para

Ada Civitarese Basso

Sempre em nossos pensamentos
Para sempre em nossos corações
Eternamente amada

Eu andaria mil milhas
Para ver seu sorriso e ouvir sua risada
Mais uma vez

Epígrafe



*Perdão
É a espada mais poderosa.
Perdão daqueles a quem teme
É a maior recompensa.
Quando te machucarem com palavras,
Quando eles o fazem se sentir pequeno,
Quando é mais difícil de aceitar,
Não deve fazer absolutamente nada. . .*

*Charlotte Bronte
(Jane Eyre)*

Reconhecimentos



Embora a escrita seja um ofício solitário, nenhum escritor pode trabalhar isoladamente. Devo minha profunda gratidão à minha família e amigos:

Aos meus pais, Ersilia e Dolfino Sichirolo, que sempre me amaram e me ensinaram o valor da família e a beleza da minha herança italiana.

A The Disorganized Scribblers, Anita Davison, Lisa Yarde e Anne Whitfield, cuja amizade e encorajamento contínuos me refrescaram todo fim de semana enquanto conversávamos pelo Skype dos quatro cantos do mundo para sonhar, lamentar e trocar nossa sabedoria. Admiro seu talento e sou abençoada por tê-los em minha vida. Somos a prova de que uma amizade duradoura pode superar as milhas que nos separam.

À N. Gemini Sasson por liderar o caminho para o mundo Indie e mostrar a todos nós como uma boa história, bem escrita, pode alcançar alturas elevadas.

Aos membros do Historical Fiction Writers Critique Group, Cori Van Hausen, Dave Lefurgey, Greg Graham, Miranda Miller, Ursula Thompson, Pamela Maddison, Rosemary Rach, Wally Rabbani e outros que emprestaram sua paciência e experiência aos meus primeiros rascunhos. Seu conselho coletivo tornou meu manuscrito muito mais forte.

Aos meus queridos amigos Sandra Falconi, Paddy Cush, Ersilia Ward, Laurie Rezanoff, Lisa Yarde e Colleen MacLellan. Obrigada por me permitirem enviar-lhes a leitura do rascunho final. Sou abençoada por tê-los em minha vida.

Aos meus primos, a família Lanzillotta, Emilia, Robert, Marcus e Matteo, obrigada por me permitirem a alegria de nomear meus personagens com seus nomes. Eu amo todos vocês.

À Sue Sturgeon, que me encanta a cada Natal com uma herança de ponto de cruz. Eu valorizei cada um.

À minha família, Richard, Amanda e Genna. O mundo da escrita é difícil de entender, especialmente a necessidade incessante de se sentar diante de um computador. Agradeço seus esforços para entender e me ajudar a alcançar meus objetivos.

E, por último, mas nunca menos importante, ao meu netinho, Joey. Você é a luz da minha vida, meu garoto favorito.



Pointe-du-Lac
New France
1702

As batidas dos cascos sobre a terra úmida da longa estrada de terra arborizada se aproximavam rapidamente. Emilie Basseaux olhou para trás ao ouvir o som. Dois homens a cavalo galoparam na direção deles. *Mon Dieu*, não, pensou Emilie, novamente.

Seu coração disparou. Um lapso momentâneo a distraiu de um possível perigo. Ela havia permitido que seus pensamentos vagassem por suas núpcias pendentes com Robert Lanzille, o moleiro de Pointe-du-Lac. Eles se casariam em três dias. Perdida em seus devaneios, desfrutando da agradável caminhada pela trilha sombreada entre altos bordos e pinheiros, ela havia perdido a noção do tempo. Agora, Emilie apressou o passo, mas os dois homens diminuiram a velocidade de seus cavalos para caminhar ao lado dela. Ela ergueu os olhos por baixo da aba de seu chapéu de palha.

O jovem *Seigneur* Richard Tonnacour olhou para Emilie do alto de seu musculoso capão preto. Impecavelmente vestido com um casaco azul escuro, camisa branca e meia-calça, mechas de seu cabelo castanho enrolado na nuca abaixo de sua peruca branca. Mais uma vez, o interesse acalorado em seus olhos a fez estremecer.

A presença do senhor Richard perturbou a calma do dia. À direita de Emilie, raios de sol dançavam sobre as águas calmas do Lago Saint Pierre. Em suas águas serenas, um guia indígena Abenaki remou com dois viajantes em uma canoa carregada de peles. À sua esquerda, navios com velas brancas navegavam nas ondas plácidas do poderoso rio São Lourenço a caminho de destinos desconhecidos. Ao lado dele cavalgava seu primo, *Seigneur* Pierre Robillard, que estava com ele ontem quando os encontrou nesta mesma pista.

Concedido o título de propriedade de um vasto feudo de pelo menos uma dúzia de milhas quadradas com fachada no grande rio São Lourenço pelo rei Luís da França, *Seigneur* Richard comandou a fidelidade de quase todos os habitantes e do povo da colônia. Ele até era dono da fábrica, onde Robert operava. O falecido pai de Emilie, um comerciante de peles, havia comprado sua casa na aldeia, e Emilie e sua mãe não tinham obrigações com nenhum dos senhores cujas propriedades faziam fronteira entre si.

— *Bonjour* — *Seigneur* Richard disse com um sorriso. Ele inclinou seu tricórnio, sua pena de avestruz dançando na brisa suave. Seus olhos cinzentos percorriam seu corpo do rosto ao seio, ao quadril e vice-versa.

Sua atenção flagrante despertou seu aborrecimento. — *Bonjour* — ela

respondeu, sua voz deliberadamente curta. O bom senso dizia que ela deveria responder, não apenas porque ele era o senhor de Pointe-du-Lac, mas também porque era o senhor supremo de Robert e alguém que todos temiam. Ela desviou o olhar e se absteve de dizer mais alguma coisa na esperança de que ele fosse embora.

— E para onde uma jovem adorável como a senhorita poderá ir em uma hora tão estranha? — A ressonância de sua voz profunda parecia em desacordo com a tranquilidade do dia. Todos temiam esse homem.

Ela franziu a testa e apressou o passo.

— Venha, venha — disse ele, — certamente não vai me ignorar como fez ontem?

— Não quero ofendê-lo, monsieur, mas estou noiva e isso faria as pessoas falarem se eu me demorasse em uma conversa com outro homem. Tenho certeza de que pode entender meu desejo de preservar meu bom nome e virtude — ela fixou seu olhar sem vacilar.

Rumores sobre sua lascívia abundavam e Emilie sabia que mesmo uma breve conversa com o homem poderia manchar a reputação de uma jovem.

— Noivados podem ser desfeitos.

— Não é assim, senhor, especialmente quando a família e a Igreja já deram sua bênção.

— Ah, mas se o seu destino estivesse em outra direção, seria impotente para evitá-lo — disse ele com um sorriso.

Emilie enxugou as mãos suadas no tecido áspero de seu vestido feito em casa. Ela disfarçou os punhos cerrados nas dobras de seu vestido para que ele não pudesse ver como suas palavras a afetavam. — Sei bem onde está meu destino. É a minha própria vontade que me mantém firme no caminho.

Seigneur Pierre deu uma gargalhada. — Tenha cuidado, mocinha, pois um homem como meu primo Richard é facilmente perturbado por uma mulher espirituosa. A ousadia adiciona tempero à caçada.

Suas palavras soaram verdadeiras e Emilie resolveu evitar as perguntas sobre Seigneur Richard. Ela não podia permitir que ele a incitasse a falar mais. Devia desencorajá-lo e mandá-lo embora o mais educadamente possível.

Seigneur Richard lançou um olhar severo ao primo, voltou sua atenção para Emilie e sorriu. O sol brilhava através das folhas atrás dele, lançando uma auréola sinistra ao redor da peruca branca em sua cabeça. — Sou um homem que sabe muito bem como traçar seu próprio destino, Mademoiselle Basseaux. É uma rara ocasião em que não consigo. Uma pobre garota assim faria bem em se lembrar disso, pois tenho muito a oferecer.

Emilie o ignorou, seus olhos focados à frente enquanto continuava andando e rezando para que os homens fossem embora.

Destemido, Seigneur Richard e seu primo seguiram, mas de uma distância maior. Suas vozes chegaram até ela, embora não pudesse entender tudo o que diziam. Então, ela ouviu Seigneur Pierre soltar uma gargalhada.

— Verá, meu amigo, verá — Seigneur Richard disse em uma voz clara o suficiente para Emilie discernir a fúria dentro dela.

Ela lançou um rápido olhar para trás para vê-lo chutar seu cavalo em um galope, seu rosto escarlate.

Seigneur Pierre riu ainda mais e o seguiu.

Emilie observou Seigneur Richard se afastar, seu cabelo caindo na nuca. Ela expeliu uma respiração reprimida e apressou seu passo.

Emilie caiu em seus próprios pensamentos, perturbada, incapaz de dissipar o sentimento ruim que surgiu dentro dela. Ela rezou para que a atenção do senhor não significasse nada e que seu próximo casamento acabasse com o interesse do homem. A julgar pelos comentários que ouviu entre os dois homens, no entanto, ela sentiu mais problemas. O que iria acontecer? Mais importante, como poderia evitar isso? Ela ponderou se deveria contar a Robert, mas decidiu que não. Robert, seu belo e galante devoto. Seu amor por ela não tinha limites, assim como o dela por ele. Se ele soubesse disso, Robert ficaria com raiva e poderia confrontar o Seigneur Richard em sua defesa. Isso significaria alguns problemas, porque Robert devia seu sustento ao Seigneur Richard. Ele poderia expulsar Robert de sua fábrica e negar-lhe o trabalho do qual tanto se orgulhava. E o futuro deles? Não, ela não podia correr nenhum risco. Deveria encontrar uma maneira de lidar com isso sozinha.

Surgiu uma vã esperança de que talvez sua mãe pudesse aconselhá-la, mas ela a descartou quase imediatamente. Embora sua mãe possuísse uma mente perspicaz, também tinha uma tendência a reagir exageradamente e poderia complicar as coisas. Emilie sabia que, uma vez agitada, sua mãe seria implacável em encontrar uma solução. Poderia até abordar o próprio Seigneur Richard. Isso também traria problemas para Robert. Não, ela também não deveria falar uma palavra sobre isso para sua mãe.

Apenas um homem poderia ajudá-la, Père Marc-Mathieu, o padre jesuíta que vivia nos arredores de Pointe-du-Lac em um convento com vários de seus irmãos. Reverenciado por sua bondade e sabedoria, Emilie confiava nele para lhe dar bons conselhos. Ele tinha a habilidade de lidar com o Seigneur Richard sem mais agitação ou provocação. Ela falaria com ele amanhã na capela.

Embora esse segundo encontro com o Seigneur Richard tenha perturbado Emilie tanto quanto no dia anterior, ela estava segura de que Père Marc-Mathieu a ajudaria a acabar com todo esse problema. Por enquanto, decidiu expulsar o suserano de seus pensamentos, descartando o encontro como as ações de um homem mimado cuja opinião sobre si mesmo era maior do que a daqueles ao seu redor. Ela entrou em casa com o coração mais leve, recusando-se a permitir que isso diminuísse a felicidade do dia do casamento que se aproximava.



Nem por um momento père Jean Civitelle antecipou problemas enquanto caminhava por uma rua estreita, lendo seu breviário. Ele fechou o livro, tendo o cuidado de salvar o lugar com o dedo indicador e cruzou as duas mãos atrás das costas. Com os olhos baixos, ele continuou sua caminhada. Uma brisa suave da noite ondulava sua batina preta enquanto ele sussurrava suas orações noturnas.

Nessa hora favorita do dia, ele olhou para o oeste, onde o brilho do sol poente lançava um tom rosado sobre o lago Saint Pierre. Um passeio tranquilo e algumas orações suaves ajudaram a acalmá-lo na expectativa de uma noite de sono repousante. Ele reabriu seu livro para ler o próximo salmo.

Quando olhou para cima novamente, havia chegado a uma bifurcação na estrada. O caminho certo subia para sua pequena igreja e casa paroquial. À esquerda, outro caminho descia até o centro do assentamento da aldeia. Père Jean virou à direita e soltou um suspiro de satisfação, pois não se lembrava de ter se sentido tão em paz. Ele gostava de sua vida simples e de um lar despretenso. Tanto a pequena igreja caiada como a casa anexa de dois andares onde morava foram construídas com madeira bruta das terras do senhorio. Os próprios paroquianos a construíram e ele a prezava.

Ele notou os dois homens imediatamente. Eles ficaram um pouco à frente em seu caminho. O mais alto dos dois limpava as unhas com a ponta de uma faca, o tricórnio inclinado sobre os olhos. Seu companheiro, vestido com uma sobrecasaca de linho marrom e calças, estava com os braços cruzados no meio da pista. Pareciam estar esperando por ele, porque quando apareceu, eles trocaram um rápido olhar, fixaram seus olhares nele e bloquearam o caminho.

Père Jean mantinha o livro aberto diante de si como se estivesse lendo, mas observava cada movimento dos homens. Eles avançaram em sua direção. Um nó se formou em seu estômago. Teria ele ofendido algum grande homem, algum paroquiano vingativo? Ele não conseguia pensar em nenhuma razão para esses dois homens procurá-lo. Quanto mais perto chegavam, mais estreitavam os olhos.

Deslizou dois dedos por baixo do colarinho e passou-os pelo pescoço. Père Jean olhou para trás, mas a viela estava deserta. Ele olhou para a esquerda em direção ao assentamento, mas ninguém se mexeu lá. O que ele poderia fazer? Retornar? Era tarde demais. Ele deveria correr? Isso o faria parecer covarde ou parecer que tinha algo a esconder. Além disso, sua batina o impediria. Como não podia escapar do perigo, não tinha escolha a não ser enfrentá-lo. Começou a suar frio e engoliu em seco, com a boca e a garganta secas. O aperto em seu livro aumentou quando se aproximou dos estranhos. Ele recitou um verso em um tom mais alto e compôs seu rosto em uma expressão tranquila e despreocupada. Quando os dois homens pararam diante dele,

precisou de quase todo o seu esforço para sorrir.

— Père Jean! — O mais alto dos dois entrou em seu caminho e olhou para ele com olhos escuros e muito próximo. Este mastigou uma longa lâmina de palha.

O padre ergueu os olhos do breviário e segurou-o aberto com as duas mãos, — sim, quem é e o que posso fazer pelo senhor nesta bela noite?

O homem alto olhou para ele como se tivesse pegado um criminoso cometendo um delito grave. — Amanhã o senhor planeja casar Robert Lanzille e Emilie Basseaux?

— Sim. Isso mesmo.

O homem alto tirou o canudo da boca. Ele fez uma careta e seu lábio superior se ergueu em um sorriso de escárnio. Ele deu um passo à frente, e Père Jean sentiu o cheiro de vinho em seu hálito.

— Marque bem minhas palavras — ele disse em uma voz profunda e autoritária. — O senhor não realizará esse casamento. Amanhã não. Nunca.

— Cavalheiros, ambos são homens do mundo, e sabem como são essas coisas — a voz do père Jean tremeu. — Um pobre pároco não tem nada a dizer sobre isso. As pessoas fazem suas promessas umas às outras e depois vêm até nós para se casarem. Nós padres somos servidores da comunidade que atendem às necessidades de nossos rebanhos, dentro da doutrina da Igreja, é claro — Père Jean engoliu o nó de medo entalado em sua garganta.

— Senhores, por favor, sejam gentis e coloquem-se no meu lugar. Eu não tenho escolha, é meu dever, o papel do meu ofício. Os proclamas foram lidos. As famílias prepararam a festa. O dinheiro foi gasto. A vila inteira está pronta.

— Meu Padre — interrompeu o mais baixo dos dois homens. Um sorriso falso desmentiu a careta em seu rosto. — É um pedido simples, sobre o qual sabemos pouco. Um aviso do homem para quem trabalhamos. Entendeu?

— Mas, cavalheiros são justos demais, razoáveis demais para fazer tal ameaça — Père Jean enfiou o livro e as mãos no bolso da batina para esconder o tremor.

O rosto do homem baixo ficou vermelho e seu semblante ficou sombrio. — O senhor não deve realizar este casamento. Se o fizer, será a última cerimônia que realizará.

— Silêncio — respondeu o homem alto balançando a cabeça. — O bom Padre conhece os caminhos do mundo. Somos bons homens. Nenhum mal acontecerá a ele se obedecer — sua mão direita descansava no cabo de uma grande faca enfiada em seu cinto. Um sorriso surgiu em seu rosto. — Nosso mestre, Seigneur Richard, envia seus melhores cumprimentos ao senhor.

O nome atingiu père Jean como um raio em uma tempestade. Um arrepio de medo percorreu sua espinha. — Se pudesse perguntar-lhe.

— Não há nada a perguntar — o homem alto interrompeu. Sua carranca pairava entre vulgar e feroz. — Para o seu próprio bem, não sussurre uma palavra sobre nossa conversa. Se o fizer, sofrerá as mesmas consequências como se tivesse casado o casal — ele fez uma pausa e deu a père Jean um

olhar duro. — Bem, que resposta Vossa Reverência deseja que transmitamos ao Seigneur Richard?

— Meus respeitos? — Père Jean gaguejou.

— Seja claro, Père Jean — o baixinho rosnou.

— Estou disposto, uh, sempre disposto à obediência — tendo dito essas palavras, Père Jean não sabia se havia feito uma promessa ou se apenas lhes prestara homenagem.

Os homens pareceram aceitar porque ambos sorriram.

— Bom. Boa noite, Père Jean — o homem alto assentiu enquanto ele e seu companheiro se afastavam.

Momentos antes, Père Jean teria dado quase tudo para se livrar das duas ameaças. Agora, ele queria prolongar a conversa para convencê-los a abandonar a ameaça. — Cavalheiros — ele gritou.

Eles se viraram simultaneamente.

Ele abriu a boca para pedir-lhes novamente que reconsiderassem, mas sua coragem falhou. Seu coração afundou — uma boa noite para os senhores também.

Os dois homens se viraram e se afastaram até ficarem fora de vista.

Père Jean enxugou o suor da testa e apressou-se a subir o caminho para sua casa. Ele se odiava por não ter nascido com o coração de um leão. Os dois homens o fizeram se sentir como um animal preso, sem garras e sem dentes, forçado a lutar ou ser devorado.

Ele não nasceu nobre, rico ou corajoso. Passou pela vida como um frágil pedaço de barro entre enormes pedaços de ferro instável. Portanto, quando seus pais o instaram a entrar no sacerdócio, ele concordou. Não havia refletido adequadamente sobre os votos estritos e muitas obrigações que o vinculariam para sempre. Em vez disso, pensou apenas na promessa de uma vida confortável e segura e em uma profissão que o elevaria a uma classe poderosa e reverenciada. Nenhum nível da sociedade protege completamente um indivíduo, então ele foi forçado a encontrar maneiras de esconder suas deficiências pessoais.

Por uma questão de segurança, ele nunca correu riscos. Quando não conseguiu escapar da oposição, cedeu. Se o conflito surgiu de palavras que resultaram na ameaça de punhos ou armas, ele escolheu a neutralidade. Se forçado a escolher um lado, ele sempre favoreceu o mais forte. Ele manteve uma distância respeitosa dos que estavam no poder e suportou o desprezo por sua natureza submissa em silêncio. Com medidas de cabeça e saudações respeitadas, arrancava sorrisos dos mais altivos e mal-humorados sempre que encontrava tais pessoas na rua. Assim, conseguiu navegar sessenta anos de vida sem muitas tempestades.

No entanto, ele pagou um preço alto. Porque esticou os limites de sua resistência sempre cedendo aos outros e engolindo uma miríade de respostas amargas em silêncio, isso afetou sua saúde. Ele sofria de indigestão, insônia constante e doenças intestinais. Hoje à noite, sua tranquila caminhada noturna

se transformou em um pesadelo. Dores agudas agora se agitavam em seu estômago.

Os rostos dos dois homens o perseguiram. Ele lutou pelo caminho, seu peito arfando. A conversa deles se repetiu em sua mente. O aviso de Seigneur Richard, um homem conhecido por nunca ter proferido uma falsa ameaça, fez com que suas entranhas se apertassem de medo. Seigneur Richard tinha visto esta paróquia ser construída e era responsável por toda Pointe-du-Lac. A fidelidade do povo ao pároco era tão forte quanto a lealdade ao senhor que era seu patrono e protetor. Um equilíbrio mais delicado. Père Jean não podia se dar ao luxo de desagradar a nenhuma das partes. Agora ele caminhava por um caminho estreito e perigoso do qual não havia escapatória.

Esses pensamentos giravam em sua cabeça abatida. Como seria fácil recusar-se a casar Robert Lanzille e Emilie Basseaux. Robert gostaria de saber por quê. Que desculpa ele poderia dar? Externamente, Robert tinha um comportamento gentil, mas se contrariado, o que aconteceria? Robert amava apaixonadamente Emilie, uma jovem bonita e virtuosa. Um homem apaixonado encontraria outra maneira de se casar. Robert não se importaria com os problemas que isso poderia trazer a um pobre padre indefeso.

Que desgraça! Por que aqueles dois homens assustadores se colocaram em seu caminho para interferir em seu trabalho? Por que eles não abordaram Robert diretamente? Oh, por que não sugeriu que falassem com ele?

Ele voltou seus pensamentos para o homem que havia roubado sua paz. Ele conhecia Seigneur Richard apenas de vista de encontros casuais. Ele sempre lhe prestou humilde reverência. Coube-lhe mesmo defender o senhor contra aqueles que, com voz abafada e olhares de medo, lhe desejavam mal. Em todas as circunstâncias, ele os exortou a respeitar o Seigneur Richard. Agora ele queria proferir todos aqueles epítetos odiosos que reprimira nos outros.

Em meio a pensamentos tão turbulentos, ele chegou à sua pequena igreja e casa paroquial. Depois de girar a chave, entrou e fechou a porta atrás de si. Ele se encostou nela, segurando o peito, lutando por cada respiração.

— Rose! — Sua voz ansiosa quebrou o silêncio na casa silenciosa enquanto chamava por sua governanta, — Rose!

— Estou indo — Rose bufou da sala de jantar.

Père Jean atravessou o hall de entrada e parou na porta da sala de jantar. A graciosa mulher colocou sobre a mesa uma garrafa de seu vinho favorito em seu lugar habitual. Antes que ela pudesse atendê-lo, ele entrou correndo na sala, com passos instáveis, mãos trêmulas, respiração difícil e rápida.

Sua boca se abriu, — misericórdia! O que aconteceu com o senhor, meu Padre?

Ela puxou uma poltrona para ele.

Ele caiu nela, — nada.

— Nada! O senhor espera que eu acredite nisso quando parece tão agitado? Algum grande infortúnio ocorreu. O que é? Diga-me!

Père Jean olhou para o rosto de sua governanta que o serviu por muitos

anos. Dependia dela para tudo. Ela preparava suas refeições, lavava suas roupas e organizava sua vida. Ela sabia quando obedecer e quando comandar. Rose suportava seus resmungos e fantasias, e o fazia sofrer o mesmo quando chegava sua vez, o que ocorria com frequência agora que ela ultrapassara os quarenta anos. Ela permaneceu solteira, recusando todas as ofertas de casamento porque nenhum homem correspondia às suas expectativas. Assim, concentrou toda a sua atenção em père Jean e em seu papel de governanta.

— Oh, pelo amor de Deus! Já não sabe que quando digo ‘nada’, ou é nada ou é algo sobre o qual não posso falar?

— Nem mesmo para mim? Aquela que trabalha como uma escrava para cuidar do senhor? Aquela que o aconselha, cozinha suas refeições, luta suas batalhas? — Ela apoiou os punhos em seus amplos quadris.

— Segure a língua, mulher, e não diga mais nada. Dê-me uma taça de vinho — ele se inclinou para frente e agarrou seu estômago.

— E ainda insiste em dizer que não é nada! — Rose resmungou enquanto enchia o copo e o segurava como se fosse abri-lo apenas em troca do segredo que ele guardava.

— Me dê aqui — Père Jean pegou dela com uma mão trêmula. Ele o esvaziou com um só gole, para acalmar seus nervos abalados.

— Pretende me forçar a perguntar aos outros o que lhe aconteceu? — Rose o encarou com os braços agora cruzados sob seus seios abundantes e o encarou, procurando a verdade em seus olhos.

— Não vamos discutir. É meu problema, minha vida!

— Sua vida!

— Sim, minha vida, não a sua.

— O senhor sabe que sempre que me disse algo confidencialmente, eu nunca o revelei.

Ele bufou, — o quê?

— Père Jean — Rose interrompeu. — Tenho sido uma serva leal para o senhor, e se desejo saber o que o aflige, é porque me importo e quero ajudá-lo, dar-lhe bons conselhos, confortá-lo.

Ela a estudou, acreditando em sua sinceridade. A verdade é que ele queria se livrar desse segredo pesado, mas também sabia que ela tinha uma boca grande, que abria com muita frequência. No entanto, seu desejo de desabafar superou sua reticência.

— Bem, se prometer nunca repetir o que eu disser... — ele hesitou.

— Sim, sim, claro — Rose puxou uma cadeira e sentou-se.

E assim, com muitos suspiros e exclamações tristes, ele relatou o infeliz acontecimento. Quando chegou ao nome terrível, fez uma pausa e fez Rose fazer novos e mais solenes votos de silêncio.

Satisfeito, ele respirou fundo, — Seigneur Richard — ele afundou na cadeira e balançou a cabeça.

— Misericórdia! — Exclamou Rose. — Aquele miserável! Que tirano! Um homem tão ímpio!

Père Jean olhou em volta. — Quieta, ou quer me arruinar completamente?

— Por quê? Estamos sozinhos — a voz de Rose ficou ainda mais alta. — Ninguém pode nos ouvir. O que vai fazer?

— Está vendo? — exclamou Père Jean, em tom zangado. — Não tem um bom conselho para me dar. Em vez disso, me pergunta o que devo fazer, como se estivesse neste dilema.

— Mas se eu lhe der minha má opinião?

— Deixe-me ouvir — ele interrompeu.

— Envie uma carta ao Bispo Nicholas de Laval. Todos dizem que ele é um santo, um homem corajoso que não teme ninguém e que se gloria em defender um pobre padre contra tais tiranos. Informe-o sobre o que aconteceu.

— Esses homens pretendem me matar e esse é o seu conselho? Escreva uma carta? O céu me ajude! Como se o Bispo pudesse parar o Seigneur Richard!

— Ai de nós se esses cachorros realmente puderem morder em vez de latir.

— Claro, eles mordem, mulher! Eles são tiranos que não hesitariam em matar um padre que frustrasse seus desejos.

— Se todos virem um padre ceder às suas ameaças.

— Este não é o momento para palavras tolas.

— Bem, se não gosta do meu conselho, pode se preocupar com isso a noite toda. Mas não fique doente por causa disso. Coma um pouco antes de ir para a cama.

— Pensa nisso? Não consigo pensar em mais nada. Durante toda a noite, vou pensar nisso. Oh, por que isso aconteceu comigo? — Père Jean levantou-se.

Rose apontou para o *tourtière* quente na mesa.

— Obrigado, mas não estou com fome.

Ela serviu um pouco mais de vinho. — Beber. Isso ajuda seu estômago.

— Um fortalecedor — ele aceitou o copo, resmungando todo o caminho até seu quarto.

Uma vez lá dentro, ele engoliu o conteúdo, deitou-se na cama e olhou para o teto tão familiar. Ele rolou para o lado e socou o travesseiro, — o que um pobre coitado como eu pode fazer?



Pensamentos inquietos impediram père Jean de dormir enquanto procurava uma saída para a situação odiosa que o prendia. Ignorar a ameaça e realizar o casamento significava morte certa. Se ele contasse o incidente a Robert, juntos poderiam encontrar uma solução. No entanto, seus instintos alertaram contra isso. Ele não conhecia o jovem o suficiente para prever sua reação. Contar a Rose também foi um erro. Rezou para que ela mantivesse a boca fechada, mas duvidou. Ele poderia fugir, mas para onde? Se o fizesse, poderia ser forçado a contar mentiras que sua consciência não permitiria. Enquanto pensava, ele encontrava falhas em todas as ideias que entravam em sua mente e rejeitava plano após plano. Ele precisava de tempo; algum tipo de alívio. A resposta veio a ele rapidamente. Faltavam apenas dois dias para o início da Quaresma e duraria dois meses completos. Uma antiga lei canônica desencorajava os padres de realizar casamentos durante esse período. Se ele pudesse atrasar o casamento em dois meses, os noivos não teriam escolha a não ser esperar até depois da Quaresma. Muita coisa poderia mudar durante esse tempo.

Ele refletiu sobre essa nova ideia com entusiasmo. Pode funcionar, embora a maioria das pessoas saiba que um padre pode usar de discrição em tais assuntos e, dependendo das circunstâncias, ignorar completamente a decisão. Robert podia ou não saber disso, mas a idade e a experiência do père Jean davam-lhe uma vantagem sobre a juventude e podiam ajudar a convencê-lo. Além disso, o moleiro não teria escolha. Afinal, o amor pode guiar Robert, mas ele luta para preservar sua vida. Por fim satisfeito, père Jean fechou os olhos. O sono logo o alcançou, mas era um sono inquieto com visões de bandidos ameaçadores, noivas e noivos ofendidos, tiros de pistola e grandes quantidades de sangue.

A luz da manhã penetrou pelas persianas fechadas de seu quarto e ele acordou gradualmente. As sensações usuais de conforto e tranquilidade tomaram conta dele, e então a lembrança da calamidade do dia anterior o atingiu. Seus olhos se abriram. A realidade voltou com rude brusquidão. Amargurado com suas terríveis circunstâncias, ele se levantou com relutância e começou suas abluções matinais. Sua mente disparou enquanto ele revisava o plano que havia formulado durante a noite. Convencido de que funcionaria, vestiu a batina e desceu. Ele se sentou à cabeceira da mesa da sala de jantar e tentou se recompor. Ainda era cedo e Rose ainda não chegaria em uma hora ou algo assim. Tamborilando com os dedos no tampo da mesa, esperou que Robert chegasse para o encontro combinado anteriormente.



Robert acordou muito antes do amanhecer, ansioso para saudar o novo dia. Hoje ele se casaria com seu verdadeiro amor, Emilie Basseaux, a mais bela jovem de Pointe-du-Lac. Com muito cuidado, abotoou sua camisa branca de mangas compridas e a enfiou em seus novos calções pretos. Um casaco de seda preta com painéis plissados inseridos nas costuras laterais, sapatos de couro novos com fivelas de prata e um tricórnio cinza-ardósia completavam seu traje de casamento. Assobiou alegremente enquanto saía para se encontrar com Père Jean para confirmar os detalhes e a hora exata da cerimônia de hoje.

Pointe-du-Lac ainda estava quieto, embora acordasse com atividade. Sua vizinha, uma moradora com dez filhos, acenou ao atravessar a rua à frente de dois algonquinos que conduziam uma comitiva de três cavalos carregados com peles de castor. Ele inalou o aroma de pão assando em uma das casas, uma raridade devido à seca do ano passado. A escassez de grãos foi agravada pela falha de vários navios com sementes e suprimentos que não conseguiram chegar ao porto.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo povo da Nova França, seu coração se encheu de orgulho ao pensar que havia moído o grão para aquele pão assado. Embora tivesse havido poucos grãos na última colheita, como homem solteiro, ele deu toda a sua parte para as famílias mais necessitadas de Pointe-du-Lac. Ele não suportava a ideia de crianças passando fome e Emilie o amava ainda mais por isso.

Emilie, a única mulher que conseguiu capturar seu coração. Seu amor por ela era tão profundo, tão duradouro. Ela era tão vital para ele quanto o ar que respirava e a água que bebia. Ela sustentou sua vida e trouxe alegria quando havia muita tristeza. Ele não tinha família além dela, e sua mãe, Ada, agora.

Enquanto caminhava, ele refletia sobre sua vida até então. Embora nunca tivesse conhecido a identidade de seus verdadeiros pais, ele passou a amar o homem e a mulher que o criaram desde a infância. Mas aos quinze anos, ele perdeu os dois. Seu pai adotivo morreu de apoplexia e sua mãe adotiva morreu de febre um ano depois. Filho único, fora deixado sozinho e desesperado na fazenda da família. Sempre consciente e às vezes temeroso do Seigneur Richard Tonnacour, Robert trabalhou duro para manter a fazenda e pagar as pesadas dívidas que devia. Satisfeito com seu sucesso, Seigneur Richard o enviou para trabalhar na fábrica para ser aprendiz do velho moleiro. Quando o moleiro ficou muito velho, o moinho senhorial passou para ele. Embora o moinho em si fosse pequeno e mal construído, Robert fez o possível para quebrar o trigo em farinha e farinha grossa. Muitos agora o consideravam um homem rico. Embora a seca tenha reduzido as safras deste ano e muitos já começassem a sentir o aperto da fome, ele não estava lutando tanto e até havia

economizado um pouco de dinheiro. Desde o momento em que pôs os olhos em Emilie, soube que se casaria com ela e economizou seu dinheiro. Sua beleza, sua bondade e sua personalidade carismática o atraíram como um homem sedento é atraído por uma fonte mineral. Com o tempo, ele conseguiu adquirir dinheiro mais do que suficiente para sustentar a si mesmo e a sua noiva nos próximos anos.

Robert bateu na porta da reitoria.

O próprio père Jean respondeu com um sorriso tenso.

Robert sorriu — Bonjour, Père Jean. Como combinamos, vim confirmar a hora da cerimônia de casamento.

O sorriso do padre desapareceu, — entre, Robert, entre.

Ele o conduziu até a sala de jantar e gesticulou para que se sentasse. O padre olhou para ele com uma atitude hesitante e distante, — agora, de que dia o senhor fala?

Robert franziu a testa, — que dia? Não se lembra, Padre? Hoje é o dia.

— Hoje? — Père Jean franziu a testa, — é impossível.

— Por que, o que o senhor quer dizer? O que aconteceu? — Robert notou as olheiras sob os olhos do padre e sua tez pálida.

Père Jean pegou a cruz pendurada em seu pescoço rechonchudo e a deslizou para frente e para trás em sua corrente. — Me desculpe, uh, eu não me sinto bem.

Robert estudou o padre novamente. Ele parecia cansado, mas não doente. — Uma cerimônia de casamento é breve e não muito cansativa. Não vai demorar.

Père Jean hesitou. Tirou um lenço do bolso da batina para enxugar o suor da testa. — Mas...

— Mas, o quê, Padre?

— Há um problema.

— Um problema? Que problema pode haver?

— Por favor, Robert, não fique chateado. Estou pronto para fazer tudo o que for necessário para satisfazê-lo. Por enquanto, sua vida é boa, não falta nada. Além disso, o capricho do casamento lhe veio tão de repente, pode facilmente esperar um pouco mais.

— Por que está fazendo isso? — A voz de Robert explodiu.

— Não é minha culpa. Eu não faço essas leis. Antes de realizar um casamento, é meu dever certificar que não há nenhum impedimento.

— Mas que impedimento poderia haver?

— Não é algo que possa ser facilmente determinado, mas espero que não dê em nada. Mas seja a consequência grande ou pequena, devo concluir a pesquisa.

— Não entendo.

— Mesmo assim, devo cumprir meu dever.

— Mas eu pensei que já tivesse pesquisado tudo?

O padre balançou a cabeça. — Não, não como devo.

— Por que me disse na semana passada que tudo estava pronto se não estava?

— Agora encontra falhas na minha bondade excessiva. Já fiz de tudo, mas agora aprendi algo mais.

Este estranho discurso confundiu Robert. — E o que deseja que eu faça, Padre?

— Tenha paciência por mais alguns dias, meu filho. Não é uma eternidade.

— Quantos dias?

Père Jean esfregou o queixo. — Quinze dias serão suficientes.

— Quinze dias! O senhor escolheu este dia e agora que chegou, me diz que tenho que esperar mais quinze dias — a voz de Robert aumentou quando ele balançou o punho no ar em frustração.

Père Jean colocou uma mão tímida em seu ombro. — Não fique com raiva. Vou tentar realizar tudo rapidamente.

— E Emilie, o que devo dizer a ela?

— Que o descuido é inteiramente meu.

— E o que dirá o povo de Pointe-du-Lac?

— Diga a eles que cometi um erro por pressa e descuido. Me culpe por tudo. Vamos, Robert, só falta mais um pouco para os dois esperarem.

— Então, não haverá mais impedimentos?

Père Jean ergueu as sobrancelhas e assentiu.

Robert suspirou. — Muito bem. Eu vou esperar. mas antes desse dia, voltarei para vê-lo, para ter certeza — Robert franziu os lábios, lançou ao padre um olhar penetrante e partiu.

Com o coração pesado, Robert se afastou para dar a notícia a Emilie. Consumido pela frustração, ele pensou na conversa. Cada vez mais, isso lhe parecia estranho. O comportamento reservado do padre, as palavras cautelosas, os olhos inconstantes e o estranho e inesperado atraso nas núpcias o convenceram de que Père Jean estava escondendo alguma coisa. Mas o quê?

Prestes a voltar para enfrentá-lo novamente, Robert notou a governanta do padre indo para a reitoria.

— Rose — ele gritou e apressou o passo até ficar cara a cara com ela. Diante de seu avanço, ela desviou os olhos. — Bom dia, Rose. Eu esperava vê-la no meu casamento hoje, mas foi adiado.

— Sinto muito pelos dois — Rose desviou o olhar em óbvio desconforto.

— Pode fazer algo por mim? Père Jean me deu um motivo, mas não o entendo. Pode me explicar por que ele não pode nos casar hoje?

— Como devo saber? — Ela encolheu os ombros. — Sou apenas a governanta.

Ele estudou seu rosto magro. Acima de um nariz romano, olhos castanhos se moviam para frente e para trás. Ela era uma mulher eficiente, conhecida por suas habilidades de cozimento e dedicação ao Père Jean. Fosse qual fosse o segredo, Robert estava determinado a tirá-lo dela. — Vamos, Rose, somos amigos há muito tempo. Não lhe guardei sempre a melhor farinha? Diga-me o

que sabe.

— A vida nunca é fácil — ela mordeu o lábio inferior.

Ele manteve seu silêncio, fixou seu olhar nela e o manteve lá sem vacilar.

Ela olhou para o chão e empurrou uma pedra antes de olhar para ele. — Não posso te dizer nada, porque eu não sei de nada. Mas Père Jean nunca maltrataria ninguém. E não é culpa dele.

— De quem é a culpa então? — Robert estreitou o olhar.

— Não sei de nada, mas vou te contar uma coisa. Se ele causou algum dano, foi acidental, e apenas por causa de sua boa natureza — ela pausou. — Existem muitas pessoas más neste mundo, rufiões autoritários, homens sem consciência.

Robert entendeu bem o significado por trás de suas palavras. — Diga-me quem causou isso — ele lutou para suprimir sua agitação.

— Nunca vai ouvir isso da minha boca. Eu devo ir agora — ela passou por ele para a casa do padre.

Boquiaberto, Robert a observou partir. Ela entrou pelo portão da frente e desapareceu no jardim nos fundos da igreja.

Quando ela estava fora de vista, Robert correu de volta para a porta da frente da casa paroquial. Ele entrou sem um som. Père Jean estava sentado em uma poltrona, curvado sobre a mesa da sala de jantar, a cabeça entre as mãos, como se estivesse doente. Robert se aproximou, determinado a obter uma resposta direta.

— Robert! — Père Jean ergueu os olhos, os olhos arregalados e a voz trêmula.

— Diga-me quem se opõe ao meu casamento com Emilie — Robert olhou para ele.

O padre ficou pálido como leite. Ele olhou para a porta e tentou se levantar da cadeira, mas Robert saltou para a frente, trancou a porta e enfiou a chave no bolso. — Todos parecem saber dos meus negócios, menos eu. Quem impediu meu casamento?

— Por favor, não me pergunte isso.

— Eu quero saber — Robert insistiu, colocando a mão no cabo da pequena faca que sempre carregava no bolso. — Diga-me! — Robert se aproximou.

— Quem te contou?

— Chega de atrasos, Père Jean.

— Se eu te contar, minha vida estará em perigo.

— É meu direito saber.

— Certamente, não quer colocar minha vida em risco?

— Diga-me — Robert gritou, sua paciência se esgotando.

Père Jean torceu as mãos. — Jure para mim que não repetirá o que eu disser a ninguém.

— Juro que vou perder o controle se o senhor não me disser o nome agora.

— Seigneur... — Père Jean gaguejou, seu rosto tão temeroso como se ele enfrentasse um carrasco.

— Seigneur quem? — Robert se inclinou para frente, punhos cerrados atrás dele. Havia apenas um Seigneur em Pointe-du-Lac, mas ele queria ouvir o nome dos lábios do padre.

— Seigneur Richard!

Levou um momento para Robert absorver a informação. — O que ele disse para o senhor?

— O que ele disse? — Père Jean perguntou. — Eu gostaria que nunca tivesse acontecido — com a voz cheia de emoção, ele contou tudo a Robert. Quando terminou, seu rosto estava vermelho e seus olhos saltavam das órbitas. — Pronto, agora sabe, Robert. Tratou-me mal, um padre, em sua própria casa. Em um lugar sagrado! Eu lhe escondi a verdade para o seu próprio bem. É minha ruína ter me forçado isso de meus lábios. Se eu realizar o casamento, sou um homem morto. Agora, sabe.

Ele balançou a cabeça e fez uma careta. — Abra a porta e me dê minha chave.

— Me desculpe. — Robert falou suavemente, mas seus pensamentos ainda estavam furiosos. — Tente entender. O que teria feito no meu lugar? — Ele tirou a chave do bolso, colocou-a de volta na fechadura e a girou.

Père Jean veio para ficar ao lado dele. — Jure para mim que não vai dizer ou fazer nada. — Robert olhou-o nos olhos. — Eu estava errado por abordá-lo assim e peço seu perdão — ele abriu a porta e se preparou para sair.

— Deve jurar — com a mão trêmula, Père Jean agarrou Robert pelo braço.

Robert se livrou da mão do padre, saiu pela porta e foi para o beco. Ele não olhou para trás.



— Robert! Volte! Père Jean gritou, mas Robert tinha ido embora.

— Rose! — Père Jean cambaleou de volta para sua cadeira na sala de jantar e desabou nela. O susto de ontem, a insônia da noite, o conflito hostil com Robert e seu medo do futuro cobraram seu preço. Ele lutou para respirar e seu corpo tremeu de nervoso enquanto sua bile subia.

Por fim, ele ouviu Rose entrar pela porta dos fundos. — Rose! — ele gritou, sua voz tensa.

Ela entrou na sala, uma cesta pendurada em seu braço cheia de cenouras do ano passado.

— Disse a ele! — Père Jean acusou.

Sua boca se abriu. — Eu não disse nada a ele.

Ele balançou a cabeça e se sentiu mal. — Tranque todas as portas e não saia para nada. Se alguém bater na porta, responda pela janela — ele se levantou, tremendo.

— Onde está indo? — Rose perguntou, alarmada.

— Para a cama com febre — ele subiu as escadas, resmungando enquanto subia. — Oh, que problema. Que Deus me poupe.



A mente de Robert girava enquanto ele se afastava. Embora incerto sobre o que fazer, sabia que deveria agir. Durante toda a sua vida, ele se orgulhou de sua maneira descontrainda e disposição genial. Ele detestava a violência e abominava o engano. Mas hoje, algo despertou dentro dele – vingança. Robert lutaria até a morte por Emilie, a quem ele amava mais que a própria vida.

O Seigneur Richard praticamente o possuía, pois ninguém além de um senhor poderia possuir uma fábrica na Nova França. O homem controlava todo o seu trabalho e pegava mais do que sua cota de farinha. Agora ele estendeu sua mão gananciosa para tirar Emilie dele e controlar esta parte de sua vida também. O primeiro instinto de Robert foi correr para a casa do Seigneur Richard e agarrá-lo pelo pescoço e espremê-lo até a morte, mas se lembrou de que a casa do homem era bem guarnecida, tanto por dentro quanto por fora. Apenas amigos próximos, parentes ou empregados tinham permissão para entrar. Sonhava em pegar seu mosquete, esconder-se atrás de uma das árvores que margeavam a estrada para o solar senhorial, e esperar que ele aparecesse, desacompanhado, é claro. Ele visualizou levantando sua arma, mirando e atirando, e observando o miserável cair no chão. Ele ficava acima dele, olhava-o nos olhos, cuspiam em seu rosto e o amaldiçoava.

Seus pensamentos então vagaram para Emilie, sobre seu futuro promissor e como ambos estavam ansiosos para que o dia do casamento chegasse. Qualquer sonho de matar o Seigneur Richard evaporou. Em seu lugar, vinham visões de natureza mais agradável. Lembrou-se da bondade do homem e da mulher que o criaram, do amor que sentiam por ele e um pelo outro, da fé que instilaram nele. Toda a sua vida tinha sido justa, inocente de todos os crimes. Como ficava horrorizado cada vez que ouvia falar de um assassinato. O remorso por seus pensamentos assassinos tomou conta dele.

E então Emilie? Agora, ele deve encontrar as palavras para dizer a ela que seu casamento não aconteceria. O que deveriam fazer? Como poderiam se casar, apesar de seu sinistro adversário? Por que Seigneur Richard fez isso com eles? A única razão que conseguia pensar era o próprio desejo do homem por Emilie. Era possível? Ela nunca havia mencionado Seigneur Richard antes, nem mesmo de passagem. Emilie havia encorajado o homem de alguma forma? Robert duvidou. Talvez ela não soubesse do interesse de Seigneur Richard. O homem poderia ter desenvolvido sua paixão sem o conhecimento dela? Ele deve ter feito algum avanço em direção a ela para impedir o casamento.

Embrenhado em tais pensamentos, chegou à casa de Emilie, cujas paredes caiadas brilhavam contra o sol da manhã. Um pequeno jardim cercado por um muro baixo de pedra separava-o da estrada.

Robert entrou no jardim. De uma janela aberta vinha o som alegre de mulheres conversando e rindo – as amigas de Emilie vieram vesti-la para o casamento. Ele não queria chamar a atenção para si mesmo, mas precisava falar com ela em particular. Uma garotinha, que brincava no jardim, notou-o e gritou: — O noivo!

— Silêncio, Patrice, silêncio! — Robert fez sinal para que a criança se aproximasse dele. — Vá até Emilie, chame-a de lado e sussurre em seu ouvido. Certifique-se de que ninguém o ouça. Diga que estou aqui e quero falar com ela. Diga a ela para vir imediatamente.

A garota assentiu, saindo para fazer o que ele pedia.

Pela janela, Robert viu Emilie rindo, rodeada por suas amigas. Seus luxuriantes cabelos castanhos caíam em cascata pelos ombros e costas, brilhando contra o sol da manhã. Pregas rendadas cor-de-rosa escorriam dos ombros de seu vestido cor cinza. Ela se virou e ele teve um vislumbre de sua beleza: um delicado nariz arrebitado, olhos do mais profundo e escuro marrom e bochechas redondas sempre coradas. Ela nunca havia parecido tão distante, tão inatingível. Dedos invisíveis de dor apertaram seu coração.

Patrice atravessou a sala das mulheres e sussurrou sua pequena mensagem no ouvido de Emilie. Robert viu Emilie acenar com a cabeça e anunciar. — Estou indo por um momento, mas voltarei em breve — e ela desapareceu de vista.

O rosto de Emilie brilhou de felicidade quando ela entrou pela porta da frente da casa e o viu. Desvaneceu-se assim que ela percebeu sua inquietação. — Robert, qual é o problema? — Linhas de preocupação apareceram em sua testa.

Pela primeira vez, ele não pôde deixar de se perguntar sobre os segredos que ela poderia estar guardando. — Parte-me o coração dizer-te isto, mas não podemos nos casar hoje. Só Deus sabe quando poderemos.

O rosto de Emilie empalideceu. — O que quer dizer? Eu não entendo.

Enquanto ele relatava os acontecimentos da manhã, ela ouvia atentamente. A cada palavra dele, ela ficava cada vez mais silenciosa, com o olhar no chão. Quando ele mencionou Seigneur Richard, ela ergueu os olhos e cobriu a boca com a mão.

— Ah, não. Eu temia que ele não me deixasse em paz! — Suas mãos tremiam de emoção.

— Sabia disso? Das intenções de Seigneur Richard? — O estômago de Robert se contorceu. Seu peito apertou e tornou-se difícil respirar.

— Sim, uh, não, oh, eu nunca imaginei que ele iria tão longe — seu rosto ficou vermelho e ela torceu as mãos.

Robert a segurou pelos ombros. — O que aconteceu? Conte-me tudo.

— Oh, Robert, não pode ver que estou arrasada? — Seus olhos vidrados de dor olharam ao redor e notaram um homem que passou por eles e acenou e o grupo de meninos que esperavam na pista para seguir a noiva e noivo para a igreja. — Eu não posso falar aqui. Primeiro, deixe-me buscar minha mãe e

mandar todos para dentro de casa. Então podemos entrar e eu vou contar tudo aos dois ao mesmo tempo — suas mãos tremiam enquanto ela falava.

Sua postura murchou quando ela se virou para sair.

— Emilie — chamou Robert. Ele engoliu o nó de dor em sua garganta. — Por que não me contou? — Uma eternidade de mágoa viveu em sua voz.

Emilie se virou e estendeu a mão para acariciar sua bochecha, com os olhos cheios de lágrimas. — Ah, Robert! Eu te amo. Eu nunca pensei que algo tão sem sentido chegaria a isso.

Naquele momento, a mãe de Emilie, Ada, apareceu na porta da frente. Sem dizer uma palavra, Emilie passou por ela.

Em resposta ao comportamento abrupto de sua filha, o sorriso inicial de Ada azedou e se transformou em uma carranca dirigida a Robert. Os amigos, que haviam seguido Ada até a porta, agora o encaravam boquiabertos.

Robert observou enquanto Emilie encontrava as mulheres na porta, com as costas retas e o corpo imóvel. As mulheres a encararam em completo silêncio.

— Sinto muito, mas o padre ficou doente e não pode realizar o casamento — a voz de Emilie tremeu. — Por favor, devo ficar sozinha agora.

Depois de uma longa pausa, suas amigas partiram, parando para lhe dar tapinhas nas costas ou um abraço solidário. Ela suportou todos eles sem expressão de emoção. O coração de Robert deu um salto ao ver o estoicismo de Emilie. Ele entendia a dor dela. Não só apareceu em seu rosto, mas toda a sua aparência parecia ter mudado, como ele sabia que tinha. A luz desapareceu de seus olhos, a decepção achatou seu andar.

Ele observou as mulheres se dispersarem com um estranho distanciamento. Ele não tinha dúvidas de que as línguas iriam se espalhar e, no final do dia, toda Pointe-du-Lac estaria alvoroçada sobre o misterioso escândalo que impediu o tão esperado casamento. Mas isso pouco importava para ele agora. A única coisa que tinha importância era Emilie e o terrível segredo que escondia dele.



Depois que as amigas de Emilie saíram, um silêncio ansioso caiu sobre eles. Emilie mordeu o lábio inferior com preocupação enquanto Ada e Robert a olhavam atentamente.

Ada franziu a testa. — É melhor conversarmos lá dentro. Venha para a cozinha — ela liderou o caminho e fechou a porta atrás deles. — Agora, conte-me o que aconteceu — a voz dela soava estridente de preocupação.

Robert cerrou os punhos. — O padre se recusou a nos casar hoje.

— Recusou? — A boca de Ada caiu aberta. — Mas por quê?

— Ele está com medo de realizar a cerimônia porque o Seigneur Richard ameaçou matá-lo se o fizesse. — Robert lançou a Emilie um olhar penetrante, mas ela o devolveu com um olhar questionador.

— Seigneur Richard? — As mãos de Ada tremiam quando ela fez o sinal da cruz. — *Mère de Crisse*, proteja-nos. Não entendo o que o Seigneur Richard tem a ver conosco. Ele é dono das terras ao redor de Pointe-du-Lac, mas Emilie e eu não estamos em dívida com ele. Antes de meu marido morrer, que descanse em paz, ele comprou esta casa imediatamente, então não caímos sob seu domínio — ela olhou para trás e para frente entre Emilie e Robert.

— Eu não entendo as razões do senhor, mas Emilie sabe de algo — assim que Robert falou as palavras, uma pausa angustiada se seguiu.

Tanto Ada quanto Robert fixaram sua atenção em Emilie. Ela reuniu sua coragem e se recompôs. — Eu não tinha ideia de que chegaria a isso — ela disse, sua voz quase um sussurro. Sua mente disparou enquanto ela procurava palavras que explicassem tudo e aliviassem o impacto.

— O que é? Conte-me o que aconteceu. — Linhas de preocupação se formaram na testa de Robert.

Emilie suspeitava que ele temia que expressasse algum tipo de infidelidade secreta, mas ela não havia feito nada de errado, e perceber isso lhe deu coragem.

De cabeça baixa e punhos cerrados, Robert esperou, o rosto tenso.

Emilie respirou fundo. — Alguns dias atrás, enquanto eu caminhava para casa depois de girar, Seigneur Richard e seu primo, Pierre Robillard, cavalgaram ao meu lado. O Seigneur Richard tentou conversar comigo, mas não o encorajei. Apressei o passo até alcançar meus companheiros. Os dois homens falavam um com o outro e, embora eu não pudesse ouvir tudo o que diziam, ouvi o Seigneur Pierre rir. Então Seigneur Richard disse: ‘Vamos apostar nisso’. Depois disso, eles partiram e eu não pensei mais nisso.

— Isso é tudo? — Robert exalou e sacudiu a sensação de volta em suas mãos. Os músculos de seu rosto relaxaram.

— Não. Tem mais — Emilie não conseguia evitar que sua voz tremesse, pois temia a reação dele.

Robert franziu os lábios e cruzou os braços. Seus olhos nunca vacilaram dela.

Emilie se endireitou e respirou fundo. — No dia seguinte eu os encontrei novamente na mesma estrada. Seigneur Richard tentou novamente puxar conversa comigo, mas eu o recusei. Seigneur Pierre riu e Seigneur Richard disse: *‘Verá, meu amigo, verá’*. Desta vez, sua voz soou com raiva. Depois, fiquei preocupada, então fui ver o Padre.

— Confidenciou isso a outra pessoa em vez de a mim, sua própria mãe? — O desagrado de Ada reverberou em sua voz.

— Da última vez que fomos à capela, contei ao père Marc-Mathieu sobre os jesuítas, mamãe — Emilie fez uma pausa, pois não queria ofender a mãe. — Enquanto falava com seu amigo, eu confidenciei a ele. Depois, a senhora estava com pressa para voltar para casa, mas eu prolonguei conversando com todos que encontramos para que não tivéssemos que voltar para casa sozinhas caso encontrássemos o Seigneur Richard.

À menção do padre jesuíta, Emilie notou que a tensão no rosto da mãe se desvaneceu. Ela sabia que sua mãe respeitava os jesuítas, especialmente o père Marc-Mathieu. Com poucos recursos, a comunidade de padres construiu uma casa de pedra e madeira e abriu uma escola para meninos. Eles também cultivavam, seu rebanho consistia em vários porcos, um par de burros, um punhado de gansos e numerosas variedades de aves. Quase todos em Pointe-du-Lac se beneficiaram de sua caridade em um momento ou outro.

— Me incomoda que não tenha me contado — a voz de Robert vibrou de mágoa.

Emilie acariciou seu rosto com as costas dos dedos. — Eu não queria aborrecê-lo, especialmente quando não havia nada que nós dois pudéssemos fazer para evitar as atenções dele. Além disso, eu esperava que minha óbvia tentativa de o evitar e nosso próximo casamento pusesse um fim em sua vil perseguição por mim — ela pausou. — Não significou nada. É por isso que eu não te contei.

— Nada! — Robert chutou uma cadeira. — Um homem aborda minha noiva e me diz que não é nada! Agora veja o que aconteceu por causa disso. Eu poderia ter parado com isso — ele rugiu. — Agora esse bastardo estragou nosso casamento.

Os olhos de Emilie se arregalaram e ela estendeu a mão para o braço dele. — Robert, por favor, sua reação, é exatamente por isso — ela disse em uma voz que acalmou. — Teria confrontado o homem. Ele é perigoso e não quero que entre em uma disputa com seu senhor. Seria um mau presságio para o nosso futuro.

A postura de Robert relaxou. — Está certa. Me desculpe por duvidar.

— E sinto muito que isso tenha lhe causado dor — Emilie pegou a mão dele.

Robert levou a mão de Emilie aos lábios para um beijo.

Ada entrou com uma expressão reprovadora e puxou a mão de Emilie da de Robert. — Que conselho o Père Marc-Mathieu lhe deu?

— Ele me disse para apressar o casamento e ficar em casa. Ele esperava que se eu ficasse fora de vista, o Seigneur Richard perderia o interesse — Emilie virou-se para Robert. — Oh, Robert, não se lembra quando implorei para marcar uma data mais cedo para o casamento? — Emilie sentiu suas bochechas corarem. — Posso imaginar o que deve ter pensado de mim! Mas meus motivos eram bons. Eu estava seguindo o conselho do père Marc-Mathieu. Eu tinha certeza de que tudo acabaria bem. Esta manhã eu nem pensei nisso, certa de que nosso casamento acabaria com tudo.

— Merda! — Robert andava de um lado para o outro na sala, com os punhos cerrados. Ele parou na frente de Emilie, seu rosto um tanto suave. — Não fez nada de errado. Se eu pudesse salvá-la de tudo isso, eu o faria. Fez bem em não o encorajar. Emilie, eu juro que não vou deixar esse bandido nos machucar.

— Não, Robert! Não deve fazer nada — Emilie agarrou seus braços.

— Ouça minha filha, Robert — Ada insistiu. — Ela está certa.

— Robert, tem um ofício e eu poderia encontrar trabalho. Podemos nos mudar para longe, para bem longe, fora do alcance do Seigneur Richard — Emilie virou-se para sua mãe. — Mamãe, pode vir conosco também.

Robert balançou a cabeça. — Como podemos ir? Não somos casados. Se sairmos, jamais conseguiremos o atestado de não impedimento da Igreja. Eu não vou comprometê-la. Não. Devemos nos casar primeiro — ele olhou para Ada, que acenou com aprovação.

Um silêncio deprimido caiu sobre eles enquanto cada um se retirava para seus pensamentos e se sentava à mesa.

Uma pequena cesta cheia de cenouras da última colheita descansava no centro da mesa.

— Isso é muita cenoura — Robert perguntou intrigado. — Para que servem?

— São para o seu casamento. Para que coma. Agora o que eu faço com tudo isso? — Ada balançou a cabeça.

— Eu? Eu odeio cenouras — Robert franziu o rosto para mostrar seu desgosto. — O que eu iria querer com tudo isso?

— Deve comê-las, é claro. As cenouras são necessárias para os homens. Elas são longas e duras e quanto mais cenouras um homem come, bem, mais ele se torna igual a elas. Precisarás delas para sua noite de núpcias. — Para mostrar seu ponto de vista, Ada agarrou uma em seu punho e a empurrou de uma posição horizontal para uma vertical. — E eu quero um neto mais cedo ou mais tarde. — Com isso, Ada deu primeiro a Robert e depois a Emilie um olhar aguçado.

Robert abriu a boca para dizer algo, mas Emilie o impediu. — Melhor não a incentivar, — ela disse, lançando um olhar severo para sua mãe.

Os três ficaram em silêncio novamente.

Odores deliciosos emanavam de duas grandes panelas que ferviam no fogão. O aroma de pão assando emanava de um forno de tijolos na parede ao lado da lareira. Emilie encolheu os ombros. Comida escassa preparada para a festa de casamento cancelada. — Meu Deus, agora o que fazemos? Quanto tempo devemos esperar?

Ada se inclinou para frente e deu tapinhas em sua mão. — Talvez estejamos exagerando. Às vezes, as coisas parecem sombrias, mas muitas vezes não são tão ruins quanto as pessoas imaginam. Tudo o que precisamos é de conselhos de alguém com conhecimento nesses assuntos. Faça o que eu digo, Robert. Vá para Trois-Riviere. Encontre Monsieur Antoine Rivet, o magistrado. Conte a ele o que aconteceu. Ele é um homem alto, magro, careca, com nariz vermelho e uma verruga cor de vinho na bochecha.

Robert assentiu. — Já ouvi falar dele.

— Ele irá aconselhá-lo — Ada apontou para o galinheiro visível pela porta dos fundos aberta. — Leve esses quatro capões para ele como pagamento. Pobres criaturas. Eles são os únicos quatro que não foram mortos para a festa de casamento.

— Não, não precisa. Guarde seus capões. Eu pagarei ao homem.

Emilie sorriu com a generosidade de sua mãe diante de sua pobreza. Depois que se casassem, Robert prometeu cuidar de sua mãe também e elas nunca mais teriam que se preocupar. Ela ficou maravilhada com este homem a quem tanto amava.

Robert empurrou a cadeira para trás com um arranhão forte contra o piso de madeira e se levantou. — Eu vou agora.

Emilie levou a mão à garganta. — Boa sorte, Robert, espero que tudo corra bem.

— Voltarei assim que puder — Robert se abaixou, pegou a mão de Emilie e a beijou. — Espero voltar com boas notícias.



Robert correu para sua casa atrás do moinho senhorial, selou seu cavalo, escasso na Nova França, e cavalgou com grande pressa para Trois-Riviere. Ele pediu a um velho de rosto envelhecido, sentado do lado de fora de uma pequena casa, que indicasse onde o magistrado morava. O sujeito deu um sorriso desdentado. Com as mãos nodosas, ele acenou com a bengala e dirigiu Robert para o final do caminho curto até a última casa à direita.

Robert jogou para ele uma moeda de ouro e agradeceu antes de continuar. Ele chegou a uma casa de pedra bem cuidada com floreiras em cada janela e um jardim bem cuidado em todos os lados. Uma mulher espiou por trás de uma persiana parcialmente aberta no andar principal antes que a porta se abrisse. Ela o estudou com os olhos estreitados.

Robert tirou o chapéu. — Bom dia, gostaria de falar com Monsieur Rivet sobre um assunto importante.

A mulher o olhava da cabeça aos pés com desconfiança. Tinha uma verruga embaixo do nariz, da qual crescia um longo pelo preto, o que irritou Robert o suficiente para querer arrancá-lo.

O magistrado se arrastou atrás dela. — Eu sou Antoine Rivet.

Robert o reconheceu pela toupeira cor de vinho em forma de flecha em sua bochecha. Alto, esguio e de aparência quase emaciada, o homem não sorriu. Seu nariz estava realmente um pouco vermelho, provavelmente por causa do excesso de vinho. Apenas alguns fios de cabelo grudados em seu couro cabeludo brilhante.

Robert olhou em seus olhos. — Vim pedir conselhos

— Entre. — Rivet acenou para ele entrar no escritório.

A sala ficou na escuridão até que ele abriu as venezianas. Grandes estantes forradas com livros velhos e empoeirados cobriam uma parede inteira. No meio da sala havia uma mesa ornamentada de madeira escura coberta com pilhas de livros e vários papéis. Duas cadeiras de madeira, que pareciam desconfortáveis, ficavam de frente para a mesa. No lado oposto havia uma grande poltrona de espaldar alto e quadrado, forrada de couro e presa com grandes pregos. Robert notou que alguns deles haviam caído, deixando o couro enrolar dos lados, deixando os cantos livres.

O magistrado fechou a porta e convidou Robert a sentar-se. — Conte-me sobre o seu caso, jovem.

Robert hesitou antes de se sentar. — É um assunto de extrema gravidade e devo pedir-lhe para mantê-lo confidencial.

— Claro, prossiga, por favor — respondeu o magistrado enquanto se sentava no mesmo momento em que Robert se sentava.

Robert virou seu tricórnio em suas mãos. — Quero saber, ah, é uma longa

história.

— Comece do começo — instou o magistrado.

— Monsieur Rivet, me encontro em uma situação impossível e não sei o que dizer. Eu quero saber.

Rivet olhou para Robert com impaciência. — Deus, são todos iguais. Em vez de relatar seu caso, hesita e faz perguntas. Diga o que veio dizer. Sou um homem ocupado.

— Desculpe-me. — Robert limpou a garganta, parou de se mexer e colocou o chapéu no joelho. — Quero saber se há pena por ameaçar um padre e proibi-lo de celebrar um casamento.

— Hmm... — o magistrado franziu a testa. Ele apertou os lábios e soprou um pouco de ar de um lado. — Isso é um assunto sério. Existem leis contra tal coisa. Deixe-me encontrá-lo — ele se inclinou para frente e caçou através do caos de livros e papéis em sua mesa. — Agora, onde pode estar? Os magistrados são obrigados a ter tantas coisas em mãos! Deve estar aqui em algum lugar — virando-se para as estantes atrás dele, correu os dedos sobre vários volumes. — Ah! Aqui está — ele puxou o livro e folheou várias páginas, resmungando sobre algumas passagens, parando com ênfase em outras. — Aqui está a seção. Diz: “Aqueles que cometem atos tirânicos, excitam comoções pela violência, oprimem os fracos obrigando-os a fazer barganhas duras em compras, aluguéis... para realizar ou não realizar casamentos” — ele olhou para Robert.

— Esse é exatamente o meu caso — disse Robert.

— Hmm, eu preciso encontrar a penalidade — seus olhos seguiram cada frase. — Ah, aqui está. Um padre que falha em cumprir aquilo a que é obrigado por seu ofício... — ele olhou para Robert.

Robert se inclinou para frente, uma onda de esperança o encheu. — Parece que essa lei foi escrita especificamente para mim.

— Parece que sim. Diz aqui que os magistrados procederão por multa ou prisão, conforme as pessoas envolvidas e as circunstâncias. Está tudo aqui — ele se recostou e juntou os dedos. — Se eu for seu advogado, deve me contar tudo e deve ser a verdade. Deve nomear a pessoa que o prejudicou. Suspeito que seja alguém importante e, nesse caso, é meu dever falar com ele. Não direi seu nome a ele e tomarei todas as medidas necessárias contra ele para encerrar o caso nos termos da lei. Eu livrei outros de situações piores e vou tirá-lo dessa dificuldade a um custo, entende. Assim que souber quem o ofendeu, saberei melhor se devo negociar com ele ou incriminá-lo. Eu sei bem como administrar esses editais; ninguém deve ser culpado e ninguém deve ser inocente. Vou limpar seu nome. Quanto ao padre, se ele tiver algum critério, se manterá em segundo plano, se ele for um simplório, bem, podemos nos livrar dele. Seu caso é sério, muito sério, mas a lei é clara.

Enquanto o magistrado despejava sua rapsódia confusa, Robert coçava a têmpora. Parecia que o magistrado acreditava que ele era culpado de alguma forma. — Monsieur Rivet, acho que me entendeu mal. Não ameacei ninguém

e nunca fiz nada contrário à lei. Um crime foi cometido contra mim e eu busco justiça. Fico feliz em saber que existe uma lei para me proteger.

— Por que está aqui então? Eu não entendo! — O magistrado deu um tapa na mesa em frustração. — São todos iguais, não sabe como falar de forma sucinta!

— Desculpe-me, Monsieur, não me deu tempo — Robert odiou que sua voz endurecesse, mas não pôde evitar. — Hoje, eu deveria ter me casado com uma jovem. Tudo estava pronto. Esta manhã, o padre se recusou a nos casar. Eu o pressionei até que ele confessasse que havia sido proibido de celebrar nosso casamento, sob pena de morte, por um tirano chamado Seigneur Richard Tonnacour.

— Richard Tonnacour? — O magistrado ergueu as sobrancelhas e a verruga em sua bochecha ficou ainda mais distorcida. Seus olhos se arregalaram e seu rosto ficou vermelho. — Não posso aceitar o seu caso. Não tenho mais nada a lhe dizer. Saia agora. Não desejo discutir mais isso.

— Mas eu falo a verdade e farei um juramento.

— Eu já disse, não vou aceitar o seu caso. Eu lavo minhas mãos — ele esfregou as mãos, uma sobre a outra, como se as lavasse.

— Por favor, escute — Robert implorou enquanto se levantava.

O magistrado contornou a mesa e empurrou Robert para a porta. Ao alcançá-la, Rivet a escancarou e chamou a criada. — Venha e mostre a este homem.

A mulher correu para a porta da frente e a manteve aberta. Ela zombou de Robert quando ele passou por ela.



Depois que Emilie e Ada tiraram as roupas elegantes do casamento, elas se sentaram à mesa da cozinha e esperaram a volta de Robert. Ada suspirou. — Não se preocupe, Emilie. Antoine Rivet é um magistrado sábio. Ele dará bons conselhos a Robert, espere e verá.

— Mesmo assim, mãe, devemos fazer tudo o que pudermos também. Père Marc-Mathieu está acostumado a ajudar pessoas como nós. Acho que devemos deixá-lo saber o que aconteceu e informá-lo que seu conselho falhou.

Ada assentiu. — Está certa, mas o convento jesuíta fica a três quilômetros de distância e não acho que seja sensato sairmos de casa.

Alguém bateu na porta e gritou uma bênção em voz baixa, mas distinta, masculina.

Emilie levantou-se. — Quem poderia ser? — Ela sussurrou.

Ada deu de ombros e fez sinal para que Emilie se escondesse atrás da porta. Ela endireitou o vestido, respirou fundo e abriu a porta. Um padre jesuíta corpulento com uma bolsa de couro manchada pendurada no ombro esquerdo estava parado na porta.

— Ah, Padre Nicholas — exclamou Ada. Com seu rosto em forma de melão e grandes olhos de sapo, sua feiura nunca deixava de surpreendê-la.

— Que o Senhor esteja convosco — ele abaixou a cabeça, abriu a bolsa de couro e a estendeu. — Vim implorar por alguns grãos.

— Emilie, vá buscar um pouco para o bom padre — disse Ada.

Emilie virou-se para a pequena porta que dava para o depósito, mas, antes de entrar, parou. Quando o padre não estava olhando, levou o dedo indicador aos lábios para alertar a mãe para não dizer nada.

Ada viu o sinal, olhou para trás, para o padre Nicholas, e deu a ele seu sorriso mais gracioso.

— Hoje não é o dia do casamento de Emilie? — O padre perguntou. — Algo está acontecendo na vizinhança. Sabe o que aconteceu?

Ada balançou a cabeça. — Père Jean está doente e somos obrigados a adiar o casamento — ela fez uma pausa. — Como vai a coleta de grãos em tempos tão difíceis?

O padre balançou a cabeça. — Mal, boa mulher, mal. Isso é tudo que consegui coletar hoje — ele deslizou a bolsa de seu ombro e a abriu. — E para coletar esta grande recompensa, tive que bater em dez portas.

— Mas houve uma seca no ano passado e todos estão lutando. Tudo, especialmente grãos, é escasso.

— E o que devemos fazer, boa mulher, para que voltem tempos melhores, é dar esmolas.

Emilie voltou, com o avental tão carregado de grãos que ela lutava para controlá-lo. Ela segurou as duas pontas esticadas com o braço estendido, enquanto o padre colocava a sacola no chão e alargava a abertura para receber o presente que Emilie despejou nela.

As sobranceiras de Ada franziram e ela lançou a Emilie um olhar de reprovação, mas Emilie devolveu um sorriso tranquilizador. O padre prorrompeu em louvores e expressões de gratidão e, recolocando a bolsa no ombro, preparou-se para partir.

— Padre Nicholas — chamou Emilie. — Eu tenho uma benção para pedir-lhe.

Com a mão já no trinco da porta, ele se virou para encará-la. — Certamente.

— Por favor, diga ao Père Marc-Mathieu que precisamos falar com ele. Peça a ele para vir imediatamente. Minha mãe e eu não podemos ir até ele nós mesmas.

Padre Nicolau sorriu. — Isso é tudo? Vou cuidar do assunto.

— Estou grata ao senhor — Emilie disse enquanto inclinava a cabeça ligeiramente.

Ele olhou ao redor e viu a cesta na mesa. — São cenouras que vejo?

— Sim, elas são — Ada disse.

— Ah, cenoura, uma das minhas comidas favoritas.

— Espere que eu vou te dar um pouco — Ada pegou a cesta e esvaziou algumas em sua bolsa. — Cuidado para não comer demais. Elas não são boas para sacerdotes.

Um olhar perplexo tomou conta dele e abriu a boca para dizer algo, mas Ada interrompeu e abriu a porta. — Aguardaremos o Père Marc-Mathieu — ela sorriu.

— Deus te abençoe, boa mulher — disse Padre Nicholas ao partir.

Emilie e Ada observaram da porta até que ele cruzou a rua e desapareceu de vista.

Ada bateu à porta. Seu rosto se enrugou em uma careta e ficou com um tom brilhante de vermelho. — Todo aquele grão! Dar tanto quando a comida é tão escassa! Deve ter dado a ele todo o nosso suprimento.

Emilie colocou as mãos nos quadris. — Se tivéssemos dado a ele apenas um punhado, teria continuado indo de porta em porta pedindo grãos. Quem sabe quanto tempo levaria para encher a mala e voltar para o convento. Além disso, conversando aqui e ali, poderia ter esquecido. Assim, ele terminou e pode atender ao meu pedido.

— Pensou sabiamente — Ada assentiu. — Além disso, a caridade sempre traz uma boa recompensa.

Emilie sorriu. — Estou feliz que concorde. A senhora é uma mãe maravilhosa que me ensinou muito.

Ada corou. — Posso ter meus defeitos, mas é minha única filha e nunca deve duvidar que eu te amo.

Outra batida soou. Quando Emilie atendeu, Robert entrou, ombros caídos e balançando a cabeça. — Que perda de tempo! — ele se jogou em uma cadeira e relatou o que aconteceu com Antoine Rivet.

— Mas como pode ser isso? — Ada ficou com os braços cruzados. — Meu conselho foi bom. Talvez não tenha se aproximado dele o suficiente.

— Não importa — Emilie interrompeu. — Père Marc-Mathieu nos ajudará.

— Em meio a todo esse infortúnio, gostaria de receber a ajuda de qualquer pessoa — Robert bateu no tampo da mesa com os dedos. — Mas se o père Marc-Mathieu não conseguir nos encontrar um remédio, tenha certeza de que encontrarei um.

— Robert, devemos ser pacientes e confiar no Père Marc-Mathieu — Emilie insistiu.

— Espero que sim, mas de uma forma ou de outra, vou me vingar ou encontrar alguém para conseguir isso para mim. Deve haver justiça no final.

Robert ficou quieto. Emilie o observava com cautela, absorta em seus próprios pensamentos e planos enquanto compartilhavam um melancólico almoço juntos. Mesmo que ela o amasse por sua proteção feroz, precisava evitar que sua raiva viesse à tona. Tentativas de confronto ou vingança só piorariam sua situação.

Quando terminaram, Robert levantou-se e agradeceu. — É melhor eu ir. Há muito o que fazer.

Emilie olhou para ele, tentando ler seus pensamentos enquanto levava Robert até o portão. — Adeus — ela sussurrou.

— Voltarei logo, Emilie, prometo — disse ele. — Não se preocupe, tudo vai dar certo.

Ela assentiu com a cabeça e deu-lhe um sorriso. — Espero que sim.

— Nunca duvide que eu te amo.

— Eu sei — ela sussurrou, seus olhos nunca deixando sua forma recuada até que ele sumisse de vista.



Quando Robert voltou para a fábrica, sua fúria aumentou. Ele e Emilie já estariam casados, de braços dados, indo para a festa de casamento. Em vez disso, estava sozinho. Ao voltar para casa, a solidão o dominou. As mesmas palavras continuaram se repetindo em sua mente enquanto ele ia. Deve haver justiça no final. Deve haver justiça no final. Ele as gravou em seu coração, decidido a torná-las realidade.



O sol da tarde começava a descer quando o père Marc-Mathieu partiu para a casa de Emilie e Ada. Seus raios aqueciam sua cabeça e ombros enquanto ele caminhava. Nada o revigorava mais do que uma boa caminhada, especialmente uma que levasse a uma boa ação. Magro e ágil, ele se sentia muito mais jovem do que seus cinquenta anos. Sua barba e cabelos grisalhos lhe davam uma aparência de sabedoria em oposição à velhice.

Enquanto caminhava, uma brisa suave balançava as folhas novas nos galhos das árvores. Ele olhou para os campos em ambos os lados da estrada, a aragem e a sementeira bem encaminhadas. Ele esperava que o rendimento e a qualidade dos grãos deste ano fossem melhores do que no ano anterior. A seca afetou brutalmente toda a Nova França, a terra, seu povo, até mesmo as criaturas de Deus sofreram.

As pessoas o cumprimentavam com tristeza quando passavam. Um inverno longo e frio se seguiu a uma colheita ruim. A comida era escassa, mas a visão dos habitantes no campo trouxe esperança renovada. Ao passar, acenou para um menino que segurava uma vaca ossuda por uma corda em volta do pescoço. O menino sorriu e acenou de volta. A criança olhou em volta e parou para pegar algo do chão, provavelmente algo comestível para saciar sua fome.

Quando o padre Nicholas interrompeu a refeição do meio-dia para lhe trazer a mensagem urgente de Emilie, o père Marc-Mathieu temeu que algum infortúnio tivesse acontecido com ela. Ele abandonou sua comida e partiu. Agora, seu estômago roncava de fome.

Por que ele se importava tanto com a jovem? E por que respondeu ao chamado dela tão prontamente como se o Papa o tivesse chamado? Se alguém que ele não conhece tivesse solicitado sua ajuda, teria atendido, mas em seu próprio tempo. No entanto, porque era Emilie, ele correu para ela. Por quê? Porque ele admirava sua honestidade, sua beleza? Sim, até mesmo um padre celibatário poderia se sentir atraído por uma bela mulher. Afinal, era um homem normal, mas forte o suficiente para superar tais impulsos. Não, ele admirava sua fidelidade e seu coração caridoso. Emilie sempre tinha um sorriso e uma palavra gentil para todos. Seigneur Richard representava um grande perigo para Emilie e ele reclamou da perseguição do homem a ela. Agora temia que seu conselho anterior para que ela se mantivesse em silêncio poderia ter trazido alguma consequência sinistra.

Imerso em seus pensamentos, o tempo passou rapidamente. Em pouco tempo, alcançou a porta da frente de Emilie e Ada e bateu.

— Père Marc-Mathieu! Ainda bem que está aqui! — exclamou Ada assim que a abriu.

Ele passou pela soleira e, à primeira vista, soube instintivamente que suas

preocupações eram justificadas. Ele se sentou em um banquinho de três pernas e olhou para Emilie. — Diga-me o que aconteceu.

Ele ouviu sem interrupção. A raiva aqueceu suas bochechas. Ele levantou os olhos para o céu e bateu o sapato com impaciência, mas conseguiu conter a língua até que Emilie terminasse sua explicação. Ele cobriu o rosto com as mãos. — Sinto muito pelos dois.

— Vai nos ajudar, padre? — as sobrancelhas de Emilie se ergueram. — O senhor pode nos casar?

— Mesmo que eu quisesse, não poderia realizar a cerimônia de casamento. Não seria válido. Somente um pároco pode sancionar e abençoar um casamento. Se eu fizesse a tentativa, Père Jean poderia tê-la repudiado.

Os ombros de Emilie caíram. Ada balançou a cabeça, mas permaneceu inexpressiva.

— Mas não se desespere. Deixe-me pensar o que posso fazer — ele se levantou e esfregou o queixo enquanto andava pela sala. A situação era urgente, o problema intrincado. Os remédios eram limitados e incertos, e perigosos. — Eu poderia envergonhar père Jean fazendo-o ver que está falhando em seus deveres, mas vergonha e dever pouco importam para alguém dominado pelo medo. Eu poderia inspirá-lo com medo, mas o que poderia assustá-lo mais do que a ameaça de assassinato que já enfrenta? Se eu informasse o bispo sobre este assunto, poderia invocar sua autoridade, mas isso exigiria tempo. E se eu conseguisse arranjar o seu casamento, isso impediria um homem como o Seigneur Richard? Eu poderia contratar meus irmãos, mas o Seigneur Richard finge ser amigo dos jesuítas e frequentemente doa dinheiro. Devo proceder com cautela ou arriscar piorar a situação.

Ele passou as mãos pelo cinto de corda simples em sua cintura e tentou considerar todas as soluções possíveis. — Acho que seria melhor confrontar o Seigneur Richard e dissuadi-lo. Assim, posso descobrir mais sobre suas intenções e agir de acordo.

Enquanto pensava no assunto, uma batida na porta anunciou o retorno de Robert.

— Eles te contaram? — Perguntou Robert, seu tom agitado enquanto puxava uma cadeira, montando-a, seu peito pressionando contra as costas.

Père Marc-Mathieu caiu para trás em seu banquinho. — Sim.

— Como podemos acabar com essa tolice? — Robert bateu a mão na mesa.

— Não tenho certeza, mas fique tranquilo, farei tudo o que puder. Devemos confiar em Deus. Ele não nos abandonará.

O rosto de Robert relaxou. — Obrigado. O senhor é conhecido por sua desenvoltura, mas Père Jean e aquele Monsieur Antoine Rivet.

— Não se preocupe com eles por enquanto. Só ficará irritado. Repito o que disse para Emilie e Ada, não vou te abandonar.

— Ainda bem que não é como eles, esses imbecis imprestáveis — disse Robert. — Eu fui falar com alguns de meus amigos para solicitar sua ajuda contra o Seigneur Richard, mas eles me recusaram. Sempre disseram que

dariam suas vidas para me defender, mas agora que preciso deles, se recusam a vir em meu auxílio. — Robert parou, sua mão subiu à boca.

Emilie e Ada ficaram boquiabertas.

Père Marc-Mathieu franziu a testa.

— Eu quis dizer, uh, eu não quis dizer.

Père Marc-Mathieu estreitou o olhar. — O que quis dizer? Foi pedir ajuda a seus amigos para ameaçar o Seigneur Richard? Retaliar? Quer arruinar qualquer chance que eu tenho de ajudá-lo? Seus amigos não poderiam tê-lo ajudado, mesmo que estivessem dispostos. Eles sabem que Seigneur Richard não é um homem para se brincar. Ameaças e vingança não vão lhe trazer nada — ele agarrou o braço de Robert e olhou para ele severamente. — Tem que colocar sua confiança em mim e em Deus.

— Sim! — Robert deslizou seu braço das mãos do padre.

— Muito bem — Père Marc-Mathieu disse. — Prometa-me que não vai atacar ou provocar ninguém e que vai me deixar guiá-lo.

Robert olhou para suas mãos. — Eu prometo.

Emilie respirou fundo, como se aliviada de um grande peso.

— Isso é sábio, Robert — Ada encorajou.

Père Marc-Mathieu pousou a mão no ombro de Robert. — Vou falar com o Seigneur Richard agora mesmo. Se agrada a Deus tocar seu coração e dar força às minhas palavras, tudo está bem. Mas se não, Ele nos mostrará algum outro remédio. Enquanto isso, tente ficar quieto e calmo. Evite fofocas, não fale com ninguém e não saia desta casa. Voltarei assim que puder.

Père Marc-Mathieu interrompeu suas palavras de gratidão e partiu para a toca da fera que se comprometeu a domesticar.



Nos arredores de Pointe-du-Lac, a mansão do Seigneur Richard erguia-se como um castelo solitário. Um grupo de pequenas casas, habitadas por aqueles que estavam a seu serviço, a cercava. Père Marc-Mathieu notou mosquetes, pás, ancinhos, chapéus de palha, redes e barris de pólvora negra atrás de janelas e portas abertas. Rostos sem expressão o encaravam. Os velhos, que haviam perdido os dentes, pareciam prontos para, à menor provocação, rosnar e mostrar as gengivas. Mulheres algonquinas de aparência masculina, com braços fortes e musculosos, que podiam atacar tanto com as mãos quanto com suas línguas afiadas, pararam o que estavam fazendo para observá-lo. Até mesmo as crianças que brincavam na rua demonstravam um ar de desafio em seu comportamento.

Ele subiu uma trilha sinuosa até um pequeno terreno plano em frente à mansão de dois andares construída em pedra do Seigneur. Exceto pelo trinado de um pássaro ao longe, reinou um silêncio perfeito. Uma brisa suave balançava as folhas das árvores próximas. Dois homens estavam estendidos em bancos à direita e à esquerda da porta da frente.

Père Marc-Mathieu hesitou, preparado para esperar, mas um dos homens levantou-se e gesticulou para que ele se aproximasse. — Padre, venha. Não fazemos os jesuítas esperarem. Às vezes recebi abrigo de jesuítas quando as coisas não estavam indo muito bem para mim — o homem pegou a aldrava de cabeça de leão e bateu duas vezes. Isso despertou cães uivantes lá dentro.

Em alguns momentos, um velho criado resmungão com uma cabeça cheia de cabelos brancos abriu a porta. Ao ver o père Marc-Mathieu, ele fez uma reverência, acalmou dois mastins e o convidou a entrar. Père Marc-Mathieu entrou em um corredor estreito e seguiu o criado, que o fitou com um olhar surpreso e respeitoso. — Não é o Père Marc-Mathieu?

— Sou.

— Deve estar aqui para fazer algum bem — o servo zombou. — Suponho que o bem possa ser feito em qualquer lugar, mesmo em uma praga como esta.

Continuaram pelo corredor até chegarem a uma porta fechada. De dentro vinham o rascar ocasional de talheres nos pratos e vozes discordantes em conversas acaloradas.

Père Marc-Mathieu reprimiu o instinto de se retirar. — Posso esperar até que a refeição termine.

O criado abriu a porta.

A sorte foi lançada. Recuar agora seria tolice.

O senhor Pierre Robillard ergueu os olhos do jantar. — Ah, entre.

O queixo de Seigneur Richard caiu com sua aparição inesperada, mas por

causa do convite contundente de seu primo, Père Marc-Mathieu sabia que o Seigneur não tinha escolha a não ser permitir que ele entrasse.

— Entre, Padre, entre — Seigneur Richard largou o garfo e limpou a boca com um pano.

Père Marc-Mathieu avançou, fez um aceno de cabeça ao senhor Richard e respondeu respeitosamente às saudações dos outros homens na sala. Acostumado a lutar pelos inocentes contra os perversos, se mantinha com ar de segurança e coração destemido. Embora ansioso para defender seu caso, experimentou horror misturado com compaixão por esse notório senhor. Ele ficou calmamente diante de Seigneur Richard, sua boca salivando em resposta ao banquete na mesa diante dele.

Eles tinham acabado de começar a comer a sopa de ervilha. Dois pães estavam em cada ponta da longa mesa com rodela de queijo no meio. Tigelas de feijão com manteiga e batatas assadas cercavam um veado assado no centro. Aborrecimento tomou conta dele ao ver tanta abundância quando tantos em Pointe-du-Lac passavam fome. Seu próprio estômago roncou com pontadas de fome, mas ele não disse nada.

Seigneur Richard estava sentado em uma poltrona como Herodes em seu trono. Acostumado a receber homenagens, o homem o encarava com uma expressão severa que proibia pedidos, conselhos, correções ou reprovações.

Pierre sentou-se à direita de Richard. Do outro lado da mesa sentava-se Monsieur Jacques Gagnon, chefe de todos os magistrados. Em frente a ele, com uma atitude do mais puro e sem limites servilismo, sentava-se Antoine Rivet com nariz vermelho e marca de nascença. Diante dos dois primos estavam dois outros convidados que ele não reconheceu. Aqueles dois mantinham a cabeça baixa e comiam como porcos no cocho.

— Traga um assento para o bom padre — disse Richard.

Um servo apresentou uma cadeira.

Père Marc-Mathieu permaneceu de pé e olhou incisivamente para Richard. — Por favor, perdoe minha visita inesperada, mas gostaria de falar com o senhor sobre um assunto importante.

— Muito bem, ficarei feliz em falar com o senhor — ele gesticulou para um dos criados. — Mas primeiro, traga algo para o padre jesuíta comer e beber.

Père Marc-Mathieu levantou a mão para recusar.

— Não, não. Que nunca se diga que um jesuíta saiu de minha casa sem barriga cheia ou um credor arrogante sem ver a coronha do meu rifle, exclamou Seigneur Richard.

Os homens explodiram em gargalhadas. Um criado trouxe um prato, encheu-o de comida e apresentou-o ao père Marc-Mathieu que, não querendo recusar o convite do homem que queria persuadir, não hesitou em sentar-se, servir-se de vinho e bebericar. Não foi assim que Satanás tentou a Cristo? A forte discussão que saudou sua chegada havia desaparecido. Em seu lugar, um silêncio constrangedor se abateu sobre o grupo, interrompido apenas pelo

arrastar de pratos ou xícaras contra o tampo da mesa.

Père Marc-Mathieu esperou, seus pensamentos focados na conversa que viria. Ele estudou cada movimento de Richard.

Richard também olhava para ele de vez em quando. Cada vez que seus olhares se encontravam, o père Marc-Mathieu forçava sua expressão a permanecer impassível, mas com o ar deliberado de alguém determinado a permanecer até que fosse ouvido. Ele sabia que Richard o mandaria embora de bom grado para escapar de qualquer conversa, mas dispensar um padre jesuíta sem lhe dar audiência causaria má impressão. Ele terminou sua comida, esvaziou sua taça de vinho e se levantou da mesa. Os outros convidados também se levantaram sem cessar seu clamor. — Por favor, desculpe-nos. O bom padre e eu iremos para a outra sala. — Richard avançou arrogantemente em direção ao Père Marc-Mathieu, que se levantou com os outros homens. — Ao seu comando, padre — o Seigneur Richard acenou com a cabeça, gesticulou para a porta e conduziu-o até a sala contígua.



Sem palavras, o père Marc-Mathieu olhou para Richard. Ele hesitou e então pegou seu rosário, que pendia da corda em volta de sua cintura. Ele o segurou na palma da mão como se pudesse lhe dar força ou dotá-lo de fala.

Seigneur Richard estava parado com os braços cruzados no centro da sala, sua expressão fria. — Então, o que quer de mim, Padre? — Ele enunciou a palavra ‘Padre’ como se fosse sujeira em sua boca.

Mil réplicas surgiram na mente do père Marc-Mathieu, mas se conteve. Ele pensou em Emilie e Robert e em sua situação difícil. Melhor evitar agitar ainda mais a situação, pensou. Em vez disso, deu a Richard um sorriso simpático. — Eu busco uma benção do senhor, um ato de misericórdia — ele escolheu suas palavras com prudência, seu tom reservado, um de humildade. — Dois homens de caráter doentio usaram seu nome para atormentar um pobre padre e impedi-lo de cumprir seu dever de casar duas pessoas inocentes. Em sã consciência e honra, o senhor pode colocar tudo em ordem e ajudar os noivos que foram tão vergonhosamente injustiçados.

Ricardo estreitou os olhos. — Não fale da minha consciência a menos que eu peça. Quanto à minha honra, só eu sou seu guardião. Qualquer um que ousar me dizer o que fazer me ofende.

Père Marc-Mathieu ignorou a hostilidade e permaneceu firme. — Não foi minha intenção ofendê-lo. Me critique, me repreenda, mas ouça o que tenho a dizer — ele pegou a cruz de prata de seu rosário e o ergueu para Seigneur Richard. — Por favor, realize este pequeno ato de justiça. Lembre-se de que Deus cuida de Emilie e Robert e ouve suas orações.

— O respeito que tenho por sua batina é grande, mas se alguma coisa pode me fazer ignorá-lo e sua reverência, seria o senhor ousar me dizer o que fazer em minha casa.

O calor inundou as bochechas do père Marc-Mathieu, mas ele permaneceu calmo. — Eu rezo para que nunca se arrependa de não ter me ouvido. Não estou aqui para diminuir sua honra. O senhor tem poder.

— Quando preciso ouvir um sermão, vou à igreja — a inimizade ressoou na voz de Richard. — Não pregue para mim em minha própria casa! O senhor me trata como se eu fosse uma pessoa sem influência.

Père Marc-Mathieu ignorou o comentário. — Deus me enviou aqui para interceder por esses inocentes.

— Não faço ideia do que quer dizer. Suponho que deve haver alguma jovem com quem o senhor está preocupado. Faça confidentes de quem quiser, mas não me aborça mais. Já estou farto dessa discussão — Richard se moveu em direção à porta.

Père Marc-Mathieu o bloqueou. — É verdade que estou preocupado com

ela, mas não mais do que com o senhor. Vou orar pelo senhor de todo o meu coração. Por favor, não mantenha uma pobre inocente em angústia e terror. Uma palavra sua pode consertar tudo.

— Já que parece pensar que posso fazer tanto por essa pessoa, e já que está tão preocupado com ela...

— *Oui?* — Père Marc-Mathieu prendeu a respiração.

— Aconselhe-a a vir aqui e se colocar sob minha proteção, sob meu teto. Vou cuidar de todas as suas necessidades. Ninguém vai machucá-la. Eu sou um homem de palavra.

Père Marc-Mathieu não pôde mais conter sua indignação. Todas as suas resoluções de prudência o abandonaram. — Sua proteção! — Sua indignação explodiu sem controle. Ele enfiou o dedo indicador no peito de Richard. — Foi o causador deste problema. Ai do senhor por uma proposta tão bizarra. Vive de acordo com os rumores de sua reputação sinistra, mas não tenho medo do senhor.

A malícia torceu as feições de Richard. — Veja como fala comigo, padre.

— Falo com o senhor como falaria com qualquer pessoa que abandona Deus. Essa jovem é uma inocente e está sob a proteção de Deus. Não preciso de sua ajuda para protegê-la.

— Como ousa falar comigo dessa forma em minha própria casa! — Richard deu um passo ameaçador para frente, seus punhos cerrados.

— Tenho pena desta casa. Uma maldição paira sobre ela. Logo verá que a justiça de Deus não pode ser contida por quatro paredes e um punhado de guardas armados em seus portões. Acha que Deus lhe deu o direito de atormentá-la? Acha que Ele não a defenderia? Ignorou os conselhos Dele e os meus, e será julgado por isso! Emilie está a salvo do senhor. E no que lhe diz respeito, prevejo que chegará o dia...

Richard o ouviu com um olhar de indignação e espanto silencioso, mas quando ouviu o início de uma maldição, uma expressão de medo passou por seu rosto. Ele agarrou o braço estendido do Père Marc-Mathieu. — Saia da minha frente, seu demônio de batina!

O père Marc-Mathieu manteve a calma ao soltar a mão do aperto de Richard.

— Lacaio repugnante! — Richard gritou. Uma gota de saliva voou de sua boca furiosa e pousou na bochecha do père Marc-Mathieu.

Embora enojado, ele não enxugou a bochecha, nem reagiu ao discurso.

Richard enfiou o dedo no peito do père Marc-Mathieu. — Uma batina esconde sua estupidez e covardia. Precisa aprender a falar com um homem rico. Saia da minha casa. Agora! — Ele apontou para uma porta oposta àquela pela qual haviam entrado.

— Se arrependerá disso.

— É o senhor quem vai se arrepender, padre.

Père Marc-Mathieu saiu, fechando a porta atrás de si.

No corredor estava o mesmo velho que o havia recebido quando chegou.

Père Marc-Mathieu percebeu que devia estar espionando. O homem levou o dedo indicador aos lábios e acenou para que o seguisse. Ele o conduziu pela cozinha até uma porta nos fundos. — Eu ouvi tudo e preciso falar com o senhor, — o velho sussurrou.

— Fala, meu bom homem.

— Aqui não! Não seria bom para mim se o seigneur me pegasse conversando com o senhor. Amanhã, passarei pelo convento dos jesuítas, onde poderemos conversar em particular.

— O que é?

O velho deu de ombros. — Algo está no vento, isso é certo. Descobrirei o que puder. Deixe para mim. Eu vejo e ouço coisas estranhas o tempo todo! E eu não quero fazer parte disso.

— Deus te abençoe! — Père Marc-Mathieu pôs a mão na cabeça do servo, que, embora muito mais velho que ele, curvou-se diante dele com o respeito de um filho. — Deus irá recompensá-lo. Aguardo-o amanhã.

— Vá e por favor não me traia — o velho olhou em volta. — Vou garantir que não haja ninguém por perto — ele abriu a porta dos fundos e olhou em volta. — Tudo está claro.

Père Marc-Mathieu segurou a mão do velho. — Qual é o seu nome?

— Eu sou Etienne.

— Deus o abençoe, Etienne — Père Marc-Mathieu fez o sinal da cruz sobre ele e saiu apressado, pensando no que havia acontecido. Ele pegou o servo ouvindo na porta de seu mestre. Era certo endossar tal desonestidade? No entanto, neste caso, não poderia ser uma exceção?

Ele alcançou a estrada, feliz por ter dado as costas ao Seigneur Richard e sua casa amaldiçoada. Ele respirava com mais liberdade enquanto descia a colina, o rosto corado, os pensamentos agitados e confusos. A oferta inesperada do velho criado foi um grande alívio. Parecia que o Céu interveio para ajudá-lo. Da casa do Seigneur Richard também! Ele nunca sonhou com tamanha sorte e tinha experimentado pouco dela em sua vida.

A vida nunca foi fácil, especialmente no deserto deste novo mundo. Ele veio para a Nova França para escapar das dificuldades e turbulências, mas se viu cercado por elas. Nascido em uma nobre família francesa, Père Marc-Mathieu nunca havia conhecido a fome até chegar aqui. O caçula de cinco filhos, ele vestiu as vestes do sacerdócio jesuíta depois de uma alteração mortal nas ruas de Paris em uma noite fatídica. Um ladrão brandindo uma faca o abordou e exigiu seu dinheiro. Seguiu-se uma briga com resultados desastrosos. Na defesa, ele desferiu um forte soco e o homem caiu para trás em uma parede de pedra, batendo com força a cabeça, morrendo instantaneamente. Horrorizado por ter tirado uma vida, procurou a família do homem para explicar o ocorrido e pedir perdão. Incrivelmente, eles o absolveram. Mas mesmo depois de pagar todos os custos do enterro e fazer uma doação generosa aos pais do homem, ele lutou com sua consciência, por sua alma perdida, manchada para sempre por ter matado um homem.

Por mais que tentasse, ele não conseguia se perdoar. Foi durante uma das muitas confissões ao seu pároco local que lhe ocorreu a ideia de ingressar na Ordem de Jesus. Seus pais lhe deram sua bênção. Para ele, uma vida de servidão trouxe esperança de expiação. Ele fez seus votos com o coração disposto e logo embarcou em um navio com destino à Nova França.

Nem uma vez ele se arrependeu. Seu trabalho educando os meninos algonquianos e pregando as doutrinas da Igreja ao povo da Nova França trouxe imensa satisfação e ajudou a aliviar a culpa de seu pecado. No ano passado, porém, ele havia sofrido junto com todos os outros por causa da colheita ruim e dos navios que não conseguiram chegar ao porto com comida, sementes e suprimentos tão necessários da França. Ele olhou para o oeste. O sol poente já tocava o horizonte. Embora cansado depois de um dia tão estressante, apressou seus passos. Devia retornar para Emilie e Robert e contar o que aconteceu. Então deveria retornar ao convento antes do anoitecer, antes que as portas fossem trancadas.



Ansiosa pela volta do père Marc-Mathieu, Emilie cortou uma cebola para preparar o jantar enquanto Robert se sentava à mesa. Ele parecia indeciso e desconfortável. Ela nunca tinha visto esse lado dele antes, e seu coração se partiu ao vê-lo sofrer tanto. Robert era um bom homem, um moleiro honesto, amado por todos. Ela o amava de todo o coração, mas agora todas as suas esperanças e sonhos foram destruídos. Como Robert poderia ter uma chance em uma batalha de vontades contra alguém tão rico, poderoso e corrupto quanto o Seigneur Richard? Ela rezou para que o père Marc-Mathieu pudesse de alguma forma resolver essa terrível obstrução. A cebola queimou seus olhos e ela levou um pano ao rosto.

— Não se preocupe, Emilie — Ada disse simpaticamente. Sentou-se em uma cadeira perto da lareira enquanto enrolava o fio em um carretel. — Eu tenho uma ideia — ela anunciou. — Acho que encontrei uma resposta para todos esses problemas, talvez mais rapidamente do que o Père Marc-Mathieu.

Emilie abaixou o pano e estudou sua mãe. — Como?

Robert ergueu os olhos. — Diga-me o que devo fazer?

Ada largou o carretel na cesta a seus pés e foi se sentar ao lado de Robert. — Se estivessem casados, esse problema com o Seigneur Richard teria ficado para trás.

— Sem dúvida — assentiu Robert. — Se fôssemos casados, poderíamos nos mudar para Trois-Riviere, Québec, ou Saint-Anne-de-Beaupre, onde meu amigo Bastien mora. Ele queria que eu me mudasse para lá há algum tempo. Bastien diz que o senhor lá é generoso e gentil. Eu nunca o ouvi antes porque meu coração estava aqui. Mas uma vez casados, todos nós poderíamos ir morar lá em paz, fora do alcance daquele vilão.

— Sim — disse Emilie concordando, — mas como? — Ela veio se sentar à mesa em frente a Robert e Ada.

Ada sorriu. — Bem, é bem simples.

— Simples? — Robert coçou o queixo.

— Sim, se souber como fazer isso — Ada se inclinou para frente. — Ouça com atenção. Certa vez, ouvi dois padres falando sobre uma antiga lei da igreja que ainda existe. Pode ser obscuro, mas ainda é válido.

O ânimo de Emilie melhorou e ela se inclinou para frente. — Diga-nos, mãe.

Ada segurou a mão dela. — Para celebrar um casamento é necessário um pároco, mas não o seu consentimento. Basta que ele esteja presente, desde que os proclamas tenham sido lidos, e no seu caso, eles foram.

O rosto de Robert enrugou-se de confusão. — Não entendo.

— Duas testemunhas os acompanham até o padre que não deve saber que

estão indo. Têm que surpreendê-lo, caso contrário, ele fugirá. Na presença do padre, deverá dizer: 'esta é minha esposa'. E, Emilie, dirá, 'este é meu marido'. Todos deverão ouvi-los dizer isso claramente. E *voilà* — ela estalou os dedos. — São considerados casados. É tão válido e sagrado como se o próprio Papa o abençoasse. Mas tenham cuidado, depois de falar essas palavras, o padre pode ficar com raiva, mas será tarde demais. Aos olhos de Deus e da Igreja, serão considerados legalmente casados.

— Seria possível? — Emilie trocou um olhar incrédulo com Robert.

— Claro que é possível! — disse Ada. — Uma amiga minha é a prova viva disso. Ela desejava se casar contra a vontade de seus pais. Ela e seu homem fizeram como eu descrevi. O padre suspeitava que ela poderia tentar, então teve o cuidado de evitá-la, mas eles se prepararam bem e pegaram o padre no momento certo. Eles falaram as palavras e se tornaram marido e mulher. Não importa que ela tenha se arrependido no dia seguinte. Cenouras insuficientes, eu suspeito.

Robert revirou os olhos.

— Tem certeza de que pode funcionar? — Emilie perguntou. Poderia ser esta a resposta às suas orações? Ela olhou para Robert, cujos olhos pareciam brilhar de otimismo. Por que ela não sentia o mesmo? A dúvida pairava em sua mente.

— Positivo. Esses casamentos são válidos, embora apenas aqueles que encontraram algum obstáculo no método ordinário recorram a ele. Os padres tomam muito cuidado para evitar serem surpreendidos por casais acompanhados de duas ou mais pessoas.

— Parece simples demais para ser verdade! — Robert fixou os olhos em Emilie com um olhar de expectativa suplicante.

Emilie desviou o olhar, incerta.

— Claro que é verdade! — Ada cruzou os braços e recostou-se na cadeira. — Eu nunca minto. Se não acredita em mim, encontre sua própria solução para essa bagunça. Eu lavo minhas mãos.

— Por favor, não quis ofender — Robert pegou a mão de Ada. — Parece muito fácil.

Quando Ada relaxou, Emilie ficou aliviada ao ver que suas palavras dissiparam a indignação de sua mãe, mas ela ainda não entendeu. — Mas por que o Père Marc-Mathieu não pensou nisso?

— Claro que ele pensou nisso — Ada disse. — Acha que não passou pela cabeça dele? Mas nunca nos contaria sobre isso.

— Por que não? — Emilie franziu as sobrancelhas. Ela ficou tensa, com medo de não gostar da resposta.

— Porque o clero não aprova este método.

Emilie hesitou, ao entender as implicações do que eles estavam planejando. Tal ato nada mais era do que um truque enganoso, uma mentira, um pecado.

Robert esfregou as têmporas. — Ainda tenho dificuldade em acreditar que pode ser tão simples.

Ada deu de ombros. — Eu também não entendo, mas é legítimo.

— Se não está certo, então não devemos fazer — Emilie encarou sua mãe.

— Como pode sugerir isso? Casar-nos sob pretextos enganosos é uma maneira terrível de começar uma nova vida.

— Eu nunca lhe daria conselhos contrários à vontade de Deus — Ada disse. — Se fosse contra a vontade de seus pais se casar, isso seria diferente, mas eu aprovo seu casamento. É aquele Seigneur vilão e nosso padre covarde que o impedem.

Robert olhou para Emilie. — Vamos lá.

— Não fale sobre isso com Père Marc-Mathieu até que tudo esteja acabado — advertiu Ada. — Mas um casamento é um casamento e o que está feito está feito. Tenha certeza, depois, em seu coração, Père Marc-Mathieu ficará feliz em vê-lo casado — ela sorriu para Emilie.

— Não tenho certeza — Emilie olhou para o guardanapo que torceu em suas mãos.

— Emilie, é totalmente legal — Ada disse. — Com o que se preocupar? Primeiro, deve encontrar suas testemunhas, depois achar uma maneira de abordar o père Jean, que está escondido em sua casa. Como vai entrar para vê-lo e fazê-lo ficar parado tempo suficiente para pronunciar as palavras? Eu suspeito que quando ele os vir chegando com duas pessoas a reboque, fugirá como o diabo da água benta.

— Acho que conheço um jeito — em sua excitação, Robert bateu na mesa com o punho cerrado. Pratos e chacoalharam com o golpe.

Emilie balançou a cabeça. — Não sei. Isso não parece honesto. Père Marc-Mathieu nos disse que se agíssemos de boa-fé, Deus nos ajudaria. Devemos prestar atenção a esse conselho. Nada de bom pode vir de algo que parece errado.

— Deus ajuda quem se ajuda, — Ada disse. — Depois contaremos ao Père Marc-Mathieu. Tudo será perdoado, verá.

— Emilie — Robert disse, sua voz gentil, suplicante. — Não me falhe agora. Não fizemos tudo certo até agora? A essa altura, deveríamos ter sido marido e mulher. O padre fixou o dia e a hora. Não é nossa culpa se somos forçados a usar um pouco de astúcia. Vou encontrar as testemunhas, fazer um plano e voltar assim que puder para explicar tudo — deu a ela um olhar suplicante e lançou um olhar de cumplicidade a Ada antes de partir apressadamente.

Emilie lançou um olhar furioso à mãe e levantou-se da mesa. Com os lábios franzidos, pegou a faca e cortou a cebola como se a própria faca estivesse possuída. Ela nunca poderia ceder a pensamentos assassinos ou seria tão má quanto o Seigneur Richard.



O problema havia aguçado a inteligência de Robert. Durante toda a sua vida, ele trilhou um caminho estreito e direto. Agora, sob circunstâncias tão terríveis, havia traçado um plano para ele e Emilie se casarem que impressionaria o próprio Satanás. Ele se recusou a permitir que um homem rico e poderoso roubasse sua mulher. Independentemente do custo pessoal, estava determinado a derrotar Seigneur Richard, mesmo que isso levasse seu último suspiro.

Ele caminhou até a casa de seu amigo, Denis. À sua batida, Denis o convidou a entrar. A porta da frente se abriu para uma sala espaçosa com uma lareira encostada na parede oposta. Um tapete de lã desbotado e gasto cobria o chão de madeira sobre o qual havia uma mesa frágil e cadeiras feitas de pinho. Um enorme aparador se erguia do chão em direção ao teto baixo de vigas expostas. Preparado e pronto para uso, um mosquete com a coronha para baixo descansava contra a parede perto da roda giratória no canto. Uma série de panelas e pratos rachados, armários malfeitos e prateleiras caídas decoravam o espaço restante.

A visão que Robert contemplou foi de pobreza e torceu seu estômago ao ver pessoas tão boas suportarem tanto sofrimento. A esposa de Denis estava perto do fogo mexendo o conteúdo de uma panela com um rolo quebrado. Sua mãe estava sentada à mesa, que tinha muitos anos de uso. Quatro criancinhas estavam ao redor, esperando, com os olhos fixos na panela. A julgar pelo tamanho da panela, era uma comida escassa para o tamanho da família - a confirmação de que a seca havia caído duramente sobre todas as famílias de Pointe-du-Lac.

Denis era um morador que arrendava terras do Père Jean. Como os senhores, muitos padres também receberam terras senhoriais. Robert sabia que Denis não tinha dinheiro para pagar o aluguel ao padre.

Enquanto Robert trocava saudações com a família, a esposa de Denis derramou o conteúdo da panela em uma tigela de madeira e a colocou sobre a mesa. Parecia algum tipo de ensopado aguada.

— Quer dividir uma tigela conosco? — a mãe de Denis perguntou enquanto se levantava para pegar outra tigela de uma prateleira próxima.

Robert sorriu com a oferta generosa. Os habitantes nunca deixavam de convidar um amigo para partilhar uma refeição, mesmo que fosse a última garfada. — Obrigado, mas só vim falar com Denis, não quero incomodar sua família. Ele pode jantar comigo na pousada e podemos conversar lá.

Uma expressão de alívio passou pelo rosto de todos com o convite inesperado. Denis pegou seu tricórnio, que estava pendurado em um gancho atrás da porta, colocou na cabeça e partiu com Robert.

Na pousada, eles eram os únicos clientes. A pobreza, agravada pela seca, afastava a maioria dos frequentadores habituais. Comeram um pouco de torta de cebola com sopa de ervilha quente e, depois que cada um deles esvaziou uma caneca de cerveja, Robert se dirigiu a Denis. — Se me fizer um pequeno favor, eu lhe farei um ainda maior.

Denis derramou mais cerveja do jarro em suas canecas e colocou-a sobre a mesa. — Estou ouvindo.

— Deve dinheiro a père Jean pelo aluguel de seus campos.

Denis recostou-se na cadeira. — Agora, por que tinha que me lembrar disso? Estragou meu jantar.

— Se eu te lembro de sua dívida, é porque pretendo dar-lhe os meios para pagá-la.

— Sério? — As sobranceiras de Denis se ergueram

— Sim — Robert sorriu. — Está satisfeito?

— Satisfeito? Acho que sim, nem que seja para me livrar daqueles olhares penetrantes que père Jean me lança toda vez que o encontro. Ele me lembra dizendo: *‘Denis, quando vai resolver esse negócio?’* Me castiga como se eu fosse uma criança. Eu quero reembolsá-lo para que ele devolva o colar de ouro de minha esposa, que mantém como garantia.

— Se me fizer este favor, Denis, o dinheiro é seu.

— Com todo o meu coração. Diga-me o que precisa que eu faça.

— Mas... — Robert olhou para a esquerda e para a direita, em seguida, colocou o dedo sobre os lábios com ênfase.

— Não precisa me dizer. Não direi uma palavra — com o polegar e o indicador, Denis fez um movimento de torção nos lábios.

— Père Jean fez algumas objeções absurdas e atrasa meu casamento. Disseram-me que se Emilie e eu formos perante ele com duas testemunhas, e eu disser “esta é minha esposa” e Emilie disser “este é meu marido”, nós nos casaremos.

Denis torceu sua caneca. — E quer que eu seja uma das testemunhas?

— Sim.

— E vai me pagar o valor total que devo ao padre?

— Exatamente. Mas temos que encontrar outra testemunha.

— Sugiro meu irmão, Gervaise. Pode pagá-lo com algo para comer e beber.

Robert assentiu. — Depois que Emilie e eu nos casarmos, vamos trazê-lo aqui para comemorar conosco. Mas Gervaise saberá o que fazer?

— Vou prepará-lo.

— Faremos isso amanhã à noite assim que escurecer. Podemos nos encontrar no caminho para a paróquia.

— Nós dois estaremos lá.

— Mas — Robert levou o dedo aos lábios novamente.

— Eu sei — Denis assentiu.

— E se sua esposa lhe perguntar para onde está indo, como sem dúvida

fará? O que vai dizer a ela?

Denis franziu a testa. — Vou criar uma história para tranquilizá-la, não se preocupe.

— Muito bem— falou Robert. — Amanhã.

Juntos, eles deixaram a pousada e se separaram.



Emilie permaneceu de boca fechada enquanto ouvia Robert discutir os arranjos que havia feito para eles se casarem.

— Parece um bom plano — Ada disse. — Mas esqueceu algo.

— O que mais poderia haver? — Robert perguntou.

— Rose! Esqueceu-se de Rose! Ela admitirá Denis e seu irmão na casa por causa do dinheiro que devem ao Père Jean, mas não permitirá sua presença? — balançou a cabeça. — Terá de distraí-la de alguma forma.

— O que podemos fazer? — Robert franziu a testa e coçou o queixo.

— Eu sei! — O rosto de Ada se iluminou. — Eu irei acompanhá-los. Tenho um segredo que posso compartilhar com Rose. Vou mantê-la distraída para que ela não os veja entrar na casa.

— Deus a abençoe! — Robert beijou Ada na bochecha. — Sempre soube que era uma mulher sábia.

— Mas nada disso funcionará a menos que possamos persuadir Emilie — Ada lançou um olhar de advertência para ela. — Diga a ele o que me disse quando Robert estava fora.

Emilie engoliu em seco e deu a Robert um longo olhar. — Me desculpe, mas não posso continuar com isso. É desonesto, um pecado.

A boca de Robert se abriu quando a dor brilhou em seus olhos.

Emilie cruzou os braços, preparada para ficar firme. — Para fazer o que mamãe sugere, temos que ser enganosos — o calor se espalhou por suas bochechas. — Ah, Robert! Que começo terrível para nossas vidas juntos. Quero ser sua esposa, mas do jeito certo, com Deus do nosso lado, falando nossos votos diante de um altar. Podemos esperar um pouco mais para nos casarmos. Vamos deixar isso com Deus. Ele vai nos ajudar sem ter que recorrer a todos esses truques. E por que temos que esconder todo esse segredo do Père Marc-Mathieu?

Eles ouviram passos rápidos do lado de fora. Um silêncio ansioso caiu sobre eles.

— Provavelmente é ele. Não diga nada sobre isso — Ada deu a Emilie um olhar de advertência, endireitou seu vestido e abriu a porta.



Antes que o Père Marc-Mathieu pudesse bater, Ada abriu a porta. Robert e Emilie estavam atrás dela. Diante de seus olhares esperançosos, ele balançou a cabeça. — Não há esperança para aquele homem — embora soubesse que eles não esperavam muito de seu encontro com o Seigneur Richard, a confirmação de seu fracasso fez com que suas cabeças e seus ombros caíssem. Uma pontada de culpa tomou conta dele por ter aumentado suas esperanças. Como poderia ele, um padre pobre e impotente, ter pensado em deter um malfetor rico como o Seigneur Richard?

A raiva surgiu no rosto de Robert. — Quero saber que razões aquele cachorro deu para afirmar que minha noiva não deveria ser minha esposa! — Ele rangeu os dentes.

— Se aqueles que cometem injustiças fossem obrigados a nos dar suas razões, o mundo não seria tão ruim quanto está — Père Marc-Mathieu lançou a Robert um olhar de pena.

— Ele não deu um motivo? — Robert perguntou com os lábios apertados.

Père Marc-Mathieu balançou a cabeça. — Ele não o fez.

Robert passou as mãos pelos cabelos, o rosto vermelho. — Mas, com certeza, o demônio disse alguma coisa?

— Não posso repetir. Suas palavras eram raivosas, contenciosas e ele negava qualquer conhecimento sobre Emilie, mas eu sabia que minhas suspeitas eram bem fundamentadas. Ele me insultou e me acusou de ofendê-lo. Ele é um homem insolente e repreensível que acredita que pode conseguir o que quer fazendo ameaças. Ele não mencionou o nome de Emilie nem o seu, Robert, mas no final da nossa conversa, eu entendi muito bem que ele é imutável.

Ele se virou para Ada, que colocou um braço consolador em torno de Emilie. — Não se desespere! — Ele encarou Robert. — Eu entendo o que deve sentir em seu coração, mas deve ser paciente. Dê a Deus alguns dias para fazer sua obra. Eu tenho uma ideia. Eu não posso te dizer mais nada agora. Venha me ver no convento jesuíta amanhã e eu explico tudo. Ou se não puder vir, mande alguém de sua confiança em seu lugar — ele olhou pela janela. — O sol vai se pôr em breve e eu tenho que estar em casa antes de escurecer. É a nossa regra mais rígida. Tenha fé e coragem — ele os abençoou com o sinal da cruz. — Boa noite.

Com o coração pesado, o Père Marc-Mathieu virou-se e afastou-se por um caminho tortuoso e pedregoso, um atalho para o convento. Se não chegasse logo, correria o risco de receber uma severa repreensão, ou pior, a imposição de uma penitência, o que poderia impedi-lo de ajudar Robert e Emilie pela manhã. Ele deveria fazer tudo o que pudesse por eles. Além disso, o Seigneur

Richard deveria ser levado a ver o erro de seus caminhos.



Emilie observou o père Marc-Mathieu se afastar. Ela voltou para a mesa e sentou-se em frente a Robert, que olhou para as próprias mãos e estalou os nós dos dedos.

— Ouviu o que o Père Marc-Mathieu disse? — Emilie sorriu. Ela estendeu a mão e tocou a dele, interrompendo o som irritante. — Ele encontrou uma maneira de nos ajudar. Eu sabia que podíamos confiar nele. Ele é um homem que, se prometer dez de alguma coisa, trará cem.

— Não há outro como ele — interrompeu Ada enquanto se jogava de volta em sua cadeira. — Mas ele deveria ter falado um pouco mais sobre o que está planejando. No mínimo, deveria ter me chamado de lado e me contado.

Robert empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Eu não posso sentar aqui e não fazer nada além de esperar!

— Tenha paciência — Emilie pegou a mão dele.

— O que vai fazer? — Ada estreitou o olhar.

Robert soltou a mão dela e abriu e fechou os punhos. — Vou acabar com isso agora mesmo. Seigneur Richard pode ter um demônio em sua alma, mas ele é feito de carne e osso.

— Não, Robert, não faça nada! — Emilie se levantou e pegou sua mão novamente.

— Não diga tais coisas, Robert, mesmo em tom de brincadeira — Ada advertiu.

— Brincadeira! — Robert se inclinou sobre a mesa e plantou as mãos diante de Ada. — Não estou brincando. Estou falando sério.

— Robert! Nunca vi esse seu lado antes — Emilie apertou a mão dele, incapaz de disfarçar a preocupação em sua voz. No fundo de seu coração, ela sentiu que ele poderia atrair problemas de algum tipo. Por que os homens sempre tiveram essa necessidade incessante de fazer justiça com as próprias mãos por meio da violência?

— Pelo amor de Deus, Robert! — Ada baixou a voz. — É inútil. Seigneur Richard tem um exército de homens e um arsenal de armas à sua disposição. Fique longe dele e deixe Deus fazer a justiça.

— Não, farei minha própria justiça! Não será fácil. O rufião está bem defendido, cão que é! Mas não importa. Com um pouco de paciência, libertarei o mundo desse verme e todos vão me elogiar por isso.

Emilie olhou fixamente para ele e respirou fundo para se acalmar. — Então, não se importa comigo — ela manteve seu tom resolutivo, enquanto seu mundo inteiro se desenrolava diante de seus olhos. Se não impedisse Robert de fazer algo imprudente, isso destruiria a vida dele e a dela também. — Prometi minha fidelidade a um homem bom e temente a Deus, não alguém

com vingança em seu coração.

Suas bochechas ficaram vermelhas quando ele empurrou seu rosto para perto do dela. — Se não quer se casar comigo, tudo bem, mas ele também não vai querê-la. Vou vê-lo queimar no inferno antes de deixá-lo tê-la.

O que aconteceu com o jovem gentil e de fala mansa por quem ela se apaixonou? Quem era este homem que estava diante dela com raiva queimando em seus olhos e pensamentos de assassinato manchando seu coração? Era como se todo o seu futuro desmoronasse diante dela e não houvesse nada que pudesse fazer para impedir. Emilie manteve sua postura e cerrou os punhos. — Nem mesmo sugira isso — o olhou fixamente — Eu não tolerarei isso.

Ada se levantou e passou as mãos pelos braços de Robert para acalmá-lo.

Emilie nunca havia falado com ele de forma tão dura, e agradou-lhe que permanecesse imóvel, pensativo como se estivesse vencido. Ela tinha chegado até ele? Robert realmente a ouviu e entendeu?

Robert recuou, esticou o braço e apontou o dedo para ela. — Ele a quer! E vou vê-lo morrer por isso!

Emilie liberou sua própria raiva. — Que mal eu lhe fiz matar um homem em meu nome?

— Me fez? — Robert gritou. — Eu implorei e implorei para que fosse ao padre comigo e fazer o que sua mãe descreveu para nos casarmos. Isso acabaria com todo esse absurdo. E se recusa! Portanto, não se atreva a me dizer para não fazer justiça com as próprias mãos. Eu me recuso a me sentar e não fazer nada enquanto esse bastardo destrói nossas vidas — virou as costas para ela e caminhou.

Emilie sabia que ele falava sério. Estava escrito em seu rosto, na frieza de suas palavras. Mas Robert não era páreo para o poderoso Seigneur Richard, que tinha a habilidade de coletar homens e armas como uma abelha coleta pólen. Se algo acontecesse a Robert, ela seria a culpada. Ousaria arriscar perder ele e seu amor? Ela o estudou novamente. Dor, raiva e frustração se refletiam em seus olhos. Seu coração se amoleceu, pois o amava com devoção. Só ela poderia impedi-lo de agir precipitadamente. Só ela poderia mantê-lo seguro. Se devia sacrificar suas convicções para salvar a vida dele, então o faria. Já não tinham sofrido o suficiente? Emilie engoliu em seco. — Tudo bem. Irei ao padre amanhã. Eu vou agora, se quiser. Apenas, deve prometer não buscar vingança.

— Promete? — Robert parou de andar e a estudou, seus olhos esperançosos, sua voz hesitante.

Um súbito silêncio caiu sobre eles. Suas palavras pareceram aliviar a raiva de Robert e a encorajaram. — Sim, eu prometo — Emilie disse, seu tom mais suave.

— Graças a Deus! — Ada caiu para trás em sua cadeira se abanando e trocou um olhar compreensivo com Robert.

Uma sensação de insatisfação tomou conta de Emilie ao perceber que

Robert e sua mãe a haviam manipulado para consentir. No entanto, se ela não tivesse concordado em ir ao padre com ele, não tinha dúvidas de que Robert teria resolvido o problema por conta própria e agido de forma imprudente. — E em troca, me prometa que não vai causar nenhum problema.

— Tem certeza? Não mudará de ideia depois?

— Certo ou errado, eu te dei minha palavra e não vou retirá-la — ela ficou de braços cruzados. — Eu ainda não me sinto bem sobre isso. Deus me livre que algo dê errado quando formos ao padre.

— Tudo vai correr bem. Por que prevê o infortúnio? Deus sabe que não fizemos nada de errado. Não sabe até agora o quanto eu te amo? Não suporto perdê-la, especialmente para um demônio como o Seigneur Richard.

— Ah, Robert. Não há risco disso. É o único homem que eu quero. Prometa-me que não fará nada contra o Seigneur Richard.

Ele franziu os lábios e hesitou antes de responder. — Eu prometo. Tem minha palavra.

Emilie hesitou. — Mas ainda estou com raiva pela forma como forçou meu consentimento.

— No entanto, me deu sua palavra. — Ele sorriu e tocou sua bochecha. — E por isso, sou grato. Não pode me culpar por lutar pelo que é meu. Não posso ficar parado e permitir que o Seigneur Richard nos destrua.

— Não, não posso te culpar, — Emilie concordou. Ela entendia por que ele se sentia assim, mas ainda estava errado. No entanto, eles chegaram a um acordo e, embora não fosse totalmente do seu agrado, aceitou sua parte no trato.

— Eu deveria ir — Robert disse. — Preciso finalizar os planos para amanhã, quando formos ao padre, e já é tarde.

Emilie o acompanhou até a porta.

Ele levantou o queixo dela em sua mão. — Boa noite, meu amor.

Emilie tirou a mão dele e levou-a aos lábios. — Boa noite.

O tempo todo, seu olhar nunca deixou o dele. Emilie não gostou da vingança fria que viu queimando em seus olhos.



Ainda furioso com a partida do père Marc-Mathieu, Seigneur Richard andava de um lado para o outro em seu espaçoso salão, os saltos de seus sapatos de couro vermelho estalando contra o piso de madeira. Com a mão, ele deslizou o lenço de seda em volta do pescoço para frente e para trás com irritação. Retratos de seus ancestrais enfeitavam todas as paredes. Ele parou diante da figura de um de seus parentes, um militar que serviu com o rei Luís XIV, não apenas a ruína de seus inimigos, mas também de seus próprios soldados. De uniforme, ele olhou para Seigneur Richard com uma expressão sombria, como se o considerasse indigno. Seu cabelo curto estava ereto na testa. Bigodes afiados cobriam suas bochechas e queixo adunco. Sua mão direita pressionou seu lado e a esquerda agarrou o punho de sua espada.

O Seigneur Richard virou-se. Na parede oposta, estava pendurado o retrato de outro antepassado, um magistrado, o flagelo dos litigantes. Vestido com uma túnica preta forrada de zibelina e gola branca, o homem estava sentado em uma cadeira alta estofada com veludo carmesim. De aparência rica e hostil, parecia encará-lo com desconfiança.

À sua direita estava pendurada a pintura de uma matrona, o terror de suas criadas. Seu sorriso sardônico o acusou de fraqueza.

À sua esquerda, um abade, o pesadelo de seus frades, olhava-o com desdém.

Todos esses ancestrais tirânicos infligiram muito terror enquanto vivos. Suas semelhanças na tela inspiravam medo sempre que olhava para elas. Na presença desses parentes formidáveis, a vergonha e a raiva tomaram conta do Seigneur Richard. Um humilde padre jesuíta o havia acusado e insultado em sua própria casa. Agora ele não conseguia encontrar paz. O homem manchou sua honra, abalou sua confiança, e ele devia encontrar uma maneira de restaurar sua autoestima.

Com as mãos cruzadas atrás das costas, ele andava pela sala. Plano após plano de vingança contra o jesuíta veio à mente, mas rejeitou cada um deles como inadequado. As poucas palavras proféticas proferidas pelo padre o assombravam. O homem quase lançou uma maldição sobre ele. Uma bola de fogo de ira se enfureceu em seu estômago e a tensão apertou seu peito. Sua respiração tornou-se rápida, seu coração disparou. O desejo de restaurar sua dignidade queimava dentro dele. Precisava clarear a cabeça.

Frustrado, chamou um criado que entrou apressado na sala. — Peça desculpas aos meus convidados. Diga a eles que fui detido por negócios urgentes.

O servo saiu para fazer o que lhe foi ordenado, mas logo voltou. — Todos os homens lhe cumprimentam e se despedem.

— Meu primo, Pierre, também? — Seigneur Richard parou de andar.

— Sim, ele saiu com os outros cavalheiros.

Seigneur Richard sabia que deveria ter pedido a seu primo para ficar e amaldiçoou sua falta de previsão. — Mande selar meu cavalo. Convoque dois de meus homens para cavalgarem comigo e tragam meu casaco e chapéu.

De cabeça erguida, ele deixou sua mansão e cavalgou direto para o centro do assentamento, cercado por sua comitiva de homens armados com mosquetes. No crepúsculo, aldeões e habitantes o cumprimentaram enquanto ele partia. Não reconheceu ninguém. A reverência deles o agradou e confirmou que seu status permanecia imaculado. A homenagem deles restaurou sua confiança.

A imagem irritante do padre continuou a invadir seus pensamentos. Na tentativa de expulsá-los, o Seigneur Richard entrou numa casa de onde emanavam os inconfundíveis sons de uma festa. Todas as cabeças se viraram em sua direção e os convidados pararam de falar. O anfitrião correu nervosamente para apertar sua mão e convidá-lo a entrar. Os convidados o trataram com cordialidade, da maneira reservada para aqueles que são temidos. Sua auto importância disparou.

Ele voltou para casa mais tarde naquela noite. Seu primo, Pierre, havia retornado e agora o esperava. Juntos, eles se sentaram para uma refeição noturna. Conversaram sobre assuntos triviais até que os criados tiraram a mesa e saíram da sala.

— Acho que podemos dizer que perdeu nossa aposta. Quando vai me pagar? — Pierre empurrou a cadeira para trás e atravessou a sala até uma mesinha sobre a qual repousava uma garrafa de conhaque. Ele derramou um pouco do líquido âmbar em duas taças de prata antes de voltar para a mesa.

— Não tão rápido. Ainda dá tempo.

— Por que não admite que perdeu? Terá que pagar mais cedo ou mais tarde. Anos se passarão antes que ela...

O Seigneur Richard levantou a mão para detê-lo. — Os resultados de nossa aposta ainda não foram realizados.

Pierre balançou a cabeça enquanto girava seu conhaque. — Pode querer ganhar tempo, mas acredito que já ganhei. Na verdade, estou pronto para fazer outra aposta.

— O que é?

— Aposto que o padre o converteu.

Richard soltou uma risada. — Acho que precisa reduzir sua bebida esta noite. O álcool subiu à sua cabeça.

— Realmente convertido, primo, e eu, por minha vez, estou encantado. Que visão! Vê-lo penitente com os olhos baixos! E que triunfo para o padre jesuíta! Como ele deve ter voltado orgulhoso para seu convento. Não é o típico tipo de peixe que eles pegam todos os dias. Eles o usarão como exemplo e se gabarão a seu respeito por toda parte. Já posso ouvi-los. *‘Em uma pequena colônia na Nova França, vivia um cavalheiro dissoluto, um*

mulherengo pecador, que pôs os olhos em uma beldade inocente...

— Chega! — Seigneur Richard dispensou, meio divertido e meio irritado.

— Se quiser dobrar nossa aposta original, ficarei feliz em fazê-lo.

— De fato! Talvez, então, tenha conseguido converter o jesuíta?

— Não fale comigo sobre esse homem. E quanto à nossa aposta, logo saberá o resultado.

Pierre ergueu as sobrancelhas e se inclinou para a frente na cadeira. — O que está tramando agora?

— Paciência, Pierre. Tudo será revelado no final do ano, e nem um dia antes. — Seigneur Richard se recusou a responder a mais perguntas e mudou o tópico da conversa. Por enquanto, era melhor manter seus planos para si mesmo.



Seigneur Richard acordou antes do amanhecer sentindo-se confiante e seguro de si. Muito de sua ansiedade sobre a maldição meio murmurada do padre jesuíta havia desaparecido. Apenas uma profunda indignação permaneceu, mais intensa por causa da fraqueza que ele demonstrou diante do discurso do homem. Sua cavalgada triunfante pelo assentamento, com muitas saudações respeitosas e a generosa recepção na festa, ajudaram a restaurar seu espírito abalado.

Seus pensamentos vagaram para Emilie. Ele a notou pela primeira vez no primeiro de maio na obrigação do mastro, quando os moradores apareceram em sua porta para a celebração. Desde então, não conseguiu afastá-la de seus pensamentos. Ele conjurou uma visão dela em sua mente. Durante a salva de tiros de mosquete e a colocação da vara, ela ficou com a mãe e o moleiro atrás da multidão. Mais tarde, ela riu e dançou, as bochechas coradas e os olhos escuros brilhando enquanto as mulheres enfeitavam vistosamente o poste, um abeto com galhos cortados e casca descascada a poucos metros do topo. Os rapazes e donzelas dançaram ao redor dela, enquanto ele observava, seus olhos nunca vacilando em sua beleza. Mais tarde, quando convidou todo o grupo para um lanche dentro de casa, ele tentou falar com ela, mas o moleiro nunca saiu do lado dela. Quando a alegre companhia partiu, ele a observou se afastar, de braços dados com ele. O eco de mais tiros de mosquete voltou pelos vales enquanto eles se afastavam de sua vista. Naquele momento, ele sabia que tinha que tê-la para si. A alma dela havia tocado a dele e Richard sabia com certeza que ela estava destinada exclusivamente a ele.

Vestiu-se apressadamente e desceu. Depois de pedir a um dos criados que chamasse Thomas, sentou-se à mesa preparada, onde havia uma omelete e uma boa fatia de presunto e começou a comer.

Apenas Thomas poderia ajudá-lo. Thomas, o chefe de sua tripulação de homens, o único homem a quem ele atribuiu suas tarefas mais ousadas e perigosas. Richard confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa a seu serviço. Culpado de assassinato, Thomas procurou a proteção do senhor para escapar da perseguição. Richard o colocou em serviço e o protegeu do longo braço da lei. Em troca, o homem demonstrou sua lealdade envolvendo-se em qualquer coisa que lhe fosse exigida. A aquisição de Thomas foi significativa para Richard. Além de ser o mais corajoso de seus homens, Thomas era a prova de que poderia ser mais esperto que a lei e que engrandecia seu próprio poder aos olhos do povo.

Thomas entrou na sala e parou diante dele, alto e esguio, o rosto neutro com um olhar inabalável de seus penetrantes olhos verdes. Uma cicatriz feia em sua garganta apareceu acima da gola de sua camisa. Thomas nunca falou

sobre isso, mas era óbvio para o Seigneur Richard que a marca era o resultado de algum atentado contra sua vida.

— Eu tenho um trabalho para lhe oferecer — Seigneur Richard uniu os dedos enquanto se sentava atrás de sua mesa de mogno ornamentada, — um que provará seu valor.

— Nunca se dirá que Thomas se esquivou do comando de seu protetor.

— Há uma jovem chamada Emilie Basseaux.

— Já a vi antes.

— Quero que ela seja trazida para minha casa antes de amanhã. Pegue quantos homens precisar, use-os da maneira que achar melhor, mas não falhe. Acima de tudo, nenhum mal deve acontecer à garota.

— Talvez eu precise dar um susto nela para que não faça muito barulho. Não pode ser evitado.

Seigneur Richard ponderou sobre a sugestão e então ergueu os dedos. — Um pouco de medo é inevitável. No entanto, não prejudique nem mesmo um fio de cabelo em sua cabeça. Trate-a com o maior respeito. Entendeu-me?

— Não consigo arrancar uma flor do caule sem tocá-la um pouco. No entanto, não farei mais do que o necessário. Sobre isso, tem minha palavra.

— Certifique-se de não a machucar — Seigneur Richard repetiu e se inclinou para frente. — Como lidará com isso?

Thomas pensou por um momento. — É uma sorte que a casa dela esteja no final da vila. Os homens e eu precisaremos de um plano para nos esconder. Tem aquele prédio desabitado no meio do campo não muito longe de onde ela mora. Foi severamente danificado por um incêndio há algumas semanas; ninguém se apresentou para restaurá-lo, então está abandonado. Os aldeões são muito supersticiosos e é seguro presumir que eles nunca chegariam perto de lá à noite. Podemos nos esconder lá sem medo de ser descobertos.

— E então?

Thomas transmitiu o resto de seu plano e juntos planejaram uma maneira de acabar com toda a situação sem um traço de suspeita apontando em sua direção. O plano era brilhante. Imporia silêncio a Ada e encheria o moleiro de tanto medo que o impediria de recorrer à lei. Thomas levantou-se e virou-se para sair.

— Espere — Seigneur Richard gritou. — Se este tolo moleiro tentar impedi-lo, não me incomodará se lhe der algo para se lembrar de mim. Aabe, para que ele entenda que deve ficar de boca fechada. Mas não o provoque. Entendeu?

— Deixe tudo comigo — com uma inclinação de cabeça, Thomas saiu.



O sol mal havia nascido quando Emilie abriu a porta para Robert. Enquanto Robert e Ada discutiam os planos do casamento, Emilie servia o mingau que fervia sobre as brasas.

Enquanto comiam, revisaram o layout da reitoria, previram possíveis problemas e planejaram soluções para quaisquer obstáculos que pudessem encontrar. Emilie ouviu tudo sem dizer uma palavra, mas quando Robert e sua mãe olharam para ela concordando, abaixou a colher e prometeu fazer sua parte. A mãe deu-lhe um olhar de aprovação e Robert suspirou de alívio.

— Vai ver o Père Marc-Mathieu como ele pediu ontem à noite? — Ada perguntou a Robert.

— Não. Se eu fizer isso, ele vai antecipar alguma coisa. Se ele me questionar, posso revelar nossos planos por engano. Prefiro não arriscar. Além disso, tenho que ficar aqui para organizar as coisas. Melhor mandar outra pessoa.

— Meu sobrinho, Fabien, poderia ir — Ada sugeriu.

— Ele é uma boa escolha. — Robert se levantou e pegou seu chapéu. — Tenho alguns arranjos a fazer, mas voltarei em breve.

Depois que Robert saiu, Emilie seguiu a mãe pela rua. Quando Emilie bateu na porta do chalé caiado, sua tia Felice atendeu.

— Emilie, Ada, *bon jour*, — ela disse com um sorriso, enquanto se afastava da porta e enxugava as mãos com um pano.

Desde a mais tenra infância, Emilie sempre amou a bondosa irmã de seu pai. Ela olhou com apreço para a mulher alta, de constituição sólida, de seios amplos e um crescimento infeliz de cabelo no lábio superior. Seus olhos azuis brilhavam com energia acima de bochechas redondas e rosadas.

— Fabien pode vir me ajudar o dia inteiro? — Ada perguntou. — Tenho algumas tarefas para ele.

— Claro — tia Felice virou a cabeça em direção à cozinha. — Fabien, venha aqui! Sua voz retumbou no silêncio de sua pequena casa.

Fabien saltou por uma porta e parou ao lado de sua mãe.

Emilie sorriu. Alto para seus dez anos de idade, ele tinha a mesma disposição alegre de sua mãe; era uma criança trabalhadora e obediente e Emilie o amava por isso. Ela sorriu e bagunçou o cabelo dele, ansiosa para mostrar seu carinho. — Quer passar o dia conosco? Temos uma tarefa para que faça, em troca de um pouco de pão fresco.

Depois de uma breve carranca inicial, agradeceu-lhe ver o alegre rapaz acenar com a cabeça.

— Cuidado com sua tia e prima — tia Felice advertiu.

— Eu vou, mamãe — ele sorriu enquanto seguia Emilie e sua mãe para a

cozinha.

Emilie colocou o mingau em uma tigela e colocou diante dele. — Coma agora. Tenho que terminar minhas tarefas matinais. Quando eu terminar, dar-lhe-ei uma guloseima — ela o beijou na cabeça e saiu da sala, confiante de que ele tinha a capacidade de realizar a tarefa. Então não teriam que seguir com o plano tortuoso de enganar Père Jean para que os casasse. Aliás, ela faria de tudo para que assim fosse.



— Agora, para o recado que eu quero que execute — Ada disse quando Fabien terminou de comer. — Quero que vá ao convento jesuíta e peça para falar com o Père Marc-Mathieu. Ele lhe dará uma mensagem para que nos traga.

Fabien limpou a boca com um guardanapo, os lábios apertados em um pouco de mau humor. — Qual deles é o Père Marc-Mathieu?

— Ele é o de barba branca curta, aquele que eles chamam de Santo.

— Eu o conheço — Fabien respondeu. — Ele fala gentilmente com as crianças e às vezes nos dá fotos de santos.

— É ele. E se ele lhe pedir esperar, não se afaste. E certifique-se de não fugir e brincar com outros meninos no caminho até lá.

— Não vou, *ma tante*.

— Bom, seja prudente e quando voltar, esses dois pãezinhos são seus.

— Por que não me dá agora?

Por experiência, Ada sabia que se o fizesse, ele nunca completaria a tarefa. — Não, cuide do recado, então poderá ficar com eles. Posso até te dar mais um ou dois.

Uma batida soou na porta. Pensando que Robert poderia ter esquecido alguma coisa, Ada abriu a porta.

Um mendigo alto e magro vestindo um casaco cinza esfarrapado remendado nas mangas estava parado na soleira. Seus olhos verdes estreitados olharam para ela. Ela estremeceu ao ver a cicatriz feia, que se estendia por todo o comprimento de seu pescoço abaixo do pomo de Adão.

— Por favor, tem alguma coisa para um homem desamparado? — Seus olhos dispararam, como se ele procurasse por algo.

— Espere um momento — Ada não sabia se eram seus olhos inconstantes ou sua expressão taciturna, mas algo nele a perturbava. Na verdade, a presença dele a intimidava, e ela nunca havia se sentido assim por ninguém antes.

Ansiosa para se livrar dele, ela o deixou na porta e foi até a lareira onde vários pães descansavam em uma prateleira. Ela pegou um e se virou. O homem entrou na sala e ficou ao lado da mesa observando Fabien. Ela deveria ter fechado a porta para mantê-lo fora.

A princípio, Ada pretendia dar a ele apenas um pedaço do pão, mas agora, ansiosa para ver o fim dele, entregou a ele o pão inteiro. Ele largou o pão na bolsa de couro em sua cintura com indiferença.

Para sua consternação, ele não foi embora. Em vez disso, estudou cada canto da sala. — Mora aqui sozinha?

Horrorizada com sua impudência ousada, Ada planejou uma resposta. —

Não, moro aqui com meu marido e cinco filhos.

Suas sobrancelhas se franziram enquanto olhava para Fabien. — E qual é o seu nome?

Antes que Fabien pudesse responder, Ada interveio. — O nome dele é F-Nicholas. O nome dele é Nicolas.

— Que menino bonito — o homem estendeu a mão para mexer no cabelo do rapaz.

Fabien se esquivou de seu alcance.

— Tem bastante pão, madame. Parece que a seca não a afetou como afetou muitos outros na aldeia.

Graças à generosidade de Robert, ela e as outras mulheres do povoado haviam cozinhado para as comemorações do casamento. Com tudo o que aconteceu, ela ainda não teve a chance de compartilhar o excesso com seus vizinhos. Ela formulou outra mentira. — A comida não é nossa. É para meu primo que mora em um vilarejo a um dia de cavalgada daqui. Um parente distante meu morreu e estou esperando alguém chegar a qualquer momento para levar a comida para a família — ela cruzou os braços sobre o peito. — Agora, se não se importa, tenho muito que fazer. Bom dia.

O estranho deu mais uma olhada ao redor e então corajosamente foi até o outro lado da sala, próximo a porta que dava para os quartos e olhou ao redor.

— Onde está indo? — Ada pegou uma vassoura e se preparou para esmagá-lo com ela. Ele correu para a porta.

— Perdoe Madame — ele disse com submissão e humildade que contrastavam com as feições ferozes de seu rosto. Com uma ponta do chapéu, ele partiu.

— E não volte — Ada parou na porta e olhou para suas costas enquanto ele se afastava de sua vista. Seu peito arfava de raiva. Havia algo mais em sua aparência, talvez um motivo oculto. Mas o quê?

Ela fechou a porta e soltou um suspiro de alívio por ele ter ido embora. Por enquanto, ela tinha outras coisas em que pensar, então tentou tirar o homem da cabeça.

Agora que o homem se foi, ela considerou seguro, deu um beijo na bochecha de Fabien e o mandou a caminho da casa dos jesuítas.



Emilie voltou a entrar na cozinha pela porta dos fundos. Enquanto ela colocava sua cesta cheia de panelas lavadas, sua mãe lhe contou sobre o misterioso mendigo.

— Ele não pode ser um homem local, caso contrário, o teria reconhecido por aquela cicatriz. Eu me pergunto quem poderia ser — Emilie disse.

Mais tarde, um homem baixo e louro bateu à porta para pedir informações sobre o assentamento de Yamachiche. Então, Emilie notou outro homem andando de um lado para o outro, diminuindo o passo cada vez que passava na frente de sua casa. Uma vez, ele ainda teve a ousadia de espiar pela janela. Emilie fechou as persianas e trancou a porta da frente deixando sua pequena cabana na escuridão fria.

Por volta do meio-dia, as aparições alarmantes de estranhos cessaram. Emilie atravessou o pequeno quintal até a rua, olhou em volta e voltou para dentro. — Ainda bem que não tem ninguém lá fora — ela disse para a mãe.

Assombrada por uma inquietude indefinida, a coragem de Emilie esvaiu-se perante o confronto que se aproximava com o padre. Ela olhou para sua mãe, que havia ficado quieta. Emilie tentou, mas não conseguiu se livrar de sua inquietação crescente. Algo estava sob seus pés, mas o que era, ela não sabia.



De uma janela do andar inferior da mansão do Seigneur Richard, Etienne espiou por uma abertura nas cortinas e observou o retorno do grupo de homens.

Ele havia trabalhado para o Seigneur Richard por mais de vinte anos e sabia quase tudo o que acontecia sob este teto. Ele manteve os olhos em Thomas e dois outros homens que entraram na sala de jantar e fecharam a porta atrás deles. Protegido pela escuridão do corredor, Etienne escutou na porta. Se algum dos outros servos o descobrisse, poderia facilmente explicar sua presença. Como secretário particular do Seigneur Richard, era comum encontrá-lo por perto.

Os homens descreveram uma pequena casa e falaram de uma mãe e uma filha que moravam lá. Etienne tentou entender todas as inferências ambíguas. Logo, percebeu que eles estavam tramando algo. Por fim, obteve uma compreensão clara de seus planos. Eles iam sequestrar uma jovem e estava perto da hora de agir. Um pequeno grupo de homens do Seigneur Richard já havia deixado a casa para se esconder no prédio incendiado que ele os ouvira descrever.

Etienne sabia que arrojava um jogo perigoso ao espionar seu empregador, mas seu instinto lhe dizia que deveria fazer o que era certo e cumprir a promessa que fez ao père Marc-Mathieu na noite anterior. Durante anos, observou em silêncio enquanto o Seigneur Richard planejava suas obras malignas, e se cansara disso. Ultimamente, isso incomodava sua consciência e o impedia de dormir muitas noites.

Seja qual for o motivo do confronto entre seu mestre e o padre, sentiu que o padre estava certo e deveria fazer o que pudesse para evitar qualquer irregularidade. Sob o pretexto de ir visitar a irmã doente, correu ao convento jesuíta para contar ao padre tudo o que soubera.



Thomas enviou um ou dois homens de cada vez para a casa incendiada para que não chamassem a atenção para si mesmos. Antes de partir para lá pessoalmente, ele instruiu os dois últimos homens a trazerem uma pequena carroça puxada por cavalos com eles. Quando todos os homens se reuniram no casebre carbonizado, Thomas despachou três homens para a pequena estalagem. Ele ordenou que alguém ficasse na porta, observasse os movimentos na rua e anotasse quando todos os colonos se retirassem. Ele ordenou que os outros dois homens permanecessem dentro de casa, jogando e bebendo, como se estivessem se divertindo, enquanto observavam qualquer coisa incomum. Thomas esperou com os outros em emboscada.



O sol estava baixo no céu quando Emilie abriu a porta para Robert e o convidou a entrar.

— Denis e Gervaise estão esperando lá fora, — Robert disse. — Primeiro, vamos jantar na pousada e depois voltaremos para buscá-los quando tudo estiver pronto.

Emilie ficou imóvel, o nó no estômago desconfortável. Esperava que Fabien já tivesse retornado com notícias ou ajuda do père Marc-Mathieu. Ela engoliu sua decepção.

— Vamos, Emilie, tenha coragem.

Ela suspirou. — Sim, tenho bastante disso. Foi um dia incomum — ela contou a ele sobre os homens estranhos e suas visitas prolongadas ao longo do dia. — O que isso poderia significar? — Emilie agarrou os lados de seu vestido.

Robert balançou a cabeça. — Não sei, mas não podemos deixar isso nos parar. Quanto mais cedo nos casarmos, mais cedo estará segura — ele estendeu a mão e segurou o cotovelo dela.

As pernas de Emilie congelaram e ela não conseguia se mexer. Tudo estava definido, mas não conseguia colocar sua mente à vontade. A maneira como eles se casariam ainda irritava sua sensibilidade. Um mau pressentimento tomou conta dela.

Ele estudou seu rosto para entender sua hesitação. — Não mudou de ideia, mudou?

Ele parecia tão confiante, tão determinado, e no brilho de seus olhos, ela podia ver o quanto a amava e a desejava. Emilie balançou a cabeça e suspirou. — Eu lhe dei minha palavra de continuar com isso, mas não significa que eu tenha que gostar. Em meu coração, ainda acredito que é errado.

Ele pegou sua mão e deu um beijo nas costas dela antes de sair. — E é por causa da sua virtude que eu te amo tanto. Verá que é a coisa certa a fazer. Voltarei em breve, e então seremos marido e mulher. Tudo isso ficará para trás.

Emilie rezou para que ele estivesse certo, mas não conseguia parar a vibração em seu estômago ou os avisos mesquinhos que se infiltravam em seus pensamentos.



Denis e Gervaise seguiram Robert até a estalagem, mas encontraram a porta bloqueada por um homem que estava encostado em um dos batentes. Braços cruzados sobre o peito, ele ocupava metade de sua largura. Os olhos pequenos e parecidos com grifos do homem moviam-se para frente e para trás.

Quando Robert tentou entrar, o homem se recusou a se mexer. Determinado a evitar problemas, Robert não disse nada. Em vez disso, se virou de lado e, roçando no outro batente, abriu caminho. Denis e Gervaise passaram espremidos da mesma forma.

Uma vez lá dentro, Robert estudou dois homens sentados à mesa. Jogavam cartas e alternadamente serviam cerveja de um grande jarro colocado entre eles. Como o homem na porta, também os olharam da cabeça aos pés antes de olhar primeiro para seu companheiro e depois para o homem na porta, que retornou um leve aceno de cabeça em sua direção.

Desconfiado, Robert olhou para Denis e Gervaise para ver se eles haviam notado a troca, mas seus rostos famintos não indicavam nada além de um bom apetite.

O proprietário aproximou-se com uma toalha grosseira debaixo do braço, uma jarra de cerveja em uma das mãos e três canecos na outra. Ele os colocou em uma mesa vazia próxima.

Robert inclinou-se para ele. — Conhece aqueles homens?

— Homens do campo — o estalajadeiro deu de ombros e estendeu a toalha.

— Isso é tudo que sabe sobre eles? — Robert olhou fixamente para seu anfitrião.

— Isso é tudo que sei sobre eles — ele balançou a cabeça enquanto alisava o pano com as duas mãos. — Neste negócio, nunca se intrometa nos assuntos dos outros. Tudo o que me importa é se meus clientes vão me pagar. Quem são ou não são, não é da minha conta. Mas, venha agora! Trar-lhe-ei um prato de tourtière, como nunca provou.

Antes que Robert pudesse pronunciar outra palavra, o proprietário deixou cair o jarro sobre a mesa, virou-se e dirigiu-se à cozinha.



Enquanto o proprietário retirava o tourtière do forno, o homem que havia bloqueado a porta da estalagem surgiu por trás dele.

— Quem são aqueles três homens? — Ele perguntou em voz baixa.

— Homens da aldeia — o proprietário deu-lhe um olhar irritado por estar muito perto.

O homem se recusou a se mover e encontrou seu olhar.

O proprietário bufou e passou por cima do homem para pegar três pratos.

— Talvez não tenha me entendido da primeira vez — o tom do homem ficou mais agudo conforme se aproximava. — Quem são eles?

— Um se chama Robert, o moleiro de Pointe-du-Lac. O outro é um habitante chamado Denis. O terceiro homem é um simplório que come tudo o que eu ponho diante dele. Agora, se não se importa, estou ocupado — o proprietário cortou o tourtière e serviu três porções. Ele passou entre o fogão e seu interrogador e levou os pratos para a sala ao lado.



Quando o proprietário voltou, Robert o abordou. — Como sabe que eles são do interior se não sabe quem são ou se são honestos?

O proprietário largou os três pratos na mesa diante deles. — Eu conheço os homens por suas ações. Aqueles que bebem cerveja sem reclamar; os que jogam dinheiro no balcão sem tagarelar; aqueles que não brigam com outros clientes; aqueles que saem para dar um soco para que eu não seja arrastado para a briga deles. — Ele deu a Robert um olhar mais suave. — Em vez disso, concentre-se em encher sua barriga com este magnífico *tourtière* — então se retirou para a cozinha.

Mas Robert não conseguia desfrutar de sua comida. Os três homens e seu comportamento estranho o deixaram inquieto e quis ir embora. Ele apressou sua refeição com a esperança de que seus companheiros fizessem o mesmo.

— Estou feliz em vê-lo se casando — exclamou Gervaise, sua voz muito alta no quarto quase vazio.

Robert deu-lhe um olhar selvagem.

— Segure sua língua, estúpido — sibilou Denis enquanto dava um soco forte em seu irmão com o cotovelo.

O rosto de Gervaise ficou vermelho e ele olhou para a comida enquanto enfiava uma grande garfada na boca. A conversa entre eles durou até o final da refeição.

Robert não bebia cerveja e controlava a quantidade consumida por Denis e Gervaise. Ele os queria sóbrios para o que estava por vir. Quando terminaram de comer, Robert pagou a conta e eles se levantaram da mesa. Desde o momento em que entraram na pousada, os homens estranhos observaram cada movimento deles, e ele não gostou nem um pouco.

Robert e seus amigos deixaram a pousada. Ao redor deles, o mundo fervilhava de atividade. As mulheres chegavam dos campos, com os bebês nas costas e os filhos mais velhos a tiracolo. Os homens carregavam suas pás e enxadas nos ombros. Os comerciantes de peles conduziam cavalos cheios de peles. As portas se abriram e feixes brilhantes de luz faiscaram nas fogueiras que preparavam a refeição da noite. Na rua, os aldeões se cumprimentavam e comentavam tristemente sobre a escassez da colheita e a pobreza da época.

Enquanto se dirigiam para a casa de Emilie e Ada, Robert olhou para trás. Dois dos homens da estalagem os seguiam. Ele parou com os punhos dobrados e se virou para enfrentá-los.

Os homens pararam e falaram entre si com voz abafada.

Robert olhou fixamente para os estranhos até que eles se viraram e foram embora. Ele e seus amigos continuaram seu caminho na escuridão crescente. Quando chegaram à cabana, a noite já havia caído.



A ansiedade continuou atormentando Emilie enquanto ela lavava uma panela sem pensar. Sua mãe estava sentada à mesa olhando para o fogo. Fabien não tinha voltado da casa dos jesuítas. Onde poderia estar? Será que algo poderia ter acontecido com ele? Havia saído durante o dia, mas agora estava escuro e ele era um menino de dez anos. Ela se levantou para espiar pela janela, mas não viu sinal dele.

A cada momento que passava, Emilie ficava mais ansiosa até que o medo florescesse como ervas daninhas dentro dela. A apreensão tornou-se um obstáculo formidável, sua imaginação selvagem com visões de seu plano dando errado. Ela se arrependeu das promessas que fizera a Robert na noite anterior.

Uma batida soou na porta. A apreensão correu através dela. Nesse instante, teria sofrido tortura em vez de prosseguir com suas núpcias. Ela engoliu em seco e abriu a porta, rezando para que fosse Fabien.

De rosto sombrio, foi Robert quem a olhou. — É hora de ir.

Emilie abriu a boca para falar, mas não teve coragem nem tempo para protelar. Com um braço ligado ao da mãe e o outro ao de Robert, juntaram-se a Denis e Gervaise que esperaram e partiram. Teria sido mais rápido seguir a pista principal, mas, em vez disso, eles escolheram a rota mais longa porque menos pessoas a usavam. Depois de cortarem caminhos estreitos que corriam entre jardins e campos, chegaram à casa paroquial e separaram-se. Emilie se escondeu com Robert atrás de um canto da casa. Sua mãe ficou com eles, mas um pouco mais à frente para poder correr ao encontro de Rose. Denis e Gervaise avançaram e bateram três vezes na porta.

— Quem está aí? — Rose gritou depois de abrir a janela.

— Sou eu, Denis, com meu irmão, Gervaise. Viemos falar com o Père Jean.

— A essa hora? — Rose repreendeu e então começou a fechar a janela. — Volte amanhã.

— Não posso voltar amanhã. Juntei o dinheiro para saldar aquela pequena dívida que conhece — Denis enfiou a mão no bolso e tirou uma bolsa de couro que tilintava quando ele a sacudia. — Mas se eu não puder pagar esta noite, não importa. Tenho uma necessidade mais urgente do dinheiro. Voltarei quando tiver coletado a quantia novamente.

— Espere! Eu vou contar a père Jean — ela franziu a testa. — Por que veio tão tarde?

— Se quiser marcar outra hora, não tenho objeções, mas estou aqui agora, e se o bom padre não quiser me ver, eu irei.

— Não, espere um momento. Voltarei com a resposta em breve — Rose

fechou a janela com força.

Ada virou-se para Emilie. — Tenha coragem — ela sussurrou. — Em breve estará casada e tudo estará acabado.

A garganta de Emilie estava tão seca, seu corpo tão tenso, ela não conseguia responder. Ela lutou contra o desejo de fugir enquanto observava sua mãe se apressar na escuridão e se juntar a Denis e Gervaise na porta.



Rose encontrou père Jean em seu escritório no segundo andar lendo um livro à luz de velas. — Perdoe-me por incomodá-lo, Père Jean, mas Denis está aqui com seu irmão para vê-lo.

— Agora? A esta hora! — Père Jean olhou para cima com uma carranca.
— Não disse a ele que estou doente?

Rose descansou as duas mãos nos quadris. — Sim, sim, mas ele espera na porta e insiste em pagar a dívida.

— Ah, bem. Mande-o subir.

Ela saiu da sala, balançando a cabeça. O homem podia ser irritante às vezes. O que faria sem ela para cuidar de seus negócios? Ela desceu as escadas arrastando os pés, mas quando voltou para a porta da frente, os dois homens não estavam mais lá. — Denis, está aí? — ela gritou.

Os dois irmãos saíram de trás da porta. Para sua surpresa, Ada Basseaux agora estava com eles.

— Boa noite, Rose — Ada cumprimentou-a com um sorriso.

— Ada! Estou surpresa em vê-la. De onde veio a esta hora?

— Estou voltando do assentamento em Baie-Jolie. Eu me atrasei por causa de um assunto que a preocupa.

— Eu? — as sobranceiras de Rose se juntaram. — Sobre o quê?

Ada balançou a cabeça e dirigiu os olhos para Denis e Gervaise.

Rose entendeu que Ada não queria falar na frente deles. O que quer que Ada quisesse dizer a ela devia ser importante, algum tipo de segredo, e Rose adorava boatos. Isso trouxe alívio para sua vida triste. Ela sorriu para os dois irmãos. — Vão para dentro. Estarei com o dois em breve.

Ada esperou que os homens entrassem na casa, então se aproximou e sussurrou no ouvido de Rose. — Uma mulher fofoqueira, que não sabe nada a seu respeito, está dizendo que não se casou com Gilbert Coderre ou Serge Langevin porque eles não a queriam! Eu insisti que os recusou.

A boca de Rose caiu aberta. Ela se afastou e olhou para Ada. — Quem é a mulher de língua falsa que ousa dizer tal coisa?

Ada ergueu as duas mãos e balançou a cabeça. — Não quero causar problemas.

— Eu tenho que saber por que é mentira.

— Bem, se eu soubesse de todos os fatos, poderia ter conseguido calá-la.

— É uma mentira completa. — Rose ouviu alguns sussurros atrás dela. Ela se virou para onde Denis e seu irmão ainda esperavam no hall de entrada. — Suba as escadas. Père Jean o espera em seu escritório — ela os enxotou com um movimento de seus braços.

Denis deu de ombros e recuou para a escuridão da entrada.

Satisfeita, Rose voltou-se para Ada.

— Vamos para onde possamos falar em particular. — Ada fez sinal para Rose segui-la até um pequeno campo além das duas casas no final da estrada. Quando elas não podiam mais ver a reitoria, Ada experimentou um súbito acesso de tosse forte.

Rose bateu nas costas de Ada até que diminuísse e esperou que se recuperasse o suficiente para contar a ela sobre as mentiras que aquela mulher desconhecida estava espalhando.



Esse era o sinal! Cada músculo do corpo de Emilie se contraiu quando ouviu a tosse de sua mãe. A apreensão tomou conta dela, mas Robert a puxou ao longo do perímetro da reitoria até chegarem à porta da frente. Ele a abriu e a deixou entrar primeiro.

Dentro do hall de entrada mal iluminado, Denis e Gervaise esperavam por eles ao pé da escada. Tudo estava quieto. Robert subiu a escada à frente, tomando o cuidado de pisar na ponta de cada degrau para evitar rangidos desnecessários. Quando chegaram ao patamar superior, uma luz suave escapou por baixo de uma das portas. Os irmãos avançaram para a porta enquanto Emilie esperava com Robert fora de vista.

— Que Deus o abençoe, Père Jean — Denis gritou enquanto batia na porta.

— Entre! — respondeu Père Jean.

Emilie agarrou a mão de Robert e observou Denis abrir a porta o suficiente para ele e Gervaise entrarem. Como pré-determinado, ele deixou entreaberto para ela e Robert ouvirem a deixa para entrar.

A luz da lâmpada de dentro brilhou em Emilie. Ela prendeu a respiração, com medo de ser descoberta. Oh, como ela desejava estar em qualquer lugar menos aqui, mas havia dado sua palavra a Robert. O suor umedecia suas mãos e roupas. Com o coração batendo mais rápido, agarrou o braço de Robert e esperou.

De onde ela estava, podia ver e ouvir tudo. Père Jean, vestido com sua batina, estava sentado em uma velha poltrona perto de uma janela. Ele tirou os óculos e os colocou sobre o livro em seu colo. Uma grande escrivaninha espalhada com uma lanterna de vela e uma bandeja com tinta e pena descansava contra a parede oposta à janela. Ao lado, um longo corredor bordado cobria o tampo de um grande armário de madeira. A luz das velas projetava sombras dançantes nas cortinas de brocado.

— Peço desculpas por vir tão tarde — Denis disse.

Père Jean cruzou as mãos sobre o peito. — Certamente é tarde, e em mais de uma maneira. Não sabia que estou doente e não estou recebendo visitas? — ele olhou para Denis, que permaneceu inexpressivo e silencioso. — A dívida que tem comigo deveria ter sido paga há muito tempo.

— Sinto muito, mas os tempos têm sido difíceis.

O padre olhou para Gervaise e se voltou para Denis. — Por que trouxe seu irmão?

— Só para companhia, padre — Denis deu tapinhas nas costas do irmão.

— Muito bem.

Denis tirou uma bolsa de couro do bolso e a entregou ao Père Jean. — Aqui está todo o dinheiro que lhe devo.

Père Jean pôs os óculos, abriu a bolsa e retirou um punhado de moedas. Ele ofegou e olhou para cima.

— Tudo em guinéus ingleses dourados — não os cartões de dinheiro franceses sem valor que têm circulado — disse Denis.

Père Jean contou cada moeda, esfregando cada uma entre o polegar e o indicador.

— Agora, por favor, devolva o colar de minha esposa para mim.

— Sim, claro — Père Jean pegou uma chave de cima do armário e abriu uma das portas o suficiente para retirar uma pequena bolsa de couro da qual tirou o colar. — É este, correto?

Denis assentiu. — Agora, por favor, registre a transação.

As sobrancelhas do père Jean se ergueram. — Não confia em mim?

— Claro que confio. Mas como meu nome está escrito em seu livro negro do lado do devedor, devo agora pedir-lhe que tome nota de que a dívida foi paga.

O padre murmurou enquanto puxava a primeira gaveta de sua escrivaninha e tateava até remover um livro negro e alguns papéis, que deixou cair sobre a escrivaninha. Ele pegou sua pena de ganso, mergulhou-a na tinta e rabiscou uma anotação rápida no livro. Em outro pedaço de papel, escreveu um recibo.

O suor frio umedeceu a testa de Emilie quando viu Denis e Gervaise se colocarem diante da escrivaninha, escondendo assim a porta da vista do Père Jean. Então ela ouviu o sinal deles, dois passos arrastados e duas batidas de pés nas tábuas do assoalho. Robert deu um aperto forte na mão de Emilie e a levou para a sala. Cada instinto que possuía gritava para voltar e fugir, mas seu senso de honra a mantinha tensa. Nunca quebraria uma promessa e prendeu a respiração quando eles pararam atrás de Denis e Gervaise.

De cabeça baixa, père Jean acabou de escrever e leu o recibo sem levantar os olhos. Tirou os óculos, soprou a tinta para secar e entregou o papel a Denis. — Está contente agora?

Quando Denis o pegou na mão direita, tanto ele quanto Gervaise deram um passo para o lado. Com Robert ao seu lado, Emilie agora estava cara a cara com o Père Jean.

— Na presença dessas testemunhas, esta é minha esposa — Robert falou em voz alta e clara, enunciando a última parte de sua declaração.

As sobrancelhas do père Jean franziram em confusão. Então sua boca se abriu e seu rosto se contorceu em alarme. O olhar perplexo em seu rosto se transformou em um de raiva.

Com o coração disparado, Emilie abriu a boca, mas antes que pudesse pronunciar sua parte, père Jean se levantou. Com um movimento do braço, ele atirou da escrivaninha a lanterna, o livro, as canetas e o tinteiro. Ele arrancou o pano de cima do armário, deu a volta na escrivaninha e avançou na direção de Emilie.

— E este é Robert — Emilie começou, sua voz estridente, vacilando com alarme.

Père Jean jogou o pano sobre a cabeça dela para calá-la.

— Rose! — o padre berrou como um touro ferido. — Rose! Traição! Socorro!

Em pânico, quanto mais Emilie lutava para tirar o pano da cabeça, mais se enroscava nele. Ela sentiu outro par de mãos agarrando o pano e Robert conseguiu arrancá-lo. Père Jean passou por ela e fugiu para o corredor escuro. Emilie ouviu uma porta bater e o clique de uma fechadura. A vela da lanterna virada para cima no chão queimou quando Robert correu para o corredor e começou a chutar a porta atrás da qual o padre havia se entrincheirado. — Abra esta porta, Père Jean!

De trás vinham os gritos abafados do père Jean pedindo socorro.

Sem saber o que fazer, Emilie também correu para o corredor. — Vamos, Robert, por favor — ela deveria ter confiado em seus instintos e nunca ter vindo. Agora era tarde demais. Ah, o que eles fizeram?



Père Jean escancarou a janela do quarto de hóspedes e gritou por socorro. O luar projetava longas sombras escuras da igreja, do outro lado da rua, até a casa onde o capitão da milícia paroquial escancarou uma janela e colocou a cabeça para fora. — Qual é o problema?

— Yves, me ajude! Tem gente na minha casa! — Père Jean gritou.

— Estou indo! — respondeu o capitão que encolheu a cabeça e fechou a janela com força.

Alguns momentos depois, père Jean observou Yves sair de casa vestindo apenas um banyan desamarrado que esvoaçava sobre sua camisa larga e calças e disparou para dentro da igreja. Em instantes, o frenético repicar dos sinos da igreja cortou a noite silenciosa. Père Jean benzeu-se e sussurrou uma oração. Levou alguns momentos para entender o que estava acontecendo. Ele tinha ouvido falar daquela velha lei canônica sendo usada contra padres inocentes. Graças a Deus tinha seu juízo sobre ele e os deteve antes que fosse tarde demais. Sua vida teria acabado se ele não tivesse impedido Emilie de completar seu discurso. Agora toda Pointe-du-Lac viria em seu auxílio.



Thomas colocou seu plano em ação e vestiu as mesmas roupas esfarrapadas que usara no início do dia. Depois de pegar uma lanterna e um pequeno isqueiro, ele e seus homens desceram a rua até a cabana das mulheres. Seu coração disparou com antecipação, como sempre acontecia antes de uma de suas missões. Confiante em seu plano bem pensado, esperava uma conclusão bem-sucedida e talvez receber algum tipo de bônus do Seigneur Richard. Na verdade, ele insistiria nisso.

Uma vez lá, Thomas ordenou que seus homens esperassem do lado de fora enquanto entrava sozinho para explorar. Ele espiou por cima da sebe para o quintal. A casa escura parecia deserta. Chamando seus homens para frente, ele abriu o portão e gesticulou para que se escondessem atrás de um grande bordo. Ele bateu na porta da frente e esperou. Quando ninguém respondeu, tentou girar a maçaneta, mas estava trancada. Puxando a faca do maço escondido em sua cintura, ele pegou, puxou e espreitou até ouvi-la estalar. A porta se abriu. Nenhum som veio de dentro. Com um braço erguido, gesticulou para que seus homens avançassem e então enfiou a faca de volta na bainha, escondendo-a com a aba de seu casaco.

Thomas entrou na mesma sala que havia feito o reconhecimento antes, acendeu a lanterna e caminhou furtivamente para os fundos da casa. Tudo estava quieto. Uma tábua do assoalho abaixo dele rangeu. Ele fez uma pausa, xingando. Nada aconteceu. Quando considerou seguro, continuou ao longo do corredor. Ele havia invadido casas muitas vezes antes e, como resultado, pisava suavemente, como um puma perseguindo sua presa. Vários anos atrás, ele se lembrava de invadir outra casa, mas acabou mal quando o homem da casa acordou inesperadamente e Thomas foi forçado a matá-lo. Desta vez, com duas mulheres solitárias como alvos, ele não previu problemas.

Na cozinha, uma porta nos fundos o conduzia a um corredor estreito com duas portas opostas uma à outra. Ele encostou o ouvido na porta à direita e escutou. Nenhum ronco ou respiração vinha de dentro. Erguendo a lanterna com o cotovelo, Thomas abriu um pouco mais a porta. A sala estava em completa escuridão. Dentro havia uma cama bem arrumada e uma cômoda. Ele deu de ombros e rastejou até a outra porta, escutando. Esta sala também estava vazia. Uma onda de raiva o percorreu. Onde estavam as mulheres? Os homens vasculharam a casa inteira, bisbilhotando os cantos de cada cômodo.

Um dos homens que Thomas havia deixado do lado de fora para ficar de guarda invadiu a casa. — Saia! Alguém está vindo!



Fabien correu para a cabana de sua tia. Ele passou a maior parte do dia esperando pelo père Marc-Mathieu, que deliberou com outro padre a portas fechadas. Enquanto ele esperava no corredor do lado de fora, um homem idoso foi autorizado a entrar antes dele. Antes que a porta se fechasse, ouviu o Père Marc-Mathieu chamar o homem de Etienne, mas Fabien não sabia quem era Etienne ou de onde vinha. Os dois ficaram muito tempo na sala e Fabien continuou esperando, a promessa dos pãezinhos da tia sempre presente em sua mente. Finalmente, o père Marc-Mathieu saiu e o instruiu a ir até Emilie e Ada e trazê-las para a casa dos jesuítas o mais rápido possível. Fabien não entendia por que, mas sabia que devia estar de alguma forma relacionado com Etienne. Ele correu a maior parte do caminho desde o convento no escuro, atendendo à urgência que sentiu do padre.

Ao chegar, encontrou a casa de sua tia em completa escuridão. Ele passou correndo pelas sebes até a porta da frente. A fechadura estava quebrada e a porta entreaberta. Gotas de suor se formaram em seus lábios e testa. Algo estava errado, mas ele não sabia o quê. Cautelosamente, entrou. — *Tante?* — ele gritou. — Emilie?

Mãos ásperas agarraram seus dois braços. — Cale a boca ou vai morrer — uma voz rouca rosnou.

Fabien soltou um grito estridente. Durante toda a sua vida ele temeu os terrores do escuro – mãos invisíveis estendendo-se e agarrando-o. Agora esses pesadelos se tornaram uma realidade absoluta. O terror o possuiu. As mãos pressionaram uma lâmina de metal frio contra seu pescoço. Ele tremeu como uma folha e mordeu o lábio para não gritar de novo. De repente, o toque dos sinos da igreja cortou o ar. O vilão diminuiu seu aperto e Fabien pisou no pé do homem. O ladino soltou seu aperto. Em pânico, Fabien fugiu de casa em direção ao repicar dos sinos.



Thomas amaldiçoou enquanto disparava para fora da casa. O que tinha acontecido? Como sua missão deu errado? Seus planos nunca falharam. Se ele encontrasse a pessoa que havia frustrado seus planos, o mataria com as próprias mãos. Em sua pressa enquanto corria pela estrada escura seu pé pousou em uma pedra, torceu e ele tropeçou, caindo para a frente com força. A dor queimava seu tornozelo enquanto tentava se levantar. Seus homens vieram por trás, cercaram-no e arrastaram-no enquanto disparavam noite adentro, o badalar dos sinos acrescentando urgência à fuga.



No campo escuro, Rose ouviu o que Ada lhe disse, mas lutou para acreditar. Como uma mulher que ela não conhecia, de um povoado onde nunca esteve, espalhou mentiras tão maldosas sobre ela? Não fazia sentido. A dúvida invadiu seus pensamentos. Ada estava mentindo e, se sim, por que faria uma coisa dessas?

Rose se cansou da conversa porque Ada repetia os mesmos fatos sem parar. A mulher não poderia acrescentar nenhuma informação nova, não importando quantas perguntas fizesse a ela. Rose decidiu que já estava farta. — Oh, não — ela deu um tapa na testa com a mão. — Deixei a porta da frente da reitoria escancarada. E Gervaise e seu irmão ainda estão esperando. Devo voltar para a reitoria.

Ada deu a ela um olhar estranho, quase relutante, mas seguiu. Ela parecia distraída e andava irritantemente devagar. De repente, os sinos da igreja dobraram, frenéticos e urgentes contra a quietude da noite. — Misericórdia! O que aconteceu?

Quando ela estava prestes a voltar correndo para a reitoria, Ada agarrou seu vestido e puxou-a para trás. — Espere!

Rose lutou para se libertar. — Deixe-me ir. Pode ser père Jean quem está tocando a campainha.

— Espere — Ada agarrou Rose pelo braço.

O barulho continuou e Rose sabia que algo estava errado. — Deixe-me ir!

Rose empurrou Ada para longe e correu para a reitoria. Quando colocou a mão no trinco da porta, ela se abriu. Lá dentro estavam Denis, Gervaise, Robert e uma Emilie pálida.

— O que estão fazendo aqui? O que aconteceu? — Rose gritou para eles.

Eles passaram por ela sem uma palavra de explicação.

Algo havia acontecido, ela sabia disso. Rose correu para dentro e subiu as escadas.



Com o coração na garganta, Emilie correu atrás de Robert para onde sua mãe andava roendo uma unha. — Aí estão os dois! Como foi? Por que os sinos estão tocando?

— Não há tempo para explicações. Depressa, temos que chegar em casa — Robert apertou ainda mais o braço dela, agarrou Ada com o outro e correu, arrastando as duas atrás de si.

Alguém correu para eles na escuridão chamando seu nome. Fabien mal podia respirar quando parou diante deles. — Tem que vir comigo. Père Marc-Mathieu diz que deve ir até ele.

— O que há de errado? — Emilie lutou para recuperar o fôlego.

— Há homens maus em sua casa — o peito de Fabien arfou. — Eu os vi. Eles tentaram me matar. Père Marc-Mathieu disse que eles também querem matá-la. — Ele olhou para Robert. — Especialmente Robert. Depressa, devemos ir agora.

As feições de Robert se contorceram e sua boca se abriu. — É melhor fazermos o que Fabien diz — o medo na voz dele combinava com o dela.

Os sinos continuaram a dobrar freneticamente; um som sinistro e maligno em vez do toque harmônico que Emilie imaginou depois de seu casamento. Pior ainda, agora que haviam falhado em sua tentativa, cada toque parecia gritar seu engano, sua tentativa vergonhosa de enganar um padre para que os casasse. Cheia de culpa, ela fugiu com Robert e sua mãe. Eles viraram no primeiro caminho que encontraram e correram pelos campos recém-arados.



Yves continuou a puxar a corda do sino até que um grupo de homens se reuniu na alameda em frente à igreja. — Depressa, há problemas na casa do Père Jean.

Ele guiou os homens pelo caminho até a porta da frente da casa paroquial. Estava fechado e trancado. Tudo parecia quieto. Ele recuou e olhou para cima. As venezianas das janelas também foram fechadas. Ele não podia ver nenhuma luz nem ouvir nenhum som de dentro, então juntou as mãos e gritou. — Père Jean!

Uma das persianas do andar de cima se abriu. Père Jean e sua governanta colocaram suas cabeças para fora e olharam para baixo.

— O que aconteceu? — ele gritou para eles. — Está em perigo?

— Estamos bem, o problema passou. Não há ninguém aqui. Obrigado a todos. Por favor, vão para casa agora. Peço desculpas por tê-los acordado. — Père Jean fez o sinal da cruz sobre eles em bênção.

— Mas o que aconteceu? — Yves franziu a testa e passou as mãos pelos cabelos em frustração. — Gritou por socorro. Quem estava aqui e o que eles queriam?

— Algumas pessoas estavam me incomodando, mas já foram embora. Por favor, vá para casa. O perigo é passado. Agradeço sua gentileza — o padre recuou e fechou a janela.

Yves assistiu com consternação enquanto a multidão se dispersava. Nesse momento, um homem irrompeu no meio da multidão. Yves o reconheceu como um homem que morava na casa ao lado de Ada e Emilie Basseaux.

— Eu vi um grupo de homens armados na casa de Ada Basseaux. Eles cercaram um pobre mendigo que jazia no chão. O pobre homem mancava enquanto o arrastavam pela rua. Acho que vão matá-lo.

— Quantos homens havia? — Yves perguntou.

O homem deu de ombros. — Estava escuro. Sete ou oito talvez.

Yves apontou para um homem idoso. — Toque os sinos novamente. Diga a qualquer um que venha me encontrar na casa dos Basseaux. O resto, sigam-me.

Quando chegaram à casa de Ada e Emilie, Yves encontrou a porta aberta e a fechadura quebrada. Ele e vários homens revistaram a casa, mas os invasores já tinham ido embora. Não havia sinal de mendigo em parte alguma. Pior ainda, nem Ada nem Emilie estavam lá. Ele saiu da cabana balançando a cabeça. — Não há ninguém lá dentro.

A multidão de homens emitiu um suspiro coletivo de indignação.

— Onde estão as mulheres? Temos que encontrar os desgraçados que as levaram! — um disse.

— Isso é um crime hediondo, uma vergonha para a vila! — gritou outro.

— Que tipo de pessoa faria isso com um pobre mendigo e duas mulheres indefesas? — exclamou outra pessoa.

Os homens erguiam os punhos com raiva e trocavam olhares de medo uns com os outros.

— Ada e Emilie estão a salvo em outra casa — veio um grito do fundo da multidão. — Não há sinal dos saqueadores e não há com o que se preocupar. Tudo está bem. Todos podem ir para casa agora.

Yves examinou os rostos dos homens à sua frente, mas não conseguiu identificar o homem que havia falado. Mas teve um efeito instantâneo e todos foram embora. — Voltem. Não assumam nada. Devemos fazer mais investigações.

Era tarde demais. Nenhum homem permaneceu.



Fabien abriu caminho enquanto Robert meio que arrastava Emilie e sua mãe. Ocasionalmente, Emilie olhava para trás para ver se alguém os seguia, mas o caminho permanecia deserto. O toque febril da campainha aumentou seus medos. O som os perseguia — acusatório e cada vez mais ameaçador a cada passo.

Assim que chegaram a um campo deserto, o toque cessou. Mas o silêncio a perturbou tanto quanto o toque. Robert parou e permitiu que recuperassem o fôlego.

Emilie olhou para a mãe que ofegava, curvada, as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Ela olhou primeiro para Robert e depois para Fabien. — O que aconteceu?

Emilie deixou Robert explicar sua tentativa fracassada com Père Jean.

— *Mon Dieu*, que desgraça. Sinto muito por ter falhado.

Emilie encarou o primo. — E o que tem a dizer, Fabien?

Fabien repetiu o pedido urgente do Père Marc-Mathieu e descreveu o terrível ataque contra ele em sua casa.

Emilie pegou o primo nos braços. — Eu nunca me perdoaria se algo lhe acontecesse. Père Marc-Mathieu estava certo em nos chamar. Ele sabe que estamos em grave perigo.

Robert trocou um olhar temeroso com ela. Ele colocou as mãos nos ombros de Fabien. — Foi nosso anjo da guarda esta noite. Lamento que tenha sofrido tanto perigo por nossa causa.

— Minha mãe deve estar preocupada comigo. Preciso ir para casa — Fabien disse.

— Sozinho? — Emilie ofegou. — Não, é muito perigoso. Voltaremos contigo.

Robert a deteve. — Não podemos voltar.

— Ficarei fora das estradas principais — Fabien assegurou. — Por favor, não se preocupe.

— É melhor o rapaz ir para casa — disse Robert. — Eles estão atrás de nós, não dele. Eles o abordaram porque interrompeu a emboscada na casa.

Ada hesitou, abraçou Fabien e beijou-o na testa. — Talvez seja melhor que vá para casa sozinho. Trarei uma fornada inteira de pãezinhos doces quando — sorriu para ele e acariciou sua bochecha.

Robert deixou cair um punhado de moedas na palma da mão de Fabien. — Não conte a ninguém sobre a mensagem que nos trouxe do Père Marc-Mathieu e não conte a ninguém para onde fomos. Tome cuidado enquanto avança.

Fabien assentiu.

Emilie o abraçou e beijou. — Tenha cuidado.

Fabien se virou e se afastou.

— Venha, temos que ir — Robert insistiu com um aceno de mão.

Preocupação enrugou a testa de Ada. — Minha casa! Eu gostaria de saber o que aconteceu com ela, ou se algo está faltando.

Robert balançou a cabeça. — Não há nada que possamos fazer sobre isso agora, mas tenho certeza de que alguém cuidará disso.

— Tia Felice verificará assim que Fabien voltar para casa — Emilie se retirou para seus pensamentos enquanto caminhavam pela noite. Por que alguém queria matá-los? O Seigneur Richard foi a causa de tudo isso? Se ao menos ela pudesse ter convencido Robert e sua mãe a esperar pela resposta do père Marc-Mathieu, as coisas poderiam ter sido diferentes e eles não estariam em perigo. Tantas perguntas sem respostas, mas Emilie tinha certeza de que o père Marc-Mathieu sabia de alguma coisa.

Em pouco tempo, viram a luz do convento jesuíta com sua capela anexa e fazenda ao redor.

Robert avançou até a porta da capela e a abriu. Quando ela entrou, Emilie olhou em volta. O luar caiu sobre o rosto ansioso e a barba prateada do père Marc-Mathieu, que estava sentado em uma cadeira perto da entrada.

— Deus seja louvado! — ele se levantou e acenou para que entrassem.

Padre Nicholas estava ao lado dele com uma carranca.

— Padre Nicholas se ofereceu para ficar de vigília comigo. Ele teve a gentileza de manter as portas abertas para recebê-lo a essa hora tardia.

Depois que sua mãe entrou, o père Marc-Mathieu fechou a porta atrás deles.

— Isso é muito irregular — Padre Nicholas olhou para Emilie e depois para sua mãe. Ele torceu as mãos e balançou a cabeça. — Ter mulheres à noite em nossa capela. Nossas regras proíbem isso!

— Se estivéssemos lidando com um ladrão, não usaria tal argumento — repreendeu Père Marc-Mathieu. — Esta pobre criança é um inocente escapando das garras de um lobo. Ela, a mãe e o noivo podem estar em grave perigo. É nosso dever ajudá-los, não importa a hora. Deve confiar em mim.

Emilie desviou o olhar em desconforto enquanto sua mãe olhava para Padre Nicholas com um rosto de pedra.

O Père Marc-Mathieu conduziu-os à nave e convidou-os a sentarem-se num banco de madeira perto da frente. Ele acendeu as velas de cada lado do altar.

Na penumbra da pequena capela, Emilie estudou os arredores. Um corredor estreito separava dez fileiras de bancos de madeira de cada lado da pequena igreja. Placas de madeira representando as Estações da Via Sacra penduradas uniformemente espaçadas ao redor das paredes do perímetro. Mais importante, uma sensação de paz envolveu Emilie, e ela ficou grata pela trégua.

Père Marc-Mathieu olhou para Emilie. — Parece cansada. A fadiga lança

sombras escuras sob seus olhos. Nenhuma futura noiva deveria ter que suportar tamanha ansiedade.

Com as palavras simpáticas, um nó se formou na garganta de Emilie. E culpa também pela tentativa fracassada de se casar. Ela se sentiu suja diante desse homem bom e honesto.

— Louvado seja Deus, chegou aqui com segurança — Père Marc-Mathieu disse. — Estou feliz que veio tão rápido depois que Fabien levou minha mensagem. Está em grave perigo e Pointe-du-Lac não é mais segura. Seigneur Richard planeja sequestrá-la — ele se virou para dar a Robert um olhar penetrante. — Não se entregue ao rancor. Tenha certeza de que chegará o dia em que se sentirá feliz por isso ter acontecido.

Emilie olhou para Robert, que não disse uma palavra sobre os acontecimentos da noite e evitou o contato visual com o père Marc-Mathieu. O remorso a consumiu enquanto se retirava para o silêncio. Agora poderia adicionar a mentira aos seus pecados. Ela deveria ter parado com tudo isso quando teve a chance, e porque não o fez, agora suas vidas estavam um caos.

— *Bon* — Père Marc-Mathieu disse com alívio. — Deve ficar fora das estradas principais. A partir daqui, vá até o pequeno cais na margem do Lago Saint Pierre. Um barco ao esperará. Diga ‘barco’. Alguém perguntará ‘*Para quem?*’. Deve responder ‘*Pointe-du-Lac*’. O barco os levará para o leste ao longo do rio Saint Lawrence até Trois-Riviere. Lá encontrarão uma carruagem que os levará direto para seu destino em Québec — ele estendeu a mão.

Robert jogou ao Père Marc-Mathieu as chaves do moinho senhorial. Ada soltou um suspiro de alívio quando entregou a dela, mas Emilie deu-lhe um olhar para impedi-la de dizer qualquer coisa. Ela sabia que sua mãe estava preocupada com a fechadura quebrada e os bandidos que estavam dentro de casa. Felizmente, sua mãe não discutiu.

— Antes de irem, vamos rezar juntos — Père Marc-Mathieu os conduziu ao altar e eles se ajoelharam.

— Senhor, por favor, mantenha Robert, Emilie e Ada seguros. Também rezamos pelo Seigneur Richard, o infeliz que nos trouxe a este estado.

Robert ergueu a cabeça e olhou para o padre com uma expressão de descrença no rosto.

Père Marc-Mathieu o ignorou e continuou suas intensas orações. — Tenha piedade dele. Toca-lhe o coração e reconcilia-o contigo — fez o sinal da cruz e levantou-se apressado. — Venham, não têm tempo a perder. Que Deus os proteja e defenda.

— Obrigada, *mon prêtre* — Emilie sussurrou enquanto segurava as mãos do padre e as beijava.

— Meu coração me diz que nos encontraremos novamente — Père Marc-Mathieu retirou-se apressadamente.

Emilie seguiu Robert e sua mãe porta afora. Padre Nicholas se despediu com um aceno de cabeça enquanto fechava e trancava a porta atrás deles com pressa.

A luz da lua lançava um brilho suave enquanto eles caminhavam para o cais no lago. Um homem esperava ao lado de um barco a remo amarrado ao cais. Após a troca de senhas, o barqueiro os levou para o leste.

Emilie inspirou o ar da noite. Nem um sopro de vento se moveu. O lago estava claro, liso e quase imóvel, exceto pela suave ondulação dos raios da lua brilhando nas ondas feitas por seu barco. Apenas o som das ondas batendo contra a costa de seixos e o barulho distante da água contra as pilhas de rochas que revestiam as margens perturbavam a noite tranquila.

Emilie contemplava as colinas, iluminadas pela pálida luz da lua, que lhe permitia distinguir as cabanas que margeavam a costa. Em algum lugar a oeste estava sua casa, agora à mercê do Seigneur Richard, o selvagem que causou todo esse tumulto, alterando para sempre suas vidas. Seus sonhos de uma vida cheia de amor foram frustrados para sempre. Nada jamais seria o mesmo. E embora ela e Robert se amassem, a felicidade e o casamento existiam em algum lugar muito além de seu alcance. Emilie estremeceu no ar fresco da noite. Apoiou o cotovelo na borda do barco e a testa no braço e fingiu dormir, entregando-se à vontade de chorar silenciosamente.



Pela manhã, Yves se vestiu e caminhou até seu campo. Ele enfiou a pá no chão, manteve o pé no descanso de ferro e baixou o queixo nas mãos, que agarraram a ponta do cabo. Seus pensamentos giravam com os mistérios da noite anterior. Como capitão da milícia da paróquia, a lei da igreja exigia que ele fizesse alguma coisa. Pessoas desapareceram, bandidos agrediram mendigos e uma casa foi arrombada. Mas como resolveria qualquer coisa quando ninguém lhe dizia o que havia acontecido ou por quê?

Ao longe, dois homens a pé atravessaram o campo em sua direção. Ao se aproximarem, os reconheceu como homens do Seigneur Richard. Yves se endireitou e segurou o cabo da pá com mais força.

— Ouvi dizer que teve alguns problemas ontem à noite — o mais alto dos dois olhou fixamente para ele.

— Algo que possa saber? — Yves perguntou com desconfiança.

O homem mais baixo deu um passo à frente, deu-lhe um soco no estômago e uma cotovelada forte nas costas.

Yves caiu de joelhos.

— Tome cuidado, capitão, para não falar sobre nada do que aconteceu ontem à noite — disse o primeiro homem.

O outro homem deu um chute rápido em suas costelas.

Yves caiu no chão. Uma dor aguda em seu lado tornava difícil respirar.

— E se lhe fizerem perguntas, às vezes é melhor não dizer a verdade. Entendeu?

O baixinho apontou uma faca para a garganta de Yves. — Sim, e nunca fofoque. Pode ser perigoso para a saúde.

— E no seu lugar — continuou o homem alto, — desencorajaria qualquer fofoca entre os aldeões, se valoriza sua vida.

O homem com a faca agarrou sua orelha. — Apenas um pequeno lembrete para que não se esqueça o que dissemos hoje — com um movimento rápido de seu pulso, cortou a orelha de Yves.



O raspar da quilha do barco contra a costa de seixos despertou Emilie. A melancolia tomou conta dela. O que ela fez para merecer ser forçada a deixar sua casa e seu futuro marido? Ela chamou a atenção de um Seigneur sem escrúpulos. Alguns acreditavam que a beleza era uma bênção, mas Emilie acreditava que era uma maldição, que havia arruinado todo o seu futuro. Durante toda a sua vida, foi uma filha fiel e temente a Deus que se guiou por suas virtudes e moral de acordo com a igreja. Nenhum desses infortúnios foi culpa dela, mas sofria por isso, e o pensamento a irritou. Pela primeira vez em sua vida, duvidou de sua fé. Enxugou as lágrimas em segredo. Exausta de emoção, Emilie sabia que deveria lutar, enfrentar o futuro com coragem e, de alguma forma, consertar as coisas.

Robert saltou primeiro e as ajudou a descer. Estendeu a mão ao barqueiro. — *Merci*.

— Não pense nisso. Fiquei feliz em ajudar.

Robert tirou algumas moedas do bolso.

Antes que pudesse colocá-las na palma da mão do barqueiro, o homem retirou a mão. — Obrigado, mas não posso aceitar seu dinheiro — ele olhou para algo atrás de Robert. — Deve ir, sua carruagem está esperando.

Robert olhou para a pequena encosta que levava à estrada. Um homem que estava ao lado de uma pequena carruagem de um cavalo acenou para eles. Robert agradeceu novamente ao barqueiro e acompanhou Emilie e Ada até a carruagem. Assim que se acomodaram, o condutor fez o cavalo avançar com um estalar de língua e um golpe suave do chicote.

O cansaço pesava muito sobre Emilie depois da noite caótica e da viagem no veículo incômodo. Por um momento, invejou Robert que fechou os olhos e cochilou. Mas ela e sua mãe permaneceram acordadas, cada uma se refugiando em seus próprios pensamentos. Sua mente disparou com a incerteza. Todos os sons ameaçavam - o pio de uma coruja, o relinchar do cavalo, o vento que assobiava por entre as árvores.

Eles chegaram aos arredores de Québec ao amanhecer e percorreram ruas estreitas ladeadas por estruturas de pedra. A pedido de Robert, o condutor entrou no estábulo de uma estalagem para que pudessem descansar um pouco e fazer uma refeição rápida. O coração pesado de Emilie sabia que logo deveriam se separar e seguir para seus destinos separados. Eles se encontrariam novamente em breve? Père Marc-Mathieu assegurou-lhes que estariam seguros, mas por quanto tempo?

Robert tentou pagar esse condutor também, pois ele deveria levar as mulheres para o convento, mas, como o barqueiro, também recusou o pagamento. Sem dizer uma palavra, o homem colocou as mãos atrás das

costas e recuou para cuidar de seu cavalo. Emilie ficou maravilhada com a bondade de longo alcance do Père Marc-Mathieu; o nível de respeito que as pessoas tinham por ele, as muitas gentilezas realizadas em seu nome. Ela confiava nele e isso a tranquilizava um pouco. Se dissesse que estariam seguros no convento e no mosteiro, então ela sabia que falava sério.

A estalagem era pequena, mas limpa e praticamente vazia àquela hora da manhã. Sentaram-se a uma mesa no canto mais afastado da sala, perto da lareira. Ninguém falou enquanto compartilhavam uma refeição frugal de carne fria com pão crocante e queijo. Um amontoado de emoção, preocupação e cansaço os privou de palavras. Os pensamentos de Emilie vagaram para o casamento que ela e sua mãe passaram semanas planejando e soltou um profundo suspiro. Parecia uma eternidade atrás. Diante dela estava sentado o homem que amava, seus olhos castanhos escuros cansados, mas cheios de amor por ela. Seu belo rosto carregava a tensão dos últimos dois dias. Se não fosse pela interferência do Seigneur Richard, eles teriam se casado em vez de buscar refúgio como fugitivos.

Os olhares desajeitados de sua mãe vagavam entre ela e Robert, como se quisesse dizer algo, mas em vez disso, manteve o silêncio. Muito cedo, eles terminaram a refeição. O cocheiro se aproximou, de chapéu na mão, e pigarreou. — A outra carruagem chegou para levar o cavaleiro ao seu destino.

Robert se afastou da mesa, sua expressão de dor. — Emilie, odeio ir embora. Eu gostaria de poder ficar.

A emoção apertou seu coração. — Dói-me não saber quanto tempo vamos ficar separados.

Eles ficaram se encarando em silêncio enquanto longos momentos se passavam.

Seu olhar preocupado vagou sobre ela. — Quanto mais demormos, mais difícil será — ele falou com pesar.

— Quando estivermos no santuário, podemos enviar mensagens um ao outro — Ada acrescentou.

Emilie lutou contra as lágrimas, determinou que a última visão que teria de Robert seria de força e coragem - uma memória que poderia aliviar sua preocupação nos longos dias que viriam.

Robert a tomou nos braços e a abraçou com força. Ele a soltou e apertou a mão de Ada. — Cuidem uma da outra até nos encontrarmos novamente — ele disse com a voz embargada.

Lágrimas borraram a última visão que Emilie teve de Robert quando ele se virou e saiu da sala. Quando o veria novamente, apreciaria sua risada mais uma vez, caminharia com ele entre os bordos? Forçados a se esconder, como sobreviveriam à austeridade da vida monástica? A separação deles representou uma perda completa e absoluta até mesmo das menores liberdades. Emilie silenciosamente amaldiçoou Seigneur Richard, o monstro que transformou suas vidas em confusão, tirando-os de todo conforto. Seu

desespero se misturou ao medo de que sua vida nunca mais voltasse ao normal.



A chuva fresca da manhã transformou as estradas em lama, diminuindo a velocidade da carruagem, mas o cocheiro logo conduziu Emilie e sua mãe até os portões de um complexo murado perto do centro da colônia. Acima dos portões, uma grande placa monogramada com as letras negras S.M.E. destacou-se contra um fundo totalmente branco. O condutor desceu e puxou uma corda de sino colocada na coluna à direita do pesado portão de madeira.

Aproximou-se um frade tonsurado de batina marrom. Depois de uma breve troca, o cocheiro voltou para a carruagem e o frade abriu o portão para passarem. Eles cavalgaram até um pátio de paralelepípedos cercado pelas paredes de pedra do seminário. O frade pediu-lhes que esperassem o abade. Emilie e sua mãe desceram da carruagem, esticaram as pernas cansadas e respiraram o ar fresco da manhã.

Em poucos minutos, um homem alto e esguio com uma longa barba grisalha e olhos gentis apareceu. Ele estava vestido com o mesmo traje do frade que havia permitido a entrada deles. — Eu sou o abade. Em que posso ajudá-las, minhas filhas? — perguntou com uma voz profunda e rica.

Ada tirou a carta do bolso e entregou a ele.

Ele examinou o envelope e ergueu os olhos com um sorriso. — Ah, é do Père Marc-Mathieu! Eu reconheço a caligrafia.

Pelo tom de sua voz e pela expressão calorosa de seu rosto, Emilie entendeu que o frade pronunciou o nome de um amigo íntimo. Aliviada, o observou desdobrar o bilhete e ler. Periodicamente, levantava os olhos para estudá-las com uma expressão de interesse. Quando terminou, ficou parado por um tempo, imerso em pensamentos, os dedos correndo de um lado para o outro na dobra do papel. — Devo levá-las ao convento das mulheres para refúgio — ele olhou para a chuva. — É uma curta caminhada daqui. Vou convocar um dos irmãos que nos acompanhará.

Em instantes, voltou com um frade baixo e corpulento, de nariz comprido e olhos leitosos que vagavam e escorriam lágrimas. O abade abriu os portões e sorriu antes de passar por eles na rua. O frade estudou-as com seu olhar errante e gesticulou para que o seguissem.

— Posso oferecer uma palavra de cautela? — o frade sussurrou para Emilie.

Sua expressão tornava difícil olhar para ele, então ela manteve o olhar fixo à frente. Trepidação a encheu e engoliu em seco. — Eu ficaria muito grata.

— No convento, encontrará La Bonne Soeur. Ela foi encarregada de todas as noviças e convidadas. Deve ter cuidado com ela — um sorriso torto surgiu nos lábios do frade.

Era óbvio para Emilie que esse homem gostava de um bom boato, então

não disse nada e o deixou falar.

— Ela é uma mulher diferente de qualquer outra, nem professora, nem freira. Existem muitos rumores sobre ela. Dizem que era filha de um nobre rico, prima em segundo grau do próprio rei da França e veio para a Nova França como uma Filles de Roi. As irmãs a acolheram e ela ajuda a ensinar as crianças nativas na escola de lá. Agora uma mulher na casa dos cinquenta, dizem que é sábia e respeitada. Até a abadessa costuma ceder a ela. Diz-se que a perda de seu filho endureceu sua alma — ele baixou a voz e diminuiu o passo. — Mesmo sendo uma mulher casada, ela usa o hábito de noviciada para significar seu desejo de usar o véu algum dia. Seu marido, um homem vil e perigoso, também baniou seu filho, para ser criado anonimamente. Embora o menino seja um homem agora, ninguém, nem mesmo Deus, sabe por que nome ele atende ou onde está. Ela o procurou a vida inteira, mas nunca o encontrou.

Um calafrio percorreu a espinha de Emilie. Que crueldade para uma mulher ter sofrido tanto.

Mais à frente, o abade os esperava diante de um conjunto de grossas portas de madeira perto de uma igreja cinza com campanário branco. — Pode voltar para o mosteiro, agora — ele instruiu o frade. — Por favor, envie uma mensagem ao Père Marc-Mathieu em Pointe-du-Lac avisando-o que as mulheres chegaram com segurança ao seu destino.

O frade baixou a cabeça tonsurada, lançou um breve olhar de advertência a Emilie e se despediu.

O abade bateu três vezes na aldrava de ferro no centro da porta e esperou. Uma pequena fenda na porta se abriu e o rosto enrugado de uma velha freira olhou para eles. — Ah, boa noite, abade — a freira disse com voz rouca.

— Estamos aqui para ver a abadessa.

Por trás da abertura, a freira examinou Emilie e sua mãe da cabeça aos pés. Ela piscou em reconhecimento, abriu a porta e permitiu que eles entrassem. Depois de pegar suas capas molhadas, ela os conduziu a uma sala longa e estreita adornada apenas com vários bancos de madeira, mesas e várias tapeçarias religiosas. — Por favor, espere aqui no hall de entrada — ela conduziu o abade por uma porta em arco. Vários minutos se passaram antes que os dois voltassem.

— A abadessa concordou em dar-lhes abrigo, mas devem primeiro ver La Bonne Soeur, que irá designá-las para seus aposentos — o abade anunciou.

A freira conduziu-as pela mesma porta e por um corredor estreito além de uma porta em arco, que dava para um claustro.

— Ao falar com La Bonne Soeur, sejam humildes e respeitosas. O nome dela é Emmanuelle, mas devem sempre se referir a ela como La Bonne Soeur. É um nome que ela insiste. Respondam francamente às suas perguntas e, quando não forem questionadas, deixe-me falar — instruiu o abade.

A freira apontou para o lado oposto do claustro e para uma porta cruzada por grades de ferro. — Ela lhes falará de lá.

Em pouco tempo, uma mulher de não mais de quarenta e cinco anos de idade em um simples vestido marrom apareceu atrás das grades. Ela entrelaçou seus dedos delicados nos interstícios e as examinou enquanto se aproximavam. Embora fosse uma grande beleza, parecia desgastada e sem cor. Seu rosto marcado pela varíola revelou que ela já havia sobrevivido à doença. Um rígido véu marrom se estendia sobre sua cabeça, caía de cada lado e se destacava um pouco de seu rosto. Um cacho de ébano brilhante escapou para a têmpora de La Bonne Soeur. Emilie achava que isso traía seu esquecimento ou mostrava desprezo pelas rígidas regras de vestimenta de um convento.

Como se atormentada por alguma emoção dolorosa, La Bonne Soeur franziu a testa. Sob as sobrancelhas negras, ela estudou Emilie com escrutínio penetrante antes de baixar os olhos. Em um momento, ela solicitava carinho com um olhar gentil, mas no próximo parecia emitir um ódio sufocado. Suas bochechas pálidas eram delicadas, mas pareciam ocas por causa de seu físico esguio. Um tom de rosa impregnava seus lábios, que contrastava com a palidez de sua pele e, como seus olhos, seus movimentos eram súbitos, rápidos e cheios de expressão e mistério. Sua figura parecia desaparecer sob o alpendre do claustro.

O abade baixou a cabeça e colocou a mão direita no peito. — Acredito que a abadessa a tenha avisado sobre nossa visita?

A mulher piscou os olhos em reconhecimento.

O abade ergueu a mão para Emilie. — Esta é a jovem que fomos encarregados de proteger. E esta é a mãe dela.

Emilie sorriu reverentemente, assim como Ada.

La Bonne Soeur fez um gesto de satisfação com um aceno de mão e voltou-se para o abade. — É uma sorte atendê-lo, mas, por favor, conte-me um pouco mais sobre o caso para que eu saiba o que fazer para ajudar.

— Por favor — começou Ada.

O abade a silenciou com um olhar e se concentrou em La Bonne Soeur. — Ela me foi recomendada por um padre jesuíta de Pointe-du-Lac. Foi obrigada a deixar sua aldeia para evitar grandes perigos. Busca asilo para viver onde ninguém ousará molestá-la, mesmo quando.

— Que perigos? — La Bonne Soeur estreitou os olhos. — Seja bom o suficiente para falar com clareza.

— Como quiser — o abade inalou. — Perigos que não devem ser mencionados ao alcance de seus ouvidos puros.

Um lampejo de irritação apareceu e depois desapareceu no rosto de La Bonne Soeur, mas suas bochechas mantiveram um leve rubor.

— É o suficiente que saiba que um homem poderoso perseguiu esta pobre jovem com lisonjas vulgares, e quando falhou, tentou levá-la à força. Portanto, foi obrigada a fugir de casa.

La Bonne Soeur olhou fixamente para Emilie. — O abade é um homem conhecido por sua honestidade, mas ninguém está mais bem informada sobre

esse assunto do que a senhorita. Cabe-lhe dizer se este homem de quem falamos é um perseguidor odioso ou não.

Emilie engoliu em seco, sentindo a dúvida hostil da mulher. Quando estava prestes a responder, sua mãe deu um passo à frente.

— Posso testemunhar plenamente que minha filha odiava este homem, como o diabo odeia água benta. Ele é o próprio archi-inimigo. Minha pobre filha estava noiva de um jovem temente a Deus e de boa reputação. E se o pároco da nossa aldeia tivesse feito o que devia e os casado no dia escolhido, bem, não estaríamos aqui. Não fosse o Père Marc-Mathieu, amigo do bom abade.

— Segure sua língua! — La Bonne Soeur deu a Ada um olhar arrogante e zangado. — Os pais estão sempre prontos para responder por seus filhos! Ada recuou, mortificada e lançou a Emilie um olhar frustrado.

encorajou Emilie com um aceno de cabeça e um sorriso gentil.

— O que minha mãe começou a dizer à senhora é a verdade. Por minha própria vontade, aceitei a proposta de casamento de meu noivo — as bochechas dela ficaram quentes. — Perdoe-me se falo com muita ousadia, mas não quero que pense mal de minha mãe. Se a senhora nos conceder santuário, garanto-lhe que ninguém ficará mais grato ou orará com mais fervor do que minha mãe e eu.

— Eu acredito — disse La Bonne Soeur, seu tom apenas um pouco mais suave. — Eu sei muito bem como esses Seigneurs se comportam mal. Mas eu gostaria de lhe falar em particular. — Ela deu ao abade um olhar de desdém.

O abade abriu a boca para dizer algo, mas La Bonne Soeur levantou a mão e o deteve. — Não há necessidade de me agradecer. Eu não hesitaria em pedir a ajuda dos bons padres do seminário, caso precisasse — um sorriso sardônico brincou em seus lábios. — Não somos irmãos e irmãs em Cristo?

Antes que o abade pudesse responder, La Bonne Soeur concentrou sua atenção na freira que os escoltou e entortou o dedo para acenar para ela. — Por favor, acompanhe a mãe até seu quarto. Então volte um pouco mais tarde para a jovem.

Ada deu a Emilie um olhar aguçado de cautela antes de seguir a freira para fora da sala.

— Estou grato por sua ajuda — disse o abade.

A expressão de La Bonne Soeur caiu na neutralidade. — Pode deixar a garota comigo agora, abade. Eu cuidarei dela.

O rosto do abade ficou vermelho. — Como quiser. Que Deus esteja convosco — ele deu a Emilie um olhar encorajador antes de sair.

La Bonne Soeur se aproximou das grades para estudar Emilie.

Emilie desejou desviar o olhar do intenso escrutínio, mas se forçou a manter o olhar da mulher.

La Bonne Soeur lançou sua primeira pergunta. — Este homem é mau, deformado? É por isso que o teme?

A estranheza da pergunta pegou Emilie desprevenida. Onde essa conversa

levaria? A incerteza a percorreu. La Bonne Soeur parecia gostar da arte da intimidação. Emilie testemunhou isso contra o abade e sua mãe. Ela ficou um pouco mais alta, recusando-se a permitir que esta mulher a afetasse. Se ela queria viver em paz aqui no convento, então deveria permanecer corajosamente diante dela. — Não, ele é muito bonito.

— Se não tivesse concordado em se casar com seu noivo, não acha que sua reação a este senhor poderia ser considerada irracional e absurda? Afinal, disse que ele é um homem de recursos que poderia lhe prover bem.

— Meus temores são bem fundamentados. Seus maus caminhos são conhecidos em Pointe-du-Lac. Eu nunca sacrificaria minha felicidade futura por confortos materiais, nem consideraria o terno de um homem que peca porque não teme a Deus. Père Marc-Mathieu sabe o quão perigoso ele pode ser, e é por isso que nos pediu para fugir.

— Ama seu noivo? — um sorriso torto surgiu em um canto de sua boca.

— Com todo o meu coração.

— Ele a trata bem?

— Com extrema gentileza.

— E ainda é virgem? — um olhar divertido enfeitou o rosto de La Bonne Soeur.

As bochechas de Emilie queimaram e ela ficou boquiaberta. Ela cerrou os punhos, as unhas pressionando as palmas das mãos. — Ensinaaram-me que um convento é um refúgio, mesmo para mulheres caídas. Meu status de virgem não deveria importar para ninguém além de mim, meu futuro marido e Deus.

Os olhos de La Bonne Soeur se arregalaram.

— Mas estou longe de ser uma mulher decaída — Emilie continuou estoicamente e não sem alguma irritação com a rodada de perguntas feitas a ela. — Sim, eu sou virgem e pretendo permanecer assim até o dia do meu casamento.

Um brilho de respeito cintilou nos olhos de La Bonne Soeur. — E seu noivo, mostrou paciência e respeito e ajudou a mantê-la casta? — o olhar dela tornou-se desdenhoso.

Emilie respirou fundo para ganhar paciência. Essa linha de questionamento não fazia sentido, mas não tinha escolha a não ser entrar no jogo. O que aconteceria com eles se Emilie destruísse suas chances de receber refúgio aqui? Ela assentiu.

— Huum, ele deve ser realmente um santo, um homem raro mesmo.

Emilie apertou os dentes, reprimindo uma réplica ao sarcasmo da mulher quando sua raiva veio à tona. Ela havia sido levada ao limite pelos eventos dos últimos dois dias.

Um sorriso curvou os lábios de La Bonne Soeur e ela ficou menos rígida. — Admiro uma mulher com fogo na alma. Respondeu a todas as minhas perguntas e, embora algumas de suas respostas tenham gerado desconforto, manteve o equilíbrio. Recebeu asilo, mas duvido que mantenha o anonimato por muito tempo. Especialmente quando um Seigneur irritado está

determinado a encontrá-la. Conheço muito bem a crueldade de tais homens — o rosto dela se contorceu de ódio e então se suavizou quando seu olhar voltou para Emilie. — Nenhum homem irá prejudicá-la aqui. Essa é a minha promessa. Alguém virá para levá-la ao seu quarto. Contíguo ao claustro. Ouso dizer que achará bastante agradável. Seu serviço ao convento é esperado — ela se virou com desdém e foi embora.



No meio da noite, certa de que todos no convento dormiam, Emilie rastejou para fora de sua cela. A antecipação tamborilou uma cadência rápida em seu coração. Com passos leves, desceu as escadas até o rés-do-chão e entrou no claustro. Uma meia-lua lançava uma luz fraca. Sua mão tremia quando ela agarrou seu manto com força para afastar o ar frio. Com cuidado para evitar fazer qualquer som, atravessou os arcos para a cozinha. Ela atravessou a sala, saiu para um pequeno jardim de ervas e rastejou pelas plantas aromáticas até o muro de pedra que cercava o convento. Depois de destrancar um pequeno portão de ferro, se libertou e respirou fundo. A excitação já crescia dentro dela.

Seu coração disparou em expectativa. Ela estava a caminho dele, vestida para brincar com uma camisa de seda, nua por baixo. A cada passo, ela saboreava a sensação quase líquida da roupa elegante fluindo por sua pele desperta enquanto se aproximava da parede.

Quando ela olhou para cima, uma luz suave ardia na janela do segundo andar da guarita que se erguia ao lado da entrada principal do convento. A agitação familiar dentro dela voltou, como sempre acontecia antes desses encontros. A ansiedade, enterrada profundamente durante o dia, borbulhava à superfície em antecipação à liberação.

Na porta da guarita, deu quatro batidas fortes - o sinal deles. Ele não quis responder. Não fazia parte do jogo. Ela colocou a mão no trinco, levantou-o e abriu a porta, encolhendo-se com o longo rangido emitido por suas dobradiças enferrujadas. Um ar de mofo encheu suas narinas enquanto ela suportava o som de outro ruído alto ao fechar a porta atrás dela.

Do bolso de seu manto, tirou uma máscara índigo e a colocou sobre o rosto. Ele exigiu. Vinte degraus até o topo. Ela subiu lentamente, batendo cada pé para aumentar sua expectativa. Em seu empurrão suave, a porta no topo se abriu.

Ele a esperava em uma cadeira perto da lareira.

Ela baixou os olhos em submissão.

Ele parecia agitado esta noite, o que fez com que a tensão dentro dela aumentasse. Ele sabia como ela gostava que o jogo fosse, mas ele sempre decidia como as coisas iriam acontecer. Nunca dependeu dela. Ela não era digna o suficiente.

— Como está esta noite, Gaston? — ela perguntou, seu tom dócil.

— Está atrasada e sabe o que isso significa, Soeur — seu tom transbordava de malícia.

— Por favor, Gaston. Não deve se dirigir a mim assim — ela implorou. — Sabe como deve me chamar, não é? Prometeu — o título importava. Ofereceu

um vislumbre de luz na escuridão de sua vida.

— *Mas sim.* La Bonne Soeur — ele cuspiu o título de sua boca como se tivesse um gosto ruim.

— Sou-lhe grata — ela falou deliberadamente com uma voz suave.

Ele colocou um dedo sob o queixo dela e ergueu seu rosto para encontrar seus olhos. — Está pronta para o nosso jogo começar, La Bonne Soeur?

A máscara que ela usava bloqueava sua visão periférica. Ela não conseguia desviar o olhar do ódio refletido em seus olhos. — Sim, Gaston. — Sua voz tremeu em antecipação, de modo que sua resposta foi quase inaudível. — *S'il vous plaît* — ela acrescentou, para não o irritar.

— Está muito abafado aqui — ele decidiu em voz alta, e com um movimento de sua mão abriu as escuras e pesadas cortinas sobre a solitária janela. — Pronto, está muito melhor.

Ele se virou para estudá-la. Seus olhos a percorreram da cabeça aos pés e vice-versa. — Aproxime-se — ele ordenou, sua voz baixa, mas ameaçadora como o ronronar de um tigre enquanto a rodeava, sua mão arrastando ao longo de seus quadris enquanto ele se movia. — Suas roupas, tire-as. Eu quero vê-la completamente — Gaston parou na frente dela e manteve sua voz baixa, sensual.

Ela começou, desajeitadamente a princípio, a tirar o manto até ficar diante dele com sua delicada camisa.

Olhando nervosamente para a janela descoberta, depois para ele, hesitou.

Ele arqueou as sobancelhas para lembrá-la da ordem que deveria obedecer.

— Mas, a janela — ela sussurrou. — Alguém pode me ver.

— Pouco lhe é exigido, exceto obediência. Sabe disso — ele a lembrou. — Eu posso abandoná-la a qualquer momento, e deve se lembrar que se eu fizer isso, será para sempre.

Seus ombros caíram em aceitação quando ela deslizou primeiro um ombro, então o próximo de sua roupa. A peça caiu em uma poça a seus pés. Ela passou por cima dela. Indefesa, ficou nua diante de seu olhar frio, nua para qualquer um que pudesse estar na rua abaixo e olhasse para cima. O medo de ser descoberta aumentava sua culpa, prolongava sua inquietação.

Ele passou a unha por seu pescoço até a profundidade de seu decote, deixando uma marca vermelha em seu rastro. Então, tomando seus mamilos entre os dedos, ele apertou.

A dor extática causou um arrepio ao longo de sua espinha. Quase imediatamente, o calor correu para sua feminilidade e a umidade umedeceu suas coxas. Mais uma vez, ela pecou, seus tentáculos de tentação puxando-a ainda mais para suas profundezas *negras*. Deveria ser punida agora - ela desejava isso. Deus exigiu isso. Ela Fechou os olhos para saborear melhor a sensação - sua respiração irregular era o único som na sala além do ocasional crepitar e estalar da lenha no fogo.

Ele pegou o rosto dela nas mãos e o ergueu para olhá-lo, capturando os

olhos dela com os dele. Ela odiava a aversão com que ele a encarava, como se pudesse perfurar sua alma e descobrir seus segredos. Ele a beijou, pressionando sua boca com força contra a dela, entrelaçando os dedos em seu cabelo de ébano, puxando seu corpo para o dele, procurando, saboreando e deixando-a sem fôlego quando a soltou.

Quando ele acariciou seus seios, seu peito subia e descia, sua respiração acelerava. Seu batimento cardíaco acelerou e sua pele umedeceu. Por que o pecado deve trazer tanto prazer? Por que o prazer deve ser pago com a moeda da dor? Por que a dor trouxe mais prazer? Sua paixão era um redemoinho do qual seu corpo machucado nunca escaparia. Sua vida foi um sacrifício no altar da dor nas mãos deste homem cruel, sem coração e satânico. No entanto, ela vivia para esses momentos, para ser espancada e tocada dessa maneira.

Ele a forçou a se ajoelhar no chão de madeira na frente dele, suas mãos ásperas em seus ombros empurrando-a para baixo.

Ele virou as costas para ela e se afastou, tirando a camisa, as meias e as calças. Com uma lentidão excruciante, dobrou meticulosamente cada peça de roupa. Terminado, virou a cabeça para olhar para ela, seus olhos se estreitando por um momento, enquanto um sorriso irônico surgia em seus lábios. Ele pegou uma bolsa negra, que estava ao pé da cama, então se virou para encará-la.

Ela soltou um pequeno suspiro com a extensão de sua excitação.

O fogo em seu olhar caiu sobre sua forma nua. Da bolsa escura veio o cheiro de lilago quando ele removeu uma vela, uma pequena corda e um chicote de couro. O suor brotou em sua testa quando ele acendeu a vela na lareira.

Ela estremeceu de antecipação com os implementos.

Quando ele voltou para ela, amarrou seus pulsos atrás das costas. — Não se mexa — ele rosnou.

O desejo queimava dentro dela enquanto seu corpo tremia.

Ela sabia que sua máscara não seria adequada. Quando ele a vendou, a desorientação a envolveu. Ela nunca sabia o que estava por vir. Ele iria fazê-la adivinhar, fazê-la se sentir exposta, mantê-la com medo de que alguém olhasse para a janela e a visse nua, amarrada, vulnerável, humilhada.

Ele caminhou ruidosamente ao redor dela para que pudesse ouvir cada passo. Arrepios de inquietação mancharam seus braços. Seus joelhos doíam por estar ajoelhada no chão duro. Uma dor repentina e aguda espetou seu mamilo enquanto seus dedos o apertavam com força. A picada foi imediata, deliciosa, ela não pôde evitar o gemido de êxtase que escapou de seus lábios quando ele os apertou e beliscou com toda a força. Ela precisava disso tanto quanto do ar que respirava e obrigou seu corpo a permanecer rígido, a suportar em vez de fugir de tanta dor, pois isso trazia prazer a ele e a ela também. Ela não deveria decepcioná-lo, pois se o fizesse, ele pararia.

Oh, como ela merecia sofrer. O apodrecimento sempre começava por dentro, e só ela sabia o quanto sua alma escura estava estragada por causa de

seus pecados. Os homens em sua vida a abominavam, desde seu pai tirânico que a forçou a um casamento sem amor, até o marido abusivo de quem ela fugiu na França e o senhor que se casou com ela quando chegou a Québec como uma Filles de Roi. Seu rosto enfurecido quando descobriu sua bigamia ficou gravado em sua mente, uma imagem que nunca poderia banir. Ela quase morreu com o golpe de seus punhos. Ela suportou cada golpe sem lutar, pois merecia cada golpe e esperava que eles lavassem sua culpa. Depois, com uma crueldade além de sua imaginação, ele abandonou seu filho bebê, banindo-o de sua vista, jogando mãe e filho fora como destroços. Ninguém sabia o que aconteceu com a criança. Perdida para sempre, como sua inocência e sua alma. Agora, a lembrança daquela surra ressurgia em seus pensamentos. Ela ansiava pela dor física que trouxe alívio contra a agonia em sua alma, seus pecados escuros. Um gemido de urgência escapou de seus lábios.

Ele respirou em seu ouvido e acariciou seu cabelo. — La Bonne Soeur — sibilou com sarcasmo. — Minha aversão não tem limites. Talvez eu devesse deixá-la assim para que as freiras a encontrem. Nenhuma mulher está segura comigo, mas se obedecer a todas as minhas palavras, pode não sofrer nenhum dano e talvez viver para desfrutar de mais noites como meu patético brinquedo. Ou então, eu poderia escolher acabar com sua vida miserável e então descartar seu corpo como merda. O que acha disso?

Suas palavras provocaram um estremecimento de medo. Ela não disse nada e esperou paralisada por algo a seguir. Ele veio rapidamente. Um calor repentino queimou seu outro seio. Ela respirou fundo quando a chama da vela se moveu entre seus seios pecaminosos. Ele a segurou sob um mamilo, brevemente, o suficiente para

ela sentir sua torturante agonia e cheirar sua carne chamuscada. Então ele moveu a vela para queimar o outro. Em seguida, cera quente se derramou sobre seus mamilos torturados, quente o suficiente para provocar um gemido baixo. Será que ele iria longe demais desta vez? Gota a gota, a cera caiu sobre sua pele sensível, queimando seu pecado. O aroma de lilago permeou suas narinas com mais intensidade agora. O calor abrasador da vela errante forçou outro gemido de seus lábios. Ainda assim, a dor e o êxtase não foram suficientes. Talvez ele a matasse desta vez e acabasse com sua vida torturada. Ela não ficaria triste se morresse em suas mãos cruéis esta noite.

— Está bom? — ele perguntou.

— Sim, Gaston — ela disse, mal conseguindo falar.

— Estou tão feliz. Sabe o quanto eu gosto de ouvi-la choramingar? — agarrou os lados de sua cabeça – seu aperto firme como se fosse esmagar seu crânio.

Ela podia sentir o cheiro de suor rançoso, a masculinidade que emanava dele.

— Agora, sabe o que deve fazer — ele agarrou um punhado de cabelo e puxou a cabeça dela para frente.

Obedientemente, seus lábios se separaram e sua língua acariciou sua carne

ereta.

Ela o ouviu gemer de prazer e ele pressionou seu rosto com mais força entre suas coxas, empurrando-se em sua garganta.

Seu coração cantou, podia dizer pelos grunhidos dele que ela o agradava. Uma onda de fogo ganhou vida dentro dela e soltou um gemido longo e delirante. Mamilos e seios, esfolados pela agonia, ela trabalhou avidamente em sua tarefa, rezando para que a agonia de sua carne a limpasse do pecado.

Ele levantou o chicote e golpeou suas costas, o som surpreendente, e a dor estimulando seu desejo de satisfazer sua luxúria e expiar os horrores gravados em seu coração lascivo. Deus havia colocado esse castigo diante dela. Ela devia submeter-se de corpo e alma a essa humilhação e horrorizar-se com o delicioso prazer que sentia em tamanha dor, tamanha degradação. A mulher deve sofrer dor para expiar seu pecado no Jardim. Luxúria, dor, amor, prazer, culpa, era tudo a mesma coisa. Deus quis isso.

— Aaaahhh — ela gemeu, enquanto uma onda de mágoa e prazer degradados e inumanos expiava sua maldade. Um flagelo de punição para queimar a miséria de seu coração pecaminoso. Ela enterrou o rosto mais fundo em sua virilha, quase sufocando enquanto o engolia em suas profundezas, exigindo o próximo golpe de seu chicote para cicatrizar sua carne perversa.



Seigneur Richard andava de um lado para o outro em seu quarto. De vez em quando parava para afastar as cortinas de brocado e espiar pela janela. Ele esperou a chegada de Emilie a noite toda, mas o amanhecer veio e se foi. Sequestrar uma jovem era um empreendimento ousado, as chances de sucesso eram baixas, os riscos altos. Ele passou os dedos pelos cabelos. Onde eles estavam? Algo poderia ter dado errado? Não, ele deveria manter sua fé e confiança nos planos de Thomas.

Desde o momento em que a viu pela primeira vez, Emilie Basseaux assombrava todos os seus pensamentos e se infiltrava em todos os seus sonhos. Richard ponderou como ela ficaria pela manhã com seus cabelos castanhos desgrehados após uma noite de amor, ou seu lindo sorriso do outro lado da mesa quando olhasse para ele com seus insondáveis olhos castanhos, enquanto compartilhavam uma refeição juntos; o olhar de alegria em seu rosto com um bebê mamando em seu peito. Sua obsessão por ela parecia interminável. Não importava que fosse de uma posição inferior. Neste novo mundo, as mulheres eram escassas e as linhas traçadas pela sociedade eram muitas vezes ignoradas. Emilie era dele e não permitiria que nenhum outro homem a possuísse.

Por que ela chamou sua atenção assim? Por que ela o rejeitou? Por que ela preferia um moleiro pobre a um homem rico e poderoso como ele? Ele não conseguia entender o porquê, pois sua riqueza e posição tornavam fácil atrair mulheres. Exceto por Emilie, que permaneceu indiferente; uma joia além de seu alcance. Emilie. Ele saboreou seu nome, conjurando sua visão em sua mente. Ele a teria, disse não tinha dúvidas. Ele era senhor de Pointe-du-Lac. Sua autoridade lhe dava controle absoluto. Nada poderia impedi-lo de adquirir seu prêmio – nada!

Ninguém que pudesse suspeitar que ele levou a garota seria estúpido o suficiente para ir à sua casa procurá-la. Aquele tolo imprudente do moleiro, Robert Lanzille, não ousaria tentar. Nem o padre nem a mãe. Se o fizessem, ele os faria se arrepender. E mal podia esperar para ver a expressão no rosto de seu primo Pierre quando percebesse que havia perdido a aposta e seria forçado a pagar.

Prevendo as lisonjas e promessas que faria a Emilie para ganhar sua confiança e adquirir controle sobre ela, acalmou suas dúvidas e alimentou sua paixão. No começo, poderia ficar com medo de ficar sozinha com ele, mas ela se acostumaria. Ela era a mulher ideal para se casar: bonita, virtuosa, de fala mansa, obediente, e ele era um homem rico. Uma mulher podia ignorar muito quando isso significava viver no luxo.

Do lado de fora veio o barulho de passos contra o cascalho e ele voltou

para a janela e olhou para fora. Thomas e os homens voltaram, mas não viu a garota com eles. Ele apertou a mandíbula e saiu da sala para cumprimentá-los. Thomas tinha muito que explicar.



Thomas jogou suas roupas de mendigo em um canto da entrada do andar térreo. Quando ele se virou para subir as escadas para prestar contas, Seigneur Richard desceu com uma carranca.

— Bem? Onde ela está, seu fanfarrão? Falhou. Deixe comigo, disse. — Seus olhos estreitados brilharam com ira.

Thomas encontrou o olhar sem expressão, apesar da raiva que se enfureceu dentro dele. Durante anos, serviu lealmente a esse homem, sem questionar, em troca de proteção contra a lei, depois de ter assassinado um padre a mando de um *voyageur* que o encontrou na cama com sua esposa.

Ultimamente, porém, sentia-se frustrado com as exigências e a atitude superior de Seigneur Richard. O homem o comandava como se fosse um animal de carga. Apertado com seu dinheiro, o pomposo senhor raramente pagava a Thomas adequadamente pelos riscos que era forçado a correr. Seigneur Richard não passava de um nobre mimado, acostumado a conseguir o que queria, esnobando os de posição inferior. Um dia, Thomas encontraria uma maneira de se livrar dele. O tempo apagaria a memória de seu crime. Até então, ele devia resistir. Ele devolveu o olhar do Seigneur sem vacilar. — É injusto ser recebido com reprovações depois de ter trabalhado tão fielmente e cumprido meu dever com risco de vida.

O semblante de Seigneur Richard relaxou um pouco. Ele gesticulou para que Thomas o seguisse até a sala e o convidou a se sentar em uma das duas cadeiras colocadas diante de uma mesa. — O que aconteceu?

Numa voz neutra, Thomas contou os detalhes do empreendimento frustrado.

Seigneur Richard ouviu sem interrupção. Então ele se recostou na cadeira, juntou as pontas dos dedos e deu-lhe um olhar como se para julgar a veracidade da explicação. — Não tem culpa. Parece que eles foram avisados, mas por quem? Ninguém fora desta casa sabia o que havíamos planejado. Se houver um espião sob este teto, eu descobrirei, e ele desejará nunca ter nascido.

— Eu suspeitava do mesmo — Thomas esfregou o queixo. — Se for verdade, e descobrirmos quem nos traiu, deixe-me lidar com ele por ter me causado todo esse problema — ele pausou. — Talvez haja uma razão para isso ter acontecido, que ainda não descobrimos.

— Acha que alguém o reconheceu?

Thomas balançou a cabeça. — Não, eu fui cuidadoso e as roupas esfarrapadas de mendigo que usei ofereciam ampla cobertura. Depois, enviei dois homens para visitar o capitão da milícia da paróquia para garantir que ele não fizesse nenhuma denúncia sobre o assunto. Nós o deixamos com um

lembrete permanente de nosso aviso. — Thomas fez um movimento cortante em sua orelha. — Acredite em mim quando digo que ele está com muito medo de representar um problema.

O Seigneur Richard assentiu. — Faça com que dois homens vigiem a casa da garota e se livrem de qualquer um que vier bisbilhotar. Enquanto isso, pegue alguns homens e perambule por Pointe-du-Lac em busca de rumores. Eu quero saber exatamente quem sabe o quê.

— Vou descobrir, não se preocupe — Thomas fez uma pausa para esfregar os olhos privados de sono. — Alguém vai pagar por todo esse problema — e em sua mente veio o pensamento de que ele faria Seigneur Richard pagar também.



Seigneur Richard cavalgou até a casa de Pierre no lado oposto do assentamento.

— Já veio pagar nossa aposta? — Pierre perguntou com um olhar presunçoso.

Seigneur Richard desmontou e jogou as rédeas para um cavaliário que saiu correndo do celeiro quando ele se aproximou. — Eu pagarei a aposta, se for preciso, mas não é por isso que vim. Eu preciso lhe falar. Não lhe disse nada antes, porque, bem, confesso, pensei em surpreendê-lo com minha vitória esta manhã. Mas, devo deixá-lo saber o que aconteceu.

Pierre franziu a testa. — Entre, pode me contar tudo durante a refeição matinal.

Seigneur Richard o seguiu até a sala de jantar, onde os criados serviram outro prato. O cheiro de pão e linguiça de porco vinha da cozinha próxima. Por causa da seca, tornou-se difícil adquirir farinha, mas alguns senhores a acumularam, então não se surpreendeu que Pierre tivesse um grande suprimento.

Pierre esperou que os criados saíssem da sala, então se inclinou sobre a mesa. — Diga-me o que o está incomodando.

Seigneur Richard soltou um suspiro antes de relatar seu plano de sequestrar Emilie e tudo o que havia dado errado.

— Estou convencido de que o padre jesuíta está envolvido de alguma forma — Pierre brincou com a faca ao lado de seu prato. — Sempre acreditei que ele era um hipócrita. Eles o chamam de '*O Santo*', mas nunca gostei e nem confio nele. Deveria ter me contado antes sobre sua discussão com ele.

— Bem, eu lhe disse agora — Seigneur Richard franziu o cenho.

Pierre balançou a cabeça. — Não posso acreditar que permitiu que ele lhe falasse dessa maneira, então vá embora. Não é do seu feitio deixar passar uma oportunidade para uma pequena vingança.

— O quê? E fazer com que eu ganhe a ira do clero?

— Vou ajudá-lo a se livrar do Père Marc-Mathieu. Ele logo aprenderá que não pode falar com senhores de nossa posição de forma desrespeitosa.

— Não piore as coisas.

— Confie em mim por uma vez, primo.

— O que pretende fazer, Pierre?

— Ainda não sei, mas fique tranquilo que ele não vai mais te incomodar. Não se esqueça, nosso tio faz parte do Conselho Soberano e é dono do maior senhorio perto de Sillery. Pedirei sua ajuda quando o vir na próxima semana. Ele tem influência na Igreja.

O café da manhã foi anunciado e servido.

Seigneur Richard esperou que os criados saíssem. — Não há prova do meu envolvimento nisso. E mesmo que houvesse, não estou preocupado. O capitão foi avisado, com risco de vida, para não fazer nenhum relatório sobre o que aconteceu ontem à noite. Então, estou confiante de que nada acontecerá.

— Mesmo que o capitão da milícia da paróquia ouse fazer um relatório, ele terá que ir a Antoine Rivet, e aquele magistrado obstinado e confuso sabe que seu dever é para com o senhor. Ele enterrará qualquer documentação.

— É incrível que Rivet se sinta leal a mim, já que o está sempre contradizendo e rindo dele.

Pierre deu-lhe um olhar de repreensão. — Acho que está com medo.

— Não, só estou dizendo que devemos ter cuidado.

Pierre pegou outro pedaço de pão, partiu um pedaço e o enfiou na boca. — Isso é verdade. Isso é um assunto sério — ele mastigava enquanto falava. — Vou visitar o magistrado pessoalmente e avisá-lo para ignorar qualquer coisa que aparecer em seu caminho.

— E se ele discordar?

Pierre sorriu. — Vou lembrá-lo das armas de longo alcance de nosso amado tio, que detém o maior senhorio de toda a Nova França, um amigo íntimo do governador e membro do Conselho Soberano nomeado pelo rei. Uma palavra de nosso tio e Rivet perderia tudo. Isso vai calá-lo. Assim como vai calar a boca do padre jesuíta.

Seigneur Richard soltou um suspiro. — Bom, isso será uma coisa a menos para se preocupar.

Pierre assentiu e deu a ele um olhar presunçoso. — Estará a salvo de repercussões. O poder é bom, não é?



— Bem, o que seus espiões souberam? — Seigneur Richard encarou Thomas e tamborilou com as pontas dos dedos na escrivaninha. Já era meio-dia e Thomas parecia cansado. O homem não tinha dormido a noite toda, mas havia muito tempo para descansar uma vez que este assunto fosse resolvido. Após sua discussão com Pierre, experimentou uma onda de confiança. Se planejasse as coisas com cuidado, nada poderia impedi-lo de adquirir Emilie, nem mesmo a lei.

Thomas soltou um suspiro. — O desaparecimento de três pessoas gerou um turbilhão de conversas. A governanta do Père Jean, Rose, foi assaltada com perguntas dos aldeões sobre o que aconteceu lá na noite passada. Ainda bem que ela não é de ficar de boca fechada porque descobri que Emilie, Robert e dois outros homens conseguiram passar por ela e abordaram o padre. Por isso encontramos a casa da menina vazia. Eles estavam com o padre tentando induzi-lo a casar os dois.

Seigneur Richard abriu a boca para dizer algo, mas Thomas levantou a mão para detê-lo. — Não se preocupe. Sua tentativa falhou miseravelmente. O padre gritou pelo capitão da milícia paroquial que tocou os sinos da igreja para pedir ajuda. A noiva e o noivo fugiram antes que pudessem terminar de fazer seus votos.

— Quem eram os dois homens que acompanhavam os noivos?

— Um amigo de Robert chamado Denis e seu irmão irracional, Gervaise. Denis contou tudo para sua esposa e sua boca está balançando como uma bandeira ao vento.

Seigneur Richard revirou os olhos e balançou a cabeça. — Nunca confie em uma mulher para manter a boca fechada.

— Então tem o garoto que pegamos na casa. Os pais dele estão com medo porque foi usado numa empreitada contra o senhor, então estão mantendo-o trancado dentro de casa. Outra coisa com a qual não temos que nos preocupar — Thomas respirou fundo. — Mas é nossa invasão da casa da garota que está causando as piores especulações. Eu também posso entender o porquê. É um evento sério, mas ninguém sabe nada sobre isso. Seu nome está sendo sussurrado, mas é tudo conjectura e dissonância. Muito se fala dos nossos homens que vigiavam a rua e a estalagem. Ainda bem que o estalajadeiro é um homem que odeia fofoca e sabe manter a boca fechada.

— Alguém pode identificá-lo?

— Como sabe, eu estava disfarçado de mendigo. Alguns acreditam que eu era uma pobre alma que veio ajudar as mulheres. Outros pensam que era um vagabundo ou um impostor que vinha à noite para roubar ou saquear as mulheres. Algumas pessoas acreditam que fui assassinado porque estava

prestes a despertar a aldeia. Existem tantos rumores que ninguém jamais descobrirá a verdade. Estamos seguros a esse respeito também.

Seigneur Richard deu um suspiro de alívio e se inclinou para frente em sua cadeira. — Onde estão Robert e Emilie agora?

— Eles fugiram com a mãe para Trois-Riviere. Depois disso, ninguém sabe.

— Fugiram juntos! Temos que encontrá-los. Até então, não posso ter paz. Vá para Trois-Riviere imediatamente. Pago quatro escudos e prometo minha proteção — ele bateu com o punho na mesa. — E aquele padre vilão! — As palavras saíram roucas da garganta de Seigneur Richard, meio sufocadas entre seus dentes. Ele franziu o rosto em resposta à paixão brutal crescendo dentro dele. — Ele interferiu de alguma forma e responderá por isso, Thomas.



Mais tarde naquele dia, Thomas voltou para falar com Seigneur Richard. — Eles estão em Québec. A menina e sua mãe foram levadas para o convento das mulheres, e Robert está com os franciscanos Récollets.

Satisfação maliciosa surgiu em Seigneur Richard. A esperança de que ele pudesse realizar seus desígnios perversos voltou a seus pensamentos. Ele retirou uma bolsa de dinheiro de couro da primeira gaveta de sua escrivaninha e a jogou para Thomas. — Excelente trabalho. Há dezesseis escudos aí dentro; os quatro que lhe prometi antes para ir à Trois-Rivère, e mais doze para ir a Québec buscar Emilie.

Thomas balançou a cabeça como se fosse recusar. — Quer que eu vá?

Seigneur Richard franziu a testa. — Não fui claro?

— O Seigneur deveria enviar outra pessoa.

O Seigneur Richard estreitou os olhos. — Por quê?

— Sempre fui grato por sua proteção, mas duvido que arriscaria minha vida desnecessariamente.

Seigneur Richard franziu a testa. — O que quer dizer?

— Há mais de um prêmio pela minha cabeça. Aqui em Pointe-du-Lac estou sob sua proteção. O magistrado Rivet é seu amigo e ignora minha presença. Vivo tranquilamente aqui, mas sou muito conhecido em Québec. Qualquer um que me entregar, vivo ou morto, receberá cinquenta *Louis* de ouro.

Seigneur Richard balançou a cabeça como se não acreditasse. — Está com medo!

— Não, sabe que provei minha coragem muitas vezes.

— Então, prove novamente.

Thomas olhou para suas mãos. O silêncio caiu sobre eles como uma mortalha. Ele olhou nos olhos de seu mestre. O ódio queimava em sua alma.

— Esqueça o que disse, eu irei.

— Eu não disse que deveria ir sozinho. Leve alguns dos homens e vá de bom coração. Não se preocupe com a recompensa de cinquenta *Louis*. Não sou desconhecido em Québec e um criado meu não seria maltratado lá — ele estudou os olhos vermelhos de Thomas. — Durma um pouco primeiro. Espero que tenha juízo. Pode partir de manhã cedo — o homem era mais do que leal, com astúcia e inteligência, e não havia ninguém em quem ele confiasse mais para completar o trabalho. Se recostou na cadeira e observou Thomas sair.

Seigneur Richard caminhou para olhar pela janela. De todos que conhecia, Thomas sozinho poderia trazer a garota para ele. Era apenas uma questão de tempo. Ele precisava encontrar uma maneira de manter Robert longe dela, e a maneira mais segura de conseguir isso era através do uso astuto da lei.

Decidiu falar com Antoine Rivet. Com tantas leis obscuras, Antoine certamente encontraria uma que se adequasse aos seus propósitos, alguma briga para escolher, alguma carga para lançar contra Robert Lanzille. O Seigneur Richard sorriu. Como seria fácil colocar um preço na cabeça do moleiro.



A impaciência de Robert aumentou. A chuva havia parado, mas deixado lama e sulcos profundos na estrada, o que tornava o progresso lento. O cocheiro de sua carruagem se perdeu no labirinto de ruas. Robert avistou um homem bem-vestido correndo pelo dilúvio e pediu informações sobre como chegar ao mosteiro Récollets.

— Não é longe daqui. Essa rua estreita leva ao mosteiro e não pode errar — o homem ergueu o colarinho e inclinou o chapéu para se proteger do frio, e continuou seu caminho.

Eles seguiram as instruções do homem até que o mosteiro apareceu, mas a estrada que levava a ele tornou-se mais estreita e lamacenta.

— Eu posso andar daqui — Robert agradeceu ao cocheiro e ofereceu-lhe o pagamento, mas como os outros, o homem recusou. Com um aceno de cabeça, o cocheiro virou a carruagem e se dirigiu na direção oposta.

Robert se encolheu sob o casaco e, ao contornar as poças, notou um pedaço de pão sobre um pedaço de grama. Alguém deve ter deixado cair. Quão incomum encontrá-lo espalhado de maneira tão aleatória. Mais pães estavam espalhados à frente. Incrédulo, ele pegou um. Era fresco, redondo e de uma qualidade que poucos podiam pagar. Deve ter caído recentemente porque não estava encharcado de umidade. Por que alguém o descartaria como lixo? Seu estômago roncou de fome e ele olhou para o pão. Isso o atormentava e, apesar da pontada de culpa que o possuía, decidiu pegá-lo. Além disso, se o proprietário se apresentasse, pagaria com prazer. Ele enfiou um pão em cada bolso do interior do casaco, deu uma mordida no terceiro e continuou seu caminho, mais incerto do que nunca.

Um homem e uma mulher com um menino caminharam em sua direção. Farinha espanou seus rostos e roupas esfarrapadas. A mulher levantou a bainha de seu vestido para formar um recipiente improvisado. Dentro dela carregava farinha solta, que transbordava e se espalhava pelo chão. Embora suas pernas estivessem expostas até os joelhos, cambaleava apesar do pesado fardo que carregava. Um pequeno saco de farinha pendia de uma corda em volta da cintura, enquanto o homem e o menino carregavam cada um, um saco nas costas. O menino cambaleou sob o peso de seu fardo. Um punhado de farinha escapava de um pequeno buraco a cada tropeço e vacilação de seu equilíbrio. Pesado por uma cesta de pão, que pendia de seu braço, o rapaz ficou para trás. Quando correu para alcançá-lo, a cesta virou e dois pães caíram.

— Não se atreva a deixar cair outro pão — a mãe rosnou.

— Não permito que caiam. Eu não posso evitar — ele choramingou.

— Ainda bem que minhas mãos estão ocupadas — ela rebateu. Ainda

segurando a bainha, ela balançou o punho para ele. Isso fez com que uma nova nuvem de farinha fosse lançada no ar.

— Pegue-os ou alguém fará isso por nós — o homem rosnou. — Estamos famintos há muito tempo.

Mais pessoas agora enchiam a rua. Um homem parou a mulher. — Onde conseguiu a farinha e o pão?

— Lá atrás — ela respondeu com um gesto.

O desespero e a fome obscureceram todos os rostos que Robert encontrou. Onde eles tiveram acesso a pão e farinha nessa escassez?

Descendo a rua ficava a igreja e o mosteiro Récollets. Robert enfiou a metade restante do pão no casaco e foi direto para a porta. Ele puxou a carta, seguiu-a na mão e puxou a corda da campainha. Em poucos instantes, uma pequena abertura na porta se abriu e o rosto envelhecido do porteiro apareceu atrás da grade. — Quem está aqui?

— Trago uma carta importante para o Frère Boaventura do Père Marc-Mathieu de Pointe-du-Lac.

— Dê-me — o porteiro enfiou a mão nodosa pela grade.

— Não, devo entregá-la pessoalmente.

— Ele não está aqui.

— Posso entrar e esperar por ele?

— Pode esperar na igreja. No momento, não pode ser admitido no mosteiro — o porteiro fechou o postigo com força.

Robert ficou indeciso. Ele deu alguns passos em direção à porta da igreja, mas mudou de ideia. Em vez disso, voltou para a estrada e ficou com os braços cruzados para observar a multidão crescente. Ele pegou o pão meio comido, mastigou um pedaço e abriu caminho para a multidão.

Em meio a um aumento constante de pessoas, Robert vagava pelas ruas. A cada esquina, pessoas vorazes e de olhos fundos com crianças famintas a reboque fugiam com sacos de farinha pendurados nos ombros ou pães enfiados sob os braços. Outros, de mãos vazias, correram na direção oposta para receber sua parte nos despojos. Um ar de rebeldia permaneceu. Robert nunca tinha visto nada assim antes. O povo estava se revoltando.

Dois anos de escassez de alimentos e seca causaram imenso sofrimento. Parecia que as coisas estavam tão terríveis aqui quanto em Pointe-du-Lac. As circunstâncias sempre pioravam na primavera, quando as provisões eram mínimas e os navios com sementes e produtos ainda não haviam chegado ao porto. Os senhores possuíam o privilégio exclusivo de moagem, com os habitantes obrigados por título de propriedade a trazer sua munição para sua moagem e entregar um décimo quarto de seus grãos.

Moinhos senhoriais como o que ele operava também não eram eficientes. Locais toscos, desajeitados e mal construídos, faziam pouco mais do que quebrar o trigo em farinha grossa, que dificilmente passava como farinha. Robert frequentemente reclamava que o produto estava impróprio para consumo. Seu próprio moinho banal era equipado com desajeitadas rodas de

vento, um pouco à moda holandesa. O tempo frequentemente falhava com eles, no entanto, os habitantes seguravam suas provisões por dias, esperando que um vento girasse as rodas.

À medida que as pessoas ficavam mais famintas, Robert ouvia rumores de muitos que morriam de fome em vez de implorar ou admitir serem pobres, pois os franceses eram muito orgulhosos. Os ingleses se saíram um pouco melhor, mas não muito. Eles se sustentaram por mais tempo com batatas, enquanto os franceses as consideravam desagradáveis e impróprias para consumo humano.

Ao seu redor, a paixão da multidão aumentava. Alguns, como Robert, ficaram observando o desespero em cada rosto. Ele ouviu trechos de conversas enquanto as pessoas passavam correndo. A esperança para o próximo ano diminuiu. A terra permaneceu inculta e deserta pelos habitantes, que em vez de trabalhar para prover o sustento para eles e outros foram forçados a procurar comida.

Robert ouviu a multidão enfurecida ao seu redor. Ele captou trechos de conversas sobre celeiros transbordando e imensas quantidades de grãos enviadas secretamente para a França. As pessoas passavam correndo por ele, mas para onde?

Era meio da manhã e Robert notou um entregador saindo de uma padaria próxima com uma cesta cheia de pães. Um homem arrebatou a cesta dele. — Deixe-me ver! — O garoto tentou protestar, mas as palavras morreram em seus lábios quando uma pequena multidão o cercou. Ele abriu os braços para se livrar das correias.

— Dê-nos a cesta! — A multidão gritou. Muitas mãos o agarraram e o puxaram para o chão.

— Queremos pão! — Um homem pegou um pão e arrancou um grande pedaço dele com a boca.

Mãos frenéticas pilharam a cesta até que todo o pão desapareceu. Aqueles que não conseguiram nada saíram correndo, gritando: — Para as padarias!

A multidão levou Robert até a padaria, onde o padeiro questionou o rapaz visivelmente chateado. Eles se viraram, boquiabertos com o enxame de pessoas vindo em sua direção, e correram para dentro da loja, trancando a porta atrás deles. A multidão enlouquecida correu para a porta, batendo e gritando para o padeiro abrir.

— Pare — Robert gritou em um esforço para acalmar o frenesi. — Este não é o caminho! — A dissonância que o cercava afogou seus apelos. Ver tal ira nua o fez desejar poder fazer algo para ajudar.

A milícia chegou, uma tropa de vinte homens armados com mosquetes correndo pela rua. Esperava que eles pudessem acalmar o tumulto antes que alguém se machucasse, mas tinha pouca esperança. Que bem poderiam fazer tão poucos homens contra tamanha multidão? Para grande surpresa de Robert, a multidão cedeu quando os milicianos abriram caminho para a frente da loja.

O capitão enfrentou a multidão. — Amigos — ele gritou, com os braços

erguidos para acalmar as pessoas. — Vão para casa. Não queremos ninguém prejudicado. Nada de bom resultará de tumultos — ele avançou para afastar as pessoas.

— Afastem-se — os milicianos rosnaram enquanto seguiam sua liderança e se jogavam na massa de pessoas, empurrando-as para trás com a coronha de suas armas. O povo protestou enquanto eles recuavam, pressionando os que estavam atrás deles. As pessoas na retaguarda continuaram abrindo caminho. Gritos daqueles presos no meio ressoaram quando a multidão os esmagou de ambos os lados.

— Abram espaço! Deem passagem! — O capitão berrou com alarme. Robert ouviu quando ele se virou para o mais próximo de seus homens e disse. — Não machuque ninguém, mas circule a loja para protegê-la.

O padeiro espiou de uma janela do andar superior e desapareceu. Alguns tentaram romper a linha de milicianos, mas foram ameaçados com os mosquetes.

— Vão para casa — o capitão gritou. — Tumulto é crime de enforcamento!

— Pão! Abra! — A horda gritou selvagememente.

— Terão pão, mas este não é o caminho — o capitão gritou. Alguém atirou uma grande pedra, que o atingiu na testa, e ele caiu sobre a arma. Seus homens puxaram seu corpo atrás deles.

O povo brandia pedras, paus e barras de ferro. O padeiro e os lojistas apareceram em todas as janelas superiores, armados com tijolos e pedras provavelmente arrancados de uma lareira. — Deixe-nos em paz!

A multidão respondeu com gritos e gestos.

O padeiro e seus meninos jogaram suas pedras e tijolos.

Gritos cortaram o ar quando as rochas atingiram seu alvo e as pessoas caíram. Um grito de gelar o sangue veio do centro da multidão de pessoas. — Matou-o — uma mulher gritou. A fúria aumentou a ira da multidão e eles avançaram e romperam a linha de milicianos.

Robert observou horrorizado quando a porta da padaria cedeu e a multidão entrou como uma torrente de água. Os poucos milicianos, voluntários mal treinados, ficaram sobrecarregados. Pessoas caíram e foram pisoteadas. Saqueadores surgiram com potes de barro, dinheiro, farinha, pão e até pedaços do balcão. Várias mulheres e crianças correram para pegar pães ou sacos de farinha que caíram acidentalmente, enquanto outras correram com bolas de massa nas mãos. As pessoas empurravam e lutavam em uma névoa de farinha branca que subia em nuvens e caía em cascata sobre tudo e todos.

Preso, Robert abriu caminho para fora da multidão. Uma vez livre, notou dois milicianos apontando para várias pessoas. Um segurava um tinteiro e o outro mergulhou a pena e fez anotações em um livro marrom. O do tinteiro o encarou. Ele se inclinou e disse algo para seu parceiro, que olhou para Robert com os olhos apertados antes de rabiscar uma anotação.

Um desordeiro saltou para uma parede próxima. — O Intendente esconde o pão de nós. Ele é o culpado pelos altos custos e coloca seu bolso nas costas do

nosso trabalho e suor.

Robert não podia negar as palavras do homem. O Intendente administrou os assuntos financeiros e econômicos em toda a Nova França.

— Os senhores são os verdadeiros ladrões — gritou outro.

— Sim, mas o Intendente está à frente deles — respondeu o homem na parede. — Ele supervisiona a distribuição de grãos e milho.

Robert perdeu a noção do tempo e olhou para o céu escuro. Ele deveria voltar para o mosteiro. Uma brisa fria soprou sobre a multidão cada vez menor. Estruturas, desfiguradas com pedras e tijolos, existiam a cada curva - janelas quebradas e portas destruídas por toda parte. As pessoas passavam por ele carregando latas, tinhas, vara de amassar, bancada, cesto, diário, livro ou outros objetos pertencentes a uma padaria. Estranho como todos corriam na mesma direção, provavelmente para algum lugar fixo.

Curioso, Robert voltou ao mosteiro. Chegou a uma fogueira no meio de uma rua abastecida com os apetrechos das padarias saqueadas. Ao seu redor, as pessoas dançavam e batiam palmas, o som se misturando ao rugido de mil gritos de triunfo. Fumaça e chamas queimavam enquanto os espectadores gritavam: — Morte para aqueles que nos deixam famintos! Fora com a fome!

Robert balançou a cabeça. A destruição de peneiras e amassadeiras e a pilhagem de assadeiras não era a maneira mais sábia de garantir um suprimento constante de pão no futuro, mas isso nunca passaria pela cabeça de pessoas famintas e exaltadas.

Circularam rumores de que outra padaria havia sido sitiada. A multidão se separou e correu em um bando frenético para o próximo alvo infeliz. A torrente arrastou Robert junto. Ele queria desesperadamente chegar ao mosteiro, mas sua consciência não o deixava. Talvez houvesse algo que pudesse fazer para evitar alguns tumultos ou a destruição da próxima padaria. Correndo o risco de ossos quebrados ou pior, optou por não se misturar na parte mais densa da multidão, mas manteve-se à distância. Seu estômago roncou de fome. Tirou o segundo pão do casaco e, mordendo um bocadinho, seguiu a multidão barulhenta até a padaria.

Ao chegar, em vez da multidão que esperava encontrar já trabalhando, viu apenas alguns homens e mulheres indecisos pairando a alguma distância da loja, fechada e protegida por milicianos armados nas vitrines. A maior parte da multidão voltou e parou, alguns continuaram em direções aleatórias, enquanto outros permaneceram para trás. Uma voz de mau agouro surgiu no meio da multidão. — A casa do Intendente fica perto. Vamos! — A multidão se moveu com fúria unânime, arrastando Robert junto com ela.



O Intendente da Nova França, Jean Bochart de Champigny, estava sentado sozinho na sala de jantar à cabeceira de uma longa mesa, digerindo um magro jantar de ensopado de carne de veado e um pedaço de pão grosso. Ele fez uma pausa quando uma batida urgente soou na porta da frente. Um de seus servos atendeu e ele ouviu uma conversa excitada antes que seu valete entrasse correndo na sala de jantar. — Mon Seigneur, uma multidão enfurecida está vindo aqui para abordá-lo. O Seigneur está em grave perigo.

— Para quê?

— Eles estão com fome e não há pão.

Ele se levantou para a janela. Uma multidão correu à vista, ziguezagueando em direção a sua casa. Os criados trancaram as portas e janelas.

— Saia pela porta dos fundos — ordenou ao criado. — Corra para o Château Saint-Louis. Diga ao Governador que precisamos de ajuda! Diga a ele para enviar tropas.

Do lado de fora, os uivos da horda aumentavam à medida que atiravam pedras. O som ressoou por todos os cantos da casa.

O criado empalideceu e hesitou.

— Vá agora! E apresse-se! — Gritou o Intendente.

O criado virou-se e fugiu.

Os gritos da multidão ficaram mais altos, mais raivosos. — Queremos o Intendente, vivo ou morto!

— Enfrente-nos, seu tirano!

— Está nos deixando famintos!

Ele vagou de sala em sala, ofegante de terror, implorando a seus servos que permanecessem firmes até que encontrassem uma maneira de escapar. Mas, como e onde? Ele subiu os degraus de dois em dois até o sótão e ali, por uma abertura entre o teto e o chão, olhou para a rua. Centenas de pessoas bloquearam a estrada em ambas as direções. Ele rezou para que o tumulto diminuísse. Em vez disso, o tumulto tornou-se mais selvagem, os golpes contra sua porta mais frequentes. Seu coração afundou.



Levado pela multidão, Robert se viu um participante relutante. Ele também queria justiça, mas quando a multidão gritou pelo sangue do Intendente e ameaçou matá-lo, recuou com aversão, pois nunca poderia ser cúmplice do assassinato.

Robert ficou perto da porta da frente da mansão do Intendente enquanto a multidão cruel a atacava. Eles martelaram na fechadura para quebrá-la. Outros batiam na porta com estacas, cinzéis ou martelos. Alguns, com pedras afiadas, facas cegas, pedaços de ferro quebrados, pregos e até com as próprias unhas, desfiguravam as paredes para soltar os tijolos e abrir uma brecha. Aqueles muito longe para alcançar gritaram encorajamento por trás.

Quando a milícia chegou, a casa estava cercada. A tropa parou no final da rua, incapaz de se aproximar.

A massa de pessoas ficou imóvel.

— Todos vão para casa — o líder da milícia gritou.

A multidão respondeu com um resmungo profundo e prolongado, mas ninguém se mexeu.

O líder hesitou, como se não soubesse o que fazer a seguir, superado em número pela massa de manifestantes.

A multidão insultou os soldados com zombarias e impropérios.

Na casa, os golpes contra a porta e as paredes continuaram. Entre eles estava um homem velho, meio faminto, que revirou os olhos encovados e ardentes e compôs seu rosto enrugado em um sorriso de complacência diabólica. Ele ergueu um martelo, uma corda e quatro grandes pregos acima de sua cabeça grisalha. — Vou pregar o bastardo nas ombreiras da minha própria porta, vivo como ele está. Terá uma morte lenta!

— Que vergonha! — Robert repreendeu, horrorizado com a sede de sangue.

Outros olharam de soslaio para o velho, perturbados por suas palavras.

Isso encorajou Robert. — Mataria o Intendente? Não cabe a nós fazermos justiça. Devemos seguir os protocolos adequados e fazer nossas reclamações legalmente.

— Seu cachorro! Traidor da Nova França! — O velho gritou, seu rosto roxo de raiva. — Deve ser um servo do Intendente. Pegue-o!

Robert tentou se virar enquanto a multidão avançava em sua direção. Alguns que o apoiaram, o cercaram e gritaram de volta. Ele teve o suficiente. Tinha sido um tolo ao pensar que poderia exercer qualquer influência sobre as pessoas nas garras de tal loucura. Tudo o que ele queria agora era abandonar esse tumulto e ir para o mosteiro. Ele lutou para abrir caminho com o cotovelo.

— O Governador chegou! — Alguém gritou.

Maldições e gritos de louvor irromperam da multidão. Todos viraram a cabeça para observar a aproximação da carruagem do Governador.

— Ele veio para prender o Intendente pelo direito de justiça que nos foi concedido! — alguém berrou.

Talvez pudesse haver uma solução pacífica para esse tumulto, pensou Robert. Ele decidiu fazer tudo o que podia para ajudar o governador e tentou vê-lo de relance, mas não foi fácil. A carruagem avançou um pouco no meio da multidão, mas não pôde ir mais longe por causa do grande volume de pessoas em seu caminho. De alguma forma, Robert conseguiu abrir caminho até ele.

O governador, Louis-Hector de Callière, espiou por uma janela e depois pela outra. Usava uma longa peruca branca e tinha um rosto comprido e estreito com maçãs do rosto salientes e olhos que avaliavam a situação. Robert tinha ouvido falar muito dele. No ano anterior, havia negociado um tratado de paz entre os iroqueses e várias tribos ocidentais aliadas aos franceses. Algumas pessoas o consideravam inflexível e arrogante, mas Callière era respeitado por sua liderança durante as guerras com os ingleses e os iroqueses. Certamente, ele poderia apaziguar essa multidão.

Robert o viu pronunciar palavras, mas não conseguiu ouvir o que dizia por causa das zombarias das pessoas que rugiam. O governador acenou calorosamente e gesticulou para que o deixassem passar.

A multidão se abriu um pouco, mas não o suficiente.

— Abram espaço, por favor — o Governador gritou.

— Viva o Governador! Teremos justiça, — a multidão gritava.

— Sim, eu prometo — o Governador colocou a mão no coração. — Um pouco de espaço, por favor. Estou aqui para lidar com o Intendente — ele se inclinou para frente e chamou seu condutor. — Continue, se puder.

O cocheiro deu à multidão um sorriso de graciosa condescendência e, com inefável polidez, agitou o chicote para a direita e para a esquerda. — Sejam bons o suficiente para fazer um pouco de espaço.

Robert deixou de lado qualquer pensamento de ir embora e tentou encorajar a multidão a recuar. Outros seguiram seu exemplo até que um caminho se abriu e a carruagem avançou. O governador colocou a cabeça para fora da janela novamente e prodigalizou a multidão com sua gratidão. Ele pegou o olhar de Robert e o reconheceu com mais de um sorriso.

Encantado, Robert sorriu de volta, certo de que o governador se lembraria bem dele.

A carruagem avançava lentamente. A distância até a casa do Intendente era de um tiro de pedra, mas parecia infinito. A multidão cercou a carruagem, suas vozes eram uma tempestade, estridentes e discordantes.

Robert e vários outros imploraram e ameaçaram até que guiassem a carruagem até a casa do Intendente. O cocheiro saltou, baixou os degraus da carruagem e o governador desceu. A multidão esticou o pescoço para ver de

relance o oficial de mais alto escalão da Nova França. A curiosidade deles produziu um longo período de silêncio.

O governador parou por um momento, olhou em volta e saudou o povo com uma reverência.

Robert colocou-se no caminho do governador e manteve a multidão afastada com os ombros enquanto o homem o seguia até a porta. As dobradiças foram quase arrancadas dos pilares. As ombreiras estavam em pedaços, esmagadas e forçadas. Através de um grande buraco na porta, um pedaço de corrente era visível, torcido, dobrado e quase quebrado em dois.

— Aberto para o Governador — Robert gritou na abertura.

De dentro da casa, alguém arrancou a corrente e abriu parcialmente a porta quebrada o suficiente para que um homem passasse.

— Rápido — bufou o Governador. — Deixe-me entrar — ele se virou para Robert. — Mantenha as pessoas afastadas, não deixe que eles me sigam! — Ele se virou e espremeu seu corpo pela abertura estreita, fechando a porta o melhor que pôde enquanto outros a seguravam com barras.

Do lado de fora, Robert e alguns outros homens trabalhavam com ombros, braços e gritos para manter o espaço livre.

A multidão ficou em silêncio enquanto esperava.

Em pouco tempo, a porta se abriu. O Governador liderava o caminho, seguido pelo Intendente, que rastejava atrás de seu libertador. — Cale a boca que eu te tiro dessa encrenca — disse o Governador ao Intendente.

Robert ouviu o comentário e percebeu que o governador não se importava com o que acontecia com o Intendente, desde que o motim terminasse sem derramamento de sangue. Ele e os outros, que haviam mantido o espaço livre, agora levantavam as mãos e os chapéus para proteger o Intendente do olhar perigoso da população o tempo suficiente para ele entrar e se esconder dentro da carruagem.

O Governador entrou atrás do Intendente e fechou a porta. Assim que o Governador se sentou, Robert ouviu-o avisar o Intendente para se esconder num canto e não se mostrar. Naquele momento, Robert entendeu que não haveria justiça. O Governador protegia o Intendente, nada mais.

Quando a carruagem se afastou, o Governador colocou a cabeça para fora da janela e deu uma última e longa olhada em Robert antes que a carruagem desaparecesse de vista.



Depois que a carruagem do governador se afastou sem ser impedida pela multidão, Robert olhou em volta. O crepúsculo espalhava sua melancolia pelas ruas e pessoas cansadas voltavam para casa. Por um tempo, ele caminhou entre a multidão que se dispersava e depois entrou em uma rua menos congestionada. Com fome, procurou uma pousada, sabendo que era tarde demais para ir ao mosteiro.

Robert caminhou e parou perto de um grupo de homens amontoados discutindo algo. Ele os ouviu tramando um tumulto no dia seguinte, não resistiu a se juntar a eles. — A escassez de alimentos não é a única desigualdade. Devemos expressar nossas preocupações até que todas as nossas queixas sejam resolvidas. Alguns Seigneurs são tiranos que tornam nossas vidas miseráveis e acreditam que estão sempre certos. Quanto mais tirânicas forem suas ações, mais alto eles estimam a si mesmos. Eu digo que há muitos deles. Por que sofrer o feudalismo neste novo mundo? Os ingleses não suportam tais senhores tirânicos. Eles concedem terras livremente, sem ônus, então por que deveríamos nós, os franceses?

— Sim, há senhores demais — concordou um homem.

Robert descansou as mãos nos quadris. — E as leis nunca se aplicam a eles. Tente buscar justiça como eu fiz e ficará insatisfeito. É o suficiente para fazer homens honestos ficarem desesperados. Sim, os senhores também desejam leis boas e justas, mas quando eles quebram essas leis, nada é feito porque estão em conluio entre si. Devemos buscar uma audiência com o Governador amanhã e contar a ele como estão as coisas.

Os homens olharam para ele com rostos inexpressivos, ponderando suas palavras.

— Deixe-me explicar: existe uma lei autorizada pelo Governador e Intendente que se aplicava perfeitamente à minha situação. Deveria ter me dado justiça, mas o magistrado se recusou a aplicar a lei contra o senhor que me ofende. O Governador deve ordenar a todos os magistrados que indiciem qualquer pessoa responsável por iniquidades. Se a punição for prisão de acordo com a lei, eles devem ir para a prisão, não importa quem sejam ou qual seja sua posição. Não concordam? — Robert perguntou.

Depois de alguns aplausos, embora a maioria concordasse com a cabeça, outros se afastaram balançando a cabeça. Os que permaneceram concordaram em se encontrar no dia seguinte em frente à igreja para mais discussões.

— Agora, quem pode me indicar uma pousada onde eu possa comer e me hospedar durante a noite? — Robert perguntou.

— Estou ao seu serviço — um homem de meia-idade que ficou indiferente ouvindo sua arenga, deu um passo à frente. — Vou levá-lo a uma e apresentá-

lo ao proprietário.

Robert sorriu. — É longe?

— Não muito longe — a sobrelha esquerda do homem levantou uma fração.

Robert apertou a mão de seu novo conhecido e partiu com ele. — Meus agradecimentos por sua ajuda.

— Não é preciso agradecer — o homem disse enquanto abria caminho entre a multidão e esperava que Robert o alcançasse. — De onde é?

— Pointe-du-Lac. Eu costumava operar o moinho lá.

Eles passeavam casualmente lado a lado agora.

— Pelo seu discurso parece que foi maltratado — o homem comentou.

O humor de Robert azedou. — Falei com cuidado para evitar tornar meus assuntos privados públicos, mas um dia meus problemas se tornarão conhecidos, então — Robert parou. Do outro lado da rua, uma placa que dizia Lua Cheia balançava na brisa acima de uma porta surrada. — Aqui está uma pousada. Esta servirá muito bem.

O homem cutucou seu cotovelo. — Não, esta não. O que eu te falei é apenas um pouco mais adiante.

Robert balançou a cabeça. — Não preciso de nada elaborado. Uma refeição simples e um colchão de palha me bastam. Por favor, entre comigo e deixe-me pagar-lhe uma bebida.

Um lampejo de frustração passou pelo rosto do homem e então desapareceu. — Eu aceito.

Dentro, dois grandes candelabros de velas suspensos em ganchos em uma viga do teto iluminavam a longa e estreita sala. Um bando de homens com aparência de escorbuto descansava em bancos ao longo de ambos os lados de uma longa mesa. A julgar pela aparência esfarrapada desses habitantes, Robert supôs que eles pareciam apaixonadamente dedicados a evitar o trabalho. Alguns jogavam cartas ou dados em mesas repletas de garrações e canecas, pratos e xícaras. Muitos haviam tombado, deixando a mesa molhada. O clamor na sala era quase ensurdecedor. Um cheiro de corpos sujos, cerveja e cebolas pairava no ar.

Um criado corria de um lado para o outro carregando pratos e xícaras ou tabuleiros de xadrez e dados. O estalajadeiro, um homem de rosto encovado, cabelo ruivo e barba ruiva bem aparada, estava sentado sozinho a uma mesa perto da lareira, ocupado em calcular somas de uma pilha de papéis. Periodicamente, ele levantava o olhar para examinar o que estava acontecendo. Quando os notou, se levantou e avançou em direção a eles, seu rosto era uma máscara em uma carranca perpétua. — Em que posso ajudá-los?

— Uma boa garrafa de cerveja e algo para comer — Robert sentou-se em uma das pontas da mesa e seu companheiro sentou-se à sua frente. Era bom sentar-se depois de tanto caminhar. Quase imediatamente, seus pensamentos vagaram para Emilie, Ada e a mesa que dividia com elas. A memória forçou

um suspiro e ele balançou a cabeça para afastar os pensamentos.

O proprietário voltou com um jarro e duas canecas de estanho e colocou-as na frente deles. Robert serviu e deslizou uma caneca para seu novo amigo. — Para umedecer seus lábios — ele disse enquanto enchia seu próprio copo, esvaziou-o em um gole e olhou para o proprietário. — O que pode nos trazer para comer?

— Cassoulet. Isso é tudo que eu tenho.

Robert franziu o rosto ao pensar em comer seu prato menos favorito, mas a fome superou o gosto e ele acenou para aceitar.

O proprietário parou o menino. — Traga dois pratos de comida para esses homens — ele olhou para Robert. — E não espere pão. Não há nenhum.

— Ah, mas eu tenho o meu — disse Robert. Do bolso tirou o terceiro e último pão.

Todos na sala se viraram para olhar e, por alguns breves momentos, ninguém falou. Do outro lado da mesa, seu companheiro fez uma careta.

— Pão a preço baixo! — Um homem com um cavanhaque curto gritou enquanto levantava o punho direito no ar. Robert percebeu que faltavam vários dedos.

— Não por um preço baixo — riu Robert. — Ganhei de graça.

Seu companheiro ficou tenso.

— Melhor ainda — gritou um homem cuja camisa e colete estavam manchados de lama.

— Mas eu não roubei — Robert anunciou. — Encontrei no chão.

— Sim, e os seios da minha esposa não caem até a cintura! — Um velho desdentado falou arrastado.

A sala explodiu em gargalhadas estridentes.

Robert ignorou os comentários. — Se eu descobrir quem é o dono, eu pago por isso — ele estudou a expressão gelada de seu companheiro.

Um homem corpulento com o nariz bulboso roxo de quem gosta de beber levantou-se. — Um brinde a este homem honesto!

Todos levantaram suas canecas, cerveja espirrando e derramando, antes de beberem o conteúdo e encherem seus copos.

Robert franziu a testa e olhou para seu sócio. — Eles acham que estou brincando, mas eu não estou. Não encontrará ninguém mais honesto do que eu — virou o pão na mão e ofereceu a ele. — Está um pouco amassado, mas havia muitos outros onde encontrei este.

O homem balançou a cabeça recusando a oferta, então Robert devorou três ou quatro goles e engoliu outra caneca de cerveja. — Nunca tive uma garganta tão seca.

Seu novo amigo fez um gesto para o proprietário. — Prepare uma boa cama para este sujeito. Ele precisa de hospedagem esta noite.

O proprietário olhou para Robert. — Quer uma cama para passar a noite?

Com a língua relaxada pela influência da cerveja, Robert assentiu. — Sim, mas apenas por uma noite, e somente se os lençóis estiverem limpos.

O rosto do estalajadeiro ficou vermelho enquanto se arrastava até a mesa e pegava o tinteiro, o papel e a pena. Ele voltou, passou por cima do banco e deslizou ao lado de Robert.

— Para que tudo isso? — Robert disse enquanto tomava outro gole de cerveja e olhava para o papel. — Não é isso que eu quis dizer com ficha limpa.

O proprietário inclinou-se para a frente e mergulhou a pena na tinta. — Qual é o seu nome completo e onde mora?

Robert franziu as sobrancelhas. — O que isso tem a ver com me fornecer uma cama?

— É a lei — o proprietário trocou um olhar estranho com o companheiro de Robert. — Somos obrigados a prestar contas de todos que dormem sob nosso teto: nome e endereço, que negócios vieram fazer, se está armado e quanto tempo pretende ficar.

Robert engoliu a borra de sua caneca. — Ah! A lei! Se as leis que favorecem as pessoas boas não valem nada, então aquelas que trabalham contra elas valem ainda menos. Eu sei muito bem da importância de uma lei — a tensão dos últimos dias começou a se dissipar.

— Estou falando sério — o proprietário lançou um olhar severo para o homem com Robert. Ele se levantou, voltou para a mesa, trouxe outra folha de papel e a jogou na frente de Robert. — Aqui está uma cópia da lei. Pode ler.

— Entendo! — Robert levantou seu copo cheio e o esvaziou novamente. Ele apontou para a folha. — Estou encantado em vê-la. Eu até reconheço as assinaturas — Robert empurrou de volta para o estalajadeiro. — Vou te dizer uma coisa - quando puder me mostrar um papel que decreta que um homem honesto pode se casar com uma jovem honesta, eu te direi meu nome. Além disso, tenho boas razões para não lhe contar. Se um vilão quiser saber meu paradeiro para me prejudicar, esse papel me protegerá? Não! Então não contarei nada a ninguém.

Silencioso, o proprietário olhou fixamente para o grupo, que parecia indiferente à discussão.

Robert engoliu mais cerveja. — Leve embora todos esses papéis incômodos e traga-me outra garrafa de cerveja, esta está quebrada — Robert tentou bater nela com os nós dos dedos, mas errou. Ele tentou novamente e sorriu quando sua segunda tentativa foi bem-sucedida. — Veja, até soa quebrada.

A essa altura, as ações de Robert atraíram a atenção da multidão e surgiu um murmúrio geral de concordância.

O estalajadeiro deu de ombros e ergueu as sobrancelhas para o colega de Robert.

— Esse homem faz sentido — disse um bêbado que ergueu sua caneca para Robert.

— Esses papéis estão cheios de truques e imposições — Robert ergueu sua própria xícara. — O que precisamos são leis reais — suas palavras soaram

arrastadas, mas se sentia bem e confiante.

O companheiro de Robert lançou um olhar de reprovação ao proprietário e dispensou-o com um gesto. — Deixe-o em paz por enquanto.

O estalajadeiro deu de ombros. — Contanto que veja que cumpri meu dever. — Ele fez uma careta, recuperou seus utensílios de escrita, em seguida, pegou o jarro vazio e empurrou-o para um criado.

— Traga mais cerveja — Robert disse, suas palavras pareciam se misturar.

— Mais do mesmo — o proprietário disse com uma voz curta, enquanto olhava com raiva para o rapaz antes de retornar ao seu lugar na lareira.

Robert acenou com a cabeça para seu novo amigo. — Entendo como pessoas boas podem apoiar umas às outras — ele acenou com a mão. — Não é admirável que nossos governantes usem pena, tinta e papel para invadir nossa privacidade? Eles têm uma grande paixão por manear a caneta!

— Quer saber por quê? — perguntou o vencedor de um jogo de cartas.

— Deixe-me ouvir — disse Robert.

O homem levantou-se cambaleante, com a caneca em ambas as mãos. Ele era o homem mais feio que Robert já vira, com olhos de sapo e queixo pontudo. — Os senhores comem tantos gansos, e têm tantos espinhos, que são obrigados a usá-los.

Todos riram, exceto o pobre homem que acabou de perder o jogo.

Um homem com um olho que vagava ao acaso apontou uma mão trêmula para Robert. — Este homem fala com eloquência. Seria sensato ouvi-lo — ele caiu da cadeira para trás, bêbado.

Isso trouxe outra risada retumbante.

Robert lembrou sua elegante proposta para Emilie e como ficaram despreocupados e tontos de amor depois que ela aceitou. Sua perda o irritou novamente. — Mas os legisladores empunham as canetas e acreditam que as palavras que escrevem não se aplicam a eles. Mas quaisquer palavras que alguém como eu pronuncie, são registradas no papel para serem usadas posteriormente. Eles também têm outro truque para aqueles que não sabem escrever, mas são de bom humor — Robert bateu na testa com o dedo indicador. — Assim que eles percebem que entendemos, eles jogam um pouco de latim para nos confundir e impedir que nos defendamos. Devemos acabar com tais práticas! Hoje tudo foi feito sem caneta, tinta e papel. Amanhã, se as pessoas se governarem adequadamente, podemos conseguir ainda mais sem prejudicar ninguém.

Seu companheiro inclinou-se sobre a mesa. — Se eu governasse a Nova França, encontraria uma maneira de consertar as coisas.

Robert focou seus olhos nele. — Como?

— Eu garantiria que todos tivessem pão suficiente, tanto os pobres quanto os ricos. Primeiro, estabeleceria um preço moderado que todos pudessem pagar. Depois, distribuiria o pão de acordo com o número de bocas a serem alimentadas. Daria uma nota a cada família, listando o número de pessoas em sua casa, para ser apresentada às padarias. Por exemplo, minha nota diria:

“Ambroise Fuselle, ferreiro de profissão, com esposa e quatro filhos, que residem em Quebec”. A nota me permitiria comprar pão suficiente a um custo fixo. Sua nota diria — fez uma pausa e olhou para Robert com olhos estreitos.

— Qual é o seu nome?

— Robert Lanzille.

— Ah, Sim, Robert Lanzille — o homem repetiu. — Tem esposa e filhos?

— Eu deveria ter uma esposa e filhos, mas não, ainda não.

— Então está solteiro! Receberia uma porção menor.

— Mas e se eu me casar?

O homem se levantou de seu assento. — A nota seria alterada e o valor aumentado. Como eu disse, a quantidade de pão listaria o número de pessoas a serem alimentadas.

Robert bateu na mesa com a mão. — Faz sentido. Então por que eles não fazem disso uma lei?

— Como posso saber — Ambroise encolheu os ombros. — É hora de desejar-lhe boa noite. Eu devo estar fora. Minha esposa e filhos estão esperando por mim há muito tempo.

— Mais um gole — Robert encheu o copo do amigo e, levantando-se, agarrou-o pela camisa para forçá-lo a sentar-se novamente. — Caso contrário, me insulta.

Ambroise se desvencilhou com um súbito puxão. — Desejo-lhe uma boa noite —disse secamente e se afastou.

Robert assentiu de volta, mas não conseguiu persuadi-lo a voltar. Ele afundou em seu assento. Olhando para o copo que acabara de encher, e vendo o menino passar pela mesa, agarrou-o pelo braço e apontou para a caneca. — Veja, eu ofereci isso para aquele cavalheiro. Cheio até a borda, digno de um amigo. Mas ele não quis — Robert falou com uma enunciação lenta e grave. — As pessoas têm ideias estranhas. Não devo desperdiçá-lo — Robert o pegou e esvaziou em um longo gole, então limpou a boca com a manga.

— Entendo — disse o menino, afastando-se.

— Entende, não é? — Robert balançou a cabeça enquanto a sala girava. Não estava acostumado a tais excessos. A cerveja que havia engolido para refrescar a garganta seca, um copo após o outro, tinha subido à sua cabeça. Tanto a cerveja quanto as palavras fluíram entre os lábios de Robert sem medida ou razão, até que soube que havia ido além de sua capacidade de governar a si mesmo. Ele satisfez seu desejo de falar com as pessoas ao seu redor, mas sua capacidade de conectar frases falhou. Os pensamentos nublaram sua mente e desapareceram. As palavras que ansiava por falar tornaram-se inaplicáveis enquanto ele lutava para formar uma frase. Perplexo, procurou mais cerveja e o proprietário. — Que tipo de estalajadeiro ele é? — Gritou para ninguém em particular. — Para onde ele foi? Não suporto a maneira como tentou me enganar para lhe dar meu nome, empresa e residência. Os estalajadeiros devem nos ajudar, não trabalhar contra nós.

Todo mundo riu.

— Não riam, fui um pouco longe demais, eu sei, mas meus motivos são justificados. Além disso, quem o mantém no negócio? Nós! Não vejo nenhum legislador aqui molhando a boca.

— Eles só bebem água, — riu um homem.

— Para manter a cabeça limpa, — gritou outro.

— Sim, para que possam contar suas mentiras lucidamente.

A sala explodiu em gargalhadas.

— Aposto que o bom governador nunca veio aqui para fazer um brinde ou gastar uma moeda bonita. E aquele cão vilão, Seigneur Rich — é melhor eu segurar minha língua. Os únicos homens bons que conheço são o Governador e o Padre Marc — ele se conteve novamente. — Existem tão poucos homens bons no mundo. Os velhos são piores que os jovens, e os jovens são piores que os velhos. Pão, *Mais Sim*, encontrei alguns pães, mas também dei alguns. Viva a justiça — Robert arrotou, apoiou o queixo no peito e assim permaneceu por alguns instantes. Quando a sala parou de girar, soltou um suspiro e olhou ao redor.

Perto dali um homem fez uma careta. — Olhe para ele.

Todas as cabeças se viraram na direção de Robert e a massa indisciplinada e bêbada riu. Robert não conseguia mais se concentrar no que diziam, mas sabia que zombavam dele e o provocavam com perguntas tolas e grosseiras.

— Ele está tão bêbado que aposto que não saberá a diferença entre urina e cerveja — enquanto todos riam do comentário, o jovem que o fez agarrou a caneca de Robert e segurou-a na frente de sua virilha enquanto fingia urinar nela.

Robert errou em uma resposta. Murmurou palavras incoerentes para eles, mas conseguiu não mencionar nenhum nome, especialmente o de Emilie. Ele não suportaria se zombassem dela também. Ele descansou a cabeça na mesa e fechou os olhos para parar de girar.



— Já chega! Deixe-o em paz — gritou o proprietário.

Robert ergueu a cabeça da mesa, molhada de cerveja derramada. Tentou dizer alguma coisa, mas a sala girou em uma velocidade alarmante, e ele apertou os olhos para focar a sala.

O proprietário arrancou a caneca de sua mão. — Já teve o suficiente. É hora de ir para a cama e dormir um pouco. Vou levá-lo para o seu quarto agora.

Robert sabia que estava bêbado, mas não podia confiar no estalajadeiro por causa da tentativa anterior do homem de arrancar informações dele. As palavras '*cama*' e '*dormir*' despertaram alguma lucidez e Robert plantou as mãos abertas sobre a mesa e tentou duas vezes se levantar, sem sucesso. Destemido, suspirou e tentou mais uma vez, mas cambaleou e quase caiu. O estalajadeiro o segurou e então o guiou até a escada. Os clientes erguiam suas canecas e gritavam enquanto passava tropeçando. Ele virou a cabeça para olhar para eles. Se não fosse pelo aperto firme do proprietário em seu braço, teria caído. Tudo o que conseguiu foi um aceno rápido de seu braço livre.

O estalajadeiro o empurrou pela estreita escada de madeira até uma pequena sala. Uma solitária lanterna de vela lançava uma luz fraca na sala com cheiro de mofo.

Quando Robert viu a cama bem arrumada, olhou para seu anfitrião com gratidão. Com as pernas instáveis, estendeu a mão para dar tapinhas no ombro do homem, mas errou. Robert fez uma segunda tentativa, mas o estalajadeiro agarrou sua mão e a empurrou.

— Foi gentil — Robert gaguejou. — Mas tentou me enganar para lhe dar meu nome.

O estalajadeiro fez uma careta — eu não fiz isso para te irritar ou me intrometer em seus assuntos, seu tolo. O que gostaria que eu fizesse? Desobedecer a lei? Eu seria o primeiro a ser punido. Então me faça este favor e me diga seu nome para que possamos ir para a cama com a mente limpa.

— Ah, porque não me deixa em paz — Robert repreendeu com um aceno de seu braço.

O rosto do estalajadeiro ficou vermelho e ele enfiou o dedo no peito de Robert. — Cala a boca, simplório. Já me deu problemas suficientes por uma noite. Vá para a cama.

A raiva de Robert explodiu. — Está aliado a eles, não está? Espere, eu resolvo isso — Robert se levantou e se dirigiu para a porta aberta. — Amigos — gritou escada abaixo. — O estalajadeiro é um deles.

— Pare! Eu só disse isso como uma piada! — O homem o puxou de volta para o quarto. — Foi uma piada. Entende? Não crie mais problemas para mim.

— Ah, uma piada está dizendo. Agora está fazendo sentido — Robert se jogou na cama e tentou levantar o pé para tirar os sapatos, mas não conseguiu.

— Dispa-se e seja rápido — o estalajadeiro ajudou-o a tirar o casaco e verificou os bolsos. Sua busca foi bem-sucedida e ele removeu um punhado de moedas. Ele olhou para Robert. — É um homem honesto, não é?

— Um homem honesto — Robert falou arrastado enquanto se esforçava para desabotoar a parte de cima da camisa.

— *Bon*, vamos acertar nossas contas hoje à noite, certo? Posso não estar aqui de manhã quando acordar.

— Isso é justo — murmurou Robert. — Posso ser um tolo, mas pago minhas próprias despesas.

— Está tudo aqui, — o estalajadeiro disse enquanto embolsava o que devia e deixava o resto. — Considere sua conta regularizada.

Robert se atrapalhou com um botão teimoso. Frustrado, olhou para seu anfitrião. — Me ajude, sim? — Robert bocejou.

Exausto, Robert deixou o homem tirar os sapatos e as meias e depois caiu de costas, de calça e camisa. A última coisa de que se lembrava era do estalajadeiro jogando uma colcha sobre ele.



O estalajadeiro segurou a lanterna perto do rosto de seu hóspede adormecido e estudou suas feições. — Cretino! — Ele sussurrou. — Não passa de um tolo que trouxe mais problemas para si mesmo do que imagina. — Balançando a cabeça, ele saiu do quarto e tomou muito cuidado para trancar o bêbado no quarto.

Ele caminhou até o final do corredor e abriu a porta do quarto de seu apartamento particular, onde sua esposa dormia profundamente. Alguns roncões irritantes reverberaram de sua garganta, que se tornou uma tosse quando ele a cutucou para acordá-la. — Preciso que desça e vigie a taverna para mim. Eu tenho que sair.

— A essa hora? — Ela se sentou com uma careta e esfregou os olhos.

— Sim, graças a um de nossos inquilinos bêbados. O tolo entrou com o Preboste dos Maréchaussées e nem sabia. Quando lhe pedi informações de acordo com a lei, ele recusou. Agora está dormindo no quarto no final do corredor. Eu o tranquei, então não vai nos dar mais problemas. Agora tenho que ir ao escritório dos Maréchaussées e denunciá-lo por se recusar a dar suas informações, caso contrário, serei eu quem terá problemas com a lei.

— Não pode denunciá-lo pela manhã?

— Não, tem que ser esta noite. Se for procurado por eles e for embora, me responsabilizarão. Prefiro não arriscar. Melhor manter o lado bom das autoridades. Com todos os problemas hoje, quem sabe no que o homem estava envolvido — ele se sentou na cama e observou sua esposa se vestir. — Cuide-se e fique de olho em tudo e em todos. Houve muitos problemas nas ruas hoje.

— Oh, pelo amor de Deus — ela murmurou enquanto colocava seu corpete sobre seus seios infelizmente inadequados. — Eu não sou uma criança. Eu sei o que fazer.

— Bem, certifique-se de que eles paguem e se disserem algo sobre o Intendente, o Governador ou o Capitão da Milícia, finja que não está ouvindo e atenda a outro patrono. Voltarei assim que puder.

Ele foi com ela até a cozinha e olhou para a taverna. Mais da metade dos clientes havia ido embora. Apenas alguns ficaram para trás para terminar a cerveja em seus frascos. Ele pegou o chapéu e a capa em um cabide atrás da porta. Colocando-os, verificou se o bastão curto e grosso que carregava para proteção ainda estava escondido em seu bolso, repetiu suas instruções para a esposa e saiu para a noite fria.

Pequenos grupos de pessoas e patrulhas de soldados ainda vagavam, mas ao contrário do início do dia, tudo estava calmo agora. Caminhando rapidamente e de cabeça baixa, não demorou muito para chegar ao escritório dos Maréchaussées

No interior, no andar principal da estrutura de três andares, magistrados, soldados e oficiais dos Maréchaussées ocupavam-se em diversas atividades. Alguns escreviam seus relatórios. Outros sentavam-se em mesas discutindo os eventos do dia e planejando estratégias para amanhã. Ele ouviu trechos de conversas - mais guardas para proteger a casa do Intendente, certas ruas seriam barricadas com madeira ou carroças.

O estalajadeiro tirou o tricórnio e olhou em volta à procura de Ambroise Fuselle. Ele o viu em uma mesa ocupada escrevendo. Passando por várias pessoas, foi até ele e limpou a garganta. — Perdão, Monsieur Fuselle.

Ambroise ergueu os olhos. — Como posso ajudá-lo? — Ele se recostou e colocou sua pena na mesa ao lado do bastão azul decorado com as flores-de-lis douradas de seu escritório. O Provost agora usava uma bandoleira de veludo azul bordada com a flor-de-lis, que o identificava como o líder dos Maréchaussées.

— Sobre aquele homem que o senhor trouxe para minha pousada mais cedo. Vim contar que tentei saber o nome dele, mas ele não deu.

— Cumpru seu dever vindo aqui me contar, mas eu já sei quem ele é.

— O senhor sabe? Como?

Um sorriso sardônico surgiu no rosto do reitor. — Nós temos nossos métodos.

Ele se recostou na cadeira e olhou para o senhorio sob as sobrelanceiras franzidas. — Mas não me contou tudo.

O estalajadeiro piscou duas vezes e então franziu a testa. — O que mais poderia haver para contar?

— Eu sei que ele carregava pão roubado, provavelmente saqueado.

— Um homem chega na minha pousada com um pão no bolso e eu devo saber onde ele conseguiu? Eu nunca vi o homem antes na minha vida. Sou apenas um estalajadeiro, não um adivinho.

— Não pode negar que este seu patrono teve a ousadia de proferir palavras injuriosas contra nossas leis, e fez piadas impróprias e vergonhosas sobre o Intendente.

O estalajadeiro girava o chapéu nas mãos. — Foi o senhor quem o trouxe para minha pousada.

O reitor estreitou os olhos. — No entanto, enquanto em sua estalagem, em sua presença, ele pronunciou discursos inflamatórios, palavras imprudentes e propostas sediciosas. — Ambroise rolou a pena entre as pontas dos dedos e olhou fixamente para ele.

— Como o senhor pode me culpar pelo que os clientes bêbados dizem? Não tenho mais controle sobre eles do que o senhor tem sobre o clima. Era tudo que eu podia fazer para evitar que as coisas saíssem do controle em minha taverna após os acontecimentos do dia. É melhor eu voltar e esperar que minha pousada ainda esteja de pé. — Ele colocou o chapéu na cabeça e se virou para sair.

— E esse seu cliente, o que está fazendo agora?

O estalajadeiro parou e se virou.

— Ele foi para a cama.

— Bom. Tome cuidado para não o deixar escapar.

— Eu o tranquei em seu quarto.

— Vou mandar alguém buscá-lo pela manhã. Ele enfrenta sérias acusações.

Vou responsabilizá-lo se ele fugir. Agora vá para casa — o Provost pegou sua pena e olhou para os papéis diante dele em sinal de dispensa.



— Robert Lanzille. Acorde.

Duas sacudidas bruscas e a voz ao pé da cama despertaram Robert de um sono profundo. Ele gemeu. Sua cabeça latejava como se alguém tivesse cravado pregos nela e, com grande dificuldade, abriu os olhos. Um homem de rosto severo com cabelos grisalhos e um casaco preto olhou para ele do pé da cama. Dois homens estavam de pé de cada lado de seu travesseiro. Atordoados por causa do sono e da embriaguez da noite anterior, Robert ficou desorientado. Ele devia estar sonhando e esfregou os olhos para acordar do pesadelo.

— Levante-se e venha conosco — exigiu o homem de casaco *escuro*.

A cabeça de Robert doía tanto que ele duvidava que pudesse levantá-la. Sua boca tinha gosto de um punhado de alho-poró podre. Pior, sua bexiga parecia prestes a explodir se não encontrasse o penico logo. Mas a poderosa compreensão de que não era um sonho o colocou em estado de alerta e se sentou na cama. — Do que se trata? Como sabe meu nome?

— Sem falar. Levante-se — disse um dos homens que o agarrou pelo braço. Robert notou que faltavam os dois dentes da frente superiores. O outro homem, que pairava acima dele com o rosto avermelhado pelo vento, apenas franziu a testa. Todos os três homens usavam as tradicionais bandoleiras de veludo azul com flores-de-lis que marcavam os oficiais dos Maréchaussées.

Robert puxou o braço para trás e olhou para o homem de negro. — Exijo saber do que se trata!

— Eu sou o Tenente Gerard dos Maréchaussées e estes são meus homens.

— Vamos carregá-lo de camisa e calça? — Perguntou o oficial Maréchaussée desdentado.

O tenente olhou para Robert com impaciência. — Eles farão isso se não se levantar agora e vir conosco.

— Para quê? — Perguntou Robert.

— O próprio reitor lhe dirá isso.

— Eu não fiz nada e estou surpreso.

— Melhor assim. Se isso for verdade, será liberado e poderá cuidar de seus próprios negócios.

Robert sentou-se. — Deixe-me ir agora. Eu não violei nenhuma lei.

— Vamos carregá-lo? — Resmungou o Maréchaussée desdentado novamente.

O tenente estreitou os olhos. — Vista-se, Lanzille.

— Eu pergunto novamente, como sabe meu nome?

O tenente acenou com a cabeça para seus homens. — Levantem-no.

Os dois homens levantaram Robert, mas ele empurrou suas mãos. — Não

me toquem! Eu me vestirei.

— Então faça isso e seja rápido — disse o tenente, com as sobranceiras franzidas.

— Estou me levantando — respondeu Robert enquanto se erguia da cama e procurava o penico, que encontrou embaixo dela. Ele virou as costas para os homens, fez suas necessidades e juntou suas roupas, que estavam espalhadas pela cama e pelo chão. — Já que injustamente colocou esta afronta sobre mim, eu gostaria de ser conduzido ao Governador. Eu o conheço, ele é um cavalheiro e tem alguma obrigação comigo.

— *Mais sim*, será conduzido diretamente a ele — respondeu o homem de negro com um sorriso irônico. — Na verdade, ele já preparou uma refeição e acomodações confortáveis em sua homenagem.

Os dois homens caíram na gargalhada.

O tenente silenciou-os com um olhar severo.

Enquanto se vestia, Robert tentou pensar em um motivo para esses homens abordarem-no assim. A lei que exige a divulgação de informações pessoais deve ser a causa dessa ocorrência desagradável. Ainda assim, como este homem aprendeu seu nome? Robert havia bebido demais na noite anterior, mas o que poderia ter acontecido para que os homens da lei o prendessem? Especialmente depois de todos os seus esforços para incutir paz e razão durante o tumulto do motim de ontem. Ele olhou pela janela e observou a agitação crescente na rua. Olhou para o tenente que cruzara os braços e batia o pé com impaciência.

Robert parou para encontrar uma maneira de sair desse problema. — Se é porque me recusei a dar meu nome ao estalajadeiro ontem à noite, estava um pouco confuso. O estalajadeiro me encheu de cerveja traiçoeira e isso afetou qualquer palavra que eu pudesse ter falado. Se isso é tudo, agora estou pronto para cooperar. Além disso, já sabe meu nome. Quem lhe contou?

— É bom ver que tem bom senso — disse o tenente. — É a melhor maneira de sair dessa dificuldade. E tenho certeza de que quando eu o prender e contar sua história ao magistrado, será demitido e posto em liberdade. Mas não posso libertá-lo, como gostaria de fazer.

— Vamos passar por uma igreja ou mosteiro? — Robert perguntou na esperança de convencê-los a deixá-lo parar e encontrar o abade que veio aqui procurar.

O tenente deu de ombros. — Não sei ao certo. Quanto mais cedo chegarmos lá, mais cedo será posto em liberdade — respondeu o tenente.

Gritos ressoaram da rua abaixo. Ele olhou pela janela e viu um grupo de cidadãos que, ao serem instados por uma patrulha de soldados a se dispersar, rosnaram de volta para eles.

Robert agora estava vestido, exceto pelo casaco, que segurava com uma das mãos e revistava os bolsos com a outra.

O tenente abriu a porta. — Vamos.

Robert franziu a testa enquanto verificava todos os bolsos. — Eu tinha

algum dinheiro e uma carta no bolso.

— Entendi. Eles lhe serão devolvidos quando as formalidades forem executadas — disse o tenente. — Vamos embora.

Robert balançou a cabeça. — Não. Quero meu dinheiro e minha carta. Prestarei contas de tudo o que fiz, mas quero que meus itens sejam devolvidos para mim primeiro.

O tenente deu a ele um olhar avaliador, então retirou as moedas e a carta de seu bolso interno e as entregou.

Robert enfiou-os no próprio bolso e pegou o chapéu.

O tenente acenou para seus homens descerem a escada com Robert espremido entre eles. Quando chegaram ao andar principal, Robert olhou em volta em busca do estalajadeiro, mas os oficiais agarraram suas mãos e prenderam seus pulsos com uma corda de pequenos nós que tinha duas cavilhas retas amarradas em cada extremidade. A corda envolvia seu pulso, os pedaços de madeira foram segurados por um de seus captores, que os apertou para demonstrar controle. A dor atravessou a mão de Robert, não apenas por causa do aperto, mas por causa dos muitos nós que cavaram em sua carne.

Robert lutou. — Qual é o significado disso!

O tenente acenou com a cabeça para o oficial e ele soltou um pouco da pressão. — Uma mera formalidade, nada mais. Enfrente bem isso e logo tudo passará. E, já que é cooperativo, vou lhe dar outro conselho. Caminhe sem fazer contato visual com ninguém. Não dê atenção a si mesmo e as coisas lhe serão muito mais fáceis — ele se virou para seus homens. — Tomem cuidado para não o machucar. Enquanto caminhamos, parece que somos quatro homens passeando. Não quero problemas — com um sorriso agradável, ele encarou Robert novamente. — Faça o que eu digo e tudo ficará bem. Agora vamos embora.

Quando pisaram na rua, Robert olhou em volta. Três homens se aproximaram da direção oposta, conversando profundamente. À medida que se aproximavam, Robert os ouviu mencionar uma padaria, farinha escondida e justiça. Robert tossiu e arregalou os olhos para atrair a atenção deles. Funcionou e eles pararam para olhar para ele.

Após o encontro dos dois grupos, outros se reuniram até que uma pequena multidão se formou.

— Tenha cuidado para que não se torne pior — o tenente advertiu Robert pelo canto da boca.

Os dois oficiais trocaram um olhar cauteloso e apertaram as algemas de Robert em advertência.

— Aaahh! — Robert gemeu.

Mais espectadores se reuniram e agora os cercaram. Alguns carregavam bastões, outros ficavam de braços cruzados.

— Abram caminho. Ele é um ladrão pego em flagrante roubando e comendo pão ontem! — O tenente gritou. — Dê um passo para trás!

Robert aproveitou o momento. — Eles estão me levando porque eu gritei

por justiça ontem. Eu não fiz nada! Ajudem-me!

Surgiu um murmúrio de aprovação seguido de gritos mais explícitos a seu favor. Todos os três oficiais Maréchaussées comandaram, depois pediram e imploraram à multidão que os deixassem passar, mas o grupo cada vez maior apenas pisou e avançou para alcançar Robert. Seus gritos de raiva aumentaram com sua indignação.

— Solte-o!

— Fome não é crime!

Sentindo o perigo, os dois policiais soltaram as algemas de Robert, viraram-se e tentaram fugir, mas alguns da multidão os perseguiram.

Sozinho, o tenente empalideceu e se agachou como se fosse escapar, mas a tempestade de gente se juntou contra ele. Como uma palha congelada no gelo, ele se viu preso. Ficou cara a cara com um homem que fez uma careta para ele.

— Seu corvo feio! — rosnou o homem, saliva voando de sua boca.

— Ravena! Corvo! — A multidão ressoou. Empurrões aumentavam seus gritos, enquanto pressionavam para ele, engolindo-o no vórtice de sua raiva.

O tenente caiu no chão em um borrão de socos e chutes maciços que o esmurraram em total imobilidade.

Horrorizado, Robert assistiu, paralisado ao ver tal loucura desenfreada. Impotente para detê-los, com o peito explodindo de alarme, aproveitou a oportunidade e fugiu para não ser culpado.



Com o coração batendo forte, Robert disparou no meio da multidão e correu pela rua. Quando julgou seguro, diminuiu o passo e se obrigou a caminhar casualmente para evitar chamar a atenção.

Ele não tinha escolha, devia sair dali e logo. Agora que as autoridades sabiam seu nome, poderiam culpá-lo por causar o ataque ao tenente e localizá-lo. A multidão matou o homem? Robert duvidava que alguém pudesse sobreviver a tal ataque. Ele não poderia retornar a Pointe-du-Lac, porque essa seria a primeira busca que as autoridades de locais fariam. Quanto a receber asilo no mosteiro, recomendou o père Marc-Mathieu, ele ficaria preso lá e duvidava que pudessem protegê-lo de seus perseguidores. Sua única opção era ir para onde ninguém o conhecesse. Muito melhor ser um pássaro na floresta do que um pássaro em uma gaiola.

Robert lutou contra o pânico crescendo dentro dele. Um homem inteligente pensa numa hora dessas, um homem estúpido corre até que as autoridades o peguem. A única saída segura em que ele conseguia pensar era com seu amigo Bastien no assentamento de Saint-Anne-de-Beaupre, mas primeiro tinha que encontrar o caminho até lá. Ele não tinha ideia de qual direção tomar e precisava pedir informações a alguém. Depois de escapar da multidão enfurecida, os oficiais Maréchaussées estariam procurando por ele. Rumores de sua fuga já podiam estar circulando e ele devia ter cuidado para quem perguntar.

Um homem de proporções generosas com queixo duplo e barriga corpulenta estava parado na porta de sua loja com as mãos atrás das costas, subindo repetidamente na ponta dos pés e abaixando-se nos calcanhares. Robert decidiu evitá-lo porque parecia muito ocioso e poderia fazer mais perguntas do que respostas.

Um homem caminhou em sua direção com o cenho franzido, olhos no chão, e que mal parecia saber para onde estava indo. Ele também não, decidiu Robert.

Um menino corpulento estava encostado em uma árvore. Ele parecia inteligente o suficiente, mas seu sorriso sardônico o fazia parecer maldoso e poderia se deliciar em mandá-lo para a direção errada.

Por fim, ele avistou um homem de meia-idade que se aproximou como se tivesse algum negócio urgente para resolver. Este poderia ser confiável o suficiente para lhe dar uma resposta direta. — Perdão — Robert perguntou. — Poderia me dizer qual estrada me levará a Saint-Anne-de-Beaupre?

— Para Saint-Anne-de-Beaupre? É uma boa caminhada de dois dias daqui. Não há uma estrada direta, mas fica a leste subindo o rio São Lourenço.

— *Merci*, e qual estrada me levará para fora da cidade?

— Vire à esquerda nesta rua e volte para a igreja — o homem o examinou.

— *Merci* — Robert disse com um aceno rápido.

O homem deu-lhe um último olhar perspicaz e continuou seu caminho.

As instruções o levaram além do mosteiro dos Récollets que ele deveria ir para o santuário. As portas, janelas e portões foram fechados com tábuas contra o tumulto. Um monte de cinzas e combustíveis extintos, as relíquias de uma fogueira do tumulto do dia anterior. Ao lado dela, soldados guardavam uma assadeira que mal estava de pé. Com a cabeça baixa, Robert passou por eles o mais rápido possível. Como gostaria de poder bater no convento e entregar a carta do père Marc-Mathieu a quem atendesse a porta. Mas ninguém responderia agora. Uma pontada de arrependimento tomou conta dele. Deveria ter escutado o frade que atendeu a porta e lhe disse para esperar na igreja. Tarde demais agora.

A rua que saía da cidade não ficava muito além do mosteiro, mas soldados a patrulhavam dos dois lados. Robert hesitou e olhou para frente e para trás antes de passar correndo. Melhor ser um pássaro da floresta, enquanto puder. Ele também pensou em Emilie, mas com tudo o que havia acontecido com ele, não podia confiar em ninguém para enviar um bilhete ou mensagem para ela. Teria que esperar até que considerasse seguro.

Ele olhou para a rua. Mais soldados à frente. Certamente não estavam monitorando todas as ruas que saem de Québec? Ele os observou por um tempo, mas eles pararam apenas aqueles que entraram, não aqueles que saíram. Ele partiu novamente e diminuiu o ritmo. Com o coração batendo forte e os olhos no chão, Robert passou pelos soldados sem perceber.

Ansioso para colocar o máximo de distância possível entre ele e a cidade, alongou o passo. De tempos em tempos olhava para trás, esfregando de vez em quando um ou outro dos pulsos, ainda um pouco dormentes e marcados com uma linha vermelha pela pressão das algemas de corda. Seus pensamentos divagavam com uma mistura de inquietação e vingança. Robert tentou se lembrar do que havia dito e feito na noite anterior para ter causado todo esse problema para si mesmo. Como as autoridades descobriram seu nome? Suas suspeitas recaíram sobre o homem que o havia acompanhado até a estalagem e com quem havia falado francamente. O homem o atraía para uma conversa, seu comportamento indiferente, suas perguntas investigativas. As suspeitas de Robert mudaram para quase certeza - ele havia se revelado a alguém com autoridade. Ele se lembrava de ter falado com alguém depois que o homem saiu, mas para quem? Sua memória permaneceu em branco. Robert não tinha sido ele mesmo ontem à noite. Agora, tudo o que sabia era que sua vida oscilava no caos e não sabia como colocá-la em ordem novamente.

Depois de caminhar um pouco, ele percebeu que precisava garantir que estava no caminho certo. Em pouco tempo notou um fazendeiro residente arando seu campo e parou para perguntar a ele.

— Está no caminho errado — o homem disse enquanto apontava para uma área no final de seu campo. — A estrada principal é ali.

Robert agradeceu e partiu naquela direção. Ele deve ter inadvertidamente tomado um caminho diferente para fora da cidade. Assim que chegou à estrada, se esgueirou para dentro da floresta que corria paralela ao seu curso para se manter fora de vista.

Ele percorreu um percurso irregular tentando se manter a par da estrada. Quando não estava à vista, confiava em seu próprio julgamento e se deixava guiar pelos campos e prados que atravessava. Mas logo ficou confuso e temeu ter se perdido.

Ele sabia que tinha que pedir informações novamente.

À distância, chegou a uma cabana solitária fora de um pequeno assentamento de não mais que dez casas. Cansado, ele bateu.

— Quem é? — Uma voz de mulher chamou de dentro.

— Um viajante cansado que pagará por alguma comida e refresco.

Uma velha abriu parcialmente a porta, a roca e o fuso apontados para ele como armas. — Abra seu casaco e prove para mim que não tem armas — ela disse, seus olhos se estreitando em pequenas fendas.

Robert obedeceu, até mesmo girando para mostrar que não tinha nada a esconder.

Satisfeita, ela abriu a porta completamente. A pequena cabana consistia em uma cama bem arrumada no canto, uma grande lareira e um armário alto. Ela o convidou a se sentar à mesa no centro do espaço e ofereceu-lhe um pouco de queijo, ensopado de frango e cerveja. Ele aceitou a comida, mas desculpou-se por não tomar qualquer cerveja, enojado ao vê-la depois dos problemas da noite anterior. Em vez disso, ela trouxe água para ele.

— De onde vem? — perguntou.

— Um pequeno povoado a oeste de Québec — Robert respondeu, tendo o cuidado de revelar o mínimo de informação possível.

— Então deve ter viajado por Québec. Ouvi dizer que houve problemas lá ontem. As pessoas estão se revoltando e invadindo as padarias. É verdade?

Robert levou a caneca aos lábios e bebeu para ter tempo de pensar antes de responder. A água era fria e fresca e aliviou a secura ardente em sua garganta. Com um suspiro de satisfação, ele colocou sua caneca na mesa. — Ouvi os mesmos rumores, mas não sei ao certo, porque passei por lá e nunca entrei.

— Onde está indo? — seus olhos se estreitaram novamente.

— Eu tenho que ir a muitos lugares — Robert disse, — mas gostaria de parar um pouco e visitar minha tia que mora em um pequeno povoado na estrada pouco antes de Saint-Anne-de-Beaupre. Como eles chamam aquele assentamento? — Deve haver um ali, pensou Robert.

— Château-Richer, quer dizer — respondeu a velha.

— Sim, Château-Richer — muito aliviado, Robert repetiu o nome do assentamento para gravá-lo em sua memória. — É longe?

— Não sei exatamente. Se um dos meus filhos estivesse aqui, poderia dizer com certeza. Ele viaja para lá regularmente.

— E acha que posso chegar lá sem pegar a estrada principal? A poeira da

estrada me deixa bastante doente — ele odiava mentir, especialmente para alguém que o tratava gentilmente.

— Acho que pode.

Robert levantou-se, pagou à mulher por sua escassa refeição, agradecendo-lhe calorosamente. Ele partiu seguindo a estrada à direita, tomando cuidado para não se desviar dela mais do que o necessário. Com o nome do povoado ecoando em sua mente, foi de fazenda em fazenda, até que, cerca de uma hora antes do pôr do sol, chegou a Château-Richer.

Entrou numa hospedaria e sentou-se na ponta da mesa mais próxima da porta, praga habitual para quem queria sair às pressas. Ele pediu uma pequena medida de cerveja e uma tigela de ensopado. Os quilômetros adicionais que caminhou e o final do dia superaram seu ódio temporário, mas fanático, pela bebida. — Mas devo pedir-lhe que seja rápido — Robert disse ao estalajadeiro. — Sou obrigado a voltar ao caminho assim que terminar — não pôde passar a noite com medo de que o estalajadeiro lhe perguntasse seu nome e de onde vinha.

O estalajadeiro assentiu e prometeu voltar com a cerveja.

Robert estudou os outros clientes que descansavam do outro lado discutindo o tumulto. Um separou-se dos outros e sentou-se à sua frente. — Veio de Québec? — O homem perguntou. — Tem alguma informação sobre o que aconteceu lá?

— Eu? — Perguntou Robert, fingindo surpresa para ganhar tempo para pensar.

— Sim, se não se importar em responder à pergunta.

Robert balançou a cabeça. — Québec, pelo que dizem, não é um bom lugar se ir no momento.

Os olhos azuis do homem se arregalaram. — O alvoroço continua então?

— Não tenho certeza, — disse Robert.

— Não é de lá?

— Venho de Boischatel — mentiu Robert. A rigor, não era exatamente mentira porque ele havia passado por lá.

— E em Boischatel, não ouviu nada?

Robert balançou a cabeça. — Só que houve uma rebelião contra as padarias — ele havia falado as palavras com tal finalidade, que o homem se levantou e voltou para seus companheiros do outro lado da mesa.

O estalajadeiro chegou e preparou sua refeição.

— Qual é a distância daqui até Beupre? — Robert perguntou a ele. Sabia que Beupre havia passado do seu destino e, ao fazer essa pergunta, poderia discernir quanto tempo faltava para chegar a Saint-Anne-de-Beupre.

— Por que pergunta?

— Estou apenas curioso.

— São cerca de onze milhas, mais ou menos.

— Onze milhas! Eu não sabia disso.

— Pretende chegar lá esta noite? — O estalajadeiro o examinou.

— Eu esperava.

O homem sacudiu a cabeça.

Isso silenciou Robert e o impediu de fazer qualquer outra pergunta. Ele puxou o prato para mais perto e pegou a colher de pau.

— *Bon appétit* — o estalajadeiro disse antes de voltar sua atenção para os outros clientes.

Uma praga para esses estalajadeiros. Quanto mais deles encontrava, piores eles eram. Robert comeu com vontade enquanto ouvia a conversa. Tentou parecer distante para que pudesse apreender o máximo possível.

— Desta vez, o povo de Québec quis deixar suas necessidades claras — disse um homem magro vestido de *negro*. — Teremos que esperar até amanhã para saber mais alguma coisa.

— Lamento não ter ido a Québec esta manhã — disse um segundo homem com uma longa barba e uma grande barriga.

— Se decidir ir amanhã, eu irei contigo — disse um terceiro homem, seu grande bigode estremecendo com cada palavra que ele falava.

— O que eu quero saber — disse o primeiro, — é se o povo do Québec também lutará por nós? Ninguém nunca considera os pobres habitantes.

De fora veio o som de cascos, que pararam. Um homem esticou o pescoço para espiar pela janela. — É aquele mercador de Québec.

Um homem grande com uma longa barba castanha entrou na sala. Depois de espanar o tricórnio contra a coxa, sentou-se na outra ponta da mesa, perto de uma janela, de onde pudesse ver o carrinho. Todos os homens o cercaram.

— Quais são as notícias de Québec? — Alguém perguntou.

— Ah, já ouviu falar.

— Sabemos pouco — respondeu o bigodudo.

— Há boas e más notícias — disse o mercador.

O estalajadeiro se aproximou, anotou seu pedido e correu para a cozinha para cuidar da comida.

— O que ouviram? — O mercador perguntou ao círculo de homens, enquanto se recostava na cadeira e esticava as pernas.

— Não muito — um homem disse.

O estalajadeiro voltou com a cerveja.

— Deixe-me molhar meus lábios primeiro — o mercador ergueu a caneca com a mão direita e, após ajeitar a barba com a esquerda, bebeu tudo. — Ah, isso foi bom — ele pousou sua caneca e observou enquanto o proprietário a enchia novamente. — Hoje foi tão difícil quanto ontem, talvez até pior. Mal posso acreditar que estou aqui para falar sobre isso, porque estava ocupado protegendo minha loja contra danos durante o tumulto.

Robert manteve os olhos baixos enquanto terminava os últimos goles de seu ensopado.

— Hoje, os rebeldes abordaram um grupo de oficiais Maréchaussées que prenderam um pobre coitado.

— O que aconteceu?

— Eles ficaram sobrecarregados. Dois dos oficiais conseguiram fugir, mas o tenente foi severamente espancado pela multidão. Dizem que ele está perto da morte — em seus suspiros coletados, ele tomou um longo gole de sua bebida. — Depois disso, vários homens foram presos. Quatro deles serão enforcados. Um homem foi visto escapando e estão procurando por ele em todos os lugares.

A comida na boca de Robert de repente ficou com gosto de serragem.

— Mas eles realmente vão enforcá-los?

— Sem dúvida, e rápido também, especialmente se o tenente morrer — o mercador respondeu enquanto enxugava a barba com um guardanapo.

Robert largou a colher quando um arrepio de medo frio o percorreu. Ele se forçou a manter a calma e lutou contra o desejo de fugir. Como eles poderiam culpá-lo pelo que aconteceu?

— Eles não sabem exatamente de onde ele veio, quem o enviou, ou que tipo de homem ele era, mas foi definitivamente um dos instigadores. Os oficiais, que o mantinham algemado, encontraram uma carta de conspiração com ele e o levaram para a prisão. Mas os rebeldes chegaram em grande número e depois que o tenente foi espancado, ele fugiu. Pode ter fugido da cidade ou ainda pode estar escondido em Québec.

A refeição de Robert tinha gosto de veneno. Eles estavam de fato culpando-o pelo ataque do tenente. Sua boca ficou seca e não conseguia engolir. Precisava deixar esta pousada o mais rápido possível, mas o medo de atrair suspeitas prevaleceu. Isso o manteve enraizado em seu assento, seus membros dormentes. Robert decidiu esperar que o comerciante parasse de falar sobre ele e iria embora quando a discussão mudasse para outro assunto.

O proprietário, que estava ouvindo, olhou para ele.

Robert aproveitou a oportunidade e levantou a mão para chamá-lo. Ele acertou sua conta sem disputa, embora sua bolsa estivesse bastante esgotada. Sem demora, saiu direto pela porta, tomando cuidado para não pegar o mesmo caminho que o trouxe até aqui.

Ele partiu na direção oposta de onde estava indo, o tempo todo lutando contra o desejo de sair correndo em pânico.



Robert se afastou com passos firmes, desesperado para colocar o máximo de distância possível entre ele e os homens da estalagem. Quem sabe quantos soldados ou oficiais dos Maréchaussées agora o perseguiram, ou que ordens foram enviadas aos assentamentos para vigiá-lo? Ele tentou se acalmar. Afinal, seu nome não estava escrito em sua testa, mas então, histórias de fugitivos reconhecidos por seu andar particular ou por sua natureza desconfiada correram por sua mente e aumentaram seu alarme.

Quanto mais se afastava de Château-Richer, mais a escuridão aumentava sua sensação de vulnerabilidade. Com medo de ser descoberto, ele lutou para abrir caminho pela densa floresta, em vez de caminhar pela estrada que ficava em algum lugar à sua direita. Uma brisa fresca agitava as folhas das árvores. Uma meia-lua em um céu negro puro lançava uma luz estranha, apenas adequada para ajudá-lo a navegar por entre as árvores e arbustos. Insetos se banqueteavam em sua pele, mas não ousava esbofeteá-los para não fazer barulho.

Ele ouviu o som de um pássaro hediondo, um corvo, batendo as asas e voando assustado no ar da noite. Robert se sentia como um cervo solitário perseguido por um bando de lobos famintos enquanto avançava apressado, o coração batendo forte no peito. Sua respiração falhou e ele começou a suar muito. O ar frio parecia gelo em sua pele úmida. Ele começou a se desesperar.

Na estrada à frente, ouviu o latido rápido de um cachorro. Ele congelou, prendendo a respiração quando ouviu o barulho dos cascos dos cavalos se aproximando. Começou a suar frio novamente. Três cavalos passaram, um comerciante de peles em cima de um, um índio e uma pilha de peles nos outros. Ele ouviu um assobio e depois os passos de um cachorro que correu ao chamado de seu mestre. O medo o manteve parado para que o cachorro não o descobrisse. Logo, o grupo desapareceu de vista. Robert ia morrer nesta praga. Ele mal conseguia puxar o ar para os pulmões. Embora fosse improvável que o comerciante de peles representasse uma ameaça ao seu anonimato, não podia correr o risco.

Aquele estalajadeiro disse onze milhas. Nunca essa distância pareceu mais longa. A escuridão caiu e a fadiga de Robert aumentou a cada passo. Chegou a uma pista sinuosa que serpenteava para a esquerda e a seguiu. Sua mente se agitava com pensamentos sobre as injustiças que haviam acontecido com ele. No Québec, seus esforços foram para reprimir a rebelião, não a incitar. No entanto, de alguma forma, foi mal interpretado e agora queriam enforcá-lo. E o que dizer da carta de conspiração que dizem que ele carregava? Robert tinha apenas uma carta, cujo conteúdo era uma introdução, o que lhe permitiria buscar refúgio em um mosteiro. E pensar que ele havia arriscado sua vida para

ajudar a salvar o Intendente, um homem que nunca conheceu ou viu antes. A bÍlis subiu-lhe à boca ao pensar no fardo de aflição que o Seigneur Richard lançara sobre ele.

A cada passo que Robert dava, sofria a trituração de osso cansado contra osso cansado. Isso o desgastou enquanto avançava durante a noite. Robert pensou ser um fracasso como homem. Não podia nem se proteger, muito menos sua amada e sua mãe idosa.

Um galho quebrou. Um saqueador? Um urso? Ele parou e escutou com atenção, tentando sintonizar sua audição nos arbustos escuros que margeavam a estrada. Seu coração batia forte no peito. O frio penetrou em suas mãos nuas, mas não ousou se mexer. Depois de um longo tempo, quando decidiu que deveria se mover ou congelar até a morte no local, se arrastou para frente rejeitando os demônios e ogros que se revelaram troncos de árvores e arbustos quando vistos de um ângulo diferente. A meia-lua rompeu as nuvens e os monstros recuaram por enquanto. Robert chegaria à aldeia ou encontrariam seu corpo sem vida enrolado na estrada ao amanhecer? Não sabia em que direção apostar nem sabia se chorava ou seguia em frente. No final, ele fez os dois.

A solidão, uma brisa fria penetrante e uma fadiga dolorosa o torturavam. Ele não tinha provisões e suas roupas eram lamentavelmente inadequadas. E o que tornava tudo duplamente cansativo era sua vulnerabilidade, sem armas ou meios para se defender contra homem ou besta.

Ele encontrou apenas uma única luz na janela de uma casa de fazenda ao longe. Não ousava bater à porta e pedir abrigo para não ser tomado por um malandro ou por medo de lhe perguntarem quem era, de onde vinha ou para onde viajava. De vez em quando ele parava e ouvia, mas não percebia nenhum som, exceto o uivo triste de lobos ou corujas à distância, o que fazia seu coração bater mais forte.

Ele caminhou por bosques de bordos, as estacas e baldes da colheita de bordo da primavera havia muito desaparecido. Os arbustos assumiram formas estranhas. As sombras projetadas das copas das árvores o assustaram. Agitados pela brisa, estremeceram, iluminados pela pálida luz da lua. O farfalhar das folhas murchas que ele pisava ecoava alto em seu ouvido. Seus membros mal pareciam capazes de sustentá-lo. A brisa fria da noite soprou gelada e cortante contra sua testa e garganta, atravessando suas roupas até sua pele. Ele estremeceu incontrolavelmente, a explosão fria penetrando em seus ossos, extinguindo os últimos restos de seu vigor. O cansaço e o medo de estar na escuridão da noite quase o dominaram. Quase perdeu o autocontrole, mas reuniu coragem e, com grande esforço, manteve seus medos em suspenso.

Ao longe, ouviu o rugido tranquilizador do rio Saint Lawrence, então viu um pequeno grupo de casas com o campanário de uma igreja erguendo-se alto e imponente entre elas. Segurança. Saint-Anne-de-Beaupre. Vê-lo à distância era como as boas-vindas de um amigo de longa data. Seu cansaço quase desapareceu e seu sangue circulou quente por todas as veias. Sua confiança

aumentou. A melancolia e a opressão de sua mente desapareceram.

Por fim, chegou à beira de uma encosta íngreme e, espiando por entre alguns arbustos, examinou a ampla paisagem repleta de pequenas casas e o rio cintilante além. Era madrugada e todos estariam dormindo. Ele deveria subir em uma árvore para esperar o amanhecer, enfrentando a brisa fria da noite e o ar gelado em suas roupas inadequadas? Poderia passar a noite toda, mas mesmo isso seria uma defesa inadequada contra a temperatura severa. Além disso, suas pernas estavam dormentes e doloridas por ter caminhado uma distância tão grande em tão pouco tempo.

Ele olhou ao redor e avistou uma pequena cabana aninhada em um bosque de bordos próximo. Suas paredes eram uma coleção tosca de troncos e tábuas de madeira, mas apresentava uma solução para seu dilema. Foi até lá e empurrou a porta destrancada em ruínas. Uma pequena lareira ocupava uma parede inteira. Uma grande mesa engolia o espaço restante, com exceção de uma rede suspensa no canto. Ele caminhou até a lareira onde um grande caldeirão de cobre para seiva de bordo fervente pendia suspenso de um poste cruzado em seu centro. À direita, em cima de uma pilha organizada de toras, havia uma caixa de pólvora. Ele começou um incêndio e procurou por comida. Nada. Sua fome teria que esperar. Esticou o corpo cansado na rede e fechou os olhos.

Mesmo exausto como estava e aquecido pelo fogo, o sono não veio facilmente. Os rostos zombeteiros daqueles que ele havia encontrado nos últimos dias o atormentavam - o comerciante, o intendente, a multidão tumultuada na rua, o père Jean, o estalajadeiro - tudo o lembrava de seu infortúnio, de sua vida impossível, de sua fuga repentina, de tudo o que havia perdido. As memórias o esfaquearam com sua ponta afiada.

Apenas três imagens se apresentaram à sua mente, despidas de lembranças amargas, livres de qualquer suspeita, agradáveis em todos os aspectos - père Marc-Mathieu, Emilie e Ada. No entanto, a consolação que sentia ao contemplá-los não trazia tranquilidade. Ao retratar o bom padre jesuíta, Robert sentiu mais intensamente do que nunca a desgraça de suas faltas, sua vergonhosa intemperança e sua negligência dos conselhos paternos do bom padre. Então havia Emilie. Visualizá-la trouxe à mente a extensão de sua perda. Tampouco esqueceu a pobre Ada que o amou como filho e o aceitou como marido de sua única filha. Cheio de tristeza, Robert considerou o problema que havia trazido para eles. Ada e Emilie agora estavam quase desabrigadas, incertas quanto ao futuro, e colhendo tristezas e problemas em vez da alegria e conforto que sonhara em dar a elas.

Se o Seigneur Richard não tivesse interferido, ele e Emilie já estariam casados há cinco dias. Em vez disso, dormia em uma rede em um barraco de açúcar abandonado longe de casa.

Assediado por tais pensamentos, Robert perdeu a esperança de conseguir dormir. Ele ansiava pela manhã e mediu o lento progresso das horas.

Ao primeiro sinal da aurora, Robert levantou-se, espreguiçou-se e abriu a

porta do barraco de açúcar. Olhou cautelosamente ao redor. Sem ninguém visível, procurou o caminho que havia seguido na noite anterior e partiu nessa direção.

O céu da manhã estava espetacular e prometia um belo dia. Restos da lua pálida e sem raios permaneciam visíveis no horizonte suspensos em um campo espaçoso de azul. Um tom de cinza matinal se suavizou em um tom prímula. Algumas nuvens irregulares riscavam o céu como chamas vibrantes. Robert esperava que sua beleza anunciasse uma mudança em sua sorte. Ele caminhou rapidamente, ansioso para chegar à segurança de seu destino, apesar de seus membros doloridos e cansados.

Seu apetite aumentava a cada passo. Enfiou a mão no bolso e retirou o dinheiro, contando-o na palma da mão. O suficiente para comprar uma pequena refeição. Ele o agarrou, grato por sua existência.

Na estrada à sua frente, aproximaram-se duas nativas e um homem. Um era idoso. A outra era muito mais jovem com um bebê no peito. O bebê, depois de tentar em vão satisfazer sua fome, chorou amargamente. O rosto e os membros do homem ainda continham os resquícios de sua antiga robustez, mas agora ele parecia quebrado e quase destruído pela longa pobreza. Todos os três estavam pálidos e emaciados como a morte. Eles estenderam as mãos para Robert, mas nenhum deles falou. Por lei, mendigar era proibido. Outra lei posta em prática por quem tem a autoridade que fere apenas os mais vulneráveis. Robert olhou em volta. Ninguém mais apareceu nas proximidades ou na estrada. Enfiou a mão no bolso, tirou o resto do dinheiro e colocou-o na palma da mão da mulher com o bebê. A mulher olhou para o tesouro na palma da mão. — *Yontonwe* — ela murmurou com espanto.

— *Ti-jiawen* — o homem disse em sua língua nativa. Sua voz era forte, mas cheia de emoção.

A velha deu a ele um sorriso desdentado que rapidamente desapareceu.

Os três seguiram seu caminho.

Este único ato o energizou. Tudo parecia clarear. A fome e a pobreza deveriam terminar logo, pois haveria uma colheita no outono. Ele confiava em suas próprias habilidades para trabalhar e sabia que seu amigo também o ajudaria. Robert também tinha uma pequena reserva de dinheiro em casa, que podia mandar buscar. Com tudo isso para ajudá-lo, na pior das hipóteses, poderia viver economicamente até poder comprar e mobiliar uma pequena cabana e trazer Emilie e Ada para morar com ele em Saint-Anne-de-Beaupre.

Com o coração mais leve, chegou aos arredores de Sainte-Anne-de-Beaupre. Grande esperança o encheu, pois esta era uma cidade conhecida por seus milagres. A pequena capela no centro do povoado abrigava uma maravilhosa estátua de Ste. Anne. Seu amigo sempre falava disso. Durante a construção do santuário, um dos construtores que sofria de dores nos membros foi curado de todas as suas doenças depois de cravar três pedras na fundação do santuário. Isto foi seguido por outros testemunhos de pessoas curadas. Portanto, tanto o santuário quanto o assentamento cresceram em

popularidade. Muitos peregrinos vieram ao santuário esperando receber um milagre. Como resultado, seu bom amigo Bastien ganhou uma vida saudável operando o único mercantil que comprava e vendia mercadorias de navios recém-chegados ao porto. Robert esperava que a boa sorte o abençoasse também.

Ele divisiu a casa de Bastien, uma estrutura de dois andares com a loja mercantil no andar principal e os aposentos em cima. Ele abriu a porta e entrou.

Prateleiras cobriam todas as paredes, cheias de mosquetes, peles, peças de tecido, cerâmica e uma miríade de outros utensílios domésticos. Seu amigo estava atrás do longo balcão de madeira que percorria todo o lado direito da loja. Seu rosto se abriu em uma expressão confusa, que se transformou em um sorriso. — Robert! Que surpresa. É bom vê-lo — Bastien disse enquanto saía correndo de trás do balcão e dava tapinhas em seus ombros. — Estou feliz que veio. Eu o convidei tantas vezes, o que o traz aqui agora? — deu um passo para trás e estudou Robert com uma carranca. — Parece exausto. O que aconteceu?

O rosto robusto de seu alegre amigo fez Robert se sentir seguro, pois ali estava alguém em quem podia confiar. — Muita coisa me trouxe aqui — exacerbado por seu cansaço, Robert retransmitiu sua triste história com muita emoção.

Bastien escutou sem interrupção. — Os tempos estão difíceis aqui também, mas o senhor que governa aqui é um bom homem. Tenho certeza de que encontrará trabalho — ele deu tapinhas no ombro de Robert. — Está com fome?

— Sim, eu tinha um pouco de dinheiro, mas dei para um trio de mendigos. Eles precisavam mais do que eu.

— Não importa — disse Bastien. — Eu tenho muito. Tenha um pouco de coragem. As coisas só podem melhorar.

— Tenho uma quantia escondida em casa e posso mandar buscá-la — mas, não por enquanto, ele pensou. Não até que esse problema passasse e fosse seguro.

— Eh, *bon*, e enquanto isso, deixe-me ajudá-lo. Deus me deu muito e quem melhor para ajudar do que meu melhor amigo?

— Eu sabia que podia contar contigo — Robert apertou o ombro do amigo. Bastien o conduziu a uma mesa no canto e puxou uma cadeira para ele.

— Então, eles tiveram problemas em Québec. Eu não estou surpreso. Eles são todos um pouco loucos. Existem muitos rumores, mas prefiro ouvir a sua versão. Aqui, rodeados pelo sertão, somos mais prudentes, pois quando jogamos farinha para o pão, comemos carne. Amanhã o levarei ao Seigneur. Eu o mencionei para ele. Ele é um homem de bom coração. Depois que ouvir sua história, encontrará uma maneira de ajudá-lo. Além disso, ele sabe valorizar os bons trabalhadores, pois a escassez de alimentos deve acabar e os negócios continuarão.

O fardo que pesava na mente de Robert se dissipou. Em seu rastro veio o alívio e a promessa de coisas melhores. Era tudo o que podia fazer para se impedir de chorar de alívio.



O magistrado Antoine Rivet sentou-se atrás da pilha cada vez maior de documentos em sua mesa e olhou para o oficial Maréchaussée que estava diante dele oficiosamente.

O tenente Gerard entregou-lhe um despacho.

Antoine quebrou o selo e, depois de ler o documento, olhou para ele. — Isso não faz o menor sentido. Robert Lanzille incitando um motim? Eu conheço esse homem e parece fora do personagem. Tem certeza?

— Garanto-lhe, temos mais do que certeza. O senhor recebeu ordens do Provost de Québec para verificar se o fugitivo, Robert Lanzille, voltou a Pointe-du-Lac. Deve fazer uma busca completa em sua residência. Se for encontrado, deve ser entregue a mim para ser conduzido à prisão na Ville de Québec.

Antoine estudou o despacho novamente. Ele não podia contestar sua autenticidade. Incrédulo que o mesmo jovem que havia procurado sua ajuda alguns dias antes caísse em tal desgraça, Antoine sabia que não tinha escolha a não ser cumprir a ordem. Deve ter sido sobre isso que aquele imbecil pomposo, Pierre Robillard, havia falado quando o visitou um dia atrás. Robillard o havia advertido para não fazer nada para ajudar no caso de Robert Lanzille.

Antoine sabia que não podia arriscar a ira do Seigneur Richard ou do Seigneur Pierre porque o tio deles era membro do Conselho Soberano, nomeado pelo rei para fazer e cumprir as leis. A sua posição de magistrado dependia disso e tudo devia fazer para garantir o seu cumprimento. — Eu mesmo o levo lá. Mas primeiro teremos que convocar o capitão da milícia daquela paróquia, um homem chamado Yves Dupuis. Ele está no comando.

Depois de pegar o chapéu e o casaco, ele abriu caminho para fora, onde dois outros oficiais dos Maréchaussées esperavam com seus cavalos. Quando o serviçal trouxe seu próprio cavalo, o grupo partiu.



Ao som de cascos, Yves espiou pela janela da frente. Uma atadura de linho envolvia sua cabeça para proteger a ferida aberta de sua orelha decepada. A dor dos últimos dias tinha sido insuportável. Quando reconheceu Antoine Rivet e os lenços azuis no pescoço dos Maréchaussées, saiu pela porta da frente.

Antoine Rivet freou seu cavalo para uma parada repentina e desmontou. — O que lhe aconteceu? — Ele perguntou, com os olhos arregalados.

— Tive alguns problemas, mas agora acabou — Yves olhou para trás de Rivet para os homens montados. — Por que todos estão aqui?

O tenente Gerard jogou o chapéu para trás. — Temos uma ordem para procurar e prender Robert Lanzille.

— E como capitão da milícia da paróquia — Antoine acrescentou, — sua presença é necessária.

— Robert Lanzille? O que ele fez? — Yves ficou tenso, sua suspeita levantada. Ele sabia que Robert estava de alguma forma ligado ao desaparecimento de Emilie e Ada, mas não sabia como ou por quê. Yves levou a sério a ameaça dos homens que cortaram sua orelha e não queria fazer parte disso.

— Ele é procurado por incitar um motim no Québec — disse o líder dos Maréchaussées.

Yves ergueu a palma da mão para eles. — Estive doente e não posso ajudá-los.

Ele apontou para a cabana com persianas caiadas do outro lado da rua. — Vão para a casa do meu assistente que assumiu minhas funções temporariamente — sem esperar por mais comentários, Yves deu as costas aos homens e voltou a entrar em sua casa, fechando a porta atrás de si.

Da janela, observou a comitiva de funcionários atravessar a rua.

Os oficiais ordenaram que o assistente os ajudasse e cavalgaram até a fábrica onde Robert morava. A porta do moinho estava trancada e ninguém atendia. Eles chutaram a porta e entraram, virando cada item em pedaços. Mas quando saíram, Robert não estava com eles.



Quando o père Marc-Mathieu ouviu falar sobre o grupo de busca por Robert Lanzille, eles já haviam partido há muito tempo. Ele correu para a aldeia e soube que eles questionavam todos que encontravam sobre o paradeiro de Robert, seus hábitos e sua vida em geral. Todo o povoado estava em alvoroço - a reputação de Robert estava em frangalhos.

Père Marc-Mathieu ficou chocado quando ouviu a notícia de que Robert havia escapado da custódia durante um distúrbio em Québec e não havia sido visto desde então. Alguns colonos sussurravam que ele havia cometido algum crime hediondo. O que era, ninguém sabia, mas ninguém acreditava que ele fosse capaz disso, pois todos sabiam que Robert era um jovem honesto e respeitável.

Père Marc-Mathieu suspeitava que essa busca por funcionários poderia ter sido arquitetada por Seigneur Richard para arruinar Robert, seu infeliz rival. No entanto, não importa o que a discussão envolvesse, Père Marc-Mathieu acreditava na inocência de Robert. Determinado a descobrir o que aconteceu, sabia que faria de tudo para ajudar o jovem.

Ele correu de volta para a casa dos jesuítas e escreveu uma carta ao Padre Boaventura dos Récollets em Québec para verificar se Robert havia chegado lá com segurança. Implorou ao colega que mantivesse a presença de Robert ali em absoluto segredo. Em seguida, enviou o padre Nicholas a Québec para informar Emilie e Ada de tudo o que se sabia.



No convento das Ursulinas, Emilie e Ada bordavam na calefação, uma pequena sala íntima com grandes janelas para deixar entrar o sol e aquecida por uma grande lareira que percorria o vão de uma parede. De vez em quando, Emilie olhava para as tapeçarias de santos penduradas em duas paredes. E às vezes olhava para a estátua da Virgem Maria aninhada em um nicho curvo ao lado da porta. A silenciosa diligência das poucas freiras da sala, que liam, bordavam ou preparavam aulas para suas alunas nativas, acalmava Emilie.

Todos no convento tinham ouvido falar dos tumultos. Em virtude de sua posição, a porteira viu ou recebeu a notícia primeiro e depois a transmitiu aos demais habitantes do convento, incluindo Emilie e sua mãe. Assim, quando a porteira entrou apressada na calefação, Emilie ergueu os olhos com expectativa para ouvir o último relatório.

— Sete homens foram presos, mas quatro estão condenados à forca — a porteira fez o sinal da cruz. — m quinto homem, de Pointe-du-Lac, conseguiu escapar — a porteira encarou Emilie e Ada. — Esse é o seu assentamento, não é? Ele é um moleiro chamado Lanzille. Conhecem-no?

O bordado de Emilie caiu de suas mãos no colo. Robert? Em apuros? Não podia ser verdade. Um gelo se formou em seu estômago quando olhou para sua mãe.

O rosto de Ada empalideceu, mas ela conseguiu manter uma expressão calma. — Em uma pequena vila, todo mundo conhece todo mundo, então, sim, nós o conhecemos. Ele é um jovem pacífico e caridoso. Acho impossível acreditar que seja capaz de qualquer delito. Tem certeza de que ele estava envolvido no problema e que escapou?

Emilie prendeu a respiração e juntou as mãos no colo para evitar que tremessem. O medo apertou seu peito quando começou a suar frio. Deve haver algum engano.

A porteira deu de ombros. — Como devo saber? Estou repetindo o que ouvi. Todos dizem que ele escapou, mas para onde, ninguém pode dizer. Se as autoridades pegarem seu jovem caridoso de novo, bem.

Antes que ela pudesse terminar a frase, uma freira entrou na sala, lançou um olhar aborrecido à porteira e anunciou um visitante no portão. Repreendida por ter abandonado o posto, e sem mais nada a dizer, a porteira saiu correndo do quarto para atender o visitante.

Emilie não podia acreditar no que ouvira. — Como pode ser isso, mamãe? — Ela sussurrou.

Ada franziu a testa. — Eu não acredito nisso — ela disse com os lábios apertados e pegou a mão de Emilie. — Algo não está certo, mas fique tranquila, vou descobrir o que puder.

Emilie assentiu com a cabeça e engoliu o alarme em sua garganta. Pegou o bastidor e tentou retomar o bordado. Superada, Emilie permaneceu em um silêncio de pedra, desconcertada demais para manter uma conversa simples. Desde que ela o conhecia, Robert sempre demonstrou um espírito gentil e um coração bondoso. Ele era um amante da paz e detestava violência de qualquer tipo. Em muitas ocasiões, ela o vira dar sua parte dos grãos do moinho para uma família pobre e necessitada. Não podia acreditar que ele se envolveria em algum problema, especialmente em um tumulto.

Em pouco tempo, a porteira voltou e se aproximou delas. — Um padre jesuíta chegou e deseja falar com as duas. Ele espera pô-las no hall de entrada.

O ânimo de Emilie disparou. Quem poderia ser senão o Père Marc-Mathieu? Sabia que ele não os abandonaria. Ele poderia saber a verdade sobre o que aconteceu, mas mais importante, saberia como ajudá-los. Para sua surpresa, no entanto, não foi o père Marc-Mathieu quem as cumprimentou, mas o padre Nicholas. Com as sobrancelhas franzidas em preocupação, ele se aproximou delas. — Père Marc-Mathieu me mandou aqui para lhes falar— ele disse em voz baixa.

— Que novidades tem, *mon prêtre*? — Emilie perguntou.

Para sua profunda decepção, ele transmitiu a mesma informação que a porteira. A esperança pereceu com cada palavra que falou.

— Funcionários revistaram a fábrica — acrescentou em voz baixa. — Felizmente, Robert não estava lá, mas continuam procurando por ele. O père Marc-Mathieu constatou que ele também nunca chegou ao mosteiro Récollets, mas quer que eu assegure que está fazendo tudo o que pode para ajudar Robert e implora que tenha paciência e confie em Deus. Père Marc-Mathieu não deixará de trazer todas as notícias que puder reunir. Espero voltar em breve.

Embora suas palavras ajudassem a acalmar o coração frenético de Emilie, sufocou as lágrimas que ameaçavam. No entanto, ela se agarrou a um vislumbre de esperança de todo o coração.

— Volto na próxima quinta-feira. Espero trazer boas notícias.

Suas palavras envoltas em emoção, Emilie assentiu.



A noite não trouxe paz a Emilie. Incapaz de dormir, ela se sentou na cama e olhou para Ada, cujos roncoss leves ressoavam em uma cadência constante. Emilie levantou-se, vestiu um roupão e pegou o livro de orações no criado-mudo entre as camas. Talvez a pacífica capela aliviasse suas preocupações. Ela atravessou o corredor superior, passou pelos dormitórios dos estudantes internos e desceu as escadas até o nível principal e a capela. Colocou a mão na porta e a abriu. Uma lufada de ar fresco soprou sobre ela.

O som de uma mulher chorando assombrava o estranho silêncio interior. A capela estava às escuras, exceto por algumas velas acesas colocadas sobre uma mesinha ao pé de uma estátua da Virgem Maria. De barriga para baixo e de bruços no chão de pedra em frente ao altar jazia uma mulher, seu corpo arfando com soluços angustiados. Ela usava o hábito negro e o véu branco de noviça.

Sem saber o que fazer, Emilie hesitou, atordoada. Como se a mulher sentisse sua presença, o choro parou. A noviça ficou de joelhos e olhou para trás, para Emilie, parada como uma estátua nas portas. Seus olhos se encontraram. Na penumbra, Emilie não tinha certeza, mas parecia Emmanuelle.

— Ora! O que está fazendo aqui! — A voz de Emmanuelle ecoou na nave abobadada.

— Eu não conseguia dormir, então vim rezar — incerta, Emilie não se mexeu.

La Bonne Soeur desviou o rosto e enxugou os olhos com a manga do hábito. Ela se levantou e, com a cabeça baixa, aproximou-se de Emilie e estendeu a mão para a maçaneta da porta.

Impulsivamente, Emilie pôs a mão no braço de Emmanuelle. — Por favor, posso ajudar?

La Bonne Soeur levantou a cabeça. A dor brilhou em seus olhos vermelhos e inchados. — O que? *Une petit bébé?* — Seu rosto se enrugou com apreensão.

— Posso ser jovem, mas sei como manter uma confidência. Se tudo o que posso fazer é ouvir, bem, isso vale alguma coisa, não é?

Emmanuelle tirou a mão de Emilie de seu braço e a segurou até doer. — Deve esquecer que me viu assim.

— Claro, nunca falarei sobre isso.

Sem jeito, Emmanuelle afastou a mão e sua expressão se suavizou. Ela estudou o rosto de Emilie, então abriu a porta e passou por ela.



Três dias depois, Emile encontrou Emmanuelle em circunstâncias diferentes. La Bonne Soeur estava sentada em um banco do claustro, absorta em um livro aberto em seu colo. Seus lábios se moviam em oração e a brilhante luz do sol brilhava em seu rosto sereno como uma auréola.

Desde o incidente na capela, Emilie não conseguia tirar da cabeça a visão da mulher atormentada. Ela ansiava por ajudá-la, mas se sentia impotente quanto ao que fazer. Emmanuelle lhe dera refúgio, prometera protegê-la. E se La Bonne Soeur se recusasse a aceitar sua ajuda, o mínimo que ela poderia fazer era oferecer sua amizade à pobre mulher. Emilie devia isso a ela.

Emilie reuniu coragem e se aproximou. — Posso sentar-me com a Soeur?

Os olhos de La Bonne Soeur se abriram e suas bochechas ficaram vermelhas quando viu Emilie. Embora uma carranca substituísse o olhar de calma em seu rosto, ela concordou com um leve aceno de cabeça.

— Posso perguntar o que a senhora está lendo? — Emilie indagou.

— A Madona em Sofrimento, uma oração do século XV.

— Posso ler?

Emmanuelle passou o livro para ela.

— Ó Virgem Mãe, a ti venho, diante de ti me ajoelho, pecador e triste. Não desprezes minha petição, mas em Tua clemência, ouve-me e responde-me.

As palavras pairaram no ar por alguns segundos fugazes.

— Mas esta é uma oração de penitência — Emilie disse.

— As coisas nem sempre são o que parecem.

— Não, suponho que não — os pensamentos de Emilie voltaram-se para a verdade daquelas palavras, pois elas se referiam a seus próprios problemas. — Fechada dentro dessas paredes, há muita paz e segurança. Como é triste que os problemas do lado de fora continuem a nos atormentar por dentro.

A cabeça de La Bonne Soeur se inclinou e ela ergueu as sobrancelhas. — Fala bem para alguém tão jovem.

— É a verdade. A senhora já conhece os problemas que me trouxeram aqui

— Emilie pausou, suas mãos em cada lado dela no banco. A conversa parou e ela decidiu mudar de tática. — O que fez a senhora desejar se tornar uma noviça?

Seguiu-se uma longa pausa e Emilie sentiu Emmanuelle de alguma forma em guerra consigo mesma. Para sua surpresa, os olhos da mulher mais velha ficaram reflexivos. Ela soltou um longo suspiro e limpou a garganta.

— Eu vim para a Nova França como uma Filles de Roi, cheia de apreensão, mas ansiosa por uma nova vida. Não demorou muito para que um senhor rico me escolhesse para sua esposa. Nós nos casamos e eu lhe dei um filho. A criança nasceu cedo, mas era forte e sobreviveu — a voz dela tremeu de

emoção. Ela engoliu em seco antes de continuar. — Então o destino se voltou contra mim. Meu marido me espancou e me expulsou de casa sem meu filho. De alguma forma, encontrei meu caminho até aqui. As irmãs me aceitaram e cuidaram de mim até que eu me recuperasse. Estou aqui desde então, uma mulher casada incapaz de usar o véu. Eu visto roupas de noiva porque um dia espero ser freira. Por enquanto estou presa — nem esposa nem freira.

— O que pode ter feito com que ele lhe tratasse tão mal?

— É jovem, inocente. Não lhe cabe saber os motivos — o tom seco de Emmanuelle cortou com força.

— E seu filho?

Emmanuelle engoliu em seco e balançou a cabeça. A dor marcou seu rosto. — Não sei o que aconteceu com ele — os olhos dela se encheram de lágrimas. — Meu marido o mandou embora, mas não sei para onde ou com quem. Tenho procurado por ele desde então. Estaria crescido agora, um jovem. O único meio que tenho para identificá-lo é pela marca de nascença em forma de cabeça de cavalo em seu quadril direito — a voz dela enfraqueceu e parecia que seus pensamentos vagavam para um longo tempo no passado.

O sol desapareceu atrás de uma nuvem bulbosa e uma brisa soprou sobre elas.

Chocada demais para falar, Emilie não sabia o que dizer. Ela contemplou seus próprios problemas, que empalideceram em comparação. Durante toda a sua vida, conheceu os braços amorosos de uma mãe gentil e a indulgência de um pai generoso e sábio que foi tirado delas muito cedo. Ela não conseguia imaginar tais horrores. A agonia ardeu profundamente na alma desta pobre mulher. Agora Emilie entendia seu estranho comportamento. Como alguém poderia enfrentar cada novo dia sobrecarregado com a dor do passado? O coração de Emilie se abriu para ela. Agora que Emmanuelle havia compartilhado seus segredos mais profundos, o desejo de fazer amizade com ela cresceu. Hesitantemente, Emilie tocou a manga da mulher. — Não há nada que possa substituir tudo o que perdeu, mas gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer.

— Não há nada que possa fazer. Nada que alguém possa fazer.

— Não, suponho que não, mas posso lhe oferecer minha amizade.

Emmanuelle deu-lhe um olhar frio. — Existem amigas melhores do que eu — ela agarrou seu livro, levantou-se do banco e, sem lançar um olhar para Emilie, deslizou para longe.



Um turbilhão de emoções percorreu Emmanuelle enquanto se afastava do claustro. Se ela ajudasse essa jovem, poderia apagar parte de sua culpa pela perda de seu único filho. Ela havia causado a destruição de sua jovem vida. Não passava um dia sem que rezasse para que ele estivesse seguro, bem cuidado e até mesmo amado. Ajudando Emilie, poderia expiar seus próprios pecados? Alternativamente, Emilie era uma serva de Satanás enviada para atormentá-la? Se sim, como discerniria a diferença?

A abadessa uma vez disse a ela que Deus frequentemente sussurrava aos errantes. No entanto, seus pecados eram muitos e da pior espécie. Deus nunca iria sussurrar para ela. A Expição era um presente além de seu alcance. Ou foi? Esse sussurro de Deus poderia ter vindo na forma de uma jeune fille pedindo ajuda em uma luta contra um Seigneur corrupto? Ela deveria demonstrar a Deus que poderia ajudar os indefesos antes que Ele lhe concedesse o bálsamo de reparação que tanto buscava? Talvez ela tivesse sofrido demais por si mesma e agora deveria sofrer pelos outros se seus pecados fossem perdoados. No final, ela se perdoaria? Ou ajudar Emilie só traria mais dor, mais culpa e mais quebrantamento?

Emmanuelle lutou para sufocar a raiva que queimava dentro dela. O que a havia possuído para contar à garota a história parcial de seu passado sórdido? Sua própria tolice a frustrava. Era a mais velha, com idade para ser a mãe da menina, uma benfeitora, aquela cujo dever era protegê-la e cuidar dela, mas Emilie parecia ter assumido o papel de educadora. E sabia pouco sobre ela. Em cada encontro, Emilie demonstrou o maior respeito por ela. Embora seu mistério às vezes a desagradasse, tudo foi esquecido ao saber que estava ajudando Emilie a escapar de um destino terrível de outro senhor implacável. Seigneurs – o fio que as unia.

Emilie tocou algo dentro dela, um instinto maternal há muito enterrado. Seu coração doía tanto por seu filho perdido. Emilie era boa, mas ela era má e suja. No entanto, a jovem forneceu o bálsamo, o que ajudou a aliviar um pouco de seu tormento. Se ela fosse cuidadosa, talvez pudesse ajudar a garota sem sujá-la no processo. Esta era sua chance de fazer algo certo. Só por esse motivo, Emmanuelle faria tudo o que pudesse para proteger Emilie. Afinal, fazer amizade com a jovem não parecia uma má ideia. Na verdade, ela ansiava por isso.



Na quinta-feira seguinte, Padre Nicholas voltou ao convento das Ursulinas para falar com Emilie e Ada. — Père Marc-Mathieu deseja que saiba que os rumores sobre Robert são verdadeiros. Ele foi preso por incitar um motim, mas escapou.

A mão de Emilie voou para a boca. Ela não podia acreditar. Este não era o Robert que conhecia. Ela pegou a mão de sua mãe e se preparou para fazer a pergunta para a qual temia as respostas. — Alguém sabe onde ele está?

Padre Nicholas balançou a cabeça. — Por favor, não deixe que isso a aflija
Emilie respirou fundo. — Estou bem, *mon prêtre*. Por favor, conte-me tudo — ele olhou para a mãe dela, que acenou com a cabeça para ele continuar.

— Père Marc-Mathieu enviou uma carta a Frère Boaventura dos Récollets perguntando se Robert havia chegado. Infelizmente, o bom frade confirmou que não tinha visto nem Robert nem a carta.

— Para onde Robert poderia ter ido? Quando nos separamos, ele estava a caminho — a voz de Emilie tremeu. — O que aconteceu? Como as coisas deram tão errado?

— Ninguém sabe. Frère Boaventura revelou, no entanto, que um estranho tinha ido ao convento jesuíta em busca de Robert, mas depois de não o encontrar lá, o homem saiu e não voltou desde então.



Padre Nicholas não voltou na quinta-feira seguinte. Emilie esperou ansiosamente com Ada o dia inteiro até que a noite caísse e a porteira trancasse os portões da frente e se retirasse para a cama.

Muito distraída, Emilie evitou Emmanuelle, com medo de ser incapaz de disfarçar suas preocupações sob o olhar perspicaz da Soeur. Além disso, Emilie não conseguia se concentrar, muito menos manter uma conversa decente. Somente na privacidade do pequeno quarto que dividia com sua mãe, ela poderia liberar o tumulto de preocupação que carregava tão estoicamente desde a manhã.

— Estive pensando, Emilie. O que diria se eu voltasse para Pointe-du-Lac?

— Para fazer o quê? — Emilie se apoiou no cotovelo.

— Para descobrir por nós mesmas o que está acontecendo.

O primeiro instinto de Emilie foi rejeitar a ideia. Ela não queria se separar da mãe, mas a necessidade de mais informações e a sensação de segurança no convento venceram sua relutância.

— Emilie? — Ada perguntou. — O que acha?

— Sim, a senhora deveria ir.

— Bom. Eu acho que é o melhor. Uma das irmãs disse que poderia arranjar transporte por meio de um comerciante e sua esposa, que viajam regularmente daqui para Trois-Riviere e depois para Pointe-du-Lac.

Emilie mordeu o lábio e olhou pela janela. — Podemos esperar mais uma semana? Talvez o Padre Nicholas venha na próxima quinta-feira com boas notícias.

— Sim, isso me dará tempo para tomar providências. Se Robert for encontrado, não precisarei mais voltar para Pointe-du-Lac.



Na quinta-feira seguinte, Padre Nicholas voltou ao convento, mas sem nada de novo a relatar sobre o paradeiro ou bem-estar de Robert. Ada despediu-se de Emmanuelle e Emilie. Em meio a lágrimas e promessas de enviar notícias em breve, ela partiu.



Seigneur Richard abriu a porta rangente e quebrada da latrina enquanto ajustava as calças e saiu. Quando ele olhou para cima, quase colidiu com Thomas, que esperava, braços cruzados, o rosto franzido por uma carranca tensa.

— Parece que não consigo nem ter a privacidade da minha latrina sem interrupção. Eu juro que é como um gato rastejando sobre sua presa, — Seigneur Richard reclamou.

— Preciso falar-lhe — Thomas disse sem alterar sua expressão.

— Então, fale.

Thomas olhou em volta. — Em privado.

— Não conheço muitas pessoas que ficam em um banheiro externo — Seigneur Richard inclinou a cabeça em direção à casa. — Entre.

Eles entraram pela porta dos fundos na cozinha e se dirigiram para a sala de estar principal. Um sofá e duas poltronas descansavam de cada lado de uma pequena mesa redonda encimada por uma lanterna de vela. Seigneur Richard olhou para Thomas. — Feche a porta ao passar.

Thomas fechou a porta com o pé.

Seigneur Richard sentou-se e convidou Thomas a se sentar na cadeira à sua frente. — Que notícias tem de Québec?

Thomas colocou seu tricórnio no colo. — A menina recebeu refúgio com as Ursulinas em Québec.

— No convento? A mãe dela também?

Thomas assentiu. — Ela está escondida lá como se fosse uma freira, nunca pondo os pés para fora, ajudando nos serviços da igreja e fazendo sua parte no trabalho do convento. Um arranjo muito insatisfatório para o Seigneur. Receio que seja impossível ter acesso a ela.

— E o moleiro?

Thomas deu de ombros. — As autoridades ainda o procuram. Ele parece ter desaparecido e ninguém sabe para onde foi.

Seigneur Richard passou as mãos pelo cabelo e então bateu com o punho na coxa. — Um convento. Como nas chamas do inferno vou chegar até ela lá?

— Eu estudei o prédio por algum tempo, mas não consegui encontrar nenhuma maneira de romper suas paredes, seja pela força ou por fraude. A porteira da entrada é astuta e intrometida, fazendo perguntas demais para seu próprio bem. A menos que seja um santo ou o próprio papa, ela nunca deixa ninguém passar.

Os músculos do Seigneur Richard ficaram tensos e seu pulso disparou de raiva. Todos os seus esforços até agora foram em vão. Quanto mais a garota o iludia, maior era sua necessidade de possuí-la. Ele a faria sua e ninguém o

negaria. Este era seu senhorio e se ele mandasse uma mulher de classe baixa abrir as pernas, que assim fosse.

Ele se levantou e caminhou até a janela. As coisas tinham ido de complicadas a impossíveis e ele já havia gastado muito tempo com esse assunto. Hora de acabar com o calvário. Além disso, desprezava a resignação na atitude de Thomas. Isso só o deixou mais irritado. — Acha que eu deveria desistir, Thomas? — perguntou, seus olhos não se desviando dos ricos campos de seu senhorio, sua voz gotejando com escárnio.

— Não é como o Seigneur — respondeu Thomas.

— Está certo, não é típico de mim cortar minhas perdas e admitir a derrota. E não vou tolerar isso em meus homens — ele se virou, encostou-se no parapeito da janela e cruzou os braços. — Eu poderia ir pessoalmente a Québec para ver se há algo a ser feito — ele pontuou suas palavras com um olhar furioso direto para Thomas.

Thomas olhou de volta para ele. Um músculo se contraiu em sua mandíbula. — O Seigneur acha que eu perdi alguma coisa?

— Acho que não — Seigneur Richard descartou o pensamento e apertou os lábios. Ele tentou conquistar a garota e falhou miseravelmente. Enganado por um moleiro, uma jovem, uma mulher estúpida de meia-idade e um padre jesuíta vestido de negro! Se ele desistisse de perseguir a garota agora, nunca ousaria erguer a cabeça entre seus pares e subordinados novamente. Lembranças incessantes e amargas de seu fracasso sempre o perturbariam. E ele odiava o fracasso. Nunca desistiria.

— Há um homem que pode ajudá-lo, — Thomas ofereceu, uma sobrancelha levantada.

— Quem?

— Seigneur Claude Prudhomme — disse Thomas.

— Prudhomme? — Seigneur Richard testou o nome enquanto voltava para sua cadeira perto da lareira.

Os olhos de Thomas brilharam com malícia. — Sim. Se alguém tem a astúcia para violar o convento, é ele. Na verdade, há rumores de que ele já tem.

Seigneur Richard coçou o queixo. Seigneur Claude Prudhomme, o único homem que ele conhecia cujo alcance era mais poderoso do que o dele. Suas vastas terras faziam fronteira com as dele. — Prudhomme é parte homem, parte demônio.

— Sim, mas ele assume o mais difícil, o mais desesperador dos desafios — Thomas acrescentou.

— Buscar a ajuda deste homem traz seus próprios perigos. É conhecido por matar um homem por olhar para ele de soslaio. Se eu buscar sua ajuda, ficarei em dívida com ele. E o preço que poderá exigir pode ser mais do que eu possa pagar.

Thomas cruzou os braços sobre o peito. — A meu ver, pode ser sua única opção.

É verdade, pensou o Seigneur Richard. Era isso ou arriscar a humilhação e o fracasso. Ele esfregou o queixo com o polegar e os dedos e assentiu. — Vou fazer uma visita ao homem amanhã. Virá comigo.



O Seigneur Pierre Robillard chegou a Québec e foi direto para seu tio, o conde Georges Le Barroy, que morava em uma ampla casa de dois andares em um vasto terreno perto da periferia da cidade. Sentaram-se frente a frente em um conjunto de cadeiras de cada lado de uma lareira apagada. Duas grandes janelas abertas permitiam que uma brisa agradável fluísse pela sala.

Depois de prestar toda a devida cerimônia a seu tio e entregar os cumprimentos de seu primo Richard, Pierre se dirigiu ao irmão de seu pai com um olhar sério. — Tenho um assunto para discutir com o senhor. Embora eu esteja traindo a confiança de Richard, é meu dever contar sobre isso. A menos que o senhor interfira, a situação pode se tornar séria e produzir consequências negativas.

Georges soltou um suspiro. — Um dos arranhões habituais de Richard, suponho?

— Desta vez a culpa não é de Richard, mas seu espírito está animado e, como eu disse, ninguém além do senhor pode resolver o dilema dele.

— Bem, deixe-me ouvi-lo — Georges recostou-se na cadeira, as pontas dos dedos pressionadas sobre sua barriga corpulenta.

— Há um padre jesuíta em Pointe-du-Lac que guarda rancor de Richard, e as coisas se agravaram entre eles.

Georges franziu o rosto. — Eu lhes disse mais de uma vez para ficarem longe do clero, a menos que seja absolutamente inevitável!

— Mas tio, Richard o teria deixado em paz, se fosse possível. É o padre que se esforçou para provocar Richard.

— O que diabos esse padre tem a ver com qualquer um dos meus sobrinhos? — Georges se endireitou em sua cadeira e se inclinou para frente.

— Bem, o padre é bem conhecido como um espírito inquieto, alguém que se orgulha de agitar as coisas. Ele tomou uma garota de Pointe-du-Lac sob sua proteção, a quem ele considera com grande afeição — Pierre fez uma pausa e olhou incisivamente para seu tio. — E não sei o que mais.

— Carinho? Que tipo de afeto? — Seu tio se inclinou para frente, as sobrancelhas levantadas.

— Uma espécie de afeição ciumenta.

— Ah, entendo — Georges disse, recostando-se novamente. — Este padre acredita que Richard se apaixonou por ‘sua’ jovem.

— Ter uma fantasia é o de menos. Conhece Richard. Quando ele quer algo, não vai parar por nada até obtê-lo. E agora vê por que esta situação precisa de um defensor como o senhor para intervir.

Georges assentiu. — Acho que estou começando a entender.

— Richard teve um encontro encantador com essa garota quando a

conheceu na estrada e desde então se apaixonou por seus encantos. Richard é um homem, não um padre. Mas não foi por isso que vim falar com o senhor. O verdadeiro problema reside no fato de que o padre começou a falar de Richard de forma desrespeitosa, como se ele fosse um habitante de origem humilde ou um grosseiro comerciante de peles, e tentou instigar toda a aldeia contra ele.

Georges segurou o punho direito com a mão esquerda. — E seus companheiros sacerdotes? O que eles fazem para impedir o comportamento vergonhoso de seu irmão?

— Eles não fazem nada para controlar o padre. Sabem que ele é um tolo de cabeça quente e estão acostumados com seus discursos. Todos os padres jesuítas em Pointe-du-Lac têm grande respeito por Richard e não querem fazer nada para incitar seu desagrado. Além disso, esse padre tem uma reputação tão boa entre os aldeões que o chamam de santo.

— Um santo que nutre uma afeição secreta por uma jovem? — Georges balançou a cabeça e beliscou a ponta do nariz. — Presumo que este padre não saiba que Richard é meu sobrinho?

— Oh, ele sabe, sabe muito bem o quão alto o senhor está no nível do governo. É exatamente o que o encoraja.

Os olhos de Georges se estreitaram. — O que quer dizer?

— Ele faz de tudo para disfarçar, mas se delicia em irritar Richard porque ele é seu sobrinho. Ele zomba da nobreza e dos políticos, de seu lago de poder comparado ao da Igreja.

— Ele tem, não é? Qual é o nome desse padre? — Georges disse, com as bochechas vermelhas.

— Père Marc-Mathieu da Casa Jesuíta de Pointe-du-Lac.

Seu tio se levantou e foi até a pequena escrivaninha perto da janela. Ele pegou sua pena e a mergulhou na tinta. Com um floreio furioso, inscreveu o nome em uma folha de papel em branco.

— Este padre sempre teve essa disposição — continuou Pierre, encorajado pela crescente ira de seu tio. — Sua vida anterior é bem conhecida. Ele nasceu em uma família rica com dinheiro suficiente para rivalizar com os nobres que viviam em sua região da França. Enfurecido por seu fracasso em fazê-los render-se a ele, matou um jovem nobre e virou-se para o sacerdócio para escapar da força.

— Desprezível! — Exclamou o Conde, ofegando e bufando com um ar importante enquanto voltava para seu lugar perto da lareira.

— Ultimamente, ele está mais enfurecido do que nunca, porque falhou em algo que tanto desejava. A garota — Pierre se inclinou para frente. — E a partir disso, entenderá que tipo de homem ele é. Secretamente, deseja essa jovem que considera sua protegida, pelo menos até que soube do jovem, outro de seus jovens protegidos, que quer essa mesma garota e planeja se casar com ela.

— Ela deve ser muito bonita para ter três homens competindo por suas

atenções.

— Ela é, mon cher oncle. Este jovem é alguém que o senho já deve conhecer. Ele é o moleiro em Pointe-du-Lac. Acho que o Conselho Soberano teve algumas negociações recentes com ele.

— Quem é ele?

— Seu nome é Robert Lanzille.

— Robert Lanzille! — Exclamou o Conde. — Ele definitivamente está sendo procurado. Aparentemente, ele possui algum tipo de carta, o que causou alguns problemas. Por que Richard não me contou tudo isso antes? Por que ele deixou as coisas irem tão longe sem buscar minha orientação e ajuda?

— Serei sincero com o senhor. Por um lado, sabendo o quão ocupado está e quantos problemas enfrenta todos os dias, ele sentiu o dever de não lhe dar nenhum problema adicional.

Como se concordasse, o tio respirou fundo e levou a mão à testa, insinuando o cansaço que sofria por causa dos deveres e responsabilidades de sua posição.

— Além disso, Richard está tão aborrecido, tão zangado, com os insultos feitos contra ele por este padre, que está determinado a buscar justiça por seus próprios meios ao invés de obtê-la prudentemente através do senhor. Tentei ajudar a resolver a situação, mas como as coisas parecem ter tomado um rumo errado, julguei ser meu dever informá-lo de tudo. Afinal, o senhor é o chefe da nossa família.

— Deveria ter mencionado isso para mim antes.

— É verdade, mas eu esperava que o problema tivesse desaparecido, ou que o padre problemático caísse em si ou fosse transferido daquele mosteiro, como costuma acontecer entre o clero. Então tudo teria terminado tranquilamente.

— Agora cabe a mim resolver isso.

— É nisso que eu acredito, tio. Com sua discrição e autoridade, saberá como impedir que esta situação se agrave e, ao mesmo tempo, garantir a honra de Richard. O senhor tem muitos meios à sua disposição que eu nem tenho conhecimento. Eu sei, no entanto, que o bispo anterior tinha um grande respeito por este padre. Mas Québec tem um novo bispo agora e se percebesse que o melhor curso de ação seria dar ao padre uma mudança de cenário, tudo o que precisaria seriam algumas palavras suas para este novo bispo.

— Deixe todos os arranjos para mim — disse o Conde.

— Oh, claro! — Pierre não pôde evitar o sorriso que se abriu. — Não pretendo instruí-lo, mas a consideração que tenho pela reputação de nossa família me fez informá-lo — ele pausou. — E receio ter cometido outro erro. Temo ter retratado Richard injustamente para o senhor. Não teria paz se fosse a causa de fazer o senhor pensar que Richard não confia ou se recusaria a falar com o senhor pessoalmente. Acredite em mim, tio, é apenas porque ele não queria incomodá-lo. E me senti compelido a garantir que o senhor soubesse de tudo antes que as coisas saíssem do nosso controle.

— Ah, eu sei. São próximos desde a infância. Nunca fariam mal um ao outro se pudessem ser ajudados. Os dois sempre serão amigos, mesmo que muitas vezes eu tenha que livrá-los de uma enrascada ou outra — Georges soltou um profundo suspiro e balançou a cabeça. — Juntos, me dão o dobro de problemas para lidar do que todos os outros assuntos de estado.

Pierre não queria ouvir sobre os problemas políticos de seu tio. — Bem, obrigado, tio, e sei que Richard também — Pierre levantou-se. — Não desejo tomar mais do seu tempo.

— Muito bem. Seja prudente — disse o Conde.

Pierre sorriu. Essa era a forma usual de seu tio se despedir dele. — Nós definitivamente iremos.



Meu querido primo, Richard,

Tio Georges e eu lhe enviamos nossas mais cordiais saudações. As negociações entre nós progrediram melhor do que o esperado. Pode ter certeza da assistência necessária para resolver o assunto que discutimos. Na verdade, os resultados serão evidentes antes mesmo de eu chegar em casa.

Isso, primo, deve lhe trazer grande conforto. Deve prosseguir com seu plano original para adquirir o prêmio com pressa. Se deixar de fazê-lo neste estágio, ou decidir se retirar, então sofrerá uma ridicularização intolerável de minha parte quando eu voltar. E, então, buscarei a compensação que me é devida por esta falha. Quando eu voltar, espero compartilhar uma taça de vinho em sua bela mesa, onde podemos comemorar uma vitória mais satisfatória e acertar a aposta entre nós.

Seu primo,

Pierre Robillard



Para resolver o problema do sobrinho, o conde Georges de Barroy sabia que deveria falar com o bispo que ainda não conhecia. O Bispo Nicholas de Laval estava na Nova França há apenas algumas semanas. A melhor maneira de conhecer o homem era oferecer um jantar em sua homenagem. Georges não perdeu tempo em enviar os convites. Para garantir a presença do bispo, Georges convidou os homens mais graduados da Nova França, incluindo o Governador e o Intendente.

O elaborado jantar consistia em sopa de ervilha, pato assado, alce assado e cassoulet. Depois de comer duas sobremesas, uma torta de açúcar de bordo e galettes de maçã e cranberry, Georges convidou o bispo para seu escritório particular sob o pretexto de revisar sua coleção de livros.

— Bastante impressionante, devo dizer — disse o Bispo. — Tem um dos meus favoritos, a Coleção de Contos Tradicionais de Charles Perrault.

Georges ofereceu um conhaque ao bispo e convidou-o a sentar-se perto da janela, ao lado de uma estante envidraçada. Ele ergueu a xícara. — Um brinde à nossa boa amizade — ele brindou e estudou o Bispo com olhos perspicazes. O homem era magro com um rosto estreito. Uma lâmpada redonda apontava para o nariz longo e fino, que caía sobre o lábio superior. Barbeado, exceto por um bigode ralo e uma pequena mecha de barba entre os lábios e o queixo, ele não era nem feio nem bonito. Uma inteligência amável brilhou em seus olhos.

O bispo ergueu o copo e bebeu o conhaque. — Ah, um bom conhaque mesmo.

— Eu importo apenas o melhor da região de Charente na França — Georges disse com um sorriso.

Um breve silêncio se abateu sobre eles.

— Achei que poderia falar com Vossa Reverência sobre um assunto de interesse mútuo, o que seria melhor resolver entre nós — Georges disse com cautela.

— Certamente — o Bispo encorajou.

— Vou falar francamente sobre algo, e não tenho dúvidas de que concordará comigo. Na casa jesuíta perto de Pointe-du-Lac há um certo padre chamado Père Marc-Mathieu.

O Bispo curvou-se em concordância. — Já ouvi falar dele. Na verdade, seu nome foi colocado diante de mim para considerá-lo abade de seu próprio convento.

— Vossa Excelência seria sensato se me permitisse contar primeiro o que sei sobre ele. Não o conheço pessoalmente. Conheço vários padres jesuítas, homens zelosos, prudentes, humildes, que valem o seu peso em ouro. Mas em

toda família sempre há um indivíduo que pode ser um pouco problemático. E este é o Père Marc-Mathieu. Eu sei por várias ocorrências que ele é uma pessoa inclinada a disputas, que nem sempre é prudente, e que ousou dizer, deu alguma ansiedade ao seu antecessor.

— Não ouvi tais relatos. De fato, apenas os maiores elogios foram dados ao Père Marc-Mathieu.

— *Mais sim*, já ouvi quase o mesmo — disse Georges. — Não me surpreende saber que Vossa Excelência nutre uma opinião tão elevada do Père Marc-Mathieu. Alguns dizem que ele é um sacerdote exemplar e muito estimado. No entanto, como um amigo sincero para Vossa Excelência, devo lhe dizer o que sei. E mesmo que já esteja familiarizado com isso, acho que é meu dever alertá-lo sobre as possíveis consequências.

Um olhar perplexo tomou conta do bispo. — Por favor, vá em frente. Digame.

— Père Marc-Mathieu levou um fugitivo sob sua proteção que Vossa Excelência pode ter ouvido falar. Este homem escapou em desgraça das mãos da justiça depois de incitar os recentes tumultos em Québec. O nome dele é Robert Lanzille.

— Não estou familiarizado com o nome. Mas, é dever de um padre buscar aqueles que se desviaram e trazê-los de volta ao bem.

— Sim, mas o contato com tais ofensores é uma coisa perigosa - um assunto delicado — Georges estufou as bochechas e soprou o ar. — Achei melhor chamar sua atenção porque isso pode não refletir bem sobre Vossa Excelência.

— Sou-lhe grato por esta informação, mas estou confiante de que o Père Marc-Mathieu não teve nenhuma intervenção com a pessoa que mencionou além de tentar corrigi-lo novamente.

Georges inclinou-se para a frente e baixou a voz. — Presumo que saiba que tipo de homem o padre era como leigo e sobre a vida que levou em sua juventude?

— Uma das glórias do sacerdócio é que um homem se torna uma pessoa diferente quando assume o hábito. É o caso do Père Marc-Mathieu.

— Eu acreditaria com prazer, Excelência. Lobos podem mudar de pele, mas nunca de natureza — Georges fez uma pausa. — Além disso, tenho provas.

— Se tem certeza de que este padre foi culpado de qualquer falha, e todos nós podemos errar, deve me informar disso. Eu sou seu superior e é meu dever corrigir e reprovar.

— Muito bem, vou lhe dizer — Georges tomou um longo gole de conhaque. — Além da circunstância desagradável do favor que este padre demonstra para com Robert Lanzille, há uma outra coisa dolorosa, que pode resolver quaisquer dúvidas que possa ter de uma vez. Père Marc-Mathieu começou uma briga com meu sobrinho, Seigneur Richard Tonnacour.

— De fato! Lamento ouvir isso, muito mesmo!

— Meu sobrinho é jovem, temperamental e não está acostumado a ser provocado.

— Farei todas as investigações sobre o assunto. Somos todos humanos e passíveis de errar, e se Père Marc-Mathieu falhou, algo deve ser feito.

— Eu o advirto, Excelência, que este assunto deve ser resolvido discretamente e permanecer em segredo entre nós. Muita intromissão só vai piorar as coisas. Essas disputas frequentemente se originam de um pequeno incidente e se tornam mais sérias à medida que avançam. Meu sobrinho é jovem, e o padre, pelo que ouvi, embora seja mais velho, tem todo o espírito e as inclinações de um jovem. Cabe a nós que temos o poder de remediar seus erros. Felizmente há tempo. O assunto ainda não causou grande comoção. Há tempo de sobra para retirar o canudo da chama. Vossa Excelência, sem dúvida, sabe onde colocar este padre para que não caia sob nenhuma suspeita. Atacando-o à distância, mataremos dois coelhos com uma cajadada só. Tudo será resolvido e nenhum mal será feito.

O bispo tomou um longo gole de conhaque, recostou-se na cadeira e estudou Georges com olhar crítico.

Georges encontrou seu olhar sem vacilar, embora o bispo o deixasse um pouco nervoso. Ele poderia dizer que o bispo não era tolo.

— Eu entendo o que está insinuando — disse o bispo. — Devo levar isso em consideração.

— Se não for resolvido rapidamente, prevejo uma montanha de problemas. Sem pressa indevida, não permanecerá em segredo por muito mais tempo e, se isso acontecer, não será apenas meu sobrinho que será afetado.

— Entendo.

— Estou muito aliviado, Excelência. É importante que os jesuítas continuem a construir seu bom nome e permaneçam livres de conflitos e vivam em harmonia com aqueles a quem servem.

— Certamente — disse o bispo. — Há muitos lugares para o Père Marc-Mathieu continuar seu bom trabalho. Mas se eu agir muito rapidamente, pode parecer uma punição; aquele que é emitido sem ter verificado todos os detalhes.

— Não falo de punição, Excelência. Eu apenas sugiro um arranjo prudente para evitar problemas futuros.

— Estou ciente disso, mas como relatou as circunstâncias, é possível que rumores sobre esse assunto já estejam circulando. Há criadores de travessuras que se deleitam loucamente em ver a nobreza e o clero em discórdia. Todo mundo tem sua dignidade a manter e eu, como Bispo, tenho o dever expresso de tomar uma decisão justa e justificada. Seu nobre sobrinho, se for tão animado quanto descreve, pode aceitar isso como uma satisfação oferecida a ele e pode se gabar de seu triunfo.

— Certamente Vossa Excelência está brincando. Meu sobrinho é um cavalheiro de posição e riqueza, mas fará o que eu mandar. Dou-lhe minha palavra de que ele não sabe nada sobre nossa discussão esta noite. Não

precisamos contar a ninguém sobre o que decidimos aqui esta noite — ele soltou um profundo suspiro. — Quanto à fofoca, o que acha que pode ser dito? Afinal, a saída de um padre para pregar em outro lugar não é incomum. Então, não precisamos nos preocupar com nenhuma fofoca.

— De qualquer forma, seria sensato tomar precauções fazendo com que seu sobrinho provasse sua amizade e deferência, não por nós como indivíduos, mas por respeito ao hábito. Uma doação considerável para a igreja, em terras ou dinheiro será suficiente.

— Certamente, isso é justo, mas não há necessidade. Sei que os jesuítas são sempre bem tratados pelo meu sobrinho. Ele o faz por inclinação, é a disposição de nossa família, além disso, ele sabe que isso me agrada.

O bispo olhou para ele, sua mandíbula se contraindo.

Georges levou o punho à boca e tossiu. — Neste caso, no entanto, uma boa doação é o correto. Deixe-me resolver isso, Excelência. Vou fazer uma sugestão cautelosa a esse respeito ao meu sobrinho, para que ele não suspeite do que se passou entre nós. E, em troca, ficaria satisfeito se pudesse encontrar algum posto para o padre a uma boa distância daqui.

— Recebi um pedido de um padre jesuíta adicional no convento de La Prairie de la Madelaine.

Georges assentiu e sorriu. — Isso soa razoável de fato.

— Já que a coisa deve ser feita, é melhor que seja feito de uma vez. — O bispo levantou-se.

— Sim, Excelência. Melhor hoje do que amanhã — Georges levantou-se. — E se eu puder fazer algo pelos jesuítas, meus amigos, ficarei muito feliz em ajudar.

— Ouvi falar de suas muitas gentilezas — respondeu o bispo enquanto seguia Georges até a porta.

— Apagamos uma faísca — disse Georges, — uma que poderia ter se tornado uma chama perigosa. Fico feliz em saber que algumas palavras ditas entre bons amigos resolveram este infeliz assunto.

Georges abriu a porta e convidou o bispo a passar primeiro. Eles voltaram para se misturar com o resto da empresa.



Père Marc-Mathieu tinha acabado de ordenhar a vaca quando Padre Nicholas correu pelo pasto em sua direção. — Um padre jesuíta chegou de Québec. O padre superior deseja vê-lo em seu escritório.

— Eu? Eu me pergunto por quê? — Père Marc-Mathieu entregou o balde de leite ao Padre Nicholas e enxugou as mãos no avental que usava sobre o hábito.

— Não sei, mas parece importante.

Père Marc-Mathieu correu para os fundos da casa, pegou um pouco de água do barril de chuva em um balde e lavou e secou as mãos. Entrou pela porta dos fundos, dirigiu-se ao escritório do padre superior e bateu. A convite do padre superior, ele entrou. Lá dentro, um homem com o manto negro dos jesuítas estava sentado em uma das duas cadeiras vazias em frente à mesa do padre superior. Os dois homens se levantaram para cumprimentá-lo.

— Este é o Padre Philippe Sabourin de Québec — apresentou o padre superior.

Padre Philippe era um homem de rosto severo de meia idade, baixo e atarracado, com olhos esbugalhados e cabelos grisalhos em uma coroa careca. Após a troca de cumprimentos, o padre superior convidou o Père Marc-Mathieu a sentar-se.

— O Padre Philippe me entregou um despacho do Bispo Laval em Québec. Ele contém instruções para transferi-lo para La Prairie de la Madelaine.

A boca do Père Marc-Mathieu caiu. — Transferência? Eu não entendo. Isso explica por quê?

O padre superior mostrou o documento. — Não diz, mas deve partir hoje. Também exige que renuncie a qualquer envolvimento que possa ter em Pointe-du-Lac e não se corresponda com ninguém aqui. Padre Philippe deve acompanhá-lo ao seu novo posto — o padre superior entregou-lhe o documento.

Père Marc-Mathieu leu. Não continha mais informações do que o padre superior já havia lhe dito. Olhou primeiro para o padre superior e depois para o Padre Philippe. — O Bispo pelo menos deu uma explicação verbal?

O homem sacudiu a cabeça. — Não cabe a nós questionarmos o porquê. Este é o comando do Bispo Laval e deve ser obedecido sem questionar.

Pensamentos sobre Robert, Emilie e Ada invadiram sua mente. Abandoná-los na hora da necessidade. O que eles fariam sem a ajuda dele? E depois de todas as promessas e garantias que ele lhes dera. Mas se censurou por falta de fé e por ter suposto que era necessário em qualquer coisa. Ele abaixou a cabeça em obediência e saiu do quarto para recolher seus pertences.

Demorou apenas alguns minutos para recolher seus escassos pertences, que

consistiam em duas vestes negras adicionais, vários pares de calções e seu breviário e sermões. Ele os jogou em um saco grosso e o ergueu sobre os ombros, torcendo-o para descansar confortavelmente nas costas. Com um passo pesado, desceu as escadas. O padre superior, padre Philippe, seu amigo de confiança, padre Nicholas, e os outros membros de sua ordem esperavam por ele na porta da frente. Depois de alguns conselhos, uma bênção do padre superior e abraços calorosos de seus irmãos, ele se despediu do convento. O caminho que lhes foi ordenado não lhe permitiu sequer passar por Pointe-du-Lac uma última vez.



Um dia depois que o Seigneur Richard recebeu a carta de Pierre, Thomas trouxe-lhe a notícia de que o père Marc-Mathieu havia sido mandado embora da casa dos jesuítas. Uma onda de excitação percorreu-o. Qualquer dúvida desapareceu. Ele agora estava mais do que pronto para arriscar tudo ao invés de desistir. Era hora de fazer uma visita ao Seigneur Claude Prudhomme e fazer um plano para adquirir a garota de uma vez por todas.



A viagem de Ada para Pointe-du-Lac com o gentil comerciante e sua esposa transcorreu sem incidentes. Eles passaram a primeira noite em uma pousada confortável e limpa e, após partirem antes do nascer do sol, chegaram a Pointe-du-Lac no dia seguinte antes do meio-dia. Ada desceu na estrada em frente ao convento e agradeceu ao casal, assegurando-lhes que aproveitaria a caminhada de volta para casa. Ela acenou para eles enquanto se afastavam e observou a carroça fazer seu caminho para o assentamento. Ada dobrou o longo caminho que levava ao convento e fazenda jesuíta. Na porta da frente, ela puxou a corda da campainha da varanda.

Padre Nicolau atendeu. Seus olhos se arregalaram quando a viu. — Madame Basseaux! Eu não a estava esperando.

— Eu vim ver o Père Marc-Mathieu. Ele está aqui?

— Não, ele não está.

— Ele estará de volta em breve?

— Em breve! — Respondeu o padre, encolhendo os ombros. — Só Deus sabe essa resposta.

Ada franziu a testa. — O que isso significa? Onde ele foi?

— Ao senhorio jesuíta em La Prairie de la Madeleine.

— La Prairie?

Padre Nicholas assentiu. — Sim, La Prairie. É um assentamento na confluência do rio Saint-Jacques e do rio Saint Lawrence. Os jesuítas são os donos da senhoria desde o Anno Domini de 1647.

— É longe?

— *É sim* — respondeu o padre, acenando com a mão estendida no ar para significar uma grande distância.

— Mas por quê?

— Porque o Bispo ordenou.

— Mas por quê, quando ele estava fazendo tanto bem aqui?

Ele balançou sua cabeça. — Se nossos superiores fossem obrigados a dar razão para todas as ordens que dão, onde estaria nossa obediência, minha boa senhora?

— Mas Emilie e eu estaremos perdidas sem ele. Esta será a nossa ruína.

— Infelizmente, esta é a vida de um padre jesuíta. Eles provavelmente precisavam de um bom padre em La Prairie.

— Existem muitos bons padres. Por que ele?

— Bons sacerdotes estão por toda parte, com certeza, mas às vezes eles querem um determinado sacerdote para um propósito específico. O abade de lá teria escrito ao bispo solicitando um padre adicional, provavelmente para atender a uma necessidade dentro de sua ordem, e o bispo decidiu que père

Marc-Mathieu era o homem certo para enviar.

Ada tentou superar seu pânico crescente. — Quando ele foi?

— Anteontem.

— Oh, se eu tivesse feito como primeiro desejei e vindo alguns dias antes! E não sabe quando ele vai voltar? Não consegue adivinhar?

— Minha boa mulher! Ninguém sabe, exceto o Bispo, se é que ele sabe. Quando um dos nossos padres jesuítas é chamado a um determinado dever, nunca se pode prever quando terminará. Nós, jesuítas, somos necessários em todos os lugares e somos tão poucos. Temos conventos em todos os quatro cantos do globo. Fique tranquila, père Marc-Mathieu será um grande sucesso em La Prairie entre os iroqueses.

— Ele era como um pai para nós! — a voz de Ada tremia de decepção. — O que vamos fazer agora? Sua partida será nossa ruína.

— Por favor, tente não se preocupar. Père Marc-Mathieu era um homem admirável, mas temos outros padres, cheios de caridade e capacidade, que podem auxiliá-la. Tem a mim, ou farei com que o père Jean-Paul ou o padre Henri venham em seu auxílio. Somos todos homens de valor.

— Oh, não — Ada exclamou. — Père Marc-Mathieu sabia de nossos assuntos e fez preparativos para nos ajudar. Ninguém mais será capaz de entender.

— Então deve ter paciência.

A decepção de Ada pesava como uma pedra em suas costas. — Por favor, perdoe-me por incomodá-lo.

— Sinto muito, mas se decidir confiar em qualquer um de nós aqui, bem, estamos dispostos a ajudar da maneira que pudermos.

— Eu sei e sou grata por isso. Adeus, mon prêtre — Ada disse enquanto se virava e voltava para o caminho em direção a sua casa. Agora sabia como se sentia uma mulher cega que perdera a bengala.



Acompanhado por Thomas, o Seigneur Richard partiu a cavalo para a mansão do Seigneur Claude Prudhomme. O dia quente e ensolarado tornou a curta viagem agradável e confortável. Enquanto cavalgavam, Richard se refugiou em seus pensamentos, que se voltaram para o homem que ele estava prestes a visitar.

— O Seigneur ficou quieto. Dúvidas? — perguntou Thomas. — Ainda dá tempo de mudar de ideia.

O Seigneur Richard balançou a cabeça. — *Non*, me conhece melhor que isso. Assim que me decido, é tão sólido quanto uma parede de tijolos. Estou apenas tentando lembrar tudo o que sei sobre Prudhomme. É melhor estar preparado — ele odiava ter que procurar ajuda externa, especialmente para adquirir uma mulher, mas as coisas haviam fugido dele de alguma forma e precisava recuperar o controle. Se os rumores sobre Prudhomme fossem verdadeiros, deveria ser cauteloso e não permitir nenhuma vantagem.

— Ninguém sabe muito sobre Prudhomme — Thomas inclinou seu tricórnio para trás, expondo sua testa. — Ele é conhecido por seus atos de vingança e impulsos ultrajantes, mas duvido que alguém saiba a extensão de tudo o que cometeu. No caso dele, quais rumores são verdadeiros e quais são falsos é como tentar separar a merda da pimenta.

Isso fez os dois rirem.

— Eu sei que ele acumulou uma riqueza considerável antes de vir para a Nova França e ganhar seu vasto senhorio — Thomas ofereceu.

— Ele não teria sido capaz de comprar tudo se não fosse rico — Seigneur Richard mudou as rédeas de uma mão para outra. — Mas ele é um pouco recluso, ouvi dizer.

— Sim e ele é conhecido por abrigar um bandido ou dois — Thomas acrescentou. — A um preço, é claro. E o preço nem sempre é monetário. Ele muitas vezes extrai o pagamento na forma de um favor ou dois.

— Os termos são sempre negociáveis.

— Não com Prudhomme. Se eu fosse o Seigneur, pagaria a ele em dinheiro para que não tenha nada para segurar sobre sua cabeça.

— Outros podem temê-lo, mas não eu.

Thomas riu. — É verdade, as pessoas têm mais medo dele do que do Seigneur, e com razão. Prudhomme adquiriu seu poder e riqueza cometendo os atos mais sujos. Suas alianças secretas geralmente resultam em assassinato. Tem certeza de que quer se envolver com ele?

Seigneur Richard ajustou-se na sela. — É a única maneira que consigo pensar para tirar a garota do maldito convento.

Ambos os homens ficaram em silêncio.

Thomas esfregou o queixo. — Desejo-lhe sorte. É lamentável que não tenha outra opção senão dever um favor a Prudhomme.

Eles cavalgaram por um vale ladeado por fazendas de habitantes em ambos os lados.

— Quando chegarmos, fique alerta — Thomas advertiu. — Servos que já tiveram algum tipo de problema cuidam de sua casa. Oferecendo-lhes proteção, eles o servem com lealdade. Tome cuidado como fala dele também. Ele tem apoiadores que não hesitariam em informá-lo de cada palavra.

Sempre que Richard encontrava Prudhomme, ele era magnânimo, oferecendo sua ajuda, caso fosse necessário. Bem, precisava disso agora. Em pouco tempo, avistou a única mansão de Prudhomme em uma colina alta à distância, na margem norte do rio São Lourenço. Feita de pedra, a estrutura de dois andares se erguia acima de um grupo de uma dúzia ou mais de casas menores de madeira e pedra, com faixas de terras agrícolas atrás de cada uma. Muito mais grandiosa do que sua própria propriedade senhorial, Richard enterrou a onda de inveja que surgiu dentro dele e acelerou o passo com seu cavalo. Thomas o seguiu pela trilha.



Por ocasião de seu sexagésimo aniversário, o Seigneur Claude Prudhomme olhou pela janela do sótão de sua casa para a vista fabulosa abaixo. Erguido sobre uma escarpa sobre um rico e estreito vale, o seu solar presidia regiadamente quintas habitadas a perder de vista; terras e pessoas cuja subsistência dependia dos caprichos de sua munificência.

O sótão era o seu domínio mais privado e não permitia a entrada de ninguém, nem mesmo para a limpeza. Bem encostados nas paredes, dois baús trancados e três gavetas continham seus segredos mais sombrios, documentos que poderiam destruir vidas e um estoque de armas mortais, incluindo facas, adagas, espadas e mosquetes. Uma caixa de metal dentro de uma gaveta trancada em sua mesa continha dinheiro suficiente para ele começar uma nova vida, caso as circunstâncias o exigissem.

O sótão era seu refúgio, aonde vinha para pensar e conspirar, ou às vezes para escapar das pressões de suas responsabilidades. Como uma águia empoleirada em seu ninho, Prudhomme tinha uma visão clara de suas terras dessa elevação. Nenhum visitante poderia se aproximar de surpresa, pois ele os observaria muito antes de chegarem à sua porta. Nos últimos anos, muitos com vingança em seus corações ou assassinato em suas mentes tentaram atingi-lo, mas o fogo de mosquete de seus habitantes os impediu antes que pudessem chegar a um tiro de pedra.

Observou com interesse os dois homens montados que subiam o caminho até sua casa. Daquela distância, não conseguia discernir suas identidades, mas seus homens logo os cumprimentariam e, se considerassem seguro, teriam permissão para entrar na casa. Qualquer que fosse o motivo da visita, suspeitava que queriam algo dele. Mas estava com um humor generoso o suficiente para atender ao pedido deles? Ele não sabia. Antecipadamente, saiu do sótão e desceu para esperar.



Thomas esperou do lado de fora com os cavalos enquanto um homem corpulento com um nariz vermelho bulboso e bíceps salientes conduzia o Seigneur Richard a um belo salão com teto de carvalho. Prudhomme parou em frente à chaminé de pedra, de costas para a porta. Antes que o servo pudesse anunciar sua chegada, ele se virou para encará-lo.

— Ah, Tonnacour, a que devo o prazer de sua visita? — Prudhomme avançou para a mesa no centro da sala e gesticulou para que Richard se sentasse.

Richard examinou Prudhomme da cabeça aos pés. Fazia mais de um ano desde a última vez que o vira, mas durante esse tempo, a aparência do homem havia piorado. Prudhomme olhou para ele por trás de um rosto enrugado. Alto, queimado de sol e com cabelos grisalhos começando a crescer, o homem carregava bem sua idade. Sua postura e movimentos, o sarcasmo cortante de seus traços faciais e o fogo profundo que brilhava em seus olhos indicavam vigor de corpo e mente, que teria sido notável mesmo em um jovem.

— Vim solicitar sua ajuda em um determinado assunto.

— Por favor, sente-se. — Prudhomme olhou para o criado que esperava na porta e dispensou-o com um brusco aceno de cabeça. Quando a porta se fechou, ele se inclinou para frente. — Estou ouvindo.

— Eu me encontro em uma situação difícil que minha honra não me permite abandonar — Richard começou.

Uma centelha de interesse brilhou nos olhos de Prudhomme e ele se aproximou.

Escolhendo suas palavras com cuidado, Richard transmitiu seu problema. Quando ele mencionou o nome do père Marc-Mathieu, porém, os olhos de Prudhomme se estreitaram.

— Eu conheço esse nome, um que acho bastante odioso. Aquele padre é um inimigo declarado de homens de nossa laia. Ele difama os Seigneurs da Nova França apenas porque somos ricos e porque prega que não fazemos o suficiente pelas pessoas que nos servem. Tenho certeza de que está tão cansado disso quanto eu.

Ansioso para desenvolver esse entendimento entre eles, Richard assentiu. — Estou interessado em uma certa jovem de Pointe-du-Lac. Este padre a colocou fora do meu alcance no convento das Ursulinas em Québec. Disseram-me que ela agora é a protegida de uma mulher conhecida apenas como La Bonne Soeur.

Quando ele pronunciou o nome, o rosto de Prudhomme ficou vermelho e seus olhos brilharam com maldade. Ele bateu com o punho na mesa. — Já ouvi tudo o que preciso ouvir. Fez bem em vir até mim. Tem minha palavra

de que cuidarei desse assunto em seu nome e tirarei a garota de lá. Por enquanto, vá para casa e mandarei uma mensagem quando souber mais — ele abriu a porta e saiu do quarto.

Atordoado, Richard hesitou, sem saber o que havia dito para provocar uma reação tão agitada. Quando se virou para sair, o homem musculoso reapareceu na porta. — Venha comigo. Devo acompanhá-lo de volta colina abaixo.



Prudhomme observou Richard e seu companheiro partirem. Ele andou de um lado para o outro em seu sótão, irritado por ter reagido de forma tão impulsiva e feito uma promessa que não queria cumprir. Mas à menção de La Bonne Soeur, ele quase enlouqueceu de raiva.

Mandíbula cerrada, removeu uma chave escondida atrás de uma tábua solta e destrancou a gaveta central de sua mesa. No topo, havia um retrato do tamanho da palma da mão em uma moldura dourada arranhada, de uma mulher e uma criança. Uma linda mulher. Emmanuelle. A Fille du Roi. A mulher com quem se casou e amou com todo o seu coração e alma. Uma cadela mentirosa e o filho que ela tentou fazer passar por dele. Mesmo agora era muito doloroso pronunciar o nome dela. Para comemorar o nascimento de seu filho, ele encomendou esta pequena pintura a um artista local. Ele deslizou o dedo pelo rosto dela e depois pela imagem da criança em seus braços. Mas o amor deles foi passageiro, sua felicidade havia se dissipado tão rapidamente quanto uma gota de água sobre a terra ressequida. Emmanuelle o feriu, seu orgulho. Ele lhe havia dado seu coração e ela havia destruído seu amor, deixando-o como uma casca vazia, com um coração oco, incapaz de amar. Nenhuma outra pessoa o prejudicou tão profundamente ou o alterou de forma tão indelével. E por isso, ele a odiava.

A destruição de suas vidas aconteceu pouco depois do nascimento do menino. Ele havia encontrado um homem em uma taverna procurando por uma mulher que se encaixasse em sua descrição. Essa conversa revelou um segredo obscuro, que mudou tudo. Emmanuelle era casada, seu marido vivo e bem na França, que procurava seu paradeiro. Horrorizado, ele sabiamente não disse nada ao homem.

Quando confrontou Emmanuelle, ela tentou negar, mas a informação era precisa demais. Depois de uma discussão acalorada, o rosto dela inundado de lágrimas, ele incitou a verdade de seus lábios mentirosos. Por causa de seu engano e do fato de que o filho que ela jurou ser dele havia nascido cedo, ele acreditou que o filho não era seu. Cego de raiva, ele a espancou e a expulsou de sua casa.

No dia seguinte, ao ouvir o choro do bebê que Emmanuelle tentou fazer passar por seu filho, ordenou a um criado que tirasse a criança de sua vista. Mais tarde, soube que o criado havia levado o bebê para um casal de moradores sem filhos que o criou. Ansioso para apagar todas as memórias de Emmanuelle e do filho, ele não se importou o suficiente para perguntar seus nomes.

Suas fontes estavam por toda parte e ele soube que Emmanuelle havia sobrevivido ao espancamento. As irmãs Ursulinas a acolheram. Ele agarrou o

retrato. Ela deve ter mentido para as freiras também, porque ela se tornou uma noviciada. Uma mulher casada, nada menos que bígama, não pode fazer os votos do véu. Ele guardou essa informação para si mesmo, pois conhecimento era poder e um dia poderia se tornar útil.

Ele plantou um de seus homens mais leais, Gaston, para morar na portaria ao lado do convento das Ursulinas. Através de Gaston, ele controlava Emmanuelle e conhecia cada movimento dela.

Ele deixou de lado seus pensamentos. Algumas coisas eram melhores esquecidas. Seigneur Claude devolveu o retrato ao seu lugar, fechou a gaveta com força e trancou-a novamente, devolvendo a chave ao esconderijo.

Essas memórias de Emmanuelle reacenderam sua dor interna. Durante meses, ele havia se conscientizado da passagem do tempo, cansado da vida depravada que levava. Ultimamente, cada vez que cometia um novo mal, esses sentimentos se acumulavam em sua memória e se tornavam quase intoleráveis. O futuro parecia distante, incerto, sombrio e o amargurava. Envelhecer! Morrer! Então o quê? Sua mortalidade o confrontava agora como o próprio diabo.

Diante de um inimigo, a ameaça de morte sempre o inspirara com uma coragem impetuosa, mas agora, na solene quietude da noite, trazia-lhe horror e alarme. A cada momento que passava, sua vida ficava mais curta. Quando ele era jovem, a violência, a vingança e o assassinato o excitavam. Agora um pavor indistinto, mas terrível, o assombrava. Todos os seus erros o haviam empurrado para uma estranha solidão, um buraco louco e negro do qual não conseguia sair.

Deixando esses pensamentos de lado, observou Richard Tonnacour desaparecer de vista. Ele lutou contra a tentação de mudar de ideia, de quebrar sua palavra, mas se o fizesse, afundaria aos olhos do homem e dos outros. Isso, ele não podia arriscar.

Desceu ao andar nobre e reuniu três de seus homens mais ousados — aqueles em quem mais confiava para administrar suas atrocidades. — Pegue alguns cavalos e uma carruagem, sem marcas de insígnias, e vá para Québec. Deve informar a Gaston que ele deve tirar uma jovem chamada Emilie do convento e trazê-la para mim — deu a eles um olhar severo. — Imediatamente. Ilesa.



No andar superior da guarita, Emmanuelle manteve os olhos baixos para o chão, as mãos cruzadas atrás das costas e a coluna reta. Seu cabelo fluiu por seu corpo nu. Ela ouviu passos do lado de fora da porta, passos pesados que faziam um baque surdo nas tábuas do piso de madeira. Ela estremeceu quando a porta se abriu.

Em um tom baixo e monótono, ele disse, — feche os olhos.

Um calafrio a percorreu com a frieza em sua voz. Os passos ficaram mais leves quando ele entrou na sala e parou atrás dela.

— Não se vire e não abra os olhos ou será punida — disse ele. A mão dele acariciou a parte externa de sua coxa. — Ajoelhe-se.

Emmanuelle caiu de joelhos e esperou.

O farfalhar do pano disse a ela que ele estava se despindo.

— Abra para mim — ele empurrou o torso dela para frente.

Ela abaixou a cabeça até o chão, abriu as coxas e levantou as nádegas, expondo-se totalmente a ele.

Por trás, sua mão acariciou sua bochecha, seu pescoço, seu seio e estalou o mamilo.

Ela gemeu baixinho quando dois de seus dedos rolaram sobre seu mamilo. Um gemido mais profundo e longo escapou de seus lábios quando ele beliscou e torceu com força.

— Perfeito — o sussurro de sua respiração passou por seus ouvidos.

Dedos agarraram seu cabelo e a puxaram para cima para levá-la de pé. Ela manteve os olhos fechados, meio com medo do castigo, meio com medo de acordar do prazer desse sonho erótico. Ele deslizou a mão entre suas coxas, roçando-as delicadamente contra sua feminilidade. Um dedo longo e fino deslizou para dentro dela.

Ela choringou de prazer e tentou estender mais as coxas. Outro de seus dedos pressionou sua protuberância de prazer enquanto seus lábios tocavam sua orelha. Os olhos dela estremeeceram, mas não abriram, pois isso o desagradaria. Em vez disso, lutou para manter a compostura.

— Deite-se na cama, seu traseiro voltado para mim — ele sussurrou em seu ouvido.

Ela rastejou para a cama e se ajoelhou com a cabeça apoiada nos antebraços à sua frente.

Ele arrastou a mão sobre seu traseiro. Ela gemeu em antecipação. Seu dedo girou e esfregou contra sua pérola crua, atormentando-a, aquecendo seu desejo. Ela ofegou, ansiando por mais, desesperada para que ele a preenchesse.

Ele continuou a inspecioná-la com os dedos, sentindo cada fenda com o

movimento constante de ambas as mãos.

Ela inclinou a cabeça para trás e gemeu, seus quadris arqueando em direção ao dedo dele para mais, para colocá-lo dentro dela.

Ele parou. — *Non*, deve ficar parada. Vou deixá-la saber o que quero fazer e quando quero fazer.

Imóvel, ela esperou. Ele retomou seus cuidados, provocando-a até que ela não aguentou mais.

— Não tem minha permissão para se liberar, se o fizer, vai se arrepender — ele agarrou o seio dela e o apertou com uma das mãos. De repente, enfiou um dedo profundamente dentro dela.

Emmanuelle gemeu, longo e baixo, e estremeceu. Ela contraiu os músculos ao redor do dedo dele enquanto ele o mergulhava dentro e fora logo acrescentando outro dedo. Ela lutou para ficar parada e teve que lutar para controlar o desejo de balançar no ritmo.

Ele deslizou um terceiro dedo para dentro.

Ela não aguentou mais e empurrou seu corpo contra ele.

Ele parou. — Quer mais, *La Bonne Soeur*? — Ele falou o nome dela com desdém.

Mas, Emmanuelle ignorou e assentiu.

— Deve fazer algo por mim primeiro.

Emmanuelle engoliu em seco, sem saber o que ele iria exigir.

Ele esperou, o silêncio absoluto na sala desconfortável.

— Estou esperando sua resposta — ele passou o dedo pelo pequeno nódulo de prazer dela.

Um fragmento de felicidade a forçou a estremecer. O calor de sua excitação exigia resolução. — Por favor... por favor, sim!

Ele soltou uma risada orgulhosa e deslizou um dedo de volta para dentro dela. — Mas ainda não sabe o que eu quero — ele recolocou todos os três dedos e começou a trabalhá-los para dentro e para fora novamente enquanto acariciava a pérola dela com a outra mão.

Ela gritou em êxtase.

— Me quer dentro, não é? — Ele perguntou com uma voz sensual que a fez se afundar ainda mais em seus dedos.

— Sim, por favor, quero-o dentro de mim — ela gemeu.

Ele parou. — Primeiro deve me trazer a garota chamada Emilie — ele retomou seus cuidados.

Agora Emmanuelle congelou.

Ela a agarrou pelos cabelos e a manteve imóvel enquanto esfregava sua ereção delicadamente contra sua entrada.

Ela suavizou, seu desejo se renovando, seu corpo desesperado por satisfação.

Ele parou de novo. — Diga sim, *La Bonne Soeur*, deve dizer sim, pois se não o fizer, esses nossos encontros secretos não existirão mais.

Ele soltou o cabelo dela e ela se virou para encará-lo, os olhos arregalados.

Seu rosto ficou a um fio de cabelo dela, torcido com malícia. — Não seria bom se seu amor pelo prazer e pela dor se tornasse público, certo?

Quando ela não respondeu, ele jogou o braço para trás e deu um tapa no rosto dela com toda a força.

Ela recuou com o golpe, mas ele se curvou e pegou um mamilo com a boca e o chupou com força enquanto seus dedos encontravam o caminho de volta para a umidade dela. Ele passou de um mamilo para o outro e continuou a mesma doce tortura.

Enquanto ela mergulhava novamente no abismo do prazer, ele a abocanhrou e chupou com força. A sensualidade ardente surgiu através dela. Delirante de prazer, aproximava-se o acolhedor abismo.

Ele parou e a golpeou novamente. Imediatamente, a boca dele renovou seu ataque à sua feminilidade. Desta vez, ela não conseguiu mais conter seus gemidos

de prazer, e seu corpo se debatia em êxtase. Seu prazer se intensificou. À beira do lançamento, ele parou e levantou a mão mais uma vez.

A culpa era seu tirano inflexível. Seu corpo gritava por alívio, sua necessidade dele era tão grande, tão poderosa, que ela realmente acreditava que não poderia viver sem ele e seus pequenos jogos de prazer. — Sim — ela gritou. — Eu farei isso. — Emmanuelle gritou em êxtase enquanto ele se dirigia impiedosamente para dentro dela.



Emmanuelle não conseguiu afastar a visão de um pastor persuadindo um cordeiro para o abate, quando convidou Emilie para seu apartamento particular no dia seguinte. Com o coração carregado de culpa, ela forçou um sorriso. — Quero que me preste um grande serviço, um que ninguém mais pode fazer. É uma tarefa importante. Vou explicar-lhe tudo quando voltar. Devo falar pessoalmente com o Père Marc-Mathieu que a trouxe aqui para mim, mas ninguém deve saber que mandei chamá-lo. Elaborei um plano para resolver todos os seus problemas, mas preciso da ajuda do padre jesuíta. É a única que convencê-lo a vir até mim.

A cada palavra, outro pecado irreparável se acumulava em seu espírito maculado. O inferno se aproximava a cada dia. Logo a engoliria. Nenhuma quantidade de penitência, dor ou humilhação poderia aliviar seu tormento por ferir esta alma inocente. Ela havia prometido protegê-la, mas seria por sua própria mão que a garota sofreria. E ela sofreria. Seus instintos uivaram com a advertência de que era um homem por trás da exigência de Gaston, provavelmente o Seigneur do qual Emilie estava tão desesperada para fugir. Emmanuelle desprezava a si mesma. No entanto, não conseguia encontrar força interior para recusar as exigências de Gaston. Ela teve paciência para trilhar um caminho de bondade. Tormento era sua alma gêmea, agora e para sempre.

— Mas voltar ao lugar onde enfrentei o perigo? Estar perto do homem que arruinou minha vida? Exige muito de mim.

— Cuidarei para que nada lhe aconteça — e em seu coração, ela se reconheceu como a mais desprezível mentirosa, inigualável a qualquer um que já tivesse encontrado. Auto aversão deslizou sobre sua carne. De alguma forma, ela se manteve tensa, inexpressiva, disfarçando todos os sinais da turbulência que queimava dentro dela e destruía seu espírito. — Será transportada em uma carruagem particular para o convento jesuíta fora de Pointe-du-Lac.

— E minha mãe? Se ela voltar e não me encontrar, ficará muito aflita.

— Não se preocupe com isso. Informarei sua mãe sobre meu pedido. Eu sei que ela vai entender. Se não a encontrar durante esta missão, ela esperará aqui pelo seu retorno.

— Sem escolta, por caminhos solitários? Não tenho certeza. — Emilie torceu o dedo em torno de um fio solto que pendia do lado de sua pequena caixa de costura.

— Sua relutância me surpreende, Emilie. Essas são preocupações frívolas. Estará em plena luz do dia em uma estrada que já percorreu muitas vezes antes. Nada pode se extraviar. Não posso acreditar que hesite em aceitar esta

missão.

Enquanto Emilie ouvia, ela manteve os olhos em sua caixa de costura.

Emmanuelle engoliu em seco, reunindo a ousadia necessária para convencer sua jovem pupila. — Eu te conheço há tão pouco tempo, mas nesse tempo se tornou minha maior confidente. E sabe que não há nada que eu não faria para ajudá-la em sua hora de necessidade, não é?

Os ombros de Emilie caíram. Por fim, ela ergueu os olhos. — Mas o que devo dizer à porteira, que nunca me viu sair e, portanto, certamente perguntará para onde estou indo?

— Tente sair sem que ela a veja e se não conseguir, diga que está indo à igreja para oferecer algumas orações.

Emilie se contorceu na cadeira. — Contar uma mentira? — Ela balançou a cabeça.

Emmanuelle suspirou. Oh, ser tão puro, tão inocente que uma pequena falsidade poderia trazer tal hesitação. Afastou o pensamento e manteve sua mente focada na tarefa. Não deveria vacilar. Deveria convencer Emilie ou perderia tudo. Se Gaston cumprisse suas ameaças, o que seria dela? Emmanuelle fez uma careta e cruzou os braços.

Emilie corou. — Muito bem. Eu lhe devo muito, eu irei.



Com uma bolsa de couro que continha uma muda de roupa, algumas moedas e seu rosário, Emilie entrou no pátio do convento das Ursulinas. Nuvens cinzentas cobriam o céu e uma brisa fresca de verão pairava sobre ela. Hesitou e olhou em volta, inquieta. Embora tivesse concordado em ir nessa missão para Soeur Emmanuelle, em quem confiava, não conseguia afastar a sensação de inquietação que pairava sobre ela. Inalando uma respiração fortificante, cruzou para o portão da frente. Felizmente, a porteira não estava em seu posto. Emilie levantou o trinco e abriu o portão. Enquanto se preparava para passar, ouviu seu nome ser chamado.

— Emilie, espere!

Emilie virou-se na direção da voz.

Emmanuelle estava em uma janela do andar superior. A brisa ondulou seu véu branco. Suas mãos agarraram e torceram o rosário, que pendia do cinto de couro em sua cintura. Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas fechou novamente.

— Sim, Soeur? — Uma pontada de esperança de que ela pudesse chamá-la de volta vibrou em sua barriga.

La Bonne Soeur olhou para ela, ombros curvados e parada de forma anormal. — Faça tudo como eu disse e volte rapidamente — chamou fracamente, seu tom resignado.

Antes que Emilie pudesse pronunciar uma resposta, Emmanuelle se afastou da janela e desapareceu de vista.

Emilie agarrou-se ao portão por um momento e olhou para o mundo lá fora. Com o punho pressionado contra os lábios, ela se endireitou e então atravessou as paredes para a estrada lá fora. Atrás dela, o portal esquecido balançava contra a brisa.

Ela caminhou, com os olhos no chão, seguindo a estrada que levava aos arredores de Québec. Seguindo as instruções de Emmanuelle, chegou a um cruzamento e pegou a estrada à esquerda. Ele repousava entre dois altos bancos de terra cercados por árvores, que estendiam seus galhos sobre ele como um teto abobadado. O som de seu próprio batimento cardíaco rugiu em seus ouvidos. Ela nunca havia andado sozinha assim e apressou os passos enquanto avançava ao longo da pista vazia.

Adiante, ela notou uma carruagem parada com seu condutor na frente e dois homens parados como se esperassem por alguém.

Emilie se aproximou com cautela. Um dos dois homens deu um passo em sua direção. — Perdão, mademoiselle, pode nos dizer qual é o caminho para Trois-Riviere? — Sua voz era cortês, mas seu rosto redondo não continha calor.

— Está indo na direção errada — os instintos de Emilie avisaram que algo estava errado. O cabelo de sua nuca se arrepiou e sua pele formigou. — Fica a oeste — ela se virou para apontar atrás dela.

Mãos grossas vieram por trás e a agarraram pela cintura, levantando-a do chão. Emilie gritou. O bandido atirou-a para dentro da carruagem. Um terceiro homem, escondido lá dentro, enfiou um lenço em sua boca para abafar seus gritos. Em pânico, lutou para respirar e por sua vida.

Os dois homens na estrada se jogaram para dentro da carruagem, fecharam a porta com estrondo e o cocheiro cacarejou para os cavalos, partindo a boa velocidade. Em questão de segundos, o mundo de Emilie foi destruído.

Terror retumbou através de seu corpo. Seu pulso martelava em seu peito e ela ofegava a cada respiração. Com cada fragmento de força, se contorcia para escapar dos homens que a seguravam. Desesperada, empurrou seu corpo para a porta, mas os braços ásperos de seus captores a mantiveram presa. Embora tentasse gritar, o lenço em sua boca abafava seus gritos.

— Fique quieta, não tenha medo — rosnou um dos homens.

— Não queremos prejudicá-la — disse o outro.

Suas vozes ásperas ressoavam como canhões nos confins da pequena carruagem. Depois de momentos de luta inútil, seus braços caíram ao lado do corpo e sua cabeça caiu para trás. Ela entreabriu as pálpebras e fixou-as nos rostos horríveis que pairavam sobre ela como uma imagem monstruosa. Todo o calor foi drenado de seu corpo e começou a suar frio. Sua consciência se turvou. Então desmaiou na escuridão que a engoliu.



— Ela está morta, — disse o corpulento homem armado.

— Ela não está morta, imbecil — Gaston tirou o lenço, enfiou-o no bolso e inclinou-se para estudá-la. — É apenas um desmaio. É preciso mais do que isso para enviar alguém para o outro mundo. Pegue seus mosquetes debaixo do assento e mantenha-os prontos.

Os dois homens pegaram as armas e as colocaram no colo.

— Não em suas mãos! Pelas suas costas. Se ela vir armas de fogo, será o suficiente para fazê-la desmaiar. Quando ela se recuperar, não a assustem e mantenham suas mãos imundas longe dela. Deixe-a comigo.

Os dois homens trocaram um sorriso astuto e cutucaram um ao outro. — Ouvimos falar de seu jeito especial com as mulheres.

Gaston fez uma careta para eles. — Limpem esses sorrisos de seus rostos feios. Pretendo apenas falar com ela. O Seigneur não gosta que seus bens sejam danificados.



Emilie acordou inconsciente e abriu os olhos. Uma lembrança repentina do ataque inundou sua memória e ela se lançou para a porta. Um dos homens a puxou de volta. Ela soltou um grito, mas Gaston tirou o lenço do bolso e tornou a erguê-lo.

— Venha — ele avisou no mais suave dos tons. — Fique em silêncio. Será melhor. Não queremos fazer-lhe nenhum mal, mas se não segurar sua língua, vamos forçá-la a ficar quieta.

O pânico surgiu nela. — Deixem-me ir! Qual seus nomes?

Nenhum dos homens respondeu.

— Onde estão me levando? Por favor, deixem-me ir!

— Não tenha medo — o homem com o lenço a estudou com seus olhos frios. — Se quiséssemos feri-la, já poderíamos tê-la assassinado centenas de vezes. Portanto, fique quieta e colabore.

Emilie conteve o medo e olhou Gaston nos olhos. — Por favor, eu imploro, deixem-me ir. Não os conheço. Prometo não falar nada sobre isso. Por que me levavam?

— Porque fomos ordenados a fazê-lo.

— Quem ordenou isso?

— Cale a boca! — Gaston repreendeu com um olhar severo. — Não faça mais perguntas.

Emilie tentou novamente se jogar contra a porta, mas ele a empurrou para trás.

— Se me deixar ir agora, tudo ficará bem. Não causarei nenhum problema. Eu o perdoo sinceramente. Se alguém aqui tem uma filha, uma esposa, uma mãe, pensem no que elas sofreriam em meu lugar. Me deixem ir. Encontrarei o caminho de casa e ninguém precisa saber de nada. Por favor, eu imploro.

— Não podemos.

— Não podem! Por que não podem?

— Economize seu fôlego. Nenhuma quantidade de mendicância irá ajudá-la.

Dominada pela angústia, Emilie se recostou no canto, cruzou os braços e concordou com relutância.



Do salão principal, o Seigneur Claude Prudhomme observava com solicitude a entrada de seu solar. Que estranho que ele, que dispensou tantas vidas com o coração imperturbável, que em tantos assuntos não se importou com o sofrimento que infligiu a ninguém, agora se arrependa do sequestro dessa jovem.

A carruagem apareceu, seu passo lento. Seu coração batia rapidamente enquanto o arrependimento o engolia. Deveria ter se recusado a ajudar Richard Tonnacour. Algo sobre isso não parecia certo, mas não conseguia explicar por que ou o que era. Ele confiou em seus instintos e decidiu segui-lo. Não era tarde demais para se livrar dessa obrigação.

O cansaço se instalou em seus ossos. Embora tivesse vivido uma vida de assassinato e vingança, não podia mais tolerar tal vida. No crepúsculo de seus anos, se viu desejando tranquilidade. Desde que conseguia se lembrar, as pessoas sempre buscavam algo dele e ele sempre agiu de bom grado, embora por um alto preço. Mas não mais. Ele já teve o suficiente. Não havia ninguém em sua vida que se importasse com ele. Se morresse amanhã, morreria sozinho, sem carpideiras e imediatamente esquecido.

Por que Richard Tonnacour estava tão interessado nessa mulher a ponto de ir tão longe e correr tantos riscos para adquiri-la? Mais importante, por que ele deveria ajudá-lo a saciar seus desejos nefastos? Richard Tonnacour era mimado, impulsivo e infantil de se lidar. Esse sequestro poderia envolvê-lo em uma situação que não poderia controlar. Poderia tolerar mais complicações em sua vida? A resposta o atingiu com força. Não, não podia. Ele estava muito cansado, muito velho e muito desinteressado. Era hora de parar todo o caos que o perseguiu durante toda a sua vida. E ele começaria com essa garota.

Ele chamou sua governanta. Ela havia sido casada com um de seus homens que havia perdido a vida após uma missão perigosa. A rápida vingança de Claude contra os assassinos pareceu consolar a viúva. Daquele dia em diante, ela raramente pôs os pés fora de suas terras senhoriais. Ele não a limitou a nenhum serviço em particular. Entre a multidão de rufiões, um ou outro sempre encontrava algo para ela fazer, ao qual nunca reclamava. Às vezes ela tinha roupas para consertar, às vezes uma refeição para fornecer às pressas para um dos homens recém-chegados de uma missão e às vezes exercitava sua habilidade médica curando um ferimento. Ela estava acostumada com as exigências, censuras e insultos de seus homens temperados com piadas e discursos rudes. Ela frequentemente retribuía suas zombarias ou elogios com um discurso colorido próprio.

— Está vendo aquela carruagem ali? — Seigneur Prudhomme perguntou

quando ela entrou na sala e parou perto dele.

Ela se aproximou da janela, projetou seu queixo pontudo e olhou pela janela para a carruagem que se aproximava. — Entendo.

— Dentro há uma jovem. Quero que a conheça. Deve dividir seu quarto com ela. Se ela fizer alguma pergunta, não responda.

— Oh? — Suas sobrancelhas se juntaram.

— Tente confortá-la.

Seu rosto franziu com confusão. — O que quer dizer? O que devo dizer?

— Como devo saber? Com certeza, na sua idade sabe lidar com outras mulheres. Nunca teve medo? Não conhece nenhuma palavra de conforto? Seja gentil com ela. Isso é tudo que eu peço — ele acenou para ela com os dois braços. — Depressa, continue.

Quando ela saiu, ele ficou na janela, os olhos fixos na carruagem, que se aproximava. Ele estudou o sol enquanto mergulhava no horizonte. As nuvens lanosas assumiram um tom de fogo e, como sua própria vida, desapareceram na escuridão. Recuando, fechou a janela e gritou enquanto chutava uma cadeira e a derrubava no chão.



O crepúsculo escureceu o céu quando a carruagem parou em frente a uma grande mansão.

Uma mulher pouco atraente, com idade para ser sua mãe, abriu a porta e olhou para dentro com um sorriso forçado. — Venha comigo.

— Quem é a senhora? — Emilie perguntou.

— Eu sou a governanta e devo cuidar de suas necessidades — com um olhar severo e olhos frios, a mulher acenou para que ela saísse.

Emilie hesitou.

— Vamos — o homem com o lenço deu-lhe um olhar severo.

Emilie olhou ao redor em busca de uma fuga. Quando ele se inclinou ameaçadoramente para ela, saiu da carruagem.

— Onde está me levando? — Emilie perguntou à mulher enquanto a seguia até a porta da frente.

— Ver alguém que a cuidará bem — falou a mulher. — Não tenha medo. Ele queria que eu a confortasse. — Ela agarrou o braço de Emilie, um pouco forte demais. — Vai dizer a ele, não vai, que eu tentei confortá-la?

— Solte-me! — A raiva de Emilie veio à tona. A mulher cheirava a suor e tentou se desvencilhar dela. — Quem é ele e o que ele quer? Diga-me onde estou!

A mulher se virou e continuou em direção à porta da frente.

— Por favor — Emilie implorou. — É uma mulher. Certamente, pode entender. Ajude-me.

A governanta franziu os lábios enquanto se afastava e esperava que Emilie entrasse na casa.



Seigneur Claude assistiu à troca do salão. Ele esperou impacientemente que um dos criados trouxesse Gaston até ele. Quando Gaston entrou, o Seigneur Claude se virou e o encarou. — Bem? Como foi?

— Tudo correu como planejado — Gaston respondeu. — A garota apareceu sozinha e na hora. Ela gritou uma vez, mas ninguém ouviu. O cocheiro estava pronto, os cavalos velozes. Foi muito fácil, mas...

— Mas o quê? — As suspeitas de Claude vieram à tona.

— Mas, para falar a verdade, teria sido mais fácil se eu não a tivesse ouvido falar ou visto seu rosto.

— O que quer dizer? Certamente não está ficando mole.

Gaston coçou a cabeça. — Não, mas sinto compaixão por ela.

O Seigneur Claude riu. — Compaixão! O que sabe sobre compaixão?

O rosto de Gaston corou e ele olhou para os pés. — Eu nunca entendi até que coloquei os olhos nela. A compaixão é pior do que o medo - uma vez que ela o agarra, não é mais um homem.

Seigneur Claude atravessou a sala e sentou-se em uma das duas cadeiras perto da lareira. — O que ela fez para provocar tamanha compaixão em um homem do seu tipo?

Gaston deu de ombros. — Foi sua bravura diante do perigo. Sua palidez revelava seu medo, mas não derramou uma lágrima e, durante todo o tempo na carruagem, não teve medo de me olhar nos olhos. Ela tem coragem e orgulho. Ela é uma mulher e tanto.

Seigneur Claude esfregou a testa. Nada disso fazia sentido. Quanto mais ele se envolvia nessa confusão sórdida, mais não queria fazer parte dela. Havia prometido a Richard Tonnacour que conseguiria a garota para ele, mas nisso ele errou. Deveria ter feito perguntas, aprendido mais sobre o que levou o homem a fazer um pedido tão bizarro. — Ajudou-me mais uma vez, Gaston. Um quarto foi-lhe preparado aqui. Descanse um pouco. De manhã, talvez eu tenha algo mais a lhe pedir.

— E se não?

— Então pode retornar aos seus deveres na guarita.

— O Seigneur não perguntou sobre Emmanuelle.

Seigneur Claude respirou fundo. — Não, não perguntei.

Gaston hesitou e, como o Seigneur Claude permaneceu em silêncio, saiu da sala.



O Seigneur Claude cruzou uma perna sobre a outra e fixou o olhar em um ponto do piso de madeira. Os primeiros raios de luar entraram pela janela. A garota deveria ser um anjo para ter aquecido o coração de alguém como Gaston. De manhã, ele se livraria dela. E era melhor que Tonnacour não voltasse.

Gaston, compassivo? Ele balançou sua cabeça. O que essa mulher fez para derreter o coração daquele homem? Decidiu ver por si mesmo, subiu as escadas até o quarto de sua governanta e bateu na porta.

O ferrolho rangeu nos grampos e a porta se abriu. Os olhos da governanta se arregalaram. Antes que ela pudesse pronunciar uma palavra, ele passou por ela e entrou. À luz de uma lanterna, que estava sobre uma mesa de três pernas, ele descobriu a garota sentada no chão no canto mais distante da entrada. Sua raiva aumentou instantaneamente. — É assim que a trata? Como um saco de trapos no chão?

A governanta torceu as mãos. — Ela escolheu se sentar ali. Fiz o possível para encorajá-la e confortá-la, como me pediu. Ela mesma pode lhe dizer isso, mas não se importará com nada que eu diga. Quando lhe ofereci uma camisola, ela recusou e manteve-se vestida. Quando a convidei para se sentar na cama, ela escolheu o chão — a governanta deu de ombros. — Eu não entendo.

— Não fale de mim como se eu não estivesse aqui — Emilie interrompeu.

Seigneur Claude voltou seu olhar para ela e se aproximou. — Por favor, levante-se. Não tem nada a temer de mim.

Ela se endireitou e permaneceu imóvel, seu olhar nunca vacilando.

Que beleza, que coragem. O Seigneur Claude ofereceu-lhe a mão. — Por favor, ficará mais confortável em uma cadeira ou na cama. Eu não lhe farei nenhum mal. Na verdade, posso ajudá-la.

Ela não disse nada e continuou seu olhar.

— Levante-se! — trovejou, irritado por ter comandado duas vezes em vão.

Seu olhar nunca vacilou e seu rosto assumiu uma qualidade serena. — Aqui estou, mate-me se quiser.

Ele hesitou, inseguro e limpou a garganta. — Matá-la? Eu já disse que não lhe faria mal — suavizou o tom, maravilhado com as feições bonitas, mas estoicas dela. Seus cabelos castanhos, desgrehados de sua provação, emolduravam a profundidade de seus olhos amendoados que brilhavam de coragem.

— Por favor — disse a governanta que correu para o lado dela e tentou levantá-la. — Se o Seigneur disse que não lhe fará mal, então pode confiar nele.

A garota afastou as mãos. — Confiança é algo que se conquista. Sou abordada por três bandidos, jogada em uma carruagem e transportada para um estranho lugar. E quer que eu confie? — Ela se levantou e seu olhar nunca vacilou. — O que eu fiz para merecer isso?

Seigneur Claude franziu a testa. — Eles lhe trataram mal? Se o fizeram, deve me dizer.

— Me trataram mal! Claro, me trataram mal. Eles me prenderam pela traição, pela força! Por quê? Onde estou? Em nome de Deus, deixe-me ir.

— Deus! Aqueles que perderam, não podem se defender e chamar Deus, como se Ele pudesse estender a mão e ajudá-los — sua voz explodiu com frustração nos limites da pequena sala.

Não atraiu nenhuma reação dela. — Deus perdoa muitos pecados por um ato de misericórdia — ela disse.

Ele passou os dedos pelos cabelos e caminhou pela sala. Por que ela o enervava tanto?

— Deixe-me ir. Seus homens me trouxeram aqui à força, mas pode pedir a eles que me levem até minha mãe em Pointe-du-Lac. Ela é uma viúva, sozinha no mundo, exceto por mim.

Ele parou e olhou para ela, chocado, mas encantado. Enquanto ela falava, suas feições se tornavam quase angelicais. Calor tingiu a pele sobre suas bochechas cor de creme. Seu cabelo despenteado caía em cascata sobre os ombros em ondas brilhantes. E embora estivesse diante dele no vestido mais pobre de costura caseira que ele já tinha visto, se comportava como uma rainha. A ideia de Tonnacour despojando-a o fez estremecer. Como poderia entregá-la a um porco como ele?

— Não é tarde demais. Deus perdoa muitos pecados por um único ato de misericórdia! — Ela fez uma pausa e engoliu em seco.

Se ela fosse a filha de um de seus inimigos, ele poderia ter gostado de seus sofrimentos, mas, ante seus apelos, seu coração se contraiu de vergonha e, pensou ele com descrença, de compaixão.

A expressão dela ficou mais animada quanto mais ele hesitava. — Não vai custar nada para o Seigneur me deixar ir.

— Não sabe disso, — disse com gentileza. — Eu lhe fiz algum mal? Eu lhe ameacei de alguma forma?

Seu olhar vagou sobre ele e seus ombros caíram. — *Non*, suponho que esteja falando a verdade. Se quisesse me machucar, já teria feito isso — a expressão dela se iluminou. — Liberte-me.

— Pela manhã.

Suas feições afundaram. — Liberte-me agora.

— De manhã, irei vê-la então — ele ofereceu-lhe a mão novamente. Quando ela colocou a mão na dele, o calor caiu sobre ele. Ele a ajudou a se levantar. — Venha, descanse um pouco. Deve querer algo para comer. Vou mandar algo. Ele soltou a mão dela com relutância.

Não era típico dele mostrar tal gentileza. O que havia nela que o fazia

querer protegê-la? Como poderia ter tais sentimentos paternais? Ao se virar para sair, ele encarou a governanta. — Convença-a a comer alguma coisa e depois ajude-a a ir para a cama. Mantenha o ânimo dela. Certifique-se de que não tenha motivos para reclamar — ele foi para a porta.

Quando ele se dirigia para a porta, Emilie deu um pulo e correu para detê-lo. — Por favor, prometa que vai me deixar ir.

Mas, ele se virou e foi embora.



A governanta fechou a porta e trancou-a com uma chave em uma corrente, que pendurou no pescoço.

Lágrimas de decepção embaçaram a visão de Emilie, mas ela as conteve quando a governanta a encarou. — Quem é ele? — Emilie perguntou.

— Não cabe a mim dizer — a governanta a estudou com olhos semicerrados. — É uma orgulhosa, não é? Terá que esperar que ele lhe diga — sem explicação, o rosto dela ficou gentil. — Venha, anime-se. Não me faça perguntas que eu não possa responder. Acalme seu coração — ela disse em um tom mais suave, mais humano. — Não pode imaginar quantas pessoas desejaram ouvi-lo falar tão gentilmente com elas quanto lhe falou! Seja alegre, coma alguma coisa e depois pode dormir.

Talvez a mulher estivesse certa. Emilie sentou-se na beirada da cama.

A governanta ergueu as sobranceiras. — Vai deixar apenas um cantinho para mim, esta noite, não vai? — Ela falou com rancor reprimido.

— Ah, a cama, quer dizer? — Emilie não confiava nessa mulher, cuja falta de sinceridade contradizia suas palavras. No entanto, se sentia mais segura em sua presença por causa das instruções do homem. — Vai ficar comigo, não vai?

— Ficarei — a mulher estava sentada em uma velha poltrona. Ela olhou para a cama com um olhar zangado e murmurou algo ininteligível.

Logo houve uma batida na porta. Emilie se levantou, suas mãos torcendo a frente de seu vestido. Com tudo tão desconhecido, ela temia cada som.

— É a cozinheira trazendo algo para comer — a governanta se levantou e destrancou a porta. Uma mulher gorducha com mechas de cabelos grisalhos escapando dos lados de uma touca de linho entrou na sala e estudou Emilie com interesse.

A governanta pegou a cesta da cozinheira e acenou com a mão para dispensá-la. Então trancou a porta e colocou a cesta na mesinha no canto da sala. Ela levantou a tampa e tirou os itens um de cada vez, anunciando cada um. Um aroma delicioso encheu a sala. — Presunto caramelado, uma torta de ervas, pão de cevada e confeitos de anis. Venha e coma. É uma refeição tentadora preparada exclusivamente para seu consumo. Tem até um pouco de vinho.

Embora não tivesse comido desde antes de sua captura, Emilie mal conseguia comer. Ela permaneceu na cama.

— Por que não quer comer? — Fungou a governanta. — Por favor, recobre o juízo e faça o que lhe é pedido — assim dizendo, a mulher arrancou um pedaço de pão e o enfiou na boca enquanto puxava pratos e talheres da cesta. Depois de olhar para Emilie, ela se dedicou avidamente à comida e à bebida.

Quando terminou de comer, levantou-se e curvou-se sobre Emilie. — Venha agora, coma alguma coisa.

— Não, não estou com fome — Emilie respondeu. Exausta, precisava mais de descanso do que de comida. Ela se levantou e caminhou em direção à porta.

A governanta saltou na frente dela, estendeu a mão para a fechadura. Ela agarrou a maçaneta, sacudiu-a, sacudiu o ferrolho e o fez ranger contra o grampo que o recebia e prendia. Seus olhos se estreitaram. — Está vendo? Está fechada. E eu tenho a única chave — com a mão, ela tocou a corrente em volta do pescoço, levantou a chave de seu lugar entre seus seios amplos e agitou-a. — Está feliz agora? — Ela enfiou a chave de volta embaixo do vestido.

— Não, não estou feliz. Nunca serei feliz neste lugar — Emilie voltou para seu no canto do chão.

— Durma na cama. Por que se agacha assim em um canto como um cachorro? Nunca vi ninguém tolo o suficiente para recusar tais confortos como estes.

— Me deixe em paz — Emilie disse cansada. Ela não devia permitir-se confiar nesta mulher que não era sua amiga.

— Como quiser — a governanta levantou as cobertas da cama e deslizou para baixo delas. Ela empurrou-se para a borda. — Vou lhe deixar bastante espaço. Eu lhe perguntei muitas vezes. O resto é contigo — ela virou as costas para Emilie e em pouco tempo, roncos leves escaparam de seus lábios.

Emilie sentava-se imóvel contra o canto, os joelhos encostados nos seios, as mãos apoiadas nos joelhos, o rosto enterrado nas mãos. Os horrores do dia passavam por sua mente sempre que fechava os olhos. Ela se deteve na realidade desesperadora de suas circunstâncias. Lutou para encontrar uma solução, um meio de fuga, mas o isolamento desta casa senhorial e o fato de que ela nunca poderia pegar a chave da governanta sem acordá-la, a fez perceber a futilidade de qualquer tentativa. Superada pela exaustão, relaxou o aperto em seus membros entorpecidos e se espreguiçou. Emilie ficou nessa posição por um bom tempo, lutando contra o cansaço, oscilando entre o sono e a vigília.

Quase dormindo, seus olhos se abriram e Emilie recuperou seus sentidos dispersos. Ela ouviu a respiração lenta e profunda de sua companheira. O pavio da lamparina lançava uma luz fraca. Brilhou e depois morreu. Sua terrível situação voltou à mente. Esta era sua prisão. Por quanto tempo? Mais importante, por quê? Isso foi obra do Seigneur Richard? Ela não conseguia pensar em nenhuma outra possibilidade. Nunca escaparia dele? O terror de um futuro se submetendo a ele queimou em seus pensamentos. A desesperança de sua situação a atingiu duramente. A morte era sua única saída? Tudo o que podia fazer era rezar, e rezar para que o fizesse. E nesse pensamento brilhou um único raio de conforto. Ela tirou o rosário de sua bolsa de couro e rezou. Quando as palavras saíram de seus lábios trêmulos, uma fé indefinida tomou

conta de seu coração.

Um novo pensamento se enraizou em sua mente. Suas orações poderiam ser ouvidas mais prontamente se oferecesse algo em troca. Ela tentou se lembrar do que valorizava. Seu coração não podia sentir nenhuma emoção além do medo ou conceber qualquer desejo exceto a libertação. Chegou a ela e resolveu fazer o sacrifício.

Emilie juntou as mãos, as contas do rosário entrelaçadas entre os dedos. — Por favor, Deus. Me ajude! Tire-me deste perigo, leve-me em segurança para minha mãe. E se me conceder isso, dedicarei minha vida ao Senhor.

Depois de pronunciar essas palavras, abaixou a cabeça e colocou o rosário em volta do pescoço. O ato foi um símbolo de sua consagração, uma salvaguarda e sua armadura para a nova guerra que agora enfrentava. Ela se recostou na parede. Uma incrível paz e tranquilidade ganharam vida em seu espírito. O amanhã prometia libertação. Seus sentidos, cansados por suas lutas, cederam a esses pensamentos calmantes. Ao amanhecer, Emilie mergulhou em um sono profundo e ininterrupto.



Claude Prudhomme tentou em vão dormir. A imagem de Emilie permaneceu viva em sua mente. Suas palavras ressoaram claramente. O que o havia possuído para ir vê-la? Foi um erro. Gaston estava certo sobre a paixão – depois de experimentá-la, a pessoa não era mais um homem. Muitos imploraram por suas vidas antes dela. Nem súplicas nem lamentações jamais conseguiram dissuadi-lo do que tinha que ser feito. Mas essas lembranças, em vez de inspirá-lo a concluir sua tarefa ou dissipar seus sentimentos de paixão, causaram-lhe consternação. Ainda havia tempo, a vida da garota estava em suas mãos. Ele poderia pedir perdão. De uma mulher, não menos? Se buscar o perdão pudesse aliviar o tormento que o possuía ultimamente, ele o faria.

O que aconteceu com o velho Seigneur Claude Prudhomme? A velhice o enfraqueceu? Ele rolou e mexeu nas cobertas. A maldita cama não era macia o suficiente e havia muitos cobertores.

Algo havia mudado. Coisas que antes aplacavam seu desejo, não o encantavam mais. Ele encarou uma vida sombria, desprovida de todo interesse, privada de toda vontade, despojada de todas as ações e carregada apenas com lembranças insuportáveis de ações que seria melhor esquecer. Ele pensou em inimigos, mas nenhum ódio moveu seu espírito. Amanhã, ele deveria libertar sua infeliz cativa. Poderia um ato de bondade expiar uma vida de crueldade? Não, mas um único ato de bondade pode aliviar um coração pesado demais com o pecado e a culpa. Seria bom saber que uma pessoa poderia chorar por ele quando morrer.

No entanto, e sua promessa ao Seigneur Richard? O que o induziu a infligir tanto sofrimento sem incentivo a uma pobre moça desconhecida com o único propósito de prestar um serviço a esse debochado? Fora do velho hábito, talvez? Agora ele se viu examinando toda a sua vida. Recuando ano após ano, de noivado em noivado, de ato de derramamento de sangue em ato de derramamento de sangue, de crime em crime, cada um ficou diante de sua alma atormentada pela consciência. Possuía todos eles e seu peso o moldou no homem desprezível que se tornou. Como ele se odiava.

Sentou-se na cama e pegou a pistola escondida sob o travesseiro. O luar lançava uma luz suave no quarto. Ele olhou para a arma de metal frio em sua mão. Como seria fácil acabar com seu tormento. Ele agarrou o cabo e o levou até a têmpora.

Puxar o gatilho seria uma coisa simples, um mero momento no tempo, e então o tormento terminaria. Uma visão de seu cadáver desfigurado, deitado imóvel, deslizou em sua mente. A noite silenciosa apresentava a morte num aspecto assustador – a confusão dos criados do feudo pela manhã, tudo virado

de cabeça para baixo e ele jazendo morto, impotente, sem voz. Seus inimigos se alegrariam. Emmanuelle ficaria feliz.

Existia um Céu? E quanto ao Inferno? Certamente é onde ele iria parar. Ele já podia sentir as mãos dos diabinhos puxando-o para um abismo negro. Esse único pensamento o levou ao desespero escuro, do qual a morte não permitia escapar.

A pistola caiu de sua mão. Ele estava deitado com os dedos entrelaçados no cabelo. Seus dentes batiam. Cada membro tremeu. A mão do Diabo estava sobre seu coração. Quanto tempo antes que a besta espremesse a vida dele?

Seus apelos inundaram seus pensamentos. Deus perdoa muitos pecados por um ato de misericórdia! Essas palavras reverberaram em sua mente. Eles se tornaram uma tábua de salvação. Um vislumbre de esperança surgiu. O rosto dela apareceu para ele, angelical, dispensando misericórdia e consolo. Ele tinha o poder de mudar as coisas.

Ele esperou pelo amanhecer, pelo momento de libertá-la. Richard Tonnacour que se dane!



A visita do Bispo de Laval a Pointe-du-Lac deu a Claude um vislumbre de esperança. Talvez o bispo ouvisse sua confissão. Um clérigo de seu alto escalão provavelmente era mais sábio, experiente e mais bem preparado para lidar com um pecador de coração negro como ele. Seu passado pesava como uma bigorna sobre seus ombros, sufocando e pressionando-o sem trégua. Sua vergonha e tormento o impeliavam com o desespero de um homem se afogando lutando para respirar.

Ele se vestiu às pressas e vestiu um casaco leve de estilo militar para aumentar sua confiança em dificuldades. A pistola estava sobre a cama, onde ele a deixara cair na noite anterior. Isso o insultava - uma lembrança sinistra de seu desespero. Ele estendeu a mão para ela como se fosse veneno. Um homem de sua laia não podia andar pelas ruas sem medo de represálias. Ele prendeu a arma a um lado do cinto, odiando o peso dela. Um homem que está se afogando deve se pesar com essas coisas? Depois de pendurar o fuzil boucanier, seu mosquete favorito, nos ombros, tirou o tricórnio do gancho atrás da porta e atravessou o corredor até o quarto da governanta. Ele bateu na porta. — Sou eu — gritou, tomando cuidado para não usar seu nome.

Quando a governanta abriu a porta, seu olhar varreu o quarto e então ele avistou a jovem. Ela ficou imóvel no canto. — Por que ela está no chão? — Ele lançou um olhar penetrante para a governanta. Vê-la encolhida, tão desamparada, ofendeu-o. A culpa era uma faca se contorcendo em suas entranhas.

A governanta olhou para frente e para trás entre ele e sua carga, em seguida, recuou um passo. — Fiz tudo o que pude, mas ela não comeu e se recusou a dormir na cama.

Ele esfregou o queixo e estudou a garota. Ela dormia com a cabeça aninhada na dobra do braço. Seus longos cabelos castanhos caíam em cascata sobre o braço e as costas. Um raio de sol brilhou através de uma fresta na persiana da janela fechada e iluminou seu rosto. Durante o sono, seu rosto tinha uma perfeição reservada apenas aos anjos, um rosto que um pecador como ele não deveria nem olhar, muito menos tocar. Ele suspirou. Por que essa visão de beleza o aflige agora? Isso foi uma prévia do castigo de Deus? Ele passaria a eternidade na presença da perfeição contemplando até que ponto havia falhado? — Deixe-a dormir. Quando acordar, a cozinheira preparará o que ela quiser. Diga a ela que eu saí por um tempo. Quando eu voltar, cuidarei de sua libertação.

A governanta ficou boquiaberta.

— Feche a boca! É larga o suficiente para um enxame de abelhas entrar.

A governanta empalideceu e abaixou a cabeça em submissão.

Ele desceu e repetiu suas instruções para a cozinheira. Ao sair pela porta dos fundos, falou com dois de seus homens que estavam sentados em cadeiras ao sol, lubrificando suas pistolas. — Fiquem de olho na casa. Tranquem as portas dianteiras e traseiras. Ninguém deve sair ou entrar. E eu quero dizer ninguém.

— Sim — os homens reconheceram. Um enfiou a pistola no cinto e foi até a frente da casa para fazer o lance.

Depois de esperar que selassem seu cavalo, Claude montou e cavalgou rapidamente até Pointe-du-Lac.

Ao longo do caminho, as pessoas o cumprimentaram com um aceno de cabeça ou acenavam antes de se curvar muito baixo. Eles sussurravam e trocavam olhares desconfiados. Nenhuma pessoa o olhou nos olhos, sorriu ou trocou uma gentileza. Por que ele não tinha notado antes? Houve um tempo em que não se importava. Agora ardia como sal em uma ferida recente.

Quando chegou ao assentamento, encontrou uma multidão reunida do lado de fora da igreja com seu alto e estreito campanário e reitoria anexa. Os paroquianos estavam conversando em pequenos grupos, mas ficaram quietos com sua abordagem. Ouviu seu nome sussurrado enquanto abriam caminho para ele. Parou seu cavalo diante de um homem bem-vestido. — Pode me dizer onde posso encontrar o Bispo?

— Ele está dentro da igreja com o pároco — respondeu o homem. — Haverá uma missa em breve.

— Agradeço — ele tirou o chapéu e desmontou. Depois de amarrar seu cavalo a um poste da cerca, entrou na igreja, os olhares dos espectadores queimando em suas costas enquanto caminhava. Na penumbra fresca, três padres estavam parados perto de uma porta aberta no lado direito da nave nos fundos da igreja.

Claude tirou o fuzil boucanier dos ombros e encostou-o na parede abaixo de uma janela. De chapéu na mão, aproximou-se deles. — Alguém pode me dizer onde encontrar o bispo? Devo falar com ele.

Um padre jesuíta ergueu os olhos com inquieta curiosidade e hesitou. — Eu sou o Padre Nicholas. Não sei se Sua Excelência está disponível, mas vou verificar. Por favor, espere aqui — ele lançou um olhar para seus colegas, então se virou e saiu da sala.

Claude enxugou as mãos suadas na calça e esperou no silêncio constrangedor.



Père Jean Civitelle estava sentado à mesa do bispo de Laval, um breviário aberto entre eles. Ele estava explicando seus planos para a missa especial e o subsequente jantar em homenagem à visita de seu superior. Père Jean queria causar uma boa impressão e planejou cuidadosamente esses eventos. A julgar pelos acenos e sorrisos do bispo, ele sabia que o havia agradado.

Os dois homens ergueram os olhos quando o Padre Nicholas entrou.

— Com licença, Excelência, mas há um homem aqui para vê-lo - um visitante muito incomum, de fato!

— Quem é ele? — Perguntou o Bispo Laval.

— Seu nome é Seigneur Claude Prudhomme — Padre Nicholas enfatizou cada sílaba do nome. — Ele espera do lado de fora e exige falar com o senhor.

— Seigneur Claude Prudhomme? — Père Jean empalideceu e fez o sinal da cruz.

O bispo franziu a testa para ele, fechou o breviário e recostou-se na cadeira, com uma expressão neutra no rosto. — Mande-o entrar.

— Mas Excelência — gaguejou Père Jean. — Deve estar ciente de que este senhor é perigoso, um notório fora da lei.

O bispo levantou a mão e o deteve. — Me agrada ter tal homem buscando uma audiência comigo.

— Mas é meu dever alertá-lo, para que esteja preparado.

— O que esse homem fez para que eu precise estar preparado para falar com ele? — o Bispo ergueu uma sobrancelha.

— Ele é um assassino, um personagem desesperado que está alinhado com os criminosos mais violentos, homens sem escrúpulos que...

O Bispo de Laval lançou a père Jean um olhar de advertência. — O Senhor jamais hesitaria em receber tal homem, ele o teria procurado.

Père Jean sentiu o calor subir-lhe ao rosto e olhou fixamente para as mãos.

O Bispo voltou-se para o Padre Nicholas. — Admita o homem, nós o deixamos esperando por tempo suficiente.



O senhor Claude seguiu o padre Nicholas até a sala. A frieza se enraizou dentro dele, a manifestação de sua desgraça.

O Bispo de Laval, vestido com as magníficas vestes roxas de seu cargo, avançou em sua direção. Ele tinha um olhar sereno, alto e confiante, e o cumprimentou com um aperto de mão firme. Atrás do bispo estava père Jean Civitelle. Quando o bispo dispensou os dois padres, eles praticamente saíram correndo da sala.

Claude começou a suar, seu estômago dando cambalhotas. Uma compulsão inexplicável o trouxe aqui, mas de repente, se viu sem palavras. Ele viera para aliviar seu tormento interior, mas agora estava envergonhado por chegar como um miserável penitente para confessar sua culpa.

O bispo olhou-o pensativo. A bondade cintilou em seus olhos solenes. Cabelos grisalhos revelavam que ele era um homem de cerca de sessenta anos, mas seu corpo não parecia curvado nem desgastado pela idade. Sob seu comportamento calmo, Claude sentiu paz interior. A inveja surgiu dentro dele. Ele trocaria toda a sua riqueza por tamanha tranquilidade.

O bispo ergueu uma sobrancelha. — Parece perturbado — ele disse com uma voz gentil, — mas estou feliz que veio até mim. Eu me culpo que tenha feito isso.

— Culpar a si mesmo? Eu não entendo. — Claude nunca conseguia se lembrar de uma época em que um homem voluntariamente assumiu a culpa por algo além de seu controle.

O bispo fez um aceno solitário com a cabeça. — Posso dizer que está sobrecarregado. Sua visita hoje é um lembrete, uma repreensão para mim por não ter vindo até o senhor primeiro.

— Mas como pode saber de mim? Nós nunca nos conhecemos. Como poderia saber que eu existo? — Claude engoliu em seco, sua boca repentinamente seca. — Sabe quem eu sou? Eles não lhe disseram meu nome, lhe avisaram sobre mim?

— É exatamente a pessoa por quem é meu dever procurar e por quem orar. Atônito, Claude não sabia como responder.

O bispo colocou um braço em volta de seu ombro. — Bem? Tem boas notícias para me contar, então por que me deixa esperando?

— Boas notícias, bispo? — Claude engoliu o nó que se formou em sua garganta. — Eu permiti que Satanás possuísse meu coração. Que boas notícias podem esperar de uma alma condenada como a minha?

— Que Deus tocou seu coração e o mudou.

— Eu não mereço a atenção de Deus. Se eu pudesse vê-lo! Se eu pudesse ouvi-Lo! Onde está esse Deus? Talvez então eu pudesse extinguir essa culpa

que arde como o fogo do Inferno dentro de mim.

— Ele está em seu coração expulsando o Diabo enquanto falamos, perturbando sua tranquilidade. É assim que o experimenta, como Ele o atrai para Ele. Ele está lhe apresentando a esperança de salvação. Sua alma não está perdida. Deus está lhe dizendo que não é tarde demais. E terá a salvação assim que O reconhecer.

— Diz que é Deus quem me atormenta? — Ele ponderou o pensamento. Tal coisa nunca lhe ocorreu antes. — Estou além da redenção, um miserável indigno — Claude desprezou o desespero que ouviu em suas próprias palavras. Sua voz falhou, pronta para estourar como uma represa com o peso da culpa.

O rosto do bispo permaneceu calmo. — Deus o fará um símbolo de Seu poder e bondade.

Claude estremeceu de vergonha quando o temível tigre do remorso roeu seu coração.

— Reconhece sua miséria, seu coração deplorável. No entanto, quando condenar seus pecados passados e concordar com seu acusador, Deus o fortalecerá com amor, esperança e arrependimento. Ele vê tudo, ama tudo e perdoa tudo quando encontra um coração contrito! — Enquanto essas palavras saíam dos lábios do bispo, seu rosto, sua expressão, toda a sua maneira, irradiava sinceridade.

A cada palavra, algo dentro de Claude mudava. A agonia cedeu lugar a emoções mais calorosas e menos dolorosas. Seus olhos, desacostumados a chorar desde a infância, agora se encheram de lágrimas. Ele cobriu o rosto com as mãos e chorou.

O bispo ergueu as mãos e os olhos ao céu. — Louvado seja Deus por um milagre tão glorioso — ele estendeu a mão para Claude.

— Não! — Claude recuou. — Fique longe de mim. Não se contamine tocando sujeira como eu. Não sabe os horrores que cometi.

O bispo apertou-lhe a mão com afetuosa força. — Não importa. Se Deus lhe perdoa, como posso não seguir o exemplo dele? Pode reparar esses erros contra seus inimigos.

— Há muito o que expiar! Uma vida inteira de maldades — Claude balançou a cabeça, os braços erguidos para desviar a atenção do bispo. Que tolo ele tinha sido ao pensar que poderia encontrar a redenção. Uma vida inteira de assassinatos, estupros e roubos se interpôs entre ele e a redenção. — Devo ir, Excelência. Há uma multidão de pessoas lá fora esperando-o que é mais digna. Muitos vieram de longa distância. Não deveria perder seu tempo com gente como eu.

— Meu rebanho lá fora descansa seguro nas mãos de Deus. Um bom pastor encontra aquele que está perdido — o bispo passou o braço sobre o ombro de Claude.

Claude resistiu e tentou se afastar em sua escuridão pessoal, mas um único raio da luz de Deus o fez ceder. Tomado pelo veemente afeto do bispo, ele

hesitou. Camada por camada, a luz superou sua resistência banindo a escuridão até que ele caiu nos braços do bispo e enterrou o rosto no ombro do homem, suas lágrimas ardentes escurecendo a majestosa batina do religioso.

Ele chorou até perder toda a emoção. Então, lentamente, se desvencilhou, enxugou as bochechas com a manga e ergueu o rosto para o céu. — Deus é, de fato, grande! Eu entendo o que sou, meus pecados estão presentes diante de mim e estremeço ao pensar em tudo o que fiz. No entanto, sinto mais alegria do que jamais senti em minha vida horrível!

— Deus o senta à sua direita na mesa dos abençoados e caminha ao seu lado enquanto entra em uma nova vida. Há muito que terá que desfazer, muito para consertar, muito para lamentar, mas todas as coisas são possíveis por meio Dele.

— Há muito que não posso fazer, mas há uma pequena coisa que posso corrigir.

— Ela é Madame Juliette Tremblay, esposa de Gilles Tremblay, um alfaiate. Eles são pessoas boas e trabalhadoras.

— A jovem não tem parentes? — perguntou o bispo.

— Ela só tem mãe — Père Jean balbuciou. — Ada Basseaux, a viúva de um comerciante de peles.

O bispo soltou um suspiro. — Bem, a mãe está em casa?

— Sim, ela está, Excelência — Padre Nicholas interveio.

— Será um grande consolo para Emilie ver sua mãe depois de uma provação tão traumática.

— Mas ela voltou recentemente de Québec, Excelência — Padre Nicholas acrescentou. — Provavelmente está preocupada com a filha. Pode ser prudente prepará-la primeiro.

— Eu concordo — o bispo sorriu para o Padre Nicholas com aprovação. — Por favor, pegue meu cavalo e carruagem e chame Madame Tremblay. Assim que ela chegar, Père Jean e Seigneur Claude podem acompanhá-la até Emilie. Então traga Madame Basseaux para mim e eu vou explicar as coisas para ela e prepará-la para o reencontro com sua filha.

— Não seria melhor eu buscar a mãe, Excelência? — Père Jean interrompeu, com o rosto franzido. — Afinal, ela é minha paroquiana.

Claude sabia ler um homem, e esse padre não estava apenas preocupado, estava com medo. Ele tinha ouvido falar sobre seu passado de força antes, e agora ele testemunhou em primeira mão. Durante toda a sua vida, havia desprezado homens fracos, pisando em lacaios como se fossem insetos repelentes. Claude parou. Ele não deveria permitir que tais pensamentos se intromettessem. Em vez disso, precisava ser tolerante com a fraqueza.

O bispo fez uma pausa, esfregou o queixo e lançou um olhar penetrante ao père Jean. — Acho melhor que espere aqui comigo.

— Mas Excelência, é melhor eu preparar Ada. Ela é uma mulher sensível que está preocupada com a filha. Eu a conheço bem e como melhor dar a

notícia a ela — Père Jean olhou desajeitadamente para Padre Nicholas. — Outra pessoa pode fazer mais mal do que bem a ela.

Padre Nicholas franziu a testa para o colega.

— Padre Nicholas é muito capaz — o bispo interrompeu, cruzando os braços sobre o peito.

— Como quiser, Excelência — Père Jean murmurou fracamente.

— O tempo é essencial. A garota já sofreu o suficiente.

Os ombros do père Jean caíram. Seus dedos fechavam e abriam as laterais de sua batina.

— Há algo de errado, père Jean? — O olhar do bispo se estreitou.

Père Jean balançou a cabeça.

— Ótimo — o bispo disse. Ele se virou para Claude. — Não pense que ficarei contente apenas com esta visita. Voltará, *n'est pas*?

— Se voltarei? — Claude disse, seu coração iluminado pela esperança. — Se me recusasse, eu ficaria obstinadamente do lado de fora da sua porta como um mendigo. Devemos falar novamente para que minha alma possa se curar.

O bispo pegou sua mão e apertou-a. — Bom. Dê a père Jean e a mim a honra de jantar conosco esta noite. Na verdade, o aguardo. Por enquanto, no entanto, devo cuidar das pessoas lá fora — ele se virou e saiu da sala.



O coração do père Jean batia forte. E se o bispo soubesse de sua recusa em casar Emilie e Robert? Sua mente correu para encontrar uma maneira de sair dessa situação.

A sós com o Seigneur Claude, ele estudou o desgraçado com o canto do olho. O que deveria dizer? Que estava feliz por ele? Feliz por quê? Que tendo sido um pecador vil, agora resolveu se tornar um homem de honra? Ele duvidava que um homem pudesse mudar tão repentinamente. Essa conversão poderia ser um ardil? Esses Seigneurs pestilentos dissiparam qualquer esperança de tranquilidade em sua vida.

Père Jean temia ter que viajar com ele. Que má sorte! Ele reabriu o breviário e fingiu ler para evitar conversas. Felizmente, Seigneur Claude ficou perdido em pensamentos na janela. O constrangimento na sala trouxe suor à sua testa.

Pareceu demorar uma eternidade, mas finalmente o Padre Nicholas voltou para anunciar que Madame Tremblay esperava na carruagem do lado de fora.

O Seigneur Claude afastou-se da janela, mas ao chegar à porta parou e esperou pelo père Jean. Père Jean mal havia posto os pés para fora da porta quando se encolheu de medo ao ver o Seigneur Claude, agarrar um mosquete encostado na parede e, com precisão militar, o balançar sobre o ombro.

Père Jean começou a suar frio. O que Prudhomme faria com a arma? Seria possível que Emile e Robert tivessem se casado e agora Prudhomme fosse enviado para matá-los? Afinal, o homem assassinou qualquer um que estivesse em seu caminho. Mas afastou o pensamento por causa do envolvimento do bispo. Ele rezou para que essa provação acabasse e evitou qualquer movimento desagradável que pudesse chamar a atenção de Prudhomme.

Depois que eles saíram, Seigneur Claude desamarrou um cavalo ao lado do prédio e montou. Madame Tremblay acenou para ele de dentro da carruagem que esperava. Ele acenou de volta com um sorriso forçado.

O cavaliço segurava as rédeas de um cavalo selado. — Este é para o senhor, Père Jean.

Père Jean parou. Havia presumido que viajaria na carruagem com Madame Tremblay. Ele nunca havia montado um cavalo antes. Limpando as mãos na lateral da batina, se aproximou do cavaliço enquanto o senhor Claude tirava o chapéu e olhava para ele com aparente diversão.

— Eu rezo para que esta besta seja quieta. Para dizer a verdade, sou um pobre cavaleiro.

— Ela é uma égua robusta, mas calma — respondeu o cavaliço com um meio sorriso.

— Espero que sim — Père Jean ficou com um pé no estribo e o outro no chão. — Tem certeza de que não é cruel?

O cavalição deu tapinhas no pescoço da égua. — Vá com uma mente tranquila, esta égua é mansa como um cordeiro.

Père Jean agarrou a sela e, com o indigno empurrão do cavalição em seu traseiro, montou. A égua permaneceu imóvel e ele soltou um suspiro quando se viu sentado com segurança nas costas da criatura.

À sua direita, o cocheiro da carruagem deu um estalo nas rédeas e estalou a língua. Eles começaram sua lenta procissão pelo assentamento.

Quando chegaram a campo aberto, père Jean percebeu que não havia falado uma palavra com seu companheiro. Felizmente, Seigneur Claude parecia absorto em pensamentos. Père Jean deixou seus próprios pensamentos vagarem e refletiu sobre como as pessoas eram problemáticas, sempre se intrometendo em sua vida. Eles o arrastaram a contragosto para seus negócios, quando tudo o que queria era uma torta de carne e uma caneca de cerveja no final do dia. Ele culpou o Seigneur Richard por esse problema. O homem era rico, jovem e poderoso, mas doente com muita autoridade e prosperidade, e incomodava os outros. Seigneur Richard decidira molestar a pobre Emilie, coisa absurda, vil e insana, e desempenhara um pequeno papel sob coação. Certamente, Deus e o bispo iriam perdoá-lo por seu único pecado de omissão?

E o Seigneur Claude? Depois de atormentar o mundo por anos com sua maldade, agora ele tentou restaurá-lo com sua conversão. Como a loucura desses dois homens o envolveu tanto em suas teias perversas - um que tentou violar uma mulher inocente e o outro que cometeu assassinato, mas agora se arrepende e perturba sua paz? Por que o homem não se arrependeu em Québec?

E o bispo que acreditou em cada palavra que esse prevaricador pronunciou? Ele até o chamou de amigo. Pior ainda, ele o enviou, um pobre pároco, para acompanhar esse demônio sem nenhuma segurança. Pelo menos deveria ter alguns homens robustos para protegê-lo. Um santo bispo deve valorizar os seus sacerdotes. E pensar que era seu destino acompanhar essa aranha maligna de um homem em sua própria teia! Como Emilie estava envolvida? Obviamente, Seigneur Richard tinha planos para ela, mas como Emilie caiu nas garras de Claude Prudhomme? Qual era a conexão? Père Jean achou melhor ignorar os assuntos dos outros, mas quando forçado a arriscar sua própria pele, tinha o direito de saber. Como odiava todo esse caos que se abatera sobre ele.

E Emilie. Deus sabe o que ela sofreu. Embora tivesse pena dela, ela foi o catalisador para sua ruína.

Père Jean gostaria de poder analisar o coração murcho do Seigneur Claude e entender tudo o que havia acontecido. Em um momento o homem se comportou como Satanás, no outro como o próprio Papa. Oh, pobre de mim. Ele se preocupava e orava para que o Céu cuidasse dele. Afinal, não havia se metido nessa confusão por culpa própria.



Enquanto Claude cavalgava, as palavras do bispo ecoavam em sua mente, renovando-o. Seu vigor voltou. Ele ansiava por uma vida com propósito e faria as pazes onde pudesse, e imploraria perdão onde não pudesse. A esperança irradiava por todo o seu núcleo e elevava seu espírito com a ideia de misericórdia, perdão e amor, mas afundou novamente sob o peso intransponível dos pecados cometidos. Ele revisou atos recentes de iniquidade que poderia reparar, aqueles que poderia corrigir imediatamente. Ele considerou remédios - como desembaraçar os numerosos nós de sua vida e o que fazer com todos os seus cúmplices. Mas tornou-se muito opressor. Melhor se concentrar em uma coisa de cada vez. Libertar a garota seria o ato mais fácil de corrigir. Deus sabia o quanto ela havia sofrido em suas mãos. Mesmo quando ele ardia por libertá-la, o conhecimento de que havia causado seu sofrimento o perturbou.

Chegando a uma bifurcação na estrada, o cocheiro da carruagem olhou para ele em busca de orientação. Claude apontou para a esquerda e gesticulou para que o carro se apressasse. Ele deveria se livrar desse fardo. Até que restituísse Emilie a sua mãe, não poderia haver paz. Talvez nunca houvesse.



Quando chegaram ao solar, père Jean parou o cavalo. Ele esticou as costas doloridas e se mexeu na sela para aliviar a dormência.

Seigneur Claude desmontou e entregou as rédeas a um cavaleiro que esperava. Ele caminhou até a carruagem, abriu a porta e ajudou Madame Tremblay a descer. — Agradeço sua ajuda — ele disse com um sorriso. — Vou levá-la até a jovem agora. Por favor, ajude-a a entender que ela está livre e entre amigos.

Madame Tremblay ajustou sua bolsa na dobra do braço. — Fique tranquilo, farei o meu melhor.

— Não posso pedir mais nada — Seigneur Claude curvou-se galantemente.

— E o senhor, Père Jean — disse enquanto lhe emprestava o braço para ajudá-lo a desmontar. — Peço desculpas pelos problemas que enfrentou por minha causa. Suporta isso por Deus, que tenho certeza irá recompensá-lo generosamente.

As palavras o animaram, e Père Jean respirou fundo e aceitou a mão tão cortesmente oferecida. Deslizou da sela com toda a confiança que pôde reunir. Seigneur Claude entregou as rédeas ao cocheiro e pediu-lhe que esperasse. Tirando uma chave do bolso, abriu a porta da frente. Ele os deixou entrar. Eles avançaram para as escadas e subiram em silêncio.



Quando Emilie acordou pela primeira vez, lutou para se livrar dos pesadelos que a assombraram durante a noite. A fadiga nublava seus pensamentos.

— Então está acordada. Parece terrível. Deveria ter dormido na cama — as palavras de repreensão da governanta carregavam um toque de presunção. No processo de arrumar a cama, ela jogou um lençol no ar e o deixou cair sobre o colchão. — Eu disse muitas vezes ontem à noite.

Emilie sentou-se e esfregou os olhos para espantar o sono.

— Deve comer alguma coisa — a mulher insistiu enquanto parava na frente dela, com os punhos nos quadris. — Caso contrário, quando ele voltar, ficará com raiva de mim! — Ela estendeu a mão para ajudar Emilie a se levantar.

Emilie ignorou a mão, levantou-se e endireitou o vestido. O aborrecimento já fervilhava dentro dela. A percepção repentina de que não gostava dessa mulher não ajudou em nada. — A única coisa que quero é ir para casa. O Seigneur me prometeu. Ele disse que isso aconteceria pela manhã. Bem, é de manhã agora, então onde ele está?

— Ele saiu, mas disse que voltaria logo. Ele disse que terá tudo o que deseja.

— Sério? — O ânimo de Emilie se iluminou.

O som de passos ressoou no corredor seguido por uma batida suave na porta.

— Quem está aí? — Perguntou a governanta.

— Eu voltei. Abra a porta.

O coração de Emilie disparou ao ouvir a voz do Seigneur.

A governanta destrancou a porta e abriu o trinco.

Seu captor parou na porta e permitiu que uma mulher, visivelmente grávida, entrasse antes dele. Para sua surpresa, Père Jean também os seguiu até a sala.

— Não demore — disse o Seigneur, rolando o chapéu nas mãos. — Lhe espero lá fora — ele apontou o dedo para a governanta e juntos eles saíram. Apenas o som de seus passos descendo as escadas quebrou o silêncio.

— Père Jean? — A confusão nublou a mente de Emilie. — O que está fazendo aqui? — Ele estava aqui para puni-la por ter tentado enganá-lo para se casar com Robert? Um mês já havia se passado desde aquela noite terrível. Realmente tinha passado tanto tempo? Emilie procurou respostas em seu rosto, mas ele devolveu um olhar nervoso. Ele abriu a boca para dizer algo, mas a fechou e desviou o olhar.

Ser mantida contra sua vontade era intolerável e o súbito aparecimento de

seu padre e dessa estranha mulher causou seu alarme adicional. O que significava a presença do père Jean aqui? Por que ele desviava os olhos dela?

A mulher suavizou o olhar. Ela estava bem-vestida com um simples vestido de saco azul cuidadosamente enfeitado com laços de cor creme. Algumas mechas de seu cabelo dourado escapavam de seu chapéu de palha. Ela parecia ter cerca de trinta anos e suas bochechas brilhavam com a flor da maternidade. Ela pegou as duas mãos de Emilie nas dela. — Oh, minha pobre menina! Deve vir conosco.

Emilie puxou as mãos para trás. — Quem é a senhora? — Seus olhos dispararam para Père Jean, que encontrou seu olhar com compaixão nervosa.

— Estamos aqui para levá-la para casa, — Père Jean disse.

Como se de repente tivesse recuperado todas as suas forças, Emilie olhou incrédula, primeiro para o padre e depois para a mulher. — Minhas orações foram atendidas, — ela disse, com a mão na boca. Uma vibração de alegria absoluta deu uma cambalhota na boca de seu estômago.

A mulher sorriu. — Eu sou Juliette Tremblay e vim acompanhá-la de volta para sua mãe. — Ela pousou a mão em sua barriga inchada.

— Vai me levar daqui? — Emilie baixou a voz. — O Seigneur prometeu que seria assim, mas não ousei esperar que falasse sério.

Père Jean avançou mais para dentro da sala. — *Mais Sim*. Ele organizou tudo e espera por nós lá fora. Vamos de uma vez. Não devemos deixá-lo esperando. — Ele se virou com um som atrás dele. — Ah, aqui está ele agora.

O Seigneur voltou a entrar na sala.

Emilie deu um passo mais perto da mulher e encarou seu captor com um olhar firme.

Ele engoliu em seco e desviou o olhar. Uma longa pausa se seguiu antes que ele erguesse os olhos para ela. — Emilie, pode encontrar em seu coração compaixão para me perdoar?

Juliette segurou sua mão. — Veja, é verdade. O Seigneur veio para libertá-la.

— Venha, podemos ir imediatamente — exortou Père Jean, já no corredor.

Emilie estudou o homem que estava diante dela com a cabeça baixa e a postura caída. A dor marcou seu rosto e ele parecia abatido. Sua raiva e medo se dissolveram. Em seu lugar veio uma mistura de pena e empatia, mas acima de tudo gratidão por atender seus apelos a ele na noite anterior. — Agradeço sua mudança de opinião, Monsieur! Que Deus o abençoe.

A tensão deixou seu rosto e ele se iluminou um pouco. — E o mesmo para a senhorita por suas palavras gentis — o pomo de Adão dele balançou, do jeito que ela lembrava que o de seu pai tinha feito. Ele parecia vulnerável agora, não tão intimidador. Seu coração se aqueceu para ele. Sem dizer mais nada, ele se virou e abriu caminho para fora da sala.

Do lado de fora, o Seigneur abriu a porta da carruagem e, com um aceno educado, ofereceu a mão para ajudar ela e Madame Tremblay a entrar. Seu toque era gentil e seu rosto exibía um sorriso de humildade. Quando ela deu a

ele um sorriso sincero, detectou um leve rubor em suas bochechas.

O Seigneur pegou as rédeas de dois cavalos da mão do cocheiro, ajudou père Jean a montar e depois subiu em sua própria sela.

Madame Tremblay fechou as cortinas das janelas e pegou as mãos de Emilie. — Passou por uma provação terrível, mas logo terminará, ma chérie, e estará em casa.

— Com minha mãe — Emilie disse melancolicamente enquanto inclinava a cabeça para trás contra o assento. Estar segura com a mãe mais uma vez trouxe o conforto necessário. — Mas não entendo por que está aqui.

— O bispo me mandou uma mensagem através de um padre jesuíta chamado Padre Nicholas. Ele queria que eu a acompanhasse, para tranquilizá-la e fazê-la se sentir segura.

— O bispo? Padre Nicolas? Mas como eles sabiam que eu estava aqui?

Juliette descansou a mão nas costas e se espreguiçou. — Porque este Seigneur veio falar com o bispo — ela baixou a voz. — Ele se arrependeu de seus pecados e deseja mudar de vida disse ao bispo que havia feito com que uma pobre mulher inocente fosse presa por instigação de outro Seigneur. Mas não sei quem poderia ser esse outro Seigneur.

Emilie respirou fundo. Em seu coração, ela suspeitava do Seigneur Richard. Agora sabia. Não havia fim para os tormentos que ele pretendia? Emilie desviou os olhos do olhar perscrutador de Madame Tremblay, mantendo seus pensamentos para si mesma.

— Bem, independente disso, o bispo pensou que minha presença a deixaria mais confortável. Eu não poderia recusar.

Emilie estendeu a mão e pegou a mão dela. — Agradeço sua gentileza, especialmente porque está esperando um filho e esta não deve ter sido uma viagem confortável.

Juliette tirou um leque de sua bolsa e o balançou para frente e para trás.

— Está se sentindo mal? — Emilie perguntou.

— É apenas um leve enjoo, normal para alguém na minha condição. Logo vai passar.

Emilie estudou seu rosto. Ela parecia um pouco pálida.

— Tudo será pelo melhor, verá. Milagres acontecem quando menos se espera — Madame Tremblay sorriu.

— É realmente um milagre — Emilie sussurrou enquanto olhava pela janela da carruagem. Um homem limpando um terreno fortemente arborizado parou seu trabalho tedioso para enxugar a testa e vê-los passar. Além da linha das árvores, ela vislumbrou o Saint Lawrence, o mar, as velas dos navios e barcos em suas águas visíveis contra o horizonte. Logo ela estaria com sua mãe, mas estariam seguras? Deus ouviu suas orações desesperadas e o voto que fez. Já, seus problemas diminuíram, a confirmação de que sua promessa de entrar na vida religiosa em troca de resgate era o caminho que deveria seguir.

— Deve perdoar o Seigneur e agradecer que Deus o salvou. Ore por ele

também. Será recompensada por isso, seu coração ficará mais leve.

— Eu sei — disse Emilie. — Não será fácil, mas tentarei.

— E seu pároco, père Jean, o bispo achou melhor mandá-lo conosco também. Ela se inclinou para frente e baixou a voz mais uma vez. — Para dizer a verdade, ele tem sido de pouca utilidade. Ouvi dizer que é um homem pobre de espírito. Ele parece tão assustado quanto uma galinha em um saco.

Emilie respirou fundo, lembrando-se de que, embora gostasse de Madame Tremblay, não conhecia essa mulher e era melhor não falar muito. Em vez disso, decidiu mudar o rumo da conversa. — E este senhor que me sequestrou e que agora se tornou bom, qual é o nome dele?

— Nunca ouviu falar do Seigneur Claude Prudhomme?

— Seigneur Prudhomme? — Claro, Emilie tinha ouvido falar dele, mas sempre que alguém falava seu nome, era em um sussurro assustado. Ao pensar em ter estado nas garras de um bandido assassino e agora se encontrar sob sua proteção, seus medos voltaram à tona. Emilie se lembrava de seu rosto cada vez que ele falava com ela. A primeira vez foi arrogante, a próxima agitada e a última vez tão humilde que a deixou confusa.

— Muitos ficarão aliviados ao saber que ele mudou. Pensar em quantas pessoas o temiam e agora ele se tornou um santo! Estamos vendo os frutos dessa mudança divina. Quem sabe por quê?

Emilie sentiu que Juliette queria saber os detalhes de sua situação, mas por qualquer motivo, absteve-se de perguntar diretamente. No entanto, ela a confortou e parecia preocupada.

— Tem certeza de que não está doente? — Emilie perguntou.

— Não posso negar que estou cansada — Juliette arqueou as costas. — A viagem de carruagem foi longa e desconfortável — ela olhou pela janela e voltou-se para Emilie. — Não estamos longe da minha casa. Há quanto tempo não come?

— Não me lembro. Não por algum tempo — Emilie tinha estado muito chateada durante todo o seu calvário, mas agora que acabou, seu estômago roncou.

— Coitada! Deve querer algo para fortalecê-la? Bem, vamos terminar nossa jornada e parar para comer algo em minha casa. Anime-se, pois não é longe agora. — Ela colocou a cabeça para fora da janela e chamou o Seigneur Claude.

— Minha casa fica perto. Estou me sentindo um pouco mal e Emilie está se sentindo cansada. O Seigneur se importaria se parássemos aqui? O Seigneur e père Jean poderiam continuar e chamar a mãe de Emilie para minha casa.

— Estou preocupado com as duas — Seigneur Claude disse, com as sobrancelhas franzidas.

— Nós duas estamos bem, mas cansadas — assegurou Juliette. — Um pouco de descanso fará bem a nós duas. Eu prometo que Emilie está em boas mãos.

— Será como desejar — Seigneur Claude disse.

Emilie afundou languidamente em seu assento. Logo, estaria com sua mãe. Muito aliviada, se retirou para seus próprios pensamentos. Felizmente, Juliette fez o mesmo.



Embora père Jean tenha achado o retorno para casa menos incômodo, ele não gostou. Odiava viajar a cavalo. Quando seus medos iniciais diminuíram, outras preocupações assombraram sua imaginação. O cocheiro, por insistência do Seigneur Prudhomme, conduziu a carruagem em um ritmo acelerado, obrigando-os a seguir com velocidade correspondente. Não familiarizado com cavalos, teve que segurar o pomo para manter o equilíbrio. Não ousou pedir um passo mais lento.

Eles cavalgaram ao longo de uma grande e larga estrada à beira de uma encosta íngreme. Em vez de cavalgar no meio, seu cavalo andava na beirada e não importava o quanto puxasse as rédeas para conduzir a besta para o lado oposto, a teimosa égua se recusava a se mover. Ele murmurou uma maldição. Até o cavalo parecia inclinado a convidar ao perigo. Vexado pelo medo, sofreu em silêncio. Por que se tornou seu destino ser jogado nessa situação?

Chegaram ao pé da descida e o vale ficou para trás. Logo estaria em casa. Père Jean respirou mais aliviado e com a mente mais calma, passou a contemplar outros perigos. O que aquele vilão Seigneur Richard pensaria de seu papel em manter Emilie longe dele? Certamente, ficaria com raiva. Ele já havia enviado dois demônios para encontrá-lo na estrada e ameaçá-lo de morte caso o casamento de Emilie e Robert acontecesse. E se Emilie contasse ao bispo sobre sua situação? O bispo poderia ordenar que ele casasse o casal. Seigneur Richard certamente cumpriria sua ameaça de matá-lo. Veneno fluía das veias daquele ladino. Quem sabe o que aquele homem faria? Oh, quando todo esse problema terminaria? A culpa provavelmente cairia sobre seus ombros. Que crueldade, depois de tantos inconvenientes e tanta agitação, sem merecer, ter de suportar o castigo. O que o bispo poderia fazer para protegê-lo, depois de tê-lo arrastado para isso? Ele poderia impedir que esses senhores miseráveis o machucassem? Não, o bispo tinha tantas responsabilidades, como poderia atender a todas? Ele duvidava que esses Seigneurs, ambos com gosto pelo mal, algum dia mudassem seus hábitos. A podridão vivia dentro deles como um cancro.

Se o Seigneur Richard o confrontasse, diria que resgatou Emilie por ordem de seu superior, não por sua própria vontade. Afinal, era a verdade. Mas então poderia parecer que ajudou esses Seigneurs repreensíveis. Oh, sagrado Céu! O que deveria fazer?

E se o bispo sentisse a necessidade de saber tudo e fosse obrigado a prestar contas daquele negócio de casamento! Isso era tudo o que era necessário para aumentar seus problemas.

Père Jean se conteve. Estava permitindo que suas preocupações inundassem como um rio. Ele se forçou a parar de pensar no que poderia

acontecer e se concentrou no aqui e agora. Carregou fardos suficientes sem esses problemas adicionais. No momento, decidiu que seu melhor recurso era trancar-se na reitoria devido a uma doença. Enquanto o bispo permanecesse em Pointe-du-Lac, o Seigneur Richard não faria barulho. Mas depois?

Logo sua comitiva se transformou em um caminho longo e esburacado, que levava a uma casa de madeira de dois andares. Uma fileira de arbustos arrumados separava a casa de um grande jardim ao lado. Um longo campo se estendia atrás da casa até onde a vista alcançava. O que eles estavam fazendo aqui?

Alarmado, père Jean permaneceu montado enquanto o Seigneur Claude ajudava as mulheres a descenderem da carruagem. — Por que estamos parando?

— O Seigneur Prudhomme não lhe contou? Eu estou me sentindo um pouco cansada, então achei melhor Emilie e eu passarmos a noite em minha casa.

— Sim, acho que é melhor assim — Seigneur Claude olhou para o sol. — Já é fim de tarde. Além disso, posso trazer a mãe de Emilie para cá.

— Não querem entrar para tomar um refresco? — Juliette olhou primeiro para o Seigneur Claude e depois para o Père Jean.

— Agradeço sua oferta generosa, mas devemos continuar para Pointe-du-Lac. O bispo e a mãe de Emilie ficarão ansiosos por notícias de sua segurança. Além disso, o bom bispo nos espera para o jantar.

Père Jean deu um suspiro de alívio. Nada lhe aconteceria se o bispo os esperasse.

Depois de se despedir das mulheres, eles partiram para o restante de sua jornada. Père Jean fez o possível para evitar cavalgar ao lado do Seigneur Claude, ficando atrás dele e de seus homens ou cavalgando para o lado.

Quando chegaram à igreja, père Jean desmontou e aproximou-se do Seigneur Claude. — Por favor, peça desculpas por mim ao bispo, mas ainda estou me recuperando de uma doença e não posso jantar com ele esta noite. Estou cansado da viagem e não me sinto bem. Assegure ao bispo que alguns dias de descanso é tudo que preciso para me restaurar.

Antes que o Seigneur Claude pudesse responder, père Jean se virou e saiu correndo.



Juliette convidou Emilie para se sentar à mesa no centro de sua cozinha. O amplo cômodo estava impecável. As prateleiras na parede perto da janela exibiam pratos e travessas bem empilhados, entre os quais repousava uma cesta forrada de tecido com os cabos dos talheres evidentes em suas bordas. Um longo balcão percorria o comprimento de uma janela com cortinas de renda. Abaixo dele, fileiras de provisões em potes estavam perfeitamente alinhadas. As paredes caiadas de branco contrastavam com a cor escura do assoalho de madeira limpo.

Emilie assistiu Juliette acendendo gravetos na lareira e o fogo. Sobre o guindaste pendia uma grande embarcação na qual flutuava um capão de bom tamanho e alguns vegetais. Quando o caldo começou a ferver, ela o despejou em uma tigela já cheia de pedaços de pão e o ofereceu a Emilie.

A sopa ficou deliciosa e revitalizou Emilie a cada colherada.

— Fomos abençoados — Juliette disse enquanto observava Emilie comer. — Há muitos que não têm pão ou painço. Nós, graças a Deus, não estamos tão mal. Com o negócio do meu marido e um pequeno terreno, podemos viver bem. Coma com bom apetite — ela então se afastou para preparar o jantar para o resto de sua família.

Juliette levou Emilie a um quarto onde poderia se refrescar e deu-lhe uma muda de roupa. Revigorada, Emilie parou diante de um pequeno espelho em uma cômoda, chocada com sua aparência indisciplinada. Seu cabelo estava solto e desgrehado em torno de um rosto pálido. Sombras pairavam sob seus olhos sem brilho. Seu corpo cansado gritava por descanso. Logo, quando segura com sua mãe novamente. Então poderia descansar. O lar trouxe lembranças de Robert e a dor da perda veio à tona. Ela derramou um pouco de água de um jarro em uma bacia, umedeceu um pano e lavou-se antes de escovar os cabelos desgrehados e prendê-los em uma longa trança.

Seus dedos acariciaram a cruz de seu rosário. Levantando-o, ela o examinou. Isso a lembrou de seu voto. Uma sensação de desespero tomou conta dela. Uma explosão tumultuada de arrependimento formou-se em sua mente. O que ela tinha feito ao prometer sua vida? O medo voltou. Sua angústia, seu desespero, suas orações fervorosas e a emoção com que havia feito sua promessa giravam em seus pensamentos. Agora, depois de ter seu desejo atendido, arrepender-se parecia um sacrilégio. Se ela renegasse, sua infidelidade traria infortúnio adicional.

Ela renunciou ao arrependimento momentâneo. Em vez disso, Emilie tirou o rosário do pescoço e segurou-o na mão trêmula. Falou novamente a promessa que havia feito.

Querido Deus, ajude-me! Livra-me deste perigo, traga-me em segurança

para minha mãe, e se me conceder isso, juro renunciar ao meu noivo para que eu possa pertencer apenas a Ti! Dê-me forças para cumprir minha promessa e poupe-me de qualquer arrependimento que possa influenciar minha determinação.

A separação de Robert, que tanto sofrimento lhe trouxera, agora parecia uma bênção. Mas ela precisava dizer a Robert que estava tudo acabado entre eles. Como convencê-lo de que era a coisa certa a fazer?

Emilie lutou para dissipar o arrependimento que se recusava a deixar seu coração.

Ao som de gritos de alegria no caminho fora da casa, Emilie saiu da sala cansada, como um soldado ferido após uma batalha brutal.

Duas meninas e um menino entraram na cozinha. Eles pararam para lançar um olhar inquisitivo para Emilie, então correram para sua mãe, tentando relatar as coisas maravilhosas que haviam testemunhado em sua caminhada para casa da igreja.

— Quem é ela? — Perguntou a garota menor, uma criança bonita com cabelos castanhos que caíam em cascata sobre os ombros em duas longas tranças.

Juliette sorriu com indulgência para sua ninhada. — Silêncio, fiquem quietos.

O dono da casa entrou, seu passo tranquilo, sua expressão cordial. Embora não fosse muito mais alto que sua esposa, tinha ombros largos e um rosto bonito. Muitas linhas ao redor de seus olhos revelavam que era um homem propenso a uma disposição alegre. Ele beijou Juliette na bochecha e sorriu para Emile. — Bem-vinda à nossa casa.

— Estou feliz em conhecê-lo e grata por sua ajuda — Emilie respondeu, instantaneamente à vontade.

Ele tirou o chapéu e o pendurou em um gancho contra a parede, revelando uma coroa nos estágios iniciais da calvície. — Eu estava presente quando Padre Nicholas veio pedir a minha esposa que a acompanhasse até aqui. Eu não apenas dei minha aprovação, mas também teria acrescentado minha persuasão, se fosse necessário. E assim que a pompa e a alegria da missa do bispo terminaram, corri para casa ansioso para saber que tudo correu bem e que agora está segura.

— Ela certamente está! — Disse Juliette.

Emilie sentiu-se corar.

— Bem-vinda à nossa casa e estou feliz que esteja bem — aproximando-se de sua esposa, que tirou a panela do gancho sobre o fogo, ele sussurrou em voz alta o suficiente para Emilie ouvir. — Tudo correu bem?

— Muito bem. Depois conto — Juliette levou a panela até o balcão, tirou o capão e começou a cortá-lo. — Por favor, sentem-se. O jantar está pronto.

Enquanto a família se sentava para comer, Monsieur Tremblay falou com Emilie sobre a missa solene, apesar das interrupções das crianças. — Ver um homem tão bom como o bispo no altar nos abençoando foi realmente uma

visão — ele disse.

— E ele tinha uma grande coisa dourada na cabeça — disse a garotinha.

Ele sorriu para ela e levou o dedo indicador aos lábios para silenciá-la. — O bispo é um homem erudito e falou de uma forma que todos entenderam.

— Até eu entendi, papai — disse a menina mais velha.

Monsieur Tremblay sorriu. — O que entendeu?

— Eu entendi que ele estava pregando o Evangelho.

Ele se sentou um pouco mais reto. — Sem nunca mencionar o nome do Seigneur Claude Prudhomme e sua milagrosa conversão do mal ao bem, todos sabiam a quem o bispo aludia. O bispo ficou com lágrimas nos olhos. Então todos os presentes começaram a chorar também.

— Mas por que todos choravam assim, como crianças, papai? — Explodiu o menino.

— *Mon fils*, existem muitos corações duros neste mundo. E embora haja dificuldades e fadigas, o bispo nos fez entender que devemos agradecer o que temos. Devemos fazer tudo o que pudermos, trabalhar diligentemente, ajudar uns aos outros e depois nos contentar, pois não é uma desgraça sofrer e ser pobre. A verdadeira desgraça é cometer o mal. E estas são palavras verdadeiras do bispo, porque todos sabem que ele próprio vive como um pobre e tira o pão da própria boca para dar aos famintos. Ah! Dá uma grande satisfação ouvir tal homem pregar, não como os outros que querem que faça o que eles dizem, não o que eles fazem. Então ele nos disse que aqueles que têm mais do que precisam devem compartilhar com aqueles que sofrem.

Como se paralisado por algum pensamento, ele hesitou. Então ele encheu uma travessa com os pratos sobre a mesa e, acrescentando um pedaço de pão, envolveu-o em um grande pano. Segurou-o pelas quatro pontas e entregou-o à filha mais velha. — Aqui, pegue isso — ele colocou uma pequena garrafa de vinho na outra mão dela. — Vá para a viúva Marie. Dê a ela essas coisas e diga para apreciá-las com seus filhos. Mas faça-o gentilmente para que não pareça caridade. E não diga nada a ninguém que possa conhecer.

A garota se virou para sair.

— E tome cuidado para não quebrar nada.

— Eu não vou, papai — ela disse com um sorriso ao sair.

Os olhos de Emilie brilharam. A conversa a confortou mais do que qualquer sermão. Isso apagou a dor de suas próprias tristezas e a encheu de força. Mesmo o pensamento do tremendo sacrifício que faria em breve, embora ainda amargo, trouxe alegria. Suas mãos tremiam com uma mistura de alegria e emoção. Ontem, ela se desesperou de qualquer felicidade e de ver sua mãe novamente. Reúna-me com minha mãe, ela rezou. Agora estava prestes a se tornar realidade, reforçando sua convicção de manter sua promessa.



Ada observou o Padre Nicholas se afastar de sua casa. Ela ouviu com choque quando lhe contou sobre o sequestro de Emilie e ficou confusa sobre como tudo aconteceu. Acreditava que Emilie estaria segura no convento. Quando ela o questionou, Padre Nicholas admitiu que não sabia muitos detalhes. Ela queria saber como isso aconteceu.

Depois de uma longa espera, a carruagem chegou para buscá-la. Ao passar pela igreja, notou que père Jean entrou correndo na casa paroquial. — Cocheiro, pare! — Ela gritou.

Ela saiu da carruagem. — Père Jean!

Seus ombros caíram quando ele se virou para encará-la. Seu rosto estava pálido e sua boca *roxa*.

Ada correu para ele. — O senhor sabe alguma coisa sobre o que aconteceu com Emilie? O senhor a viu? Ela está bem?

Père Jean enfiou as mãos em mangas opostas. — Sim, ela está bem e espera pela senhora — ele desviou o olhar. — Se não se importa, estou me sentindo um pouco doente hoje e preciso descansar.

Ada revirou os olhos. — Talvez eu devesse falar com o bispo. Padre Nicholas disse que foi o próprio bispo quem a trouxe para um lugar seguro.

Ele ficou tenso e agarrou o braço dela. — Se falar com o bispo, mantenha-se alerta e certifique-se de não contar muito a ele.

Ada estreitou os olhos e olhou para ele. — Com o que devo ter cuidado?

Père Jean deu um passo para trás e torceu as mãos. — Seria sensato não dizer nada sobre o casamento fracassado de Emilie. Ele não sabe nada sobre isso.

Ada levantou a mão para interrompê-lo. — Não lhe faço promessas. Quando eu voltar com Emilie, se o bispo pedir para nos ver, eu irei. Se ele me perguntar alguma coisa, responderei com a verdade — incapaz de olhar para ele nem mais um segundo, se virou e, sem outro olhar, voltou a entrar na carruagem, determinada, mais do que nunca, a descobrir a verdade.



Emilie pulou da cadeira quando ouviu o barulho do cascalho e dos cascos do cavalo lá fora. Ela abriu a porta e se jogou nos braços estendidos de sua mãe.

— Oh, meu pobre bebê — Ada disse enquanto dava tapinhas nas costas de Emilie. — Deixe-me olhá-la — Ada se afastou e examinou Emilie da cabeça aos pés. — Está bem?

Lágrimas turvaram a visão de Emilie quando assentiu. Era difícil acreditar que estava segura e no conforto da companhia de sua mãe mais uma vez.

Madame Tremblay saiu de casa com um grande sorriso no rosto. — Deve ser a mãe de Emilie. Eu sou Juliette Tremblay.

— Ada Basseaux. Sou-lhe grata por sua ajuda.

— Não foi nada, meu maior prazer. Por favor, entre.

Madame Tremblay ofereceu-lhe algo para comer e beber, que Ada recusou graciosamente, depois discretamente as deixou sozinhas.

— Conte-me tudo o que aconteceu.

Emilie respirou fundo e contou tudo o que havia acontecido.

Ada ouvia, acariciando o rosto de Emilie ou segurando sua mão enquanto ela falava.

Quando Emilie descreveu a carruagem e os homens que a abordaram, sua mãe ofegou de susto. — Seigneur Richard deve estar por trás disso — ela disse com os dentes quase cerrados, seu rosto vermelho. — Quem mais poderia fazer tal coisa? O vilão negro! Aquele incendiário infernal! Sua hora chegará, então também sentirá a dor da injustiça.

— Não, mãe, não! Não deseje tais coisas. Isso só trará mais infortúnios. Devemos orar para que Deus toque seu coração da mesma forma que tocou o coração do Seigneur Claude, um homem que era muito pior do que o Seigneur Richard.

Ada roçou a bochecha de Emilie com as costas da mão. — Está certa, mas não pode me culpar por estar com raiva de tudo o que lhe aconteceu. Já deveria estar casada com talvez meu neto na barriga.

Emilie sorriu e ficou maravilhada com a mãe. Sempre gentil, sempre generosa, sempre protegendo-a e fazendo-a se sentir segura. Ela continuou contando tudo o que sabia, mas quando chegou à parte sobre o voto que havia feito, ela hesitou. Se fizesse os votos do véu, o que aconteceria com sua mãe? A mãe poderia ficar com raiva dela por fazer um voto tão imprudente e poderia fazê-la se sentir culpada por abandonar seu noivo.

O maior medo de Emilie ao contar à mãe residia no fato de que ela poderia confiar em alguém para obter seu conselho e, assim, tornar conhecido seu voto. Emilie encolheu-se de vergonha, mas algo a alertou para manter o voto

em segredo, pelo menos até que pudesse falar sobre isso com o Père Marc-Mathieu. — A senhora já ouviu falar do Père Marc-Mathieu?

Ada balançou a cabeça. — Ele se foi.

— Foi para onde? — As primeiras ondas de alarme passaram por ela.

— Ele foi enviado para trabalhar em La Prairie de la Madelaine.

— E Robert? — Emilie ousou perguntar.

— Suspeito que esteja em Saint-Anne-de-Beaupre com seu amigo de quem tanto fala, mas ninguém sabe ao certo, e até agora não enviou notícias de si mesmo.

Emilie ficou tonta. O que poderia ter acontecido com ele?



Quando o Seigneur Claude entrou na igreja, o Bispo Laval deu-lhe um sorriso caloroso e levantou-se para cumprimentá-lo. — Bem-vindo de volta. Tudo correu bem com o retorno de Emilie?

— Com certeza, Excelência. Ela está segura na casa dos Tremblay aguardando a chegada de sua mãe.

— Deus seja louvado — O bispo sorriu. — Venha e sente-se, pode me contar tudo durante o jantar — ele o conduziu a uma sala fora da nave. Grupos de padres estavam em volta de uma longa mesa posta para o jantar. Quando entraram, os padres pararam de falar.

O bispo pegou seu lugar na cabeceira da mesa e gesticulou para que Claude se sentasse à sua direita. Ele notou como Claude andava com um passo mais leve e parecia muito mais relaxado.

Um silêncio desconfortável pairou na sala. Olhares de choque existiam nos rostos dos padres, pois aquele assento pertencia ao clérigo de mais alto escalão. — Estamos esperando a chegada do Père Jean, então o jantar será servido — disse o Bispo Laval.

— Père Jean pediu-me que lhe transmitisse as suas desculpas, mas adoeceu. Acho que foi o cansaço da nossa jornada.

O bispo franziu a testa. — Lamento ouvir isso. Decidi visitar a casa dos Tremblay pela manhã para falar pessoalmente com Emilie e sua mãe. Como são seus paroquianos, esperava que père Jean me acompanhasse.

— Acho que isso não será possível. Ele parecia bastante pálido quando o vi pela última vez.

— Eu rezo para que ele não sofra de nada sério.

— Ele parecia um pouco amarelo e fraco — Seigneur Claude disse com ênfase na palavra amarelo. — Suspeito que uma boa noite de sono para descansar seus músculos cansados irá reanimá-lo. Ele parece ter uma constituição delicada.

— Amarelo? Rezarei por sua saúde e levarei Padre Nicholas comigo.

Um bando de criados entrou na sala para servir a refeição. Os dois homens interromperam a conversa sobre o Père Jean.



No dia seguinte, Ada ficou muda de surpresa, assim como a família Tremblay, quando o Bispo de Laval chegou. Padre Nicholas o acompanhou. O bispo colocou a mão na testa de Emilie e fez o sinal da cruz. — Pobre garota. Deus a fez passar por uma grande provação, mas Ele restaurou sua segurança e a fez o catalisador que mudou um homem. Se houver algo mais que eu possa fazer, só precisa pedir.

Ada se endireitou e avançou. — Seria maravilhoso se todos os padres fossem tão generosos quanto Vossa Excelência, ajudando as pessoas em suas dificuldades ao invés de criar problemas para elas. Père Jean ousara desencorajá-la de falar com o bispo. Estava farta daquele covarde.

— Por favor, fale livremente — encorajou o bispo.

— Se nosso pároco tivesse cumprido seu dever, as coisas não teriam se desenrolado como estão.

O rosto do bispo ficou sério. — Estou ouvindo.

Sua mente disparou e de repente se arrependeu de ter falado. Para contar toda a história, teria que admitir sua parte em encorajar Emilie e Robert a enganar Père Jean para que os casasse. Agora, tinha que dizer algo. Então, respirou fundo e contou-lhe sobre o casamento pretendido, a recusa do père Jean e todos os argumentos que tinha contra realizá-lo. Ela relatou como bandidos invadiram sua casa e como conseguiram escapar. — Se père Jean tivesse nos contado a verdade desde o início e casado Emilie e Robert como deveria, teríamos nos mudado para algum outro assentamento. Agora olhe para todos os problemas que nos aconteceram.

— Père Jean me prestará contas deste assunto — o bispo disse severamente.

— Por favor, Excelência, não! — Respondeu Ada. Se ele falasse com o père Jean, este revelaria sua tentativa frustrada de enganá-lo. — Não o repreenda. O que está feito está feito. Além disso, não adiantará, é a natureza dele e se isso acontecesse novamente, ele faria o mesmo.

— Mas também erramos — Emilie disse.

Ada franziu a testa para sinalizar para Emilie não dizer nada.

Emilie franziu o cenho e encarou o bispo. — Nós também erramos.

— O que pode ter feito de errado, minha pobre menina? — Perguntou o bispo.

Emilie ignorou os olhares de protesto da mãe e contou ao bispo sobre a tentativa de casamento na casa do père Jean. — Agimos de forma errada e agora estamos sofrendo.

— Tenha bom ânimo — disse o bispo. — Aqueles que sofreram têm motivos para se alegrar e ter esperança. Onde está seu noivo agora?

A dor obstruiu sua garganta. — Ele teve problemas e agora está sendo procurado pela lei.

— Problemas? Que tipo de problema?

Ada gaguejou o que sabia sobre a história de Robert.

— Qual é o nome dele?

— Robert Lanzille.

— Eu ouvi falar sobre este jovem — o bispo franziu a testa. — Como tal homem está noivo de uma jovem assim?

— Ele é um bom homem — Emilie disse com voz firme.

— Um homem generoso e de bom coração — acrescentou Ada. — A qualquer um que Sua Excelência perguntar dirá, até Père Jean. Quem sabe o que aconteceu em Québec? É preciso pouco para transformar alguém em um ladino.

— De fato — ele deu a elas um olhar tranquilizador. — Farei algumas investigações e ver o que posso fazer — ele se virou para se dirigir aos Tremblays. — Ainda pode haver risco de perigo. Pode manter Emilie e sua mãe por mais alguns dias até que eu possa garantir a segurança delas?

— Cuidaremos bem de ambas, Excelência — Monsieur Tremblay disse.

— Vai ser bom ter companhia — respondeu Juliette.

O bispo assentiu. — Que Deus abençoe esta casa.



Depois das orações naquela noite, o bispo parou o Padre Nicholas em seu caminho para fora da igreja. — Como posso compensar o alfaiate por quaisquer despesas que ele possa incorrer por sua hospitalidade a Emilie Basseaux e sua mãe?

— Na verdade, Excelência, nem os lucros de seu negócio nem a produção de seus pequenos campos serão suficientes este ano para permitir que ele seja muito liberal com os outros, mas está entre aqueles nas melhores circunstâncias e cuidará bem delas. Ele é conhecido por sua generosidade.

— Bem, mas é pedir muito nestes tempos difíceis.

— Posso assegurar-lhe, Excelência, sob quaisquer circunstâncias, ele consideraria um insulto receber uma oferta de dinheiro em compensação.

— Certamente ele deve ser afetado por pessoas incapazes de pagá-lo.

— Pode julgar a si mesmo, meu ilustre Senhor. Os pobres pagam-lhe com o excedente da colheita. Infelizmente, no ano passado não houve superávit.

O bispo coçou o queixo. — Eu assumirei todas as suas dívidas. Por favor, peça a ele uma lista de todas as quantias devidas e eu pagarei todas.

Padre Nicholas ergueu as sobrancelhas. — Uma oferta generosa, Excelência.

— Tanto melhor. Há muito mais pessoas perto de indigentes?

Padre Nicholas assentiu. — Cada um faz o que pode, mas como podemos suprir a todos em tempos como estes?

— Diga ao alfaiate para vesti-los todos às minhas custas e pague bem por isso.



Quando Claude Prudhomme cavalgou para o pequeno pátio em frente à sua casa, permaneceu montado e berrou uma de suas chamadas trovejantes - um sinal familiar que todos os dependentes ao alcance da voz imediatamente atenderam.

Todos da mansão e dos campos que o ouviram correram em sua direção com desconforto. Depois que eles se reuniram, Claude levantou a mão e seus sussurros cessaram gradualmente. — Amigos, o caminho que todos nós trilhamos está nos levando ao inferno. Não estou aqui para culpar ninguém, pois fui o pior. No entanto, Deus me chamou para mudar minha vida e mudá-la, eu vou. Eu preferiria morrer a quebrar outra de Suas sagradas leis. Por meio desta, revogo quaisquer comandos hediondos que possam ter recebido de mim. Ninguém em meu serviço quebrará nenhuma lei. Quem discordar deve sair. Pagarei o que lhe for devido, mas não poderá ficar aqui a menos que esteja disposto e seja capaz de mudar sua vida. Aqueles que se reformarem e decidirem permanecer serão bem tratados. Têm a noite para pensar sobre isso. De manhã, pedir-lhes-ei, um por um, sua resposta. Por enquanto, todos podem retornar aos seus postos.

Um ar de silêncio chocado pairou sobre o grupo. Seus olhos percorreram cada rosto, mas ninguém demonstrou nenhuma emoção. Eles estavam acostumados a receber suas ordens, comandos dos quais nunca houve apelo. Agora que anunciou que havia mudado, eles seguiriam? Ele não duvidava que suas palavras fossem odiosas para alguns deles, mas havia falado de seu coração e sabia que eles entenderam.

Muitos pareciam confusos. Ele imaginou que alguns estavam pensando sobre onde encontrar abrigo e emprego, caso decidissem partir, e questionando se poderiam realmente se tornar homens honestos. Outros, os mais tocados por suas palavras, poderiam se sentir inclinados a mudar. Ninguém, porém, pronunciou uma palavra.

Quando dispersaram, eles se moveram em várias direções. Ele os observou sob a luz fraca do entardecer enquanto voltavam para seus vários postos.

Só então desmontou, entregou as rédeas a um cavaleiro que esperava e entrou em sua casa. Nunca estivera tão sobrecarregado com responsabilidades urgentes, mas estava com sono. O remorso, que lhe roubara o sono na noite anterior, agora lhe falava com mais firmeza.

Com essas poucas palavras, ele derrubou a ordem de sua casa. Abalou a fidelidade daqueles que o serviam e trouxe confusão e incerteza para seu lar.

Em seu quarto, ele se aproximou da cama. A lembrança de como apontou uma pistola para a cabeça e quase puxou o gatilho passou por sua mente. Acabara de libertar uma variedade de vilões, ladrões e canalhas sobre os quais

sabia demais. E se eles se voltassem contra ele, com medo de que confessasse seus crimes às autoridades? Um de seus ex-capangas poderia entrar e cortar sua garganta. A vida daria uma volta completa. Que irônico que agora experimentasse o mesmo terror que costumava infligir aos outros.

Ele experimentou uma amarga contrição e uma sensação de desesperança ao encontrar uma maneira de limpar sua consciência. Incomodado, deitou-se na cama, mas o sono o iludiu.



Apesar de o sol já ter nascido há algum tempo, Père Jean ficou olhando contemplativamente para o teto acima de sua cama. Um pequeno prato feito com carne de porco moída e a combinação secreta de especiarias de Rose estava ao lado de uma crosta de pão e uma caneca de água intocada em sua mesa de cabeceira. A reviravolta em sua vida, causada pela ameaça do Seigneur Richard, continuou a piorar. Não sabia quanto mais poderia aguentar. Pela primeira vez na vida, pensou em fugir, na verdade, a essa altura, abraçaria qualquer forma de fuga.

As responsabilidades de pároco pesavam muito, como uma pedra pendurada nos ombros. Foi um desafio constante navegar no caminho traiçoeiro entre o certo e o errado. Para um homem simples que não queria nada além de levar uma vida descomplicada, sua escolha de vocação manteve esse sonho fora de seu alcance.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos. — Vá embora — ele gritou. — Não consegue encontrar algo melhor para fazer com seu tempo, Rose?

A porta se abriu. O Bispo de Laval parecia uma aparição régia em sua batina cor de ametista, franzindo o cenho no rosto estreito.

— Bispo! — Père Jean saltou da cama e passou as mãos pelo rosto com a barba por fazer. — Eu não esperava ninguém, uh, estive doente.

— Ouvi dizer que estava doente e eu seria negligente em meus deveres como seu superior se não o verificasse. — Seus olhos vagaram pelo Père Jean.

Père Jean encolheu-se sob o escrutínio e ajeitou sua batina amassada, a mesma que usara no dia anterior.

— Devo invocar um curandeiro? Eu ouvi muito sobre as habilidades de cura de um dos padres jesuítas próximos.

— Não, não, obrigado, mas tenho certeza de que um pouco de descanso é tudo que preciso — Père Jean acrescentou, colocando as mãos atrás das costas. — Posso lhe oferecer um refresco?

O bispo olhou para a bandeja, mas ergueu a mão para recusar. — Obrigado, mas comi recentemente — ele pausou. — Há algo que eu gostaria de lhe falar.

Père Jean engoliu em seco.

— Podemos nos sentar? — o bispo perguntou depois de olhar para as duas cadeiras colocadas ao lado da janela.

— Sim, por favor, perdoe meus modos. Não tenho dormido bem ultimamente. Père Jean esperou que o bispo se sentasse e o seguiu. Ele juntou as mãos no colo e esperou.

— O que sabe sobre o caráter e a conduta de Robert Lanzille? — Perguntou o bispo.

Père Jean lutou contra a tensão que enrijecia seu corpo. — Apenas que ele é um sujeito obstinado e de cabeça quente.

— No entanto, outros falam dele como generoso além de uma falha, um homem conhecido por compartilhar seu último grão com alguém de menor fortuna.

— Bem, sim, uh, além de sua natureza bastante apaixonada, ele é um jovem louvável, e é por isso que não consigo entender como pode ter se envolvido em tantos problemas em Québec.

— E sobre a jovem? — Continuou o bispo. — Acha que é seguro para ela voltar para casa?

— No momento — Père Jean acrescentou com um suspiro, — enquanto Vossa Excelência está próximo. Depois disso... — ele deu de ombros.

— Talvez seja melhor guardá-la em segurança — o bispo fez uma pausa e estreitou os olhos. — Por que não realizou o casamento deles?

O coração do père Jean quase parou e sua boca se abriu. — Uh, hmm, Excelência ilustre, ah, sem dúvida, já ouviu falar deste caso. Tudo tem sido tão intrincado que, até hoje, nem eu tenho certeza disso. A jovem está aqui, depois de tantos infortúnios, como por um milagre, e o noivo, depois de ter sofrido ainda mais percalços, está sabe-se lá onde.

— Essa não é minha pergunta — respondeu o bispo. — Eu perguntei se é verdade que, antes de todas essas circunstâncias acontecerem, se recusou a celebrar o casamento, quando foi solicitado a fazê-lo, no dia marcado. Por quê?

— Se Vossa Excelência soubesse das terríveis ameaças que recebi — ele fez uma pausa e recostou-se na cadeira, esperando insinuar que seria indiscreto falar mais sobre isso.

— Mas sou eu, seu bispo, quem deseja saber por que não cumpriu seu dever.

Père Jean encolheu-se na cadeira. — Esta situação tornou-se tão complicada, tão desesperadora, que considere inútil chamar sua atenção. No entanto, porque sei que não vai me abandonar, vou lhe dizer.

— Diga-me — assentiu o bispo, com as mãos cruzadas sobre o peito. — Desejo considerá-lo inocente.

Abordado dessa maneira, Père Jean não teve escolha a não ser relatar a triste história. Em vez de falar o nome de Seigneur Richard, nomeou-o apenas pelo título, um ato prudente diante desse confronto.

— E não tinha outro motivo? — Perguntou o bispo.

— Talvez não tenha me explicado suficientemente — Père Jean respirou fundo. — Sob ameaça de morte, fui claramente avisado para não realizar o casamento — ele enunciou cada palavra claramente.

— E isso lhe parece uma razão suficiente para omitir um dever?

— Sempre me esforcei para cumprir meu dever, mesmo com grande inconveniência, mas quando a vida de alguém está ameaçada, deve-se fazer o que se deve fazer.

— E quando recebeu as Ordens Sagradas, acreditou que seus deveres estariam livres de todos os obstáculos, isentos de todos os perigos? Ou que onde começa o perigo, seu dever terminaria?

Père Jean balançou a cabeça.

— Na verdade, é o contrário. Foi enviado como uma ovelha entre lobos. Não percebeu que enfrentaria opressores que achariam seu trabalho na Igreja desagradável? É por isso que Deus instituiu a santa unção, a imposição das mãos e o dom do sacerdócio. Ele nos deixou ensinar essa virtude, defender essa doutrina. Por vergonha! Onde estaria a Igreja se todos os irmãos agissem tão covardemente quanto agiu?

Père Jean baixou a cabeça. Ele se sentia como uma presa nas garras de um falcão subindo a uma altura miserável. O bispo esperou pela sua resposta. — Excelência, eu sou o culpado. Não sei o que dizer. Eu tive que lidar com um senhor poderoso que se recusou a ouvir a razão. Não vejo o que ganharia mesmo se eu tivesse tomado uma posição. É impossível argumentar com este Seigneur.

— Não sabe que sofrer por causa da justiça é a nossa vitória? Se não sabe disso, o que prega? Qual é a boa nova que anuncia ao seu rebanho? Quem lhe disse que deve conquistar força com força? Certamente, um dia será questionado se fez o que lhe foi exigido, mesmo quando seus inimigos tentaram impedi-lo. Como vai responder então?

Parecia que o bispo se importava mais com o afeto de dois jovens do que com a vida de um pobre padre. Père Jean queria que a conversa terminasse, mas o bispo esperava com ar de quem espera uma resposta, uma confissão ou um pedido de desculpas, tudo menos silêncio.

— Repito, Excelência, que não tenho culpa. Não se pode dar coragem a si mesmo.

— Então por que assumiu o sacerdócio, que o prende em uma guerra contínua com as paixões do mundo? Como não sabia que a coragem era necessária para cumprir suas obrigações? Deus o concederá, se Lhe pedir. Acha que todos os milhões de mártires naturalmente possuíam coragem? Que naturalmente desprezavam a vida? Mártires - mães, idosos, até crianças? Todos possuíam coragem, porque a coragem era necessária, e eles confiavam em Deus. Conhecendo sua própria fraqueza e os deveres do sacerdócio, não se preparou para as difíceis circunstâncias em que poderia ser flagelado? Depois de tantos anos nesta paróquia, certamente deve amar aqueles que estão comprometidos com seu cuidado espiritual? Quando viu dois de seu rebanho ameaçados, e a fraqueza da carne o deixou com medo, o amor deveria tê-lo feito temer por eles. Deveria ter feito tudo ao seu alcance para evitar os perigos que os ameaçavam. O que fez por eles?

Père Jean não sabia o que dizer. Ele abriu e fechou a boca várias vezes, as palavras falhando completamente.

— Não me responde! — Retomou o bispo. — Ah, se tivesse feito o que a caridade e o dever exigiam, teria uma resposta! Veja o que fez? Obedeceu à

voz da iniquidade, sem se importar com seus deveres contra a traição. Transgrediu e ficou calado. Eu lhe pergunto, agora, se não fez talvez mais?

Père Jean ergueu os olhos bruscamente.

— Vai me dizer se é verdade que mentiu para disfarçar seus verdadeiros motivos para não casar o casal — ele pausou e esperou.

Ada, a reveladora, deve ter contado ao bispo, pensou Père Jean. A raiva veio à tona. Por mais que tentasse, não conseguia responder.

— É verdade, então, que mentiu para essas pobres pessoas para mantê-las na ignorância. Só me resta corar de vergonha com suas ações! — Ele balançou a cabeça como se não acreditasse. — Enganou os fracos e mentiu para os filhos da Igreja.

Père Jean permitiu que sua aflição passasse por ele. Aquele demônio, Seigneur Richard, havia trazido essa miséria sobre ele. Tudo o que fez foi proferir um pequeno engano para salvar sua vida e agora todo esse barulho e constrangimento. — Eu fiz algo errado, mas o que mais poderia ter feito em circunstâncias tão extremas?

O rosto do bispo ficou vermelho. — Ainda pergunta isso? Já não expliquei? Devo dizer-lhe novamente? Deveria ter amado, meu filho, amado e rezado. Deveria ter unido aqueles que o Seigneur quis separar. Deveria ter concedido a esses infelizes inocentes o ministério que tinham o direito de esperar do senhor. Porque não fez nada disso, agora é responsável por essa bagunça! Não se lembrou que tinha um superior? Por que não me consultou? Estou obrigado a ajudá-lo a cumprir os deveres de seu cargo.

O próprio conselho de Rose, pensou Père Jean. Ele não conseguia apagar a imagem dos dois homens que o abordaram no caminho naquele dia. Seigneur Richard ainda estava vivo e bem, e um dia voltaria para encontrá-lo, ansioso por vingança, independentemente da proteção do bispo. Esse conhecimento o encheu de confusão e medo. Afinal, o bispo não carregava mosquete, nem espada, nem homens para lutar em seu nome.

O bispo inclinou-se para a frente na cadeira. — Eu poderia tê-lo protegido e aqueles pobres inocentes. Este homem mau teria ficado fraco quando soubesse que eu sabia de suas tramas.

Exatamente o que Rose lhe dissera, pensou novamente Père Jean.

— Mas não viu nada além de seu próprio perigo temporário. Não é de admirar que estivesse cego para qualquer outra solução.

— Vossa Excelência não viu os rostos daqueles homens terríveis — gaguejou Père Jean. — Não ouviu as palavras deles. Vossa Excelência fala bem, mas se estivesse no meu lugar, poderia ter reagido da mesma forma — quando pronunciou as palavras, ele mordeu a língua em irritação. Ele havia se deixado levar pela petulância. Agora deveria enfrentar a tempestade. Mas, ao erguer os olhos em dúvida, ficou surpreso ao ver o rosto do bispo transformar-se do ar solene de autoridade e repreensão em uma gravidade triste e pensativa.

— É verdade. Tais são as provações do nosso trabalho — o bispo coçou o

queixo. — Se está ciente de que falhei em qualquer parte do meu dever, conte-me abertamente e ajude-me a corrigi-lo. Repreenda livremente comigo sobre minhas fraquezas e minhas palavras adquirirão mais valor em minha boca.

Que tipo de bispo se abriria a tais críticas? — Oh, Excelência, certamente está brincando. Todos sabem de sua fortaleza de espírito e zelo intrépido — demais, Père Jean acrescentou em seu coração.

— Eu não lhe pedi elogios. Deus conhece minhas falhas. Devo encontrar uma maneira de ajudá-lo a entender que sua conduta tem sido contrária à fé que prega.

— Toda a culpa recai sobre mim — Père Jean concedeu. — Mas suspeito que Ada não lhe contou como Emilie e Robert entraram em minha casa para me enganar e me fazer casá-los.

O bispo abaixou o queixo e olhou para ele. — Elas me contaram. É isso que me entristece, que tente se desculpar acusando os outros. Quem os obrigou a recorrer a isso? Teriam tentado se o caminho legítimo estivesse aberto para eles? Tê-lo-iam surpreendido se não tivesse se escondido fingindo estar doente? Se o provocaram ou ofenderam, mais uma razão para amá-los porque eles sofreram. É o senhor quem precisa ser perdoado.

Père Jean calou-se, pois tinha muito em que pensar. Ele experimentou a insatisfação consigo mesmo, uma espécie de pena dos outros, uma mistura de remorso e vergonha. Ele teria se acusado amargamente, teria até chorado, mas as ameaças do Seigneur Richard ainda permaneciam em sua memória.

— Agora temos um jovem casal que teve que fugir de suas casas. Não podemos prever o futuro, mas a partir de hoje, fará tudo o que puder para mantê-los seguros.

— Não falharei, Excelência, garanto-lhe — a sinceridade do père Jean veio de seu coração.

— Esperava ter uma conversa diferente com o senhor. Nós dois vivemos muito e me dói repreendê-lo quando prefiro falar sobre as preocupações das pessoas a quem servimos. Talvez eu esteja muito impaciente e permiti que sua hesitação inicial em admitir culpa me irritasse?

Père Jean baixou a cabeça e estalou os dedos. Em sua mente, Père Jean amaldiçoou Ada por ter contado ao bispo. Aquela mulher vil nunca soube segurar a língua.

— Tem muito a contemplar, Père Jean — continuou o bispo. — Eu o deixo fazer exatamente isso — ele se levantou, caminhou até a porta e olhou para trás. Piedade brilhou em seus olhos.

Père Jean olhou pela janela. Quando olhou para trás, o bispo tinha ido embora. Ele ficou sozinho com sua consciência.



Para Emilie, os dias com o alfaiate e sua família transcorreram em paz. Ela se mantinha ocupada dobrando a agulha e ajudando o alfaiate a costurar bainhas nas mangas e calças. Sua mãe viajava de um lado para o outro entre a casa delas e a dos Tremblay. Suas conversas eram mais melancólicas, além de mais afetuosas por causa da separação iminente. Emilie sabia que o bispo precisava mandá-la para uma morada mais segura, pois o cordeiro não poderia morar tão perto da toca do lobo. Quando toda essa separação terminaria? Seu futuro parecia sombrio, inextricável.

Sua mãe tentou manter seu ânimo. Se nada de horrível acontecesse com Robert, ele eventualmente enviaria notícias de si mesmo e, se encontrasse emprego em outro lugar, poderia viver feliz. Emilie ouvia as brincadeiras de sua mãe sob um manto de silêncio. Ela manteve seu voto em segredo. Embora odiasse esconder algo, a vergonha a impedia de falar sobre isso. Não podia evitar, mas ultimamente, havia se entregado a qualquer destino que a aguardasse.

— Sofreu tanto, Emilie, e eu sei que não parece possível que algo de bom possa resultar disso, mas acontecerá. O bispo lhe encontrará um porto seguro onde poderá passar os dias até que este problema termine. Tudo ficará bem, verá, — sua mãe a tranquilizou.

Emilie não tinha tanta certeza.



No dia seguinte, o Bispo de Laval enviou o Padre Nicholas à casa de Tremblay. O frade veio de carruagem para acompanhar Emilie e sua mãe ao bispo. Mais uma vez, Emilie se preparou para enfrentar um futuro desconhecido.

Desceram em frente à igreja e foram conduzidos ao bispo que conversava com o Père Jean. Ao vê-los, o bispo deu um sorriso caloroso. As sobrancelhas do père Jean caíram e sua boca deslizou para uma carranca. Depois de uma troca de cumprimentos, o bispo tirou uma carta do bolso, sorriu e a entregou a Emilie.

— Devo ir ao Hôpital Général de Québec? — Ela disse olhando para cima depois de ler.

— Sim, a superiora aí é uma boa senhora chamada Louise Soumande de Saint-Augustin dos Religiosos Hospitalários de São José. O passado dela é semelhante ao seu e ela concordou em ajudá-la em meu nome.

Emilie apertou a mão da mãe. O momento da separação havia chegado. A inquietação a possuiu, mas sabia que não tinha escolha. Ela deveria ir para onde o Seigneur Richard não pudesse machucá-la. Embora tenha sido feliz no Convento das Ursulinas, passou por problemas lá e entendeu que não poderia voltar. A própria Soeur Emmanuelle a colocou em perigo.

— Eu rezo para que aceite toda essa incerteza com calma. Confie que logo terminará e que Deus encerrará os assuntos de acordo com a Sua vontade — ele fez uma pausa e colocou a mão na testa dela e a abençoou. — Minha carruagem irá transportá-la para lá amanhã — ele abençoou Ada e saiu da sala.

Quando elas deixaram a igreja, uma multidão de amigos as cercou, oferecendo uma enxurrada de parabéns, condolências e perguntas com ofertas para vigiar sua cabana naquela noite. O calor e os bons votos dos colonos confundiram Emilie. Aquecia seu coração e a distraía de seus problemas. Nunca entrar em sua casa foi tão bom.



Dormir em sua própria cama, comer em sua própria mesa e passar um dia tranquilo com sua mãe trouxe a Emilie uma sensação renovada de paz. Ela temia sua partida iminente, preferindo permanecer em Pointe-du-Lac com sua mãe para esperar notícias de Robert. Quando ela e a mãe terminaram a refeição matinal de crepes ensopados com xarope de bordo, alguém bateu à porta. Elas trocaram um olhar de preocupação.

Ada se levantou, afastou a cortina e olhou para fora. — É o Seigneur Prudhomme — ela disse, deixando a cortina cair. — Ele está sozinho — ela tirou o avental, jogou-o nas costas de uma cadeira e guardou algumas mechas soltas. Depois de endireitar o vestido, abriu a porta com um sorriso. — Bonjour, Seigneur Prudhomme, que surpresa.

— Espero não estar incomodando.

— De jeito nenhum, por favor, entre.

O rosto de Claude se abriu em um sorriso quando entrou e viu Emilie. Ele tirou seu tricórnio e fez uma reverência pela cintura.

Emilie se aqueceu com o gesto inesperado de respeito. Ele usava um colete de seda cor de safiras. Uma borda de flor de lis cobria o colarinho e os pulsos de sua camisa de linho branco. Enfiado entre o braço e a cintura, segurava uma caixa de madeira incrustada com madrepérola.

— Eu, ah, vim lhe trazer uma coisa — ele gaguejou. Ergueu as sobrancelhas, levantou a caixa e apontou para a mesa. — É bem pesado, posso?

— *Mais sim* — Ada disse enquanto levava embora os restos de sua refeição matinal.

Seigneur Claude abaixou a caixa e olhou para Emilie. — O passado nunca pode ser alterado, mas há muito que posso fazer para mudar o futuro.

Emilie olhou primeiro para ele e depois para a mãe, que assentiu em encorajamento.

Seigneur Claude apontou para a caixa. — Isto é um presente. Vá em frente, abra.

Emilie levantou o trinco e ergueu a tampa. Um pequeno tesouro de moedas de ouro brilhava sobre um interior de veludo vermelho. Sua boca se abriu quando olhou para Seigneur Claude.

Ada juntou as mãos no peito, os olhos arregalados.

— Louis de ouro — acrescentou. — Trezentos deles um dote ou qualquer outro uso que possa ter para ele.

— Seigneur Prudhomme, isso é muito generoso — Emilie nunca tinha visto tanto dinheiro antes. Sua generosidade a surpreendeu. O que isso significa? Perguntas correram por sua mente, mas o choque a deixou incapaz

de fazê-las.

— O Seigneur nos dá uma grande honra, Monsieur, e estamos gratos em aceitá-lo — Ada lançou a Emilie um olhar de advertência.

— É uma pequena oferenda para compensar todos os problemas que lhe causei, dos quais me arrependo. Deve me prometer que, se algum dia, em qualquer ocasião, eu puder prestar a ambas qualquer serviço, deve pedir. Não hesitarei em fornecer o que precisar.

— Que Deus o recompense por isso — sussurrou Emilie.

— É reparação que eu busco, não recompensa. Disso eu não mereço — o senhor Claude pareceu se encolher um pouco ao falar as palavras enquanto se virava para sair.

— Espere — Emilie o chamou.

Ele se virou lentamente.

Emilie ficou na ponta dos pés e beijou-o nas duas faces. Quando se afastou, notou lágrimas brilhando em seus olhos. Encorajada, jogou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou. Quando os braços dele a apertaram contra ele, Emilie não conseguiu conter as próprias lágrimas.

— Se eu tivesse uma filha, gostaria que fosse assim. — A voz do Seigneur Claude tremia de emoção.

Antes que Emilie pudesse dizer outra palavra, ele deu meia-volta e saiu.

Ada correu para a janela e o observou sair. — Ele se foi — ela anunciou enquanto corria de volta para a mesa e soltava um grito de alegria, enquanto mergulhava a mão no tesouro, tirando uma palma cheia de moedas de ouro e as deixando escapar por entre os dedos. — Nunca vi tantas moedas juntas e todas nossas — ela pegou uma e mordeu. — Elas são reais.

— Claro que são reais! — Emilie pegou uma moeda e a estudou. Ela nunca tinha visto um Louis dourado antes. Seu peso e frescor eram bons em sua mão. As moedas traziam a promessa de uma vida confortável, mas, infelizmente, isso não mudaria suas circunstâncias. Ela ainda deveria fugir do alcance do Seigneur Richard e manter sua promessa de usar o véu. Emilie jogou a moeda de volta na pilha.

Ada baixou a tampa do caixão e fechou o trinco. — Temos que esconder isso.

Emilie seguiu Ada até seu quarto e observou enquanto ela empurrava a cama e levantava uma tábua do assoalho. Enfiou a caixa lá dentro, recolocou a tábua e empurrou a cama de volta para o segredo delas. Elas passaram o resto do dia em contemplação silenciosa. Emilie não se preocupava mais com a mãe e como se sairia sozinha. As moedas de ouro cuidariam de todas as suas necessidades. Quanto a si mesma, a apreensão ainda agitava dentro dela. Arrependimento se infiltrou em seus pensamentos. Se ao menos pudesse ficar com a mãe. Um futuro livre de preocupações e cheio de conforto a tentou. Ela duvidou de sua determinação e se sentiu mais incerta do que nunca. Por mais perturbada que estivesse, no entanto, ela ainda não podia abandonar seu voto.

Naquela noite, o sono fugiu de Emilie. Quando o sono veio, veio em

pedaços, jogando-a em um mar de apreensão e arrependimento. Sonhou com Robert chamando por ela no final de um longo corredor. Quanto mais corria para ele, mais distante Robert ficava, até que ela o perdeu completamente.

Quando amanheceu, o cansaço e o coração pesado dificultaram o levantar. Ela sabia que deveria contar a sua mãe sobre o voto, pois esta seria sua última conversa por muito tempo.

Na cozinha, Ada a cumprimentou com um sorriso brilhante. — Nunca dormi tão bem em toda a minha vida. Nosso futuro está garantido. Há tanto que podemos fazer agora.

— Deus abençoe Seigneur Claude — Emilie enfiou a mão no armário para pegar duas tigelas. — Agora a senhora tem o suficiente para viver confortavelmente. Tem o suficiente para ajudar os outros também — ela colocou as tigelas na mesa.

— Eu não tenho ninguém além de você e Robert. Sempre o considerei meu filho, mas agora tudo depende do que aconteceu com ele. Certamente, nossa sorte mudará. Eu teria sido feliz aqui em Pointe-du-Lac, mas agora, graças a esse vilão, Seigneur Richard, a ideia de ficar aqui está fora de questão. Ao lado dos dois, posso ser feliz em qualquer lugar. Quando Robert encontrar uma maneira de nos informar onde está e se está seguro, irei a Québec para buscá-lo. Então podemos começar uma nova vida onde quisermos.

A cada palavra, Emilie ficava mais abatida.

Ada parou abruptamente no meio de seu discurso. — Mas qual é o problema? Não está feliz?

— Oh, mamãe! — Emilie jogou os braços em volta do pescoço de sua mãe.

— Qual é o problema?

— Eu deveria ter lhe contado imediatamente — Emilie ergueu a cabeça e se recompôs. — Mas eu não tive coragem.

— Mas me diga agora.

— Eu nunca poderei me casar com Robert!

— Por que não?

Emilie baixou a cabeça. Seu coração batia rápido quando revelou seu voto. — Por favor, perdoe-me por não ter contado antes.

Ada caiu em uma cadeira, sem palavras.

— Não fale disso com ninguém — Emilie implorou. — Tudo o que peço é que me ajude a cumprir minha promessa.

Ada balançou a cabeça e franziu a testa. — Deveria estar com raiva por não ter me contado, mas fazer isso pareceria como se eu amaldiçoasse o próprio Céu.

— Por favor, entenda, mamãe, eu estava presa. Acreditava que seria morta. Desesperada, orei por libertação. Trocar minha liberdade pela vida religiosa parecia a coisa certa a fazer. E na manhã seguinte, minhas preces foram atendidas — sua voz sumiu enquanto ela estudava sua mãe. — Não posso renegar minha promessa.

Ada balançou a cabeça. — Não, não pode. Castigos estranhos e terríveis

seguem a violação de um voto. Mas não para me contar de uma vez! — Frustração tingia a voz de Ada.

— Eu não tive coragem. De que serviria para aborrecê-la?

— E quanto a Robert? — Ada torceu as mãos.

— Não devo mais pensar nele. O destino nos separou. Espero que ele esteja seguro e que seja mais feliz sem mim.

— Mas as coisas são diferentes agora — Ada respondeu. — Todo esse ouro é um remédio para nossos problemas.

— Não teríamos isso se eu não tivesse passado uma noite tão horrível e rezado. — A voz de Emilie tornou-se sufocada pela tristeza.

Ada permaneceu em silêncio.

— Mamãe, a senhora deve me ajudar. Encontre Robert enquanto estou no santuário. Escreva para ele. Conte a ele o que aconteceu comigo, onde estive, tudo o que se passou. Ajude-o a entender por que não posso ser sua esposa. Explique o voto a ele, um que eu não posso quebrar. Então escreva para mim, deixe-me saber que ele está bem. Depois disso, deixe-me nunca mais ouvir nada sobre ele. Dói demais.

Ada foi até a janela e olhou para o povoado.

— Por favor, mamãe, deve fazer isso por mim.

Ada se virou e assentiu. — Eu faria qualquer coisa em seu benefício.

Um peso pareceu sair dos ombros de Emilie, embora seu coração estivesse partido. — Tem mais uma coisa que preciso pedir a senhora — Emilie disse. — Se Robert não tivesse a infelicidade de me conhecer, tudo isso nunca teria acontecido com ele. Está vagando perdido em algum lugar selvagem deste novo mundo, um homem arruinado que perdeu suas economias e meios de subsistência. Agora que temos tanta riqueza e a senhora vê Robert como um filho, divida-a com ele. Encontre um portador seguro e envie uma parte para ele. Deus sabe que ele vai precisar.

Ada assentiu. — Claro. A riqueza facilita a vida, mas não torna ninguém rico. A riqueza é encontrada nos braços de uma família amorosa — ela olhou para Emilie com expectativa, como se estivesse dando a ela uma última chance de mudar de ideia.

— E espero que ele seja tão abençoado, um dia — Emilie pegou a mão de sua mãe. — Obrigada.

— O que farei agora, uma viúva solitária, sem minha única filha? — Os olhos de Ada se encheram de lágrimas.

— E eu sem a senhora. Mas nos veremos em breve, eu sei disso em meu coração. — Emilie estava sentada no chão, com a cabeça no colo de Ada. Seus cabelos, acariciados pela mão amorosa de sua mãe, ela esperou pela carruagem do bispo que logo as separaria.



O calor do verão se desvaneceu no frescor de um outono brilhante. Naquele ano, uma colheita abundante aliviou os conflitos na Nova França. Embora o caixão de ouro tornasse a vida de Ada quase despreocupada, a ausência de Emilie a cobria de uma melancolia sem fim. Os dias ficaram mais curtos e o inverno logo esgotou o mundo de cores, lançando uma brancura azul gelada por toda parte.

Ada continuou preocupada com Robert. Nenhuma carta ou mensagem dele chegou a ela, e entre todos aqueles a quem poderia perguntar de Point-du-Lac ou Trois-Riviere ou Québec, ninguém sabia nada sobre ele. No entanto, rumores incomuns sobre ele persistiram. Alguns acreditavam que Robert morrera ao cruzar o rio São Lourenço. Outros estavam convencidos de que ele embarcara em um navio para a França. Muitos juravam que ele se tornara um viajante e agora negociava peles em territórios inexplorados. Ada fez o possível para descobrir qual era a conta verdadeira, mas nunca conseguiu. Cada história provou ser infundada. No entanto, se recusou a parar de procurar. Ela havia feito uma promessa a Emilie, uma que ela estava determinada a manter.



Em um barraco de açúcar isolado, no meio da floresta ao norte de Saint-Anne-de-Beaupre, Robert jogou outro tronco na lareira e o espetou com um atizador até que o fogo queimasse mais forte. Ele largou a barra de ferro e soprou nas mãos para espantar o frio das pontas dos dedos. O calor da lareira acalmou seu corpo enquanto ele olhava para as chamas. Pena que não poderia acalmar seu espírito atormentado, ele pensou. Um homem poderia enlouquecer isolado na selva assim. A ideia queimava em sua mente, agitando a fúria em sua alma.

Não muito tempo atrás, sua vida estava cheia de esperança, repleta de possibilidades. Um futuro tão rico com a promessa de família e amor que sua perda pressionou seu coração como uma bigorna, sufocando-o. Não passava um dia sem que ele conjurasse a bela imagem de Emilie em sua mente. Ele estava a horas de torná-la sua esposa quando Seigneur Richard interferiu. Todo o seu destino mudou então, toda a esperança de um futuro feliz perdida em uma fossa de más intenções. A perda do moinho, sua fazenda, a única casa que ele já conheceu e as economias de sua vida empalideceram em comparação com a perda de Emilie.

Robert afastou-se do fogo e atravessou o espaço até a janelinha. Uma grossa cobertura de gelo o cobriu de forma que ele não podia mais olhar para o manto de neve que tapava tudo. Seu cabelo estava comprido, despenteado. Uma espessa barba e bigode agora cobriam a metade inferior de seu rosto.

Ele olhou ao redor para a escassa cabana dominada por uma grande lareira. Uma mesa e cadeiras repousavam sob uma janela envidraçada de tamanho reduzido. O único outro adorno era uma pequena cama coberta com colchas e uma grande pele de urso.

A cabana de troncos partidos e as terras que a cercavam pertenciam a Bastien, que mantinha Robert abastecido com feijão, carne de porco salgada, farinha e tudo o mais que ele pensava trazer. Mais importante que a comida, eram as notícias, ou a falta delas. Logo a seiva do bordo começaria a fluir e haveria muito para ocupar seu tempo. No entanto, até então, passava seus dias mantendo as contas de Bastien ou lendo e se mantendo escondido do mundo.

Ele ansiava por enviar notícias suas a Emilie e receber notícias dela em troca. Mas não podia, pelo menos não até que Bastien voltasse para lhe dizer que tinha encontrado alguém confiável o suficiente para levar suas cartas sem revelar seu paradeiro às autoridades em troca da recompensa por sua cabeça. Não foi fácil encontrar um homem em quem se pudesse depositar confiança, especialmente na Nova França, onde poucos tinham velhos conhecidos.

Robert não tinha nada além de tempo em suas mãos, nada a fazer a não ser

esperar. Com um suspiro, pegou o livro *Les Aventures de Jacques Sadeur*, de Gabriel de Foigny. Talvez ler sobre as desventuras de outra pessoa nas terras distantes da Austrália o distraísse de seus próprios problemas.



Dois dias depois, Bastien chegou com a notícia que Robert há muito esperava.

— Um comerciante de peles que me deve uma quantia substancial se ofereceu para entregar correspondência em troca de uma redução em sua dívida.

As esperanças de Robert aumentaram, mas caíram quase imediatamente. — De que adianta escrever uma carta quando não sei onde estão todos?

— Ah, mas descobri onde está o père Marc-Mathieu. Ele se mudou para La Prairie de la Madelaine.

Robert soltou um assobio. O mercado era o centro de rumores intermináveis, fofocas e troca de informações. — *La Prairie de la Madelaine!* Quando ele foi para lá?

Bastien encolheu os ombros. — Tudo o que sei é que está lá agora — ele pausou. — Me desculpe, mas não ouvi nenhuma palavra sobre sua noiva e sua mãe.

— Continue perguntando, por favor.

— Eu irei — Bastien assentiu. — Escreva uma carta para sua noiva. Vamos anexá-la em uma carta ao Père Marc-Mathieu para encaminhá-la. Farei com que o comerciante de peles entregue a ele.

Enquanto esperava, Robert escreveu uma carta ao père Marc-Mathieu e outra a Ada, descrevendo o que havia acontecido com ele em Québec e como foi forçado a fugir. Ele assegurou-lhes sua segurança e teve o cuidado de revelar apenas os mínimos detalhes, para que a carta não caísse em mãos erradas. Na carta de Ada, Robert escreveu perguntas calorosas e apaixonadas sobre Emilie e a encerrou com suas esperanças e planos para o futuro.

Bastien pegou ambas as cartas e as enviou no dia seguinte.

Vários meses se passaram. O calor da primavera derreteu a neve e o gelo de um longo inverno. A seiva escorria das árvores de açúcar e bordo vermelho que cercavam o barraco. Robert passou seus dias batendo em algumas árvores e coletando sua seiva em baldes. Ele ferveu a seiva em uma panela pendurada sobre o fogo na lareira. Depois que engrossou, coou o líquido, despejando o rico xarope dourado em potes de barro para depois vender no mercado. A tarefa o manteve ocupado e ajudou a quebrar a monotonia de sua existência solitária.

Em todo esse tempo, ele não recebeu uma resposta. Então enviou uma segunda carta, desta vez endereçada ao padre Nicholas em Pointe-du-Lac, pedindo-lhe que encaminhasse a carta lacrada para Ada Basseaux, caso soubesse de seu paradeiro.

No final da primavera, quando o verde do mundo estava em plena floração,

Bastien trouxe uma carta para Robert e uma bolsa de couro bastante pesada. Intrigado, ele desamarrou o cordão de couro e olhou para dentro. Um tesouro de moedas de ouro brilhava de dentro, mais do que tinha visto em toda a sua vida. Ele olhou incrédulo para Bastien.

Bastien sorriu de volta para ele. — O padre jesuíta que o entregou me fez contar cada uma para ter certeza de que estava tudo aí. Cento e cinquenta Louis de ouro! E é todo seu!

— Mas eu não entendo.

— O padre me disse. Mas a carta explica isso claramente.

Com as mãos trêmulas, Robert abriu a carta e devorou cada palavra como um homem faminto em um banquete.

Mon cher Robert,

Que Deus continue te protegendo. Embora sua carta não revelasse muito, ela bastava para aliviar algumas das preocupações que pesavam no coração desta velha. Esta não é uma carta fácil de escrever, mas deve ser feita, pois muita coisa mudou desde a última vez que nos vimos. Lamento dizer-lhe que algum tempo depois de nos separarmos, uma trama tortuosa do Seigneur inescrupuloso no centro de nossos problemas resultou no sequestro de minha pobre Emilie. Ela foi levada de Québec e trancada em uma mansão pertencente a outro Seigneur mais malvado. Certa de que seu destino estava traçado, minha filha orou desesperadamente a Deus para libertá-la de suas terríveis circunstâncias e, em troca, jurou entrar na vida religiosa.

Estou muito feliz em lhe dizer que Deus ouviu as orações de Emilie e concedeu seu desejo. Ela está em segurança agora, mas para protegê-la de mais danos, não posso lhe revelar seu paradeiro. Deus também tocou o coração de seu captor. Em retribuição por seu terrível pecado, ele presenteou Emilie e eu com 300 Louis de ouro, o suficiente para cuidar de nós pelo resto de nossas vidas. Emilie desejou que eu compartilhasse nossa boa sorte contigo, e deve encontrar no saco que o acompanha nada menos que 150 moedas para seu uso.

Um voto feito não pode ser quebrado, especialmente um para Deus. Emilie me pediu para lhe dizer que ela deve usar o véu e servir a Deus pelo resto de sua vida. Ela ora por sua compreensão e para que esvazie seu coração dela. De todo o coração, pede que a esqueça, esqueça de nós e olhe para o futuro. Esperamos que encontre outra boa mulher, case-se e faça uma família e uma boa vida com ela. Eu o amei como um filho, e é por causa desse amor que rezo para que não tente encontrar Emilie. Deixe-a ir, pois ela agora pertence a Deus. Nós duas rezamos para que a felicidade agracie sua vida futura. Que Deus o abençoe e o guarde,

Ada Basseaux

Robert tremeu ao ler a carta várias vezes, lutando para compreender. Depois de amassar a carta em seu punho, ele pegou sua pena.

Chere Ada,

Estou indignado com o horror do ato vil cometido contra minha amada Emilie, mas estou grato por ela estar segura mais uma vez. O conhecimento de que o malandro sem escrúpulos não vai parar por nada para roubar minha noiva de mim só me deixa ainda mais convencido de que devemos nos casar. Amo Emilie mais do que a própria vida e me recuso a libertá-la de meu coração e de nosso noivado. Isso, eu juro, nunca vou fazer.

Recebi as moedas de ouro, uma quantia assombrosa, mas me recuso a tocar em qualquer uma delas. Em vez disso, vou preservá-las para o dote de Emilie, pois um dia estou determinado a torná-la minha esposa. Não sei nada sobre o voto dela, mas Deus nunca desejaria que Emilie quebrasse um compromisso feito tão fielmente entre nós. Com essas moedas de ouro, temos o suficiente para manter a casa em novas terras.

Continuo enfrentando inúmeras dificuldades, mas é uma tempestade que tenho certeza vai passar. Quando esse dia chegar, vou reivindicar Emilie e levá-las para uma nova vida, livre de conflitos. Até então, continuo sendo seu futuro filho amoroso.



Emilie ficou imóvel em uma pequena cela localizada no terceiro andar do recém-construído Hôpital Général de Québec. Da pequena janela, ela podia ver além dos telhados, o cadafalso ao longe e a multidão que se dispersava. Quatro corpos pendurados em cordas, seus corpos ainda contra o dia cinzento e apático de inverno. Era um milagre que Robert não fosse um deles. Dois dias antes, os nomes e crimes dos homens haviam sido afixados em cada poste e esquina, instigadores do motim contra as padarias, disseram os jornais. Ela quase desmaiou de alívio quando viu que o nome de Robert não estava na lista. Ela sussurrou uma oração silenciosa a Deus em gratidão. Uma sensação de perda a possuiu e ela lutou contra isso.

Louise Soumande de Saint-Augustin dos Religiosos Hospitalários de Saint Joseph Hôpital Général de Québec observou enquanto a irmã do guarda-roupa ajudava Emilie a vestir o hábito negro e o véu branco de uma postulante. Preto, a cor do luto. Emilie não pôde deixar de fazer tal comparação. Já a faixa de linho branco em sua testa e a touca de linho branco presa sob seu queixo pareciam estranhas, tornando difícil virar a cabeça. Como poderia viver sob tal restrição? Havia chegado há vários meses, mas não estava pronta para dar esse passo até recentemente. Agora, o impacto de sua decisão a atingiu com força total.

Por fim, a irmã do guarda-roupa amarrou o cinto negro em volta da cintura e, depois de ajustar o rosário para pendurá-lo no quadril esquerdo, deu um passo para trás e avaliou sua obra.

— Merci, Soeur Marie, — dispensou a abadessa Louise.

A freira piscou em reconhecimento, juntou as roupas descartadas de Emilie e saiu da sala tão silenciosamente quanto entrou.

— Quando uma mulher declara seu desejo de se tornar freira, não é uma jornada fácil. — Disse a abadessa Louis enquanto estudava Emilie. — Como postulante, deve passar por um período probatório de três meses. Neste período, se o desejo de tomar o véu se enraizar em seu coração, pode se tornar uma noviciada e treinar por quatro anos, após os quais, se Deus quiser, poderá fazer seus votos, que são definitivos. Será obrigada a dedicar três horas por dia às devoções regulares, além de trabalhar com os enfermos e idosos — o rosto dela se suavizou. — Não será fácil, mas para aquelas que aguentam, é recompensador — ela pausou. — Deve ter certeza. A tem, criança?

Emilie estudou o rosto da mulher que iria iniciar seu treinamento. Seu pequeno corpo contrastava com a força de sua postura e demonstração externa de confiança. Pequenas rugas marcavam seus olhos. Uma verruga decorava seu lábio superior. A inteligência brilhava em seus vibrantes olhos azuis. Suas expressões eram gentis, cheias de simpatia e bondade. — Tenho certeza, *ma*

mère.

— Já desistiu de pensar nele?

— Estou tentando — respondeu Emilie.

— Ah criança, eu sei que não é fácil para uma jovem esquecer um grande amor, mesmo que ele tenha se voltado para a vilania.

— Ele não fez nada para dar ocasião a nada além de bom para ser dito dele. Ele é um homem com um coração bondoso e gentil — Emilie o defendeu porque o conhecia desde a infância. Ela continuaria a defendê-lo por dever e por amor à verdade.

— Haverá tempo para examinar seu coração e garantir que esta seja a decisão correta. Seu véu é um lembrete dos votos que pode fazer um dia. À medida que seus passos se tornam mais seguros e sua mente mais à vontade com a novidade do ambiente, achará a vida aqui muito mais fácil. Confie em mim — o rosto dela suavizou. — Aguarde alguns momentos, e então é esperada na cozinha, onde ajudará a preparar o jantar — ela deu meia-volta e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Emilie estudou os arredores. O único adorno no quarto era uma pequena cruz de madeira pendurada na parede acima de uma cama estreita. Escondido sob as ripas da cama havia um penico. Um baú de madeira contendo seus pertences pessoais descansava em seu pé. Um candelabro, um livro de orações, um jarro e uma bacia repousavam sobre uma mesinha-de-cabeceira toscamente entalhada. Sob a janela, em um banco de tábuas com pés toscos, um braseiro de mesa esperava para derramar um calor suave contra o ar gelado do outono e inverno.

Ela enfiou a mão no baú e recuperou a última carta de sua mãe. Leu mais uma vez. Robert estava vivo e seguro. Sua mãe garantiu a Emilie que ela contou a Robert sobre seu voto. Era o que queria ouvir, mas não encontrou nenhum conforto nisso. Uma sensação inexplicável de perda tomou conta dela. A imagem de Robert permaneceu impressa em sua mente. Emilie tentou dissipá-la, mas recusou-se a desaparecer. Ela Não podia deixar de pensar em uma visão de uma nova vida com Robert como seu marido e sua mãe ao seu lado. Ele rastejou em cada lembrança de seu passado. Com tristeza, enfiou a carta de volta no baú e fechou a tampa. Endireitando-se, respirou fundo e então deixou a cela determinada a se afastar de sua antiga vida para sempre.



Verão de 1703

Emilie achava que seus dias ajudando os doentes no hospital eram longos, mas satisfatórios. Ajudar os necessitados, oferecer algumas gotas de água a bocas enfraquecidas, colocar compressas em sobranceiras febris ou qualquer uma das inúmeras pequenas tarefas que lhe eram atribuídas a deixava humilde.

Emilie sabia que tinha muito a aprender, mas saber que suas mãos aliviavam o desconforto de alguém ou que suas palavras traziam conforto nos valentes momentos antes da morte, dava-lhe uma sensação de realização. Ela aprendeu a ouvir compassivamente e compartilhar as tristezas e alegrias de seus pacientes. Seu coração dançava cada vez que alguém saía saudável e despencava toda vez que ela sofria uma perda.

O verão logo chegaria. Com os dias mais longos, ela gostava de sentar-se em um banco perto da entrada principal do hospital depois do trabalho. O ar fresco limpou sua mente enquanto descansava as pernas doloridas. Quase diariamente, escrevia cartas para sua mãe, entregues por um comerciante que viajava entre Québec e Pointe-du-Lac. Outras vezes lia ou via as pessoas passarem. Pensamentos sobre o que aconteceu com Robert sempre surgiram em sua mente. A dor de sua perda havia diminuído um pouco, mas nunca poderia deixar de amá-lo. Nesse dia, mais cansada do que de costume, se sentou e aproveitou o sol dourado que começava a descer no horizonte.

A viela fervilhava de imagens e sons. Um carro de bois carregado de mercadorias passou rangendo. Uma jovem, com as bochechas coradas, passeava com um homem bonito ao seu lado. Dois padres jesuítas pararam para discutir um ponto e continuaram seu caminho. Três meninos passaram correndo rindo, um cachorrinho branco latindo em seus calcanhares. Quase derrubaram uma jovem nativa que andava devagar de cabeça baixa. Ela cambaleava enquanto caminhava, quase como se cada passo sugasse sua energia. Uma tábua de berço nas costas pendia de uma alça cruzando sua testa e os gritos amargos do bebê dentro dela cortavam o ar. Emilie percebeu que algo estava errado e se levantou.

A mulher parou, agarrou a alça na testa e cambaleou enquanto olhava para o hospital. Seus olhos rolaram para trás em sua cabeça e ela caiu de joelhos, em seguida, tombou de cara no chão. O choro do bebê tornou-se histérico.

Emilie se virou e abriu a porta da frente do hospital. — Socorro, preciso de ajuda, — ela gritou antes de correr para o lado da nativa. O cheiro de vômito e excremento emanava do bebê. Ela virou a mulher de lado e tirou a alça para soltar a tábua de berço, que colocou no chão.

A criança com o rosto vermelho continuou a gritar. Libertando a mãe com movimentos hábeis, Emilie a virou de costas. A faixa de couro na testa da mulher a identificava como iroquesa. As contas requintadas pareciam um fino trabalho de renda. Emilie verificou se havia pulso. Sua pele ardia em febre e seu pulso estava fraco, mas continuava viva. Emilie passou a mão no rosto do bebê. Uma febre horrível também assolava o bebê.

Três freiras e um padre correram para fora com uma liteira. Juntos, eles levantaram a mulher e a carregaram para dentro. Emilie seguiu com a criança.

Enquanto os outros cuidavam da mãe, Emilie colocou o berço sobre uma mesa e libertou o bebê de suas amarras. Suja, a criança vomitou várias vezes. Emilie trabalhou freneticamente para tirar sua roupa e descobriu que era uma garotinha.

Depois de banhá-la numa bacia de água tépida, envolveu-a num pano de lã limpo. Uma das irmãs trouxe um copinho cheio de leite morno com mel e Emilie retirou-se para uma cadeira próxima para alimentar o bebê. A bebê engoliu várias gotas antes de adormecer, aninhada nos braços de Emilie. Pequenos gemidos escaparam de seus pequenos lábios rosados, seu corpo um braseiro em miniatura. Emilie embalou a vida vulnerável em seus braços.

Mesmo quando outra freira veio socorrê-la, ela se recusou a abandonar a criança. Em vez disso, colocou o bebê adormecido em uma caixa forrada com cobertores macios e cochilou na cadeira ao lado dela.

Quando acordou, uma hora depois, a temperatura do bebê havia baixado um pouco. Fraca de alívio, Emilie tentou alimentar o bebê novamente. No entanto, quando a criança abriu a boca, Emilie notou pequenas manchas avermelhadas no interior da boca e na língua voltando para a garganta. Alarmada, gritou por uma das outras freiras.

Soeur Marie, uma freira magra e ágil de meia-idade, entrou correndo no quarto e espiou a boca do bebê. Seu rosto empalideceu e ela fez o sinal da cruz enquanto dava um passo para trás. — *Mon Dieu*, é a morte salpicada! — Ela gritou.



Três dias depois, manchas apareceram na testa do bebê, depois se espalharam por todo o rosto, tronco e por último nos membros. A mãe da criança também sofria. A varíola se espalhou descontroladamente por todo o hospital e por todo o Québec. Em poucos dias, pessoas febris correram para o hospital em busca de ajuda. Emilie trabalhou muito, junto com as irmãs, para tratar o maior número possível de pessoas, mal tendo tempo para comer e dormir.

O medo existia em cada pensamento de Emilie, mas ela se valeu da coragem das freiras que trabalhavam incansavelmente com pequenos pensamentos para si mesmas. Nunca tinha visto tanto sofrimento, nem tinha estado cercada por tantas pessoas morrendo. Ela se preocupou com a mãe, sozinha em Pointe-du-Lac, e enviou-lhe uma carta implorando para que se mantivesse isolada e evitasse o contato com outras pessoas. E quanto a Robert? Emilie rezou para que não fosse afetado depois de todo o infortúnio que se abateu sobre ele.

Um cheiro avassalador de doença impregnava cada enfermaria. Emilie sabia que deveria evitar tocar em uma pessoa doente e não deveria inalar sua respiração, nem tocar em suas roupas ou cobertas de cama. Então carregava bandejas, reabastecia os suprimentos ou levava água e panos limpos para as cabeceiras. Mas, como as irmãs com quem trabalhava, não podia negar o conforto que os aflitos buscavam. Não deu atenção a nenhum desses avisos e se recusou a pensar em si mesma. Se ela ficou aflita, que assim seja. As exigências feitas a ela eram grandes demais para serem ignoradas. Então, levou uma xícara aos lábios doentes ou ajudou a afogar um travesseiro e até segurou uma ou duas mãos.

Emilie correu para a cabeceira de um menino que não tinha mais de doze anos. Ele estava deitado de costas e, embora seus olhos estivessem abertos, estavam vidrados de febre. Quando falou com ele em tons suaves, este não mostrou nenhuma reação. Suas bochechas brilhavam de um vermelho vivo e o suor escorria de sua testa. Pústulas cobriam todo o seu corpo, algumas das quais estavam cheias de líquido claro, enquanto outras já estavam cheias de pus. Emilie sabia que essas varíolas cicatrizariam e deixariam um buraco permanente quando a crosta caísse. Ele foi um dos sortudos e sobreviveria. Aqueles cujas pústulas se encheram de sangue nunca sobreviveram. Não havia cura nem remédio além de manter os aflitos o mais confortável possível.

Quando Emilie segurou sua mão em chamas, ele gemeu de desconforto, um som fraco e delirante. Ela lutou contra uma onda de preocupação. A doença se infiltraria em seu corpo? Era apenas uma questão de tempo. A morte a levaria também? Ela lutou contra o desejo de correr de sua cabeceira. Em vez disso,

permaneceu ao lado dele, segurando sua mão, sussurrando palavras ternas que sabia que ele não podia ouvir, mas aliviou sua própria dor.

Emilie pegou um pano frio e o molhou na pequena bacia ao lado da cama. Depois de torcer, passou o pano na testa dele. Sua tensão pareceu diminuir. O pano absorveu o calor de seu corpo. Ela encheu o pano com mais água e enxugou a testa e o peito dele, o tempo todo falando com ele suavemente.

Durante horas, ela se moveu de um lado para o outro, aliviando o tormento dos outros que jaziam em camas e catres. Cada corredor estava cheio de doentes que emitiam uma cacofonia de gritos e gemidos, todos implorando por alívio.

Destruída pelo cansaço, Emilie tropeçava de modo mecânico e só quando alguém lhe tirou o pano e a pôs de pé é que ela se permitiu parar. Ela voltou para o quarto e se jogou na cama. Cada músculo de seu corpo doía e um calafrio a dominou. Completamente vestida, deslizou sob as cobertas, tremendo. Ela sucumbiu a um sono exausto e não se lembrava de nada até que uma batida persistente em sua porta a acordou. Ela tentou se sentar, mas seu corpo tremia e a náusea a percorria. — Entre — ela murmurou com uma voz febril.

A porta se abriu e a Irmã Marie entrou.

Emilie tentou procurar o penico, mas a dor nas costas e nos músculos a impedia de se mover com rapidez suficiente. Antes que ela pudesse levantar a cabeça do travesseiro, vomitou em suas roupas e colchas.

A expressão preocupada no rosto de Irmã Marie confirmou os piores temores de Emilie. A varíola logo devastaria seu corpo.

Durante três dias e três noites, a febre de Emilie aumentou. No quarto dia, diminuiu e as primeiras manchas visíveis apareceram em sua boca, língua, palato e garganta. Elas aumentaram e se romperam, liberando um gosto horrível em sua boca. Ela sabia que a doença viajaria por seu corpo e a afligiria com uma terrível vingança.

Em poucos dias, a febre voltou e as pústulas consumiram todo o seu corpo. Em seu delírio, ela se lembrava de pouco, apenas do calor ocasional do caldo que alguém colocava em sua boca ou do frescor de um pano úmido em sua testa. Escuridão e luz se fundiram em um borrão de inexistência. O tempo não tinha mais significado. Tudo o que ela conhecia era o sono e momentos ocasionais de consciência e desconforto enquanto a varíola consumia sua carne.



Lentamente, Emilie recobrou a consciência. A sede extrema raspou sua garganta e uma coceira ardente percorria sua carne. Ela abriu a boca para falar, mas sua voz falhou. Tudo o que conseguiu foi um coaxar rouco. Na escuridão do quarto, ela ouviu os movimentos de alguém perto de sua cama. Quase imediatamente, mãos gentis ergueram sua cabeça e levaram uma xícara a seus lábios. Água fresca encheu sua boca e garganta ressecadas. Antes que ela pudesse beber o suficiente, no entanto, o copo foi removido.

— Está doente com varíola, então deve beber devagar. Vou deixá-la beber mais em alguns momentos.

Era a voz de uma mulher, com a qual estava familiarizada, mas de onde? A névoa nublava seus pensamentos. Ela ouviu um movimento - o farfalhar de roupas, o rangido de uma caixa de pólvora se abrindo e, em seguida, o golpe de pederneira contra o fogo de aço. Contra a luz suave da lamparina, uma freira se virou.

Emmanuelle, com o rosto neutro, olhou para Emilie.

Memórias de sua provação nas mãos dos sequestradores inundaram os pensamentos de Emilie. Emmanuelle tinha desempenhado um papel nisso, disso tinha certeza.

Emmanuelle deu a Emilie outro gole de água e, quando saciada, deitou a cabeça no travesseiro. Embora enfraquecida pela doença, as perguntas corriam por sua cabeça. — Vou morrer?

A expressão de La Bonne Soeur se suavizou. Sentou-se na cadeirinha ao lado da cama e colocou a mão na testa de Emilie. — Talvez, se for a vontade de Deus, mas deve lutar para superar isso. Farei tudo o que puder para evitar que isso aconteça.

— Por que se importa? — E lá estava, a pergunta que Emilie desejava fazer. Estendia-se sobre elas como uma mortalha escura.

— Sinto-me responsável pelo que lhe aconteceu.

Não chegava a ser uma admissão de culpa, mas convidava a uma conversa mais aprofundada. A emoção obstruiu a garganta de Emilie. — Por que fez isso?

A noviça olhou para as mãos dela. Quando olhou para cima, seus olhos estavam vidrados de tormento. — Perdi minha alma para o diabo e não sei como recuperá-la.



As pústulas sobre o corpo de Emilie incharam de pus, estouraram e depois formaram crostas. Durante os acessos de lucidez em meio ao delírio, Emilie rezou para que Deus poupasse sua vida. Depois de quase duas semanas, sua febre baixou e ficou claro que ela sobreviveria à epidemia mortal que matava centenas de pessoas. Enfraquecida pela doença, Emilie convalesceu por quase um mês enquanto suas forças voltavam. Apesar das cicatrizes que marcariam para sempre sua pele outrora impecável, Emilie sentiu-se curada o suficiente para voltar ao trabalho sem medo, pois aqueles que se recuperaram nunca mais poderiam sofrer novamente.

As pessoas afetadas pela varíola lotavam todos os cômodos, espalhando-se pelos corredores e pelos jardins externos. Metade das irmãs adoeceu e não havia o suficiente para atender a massa cada vez maior de pessoas que entrava pelas portas do Hôpital Général. O Hotel Dieu, outro hospital localizado na colônia superior de Québec, também se saiu mal.

Sobrevivente da varíola, Emmanuelle nunca se afastou muito do lado de Emilie. Juntas, elas cuidavam daqueles que sofriam da tensão mais mortal, que tornava a pele negra de pústulas sangrentas que se formavam.

Enquanto trabalhavam juntas, Emilie sabia que Emmanuelle cuidava dela. Embora Emmanuelle nunca tenha falado sobre sua participação no sequestro, Emilie sentiu a profunda tristeza e arrependimento escondidos sob sua expressão cautelosa. Seu comportamento em relação a Emilie era humilde, contrito e sempre sincero, mas ainda não podia confiar nela.

A mortalidade da epidemia foi tão grande, os padres mal conseguiam acompanhar as missas de réquiem e os internamentos. Um dia se esbarrou no outro, à medida que mais e mais pessoas morriam nas ruas ou em suas casas. Alguns morreram de fome porque, em muitos casos, famílias inteiras adoeceram ao mesmo tempo e não podiam cuidar umas das outras. Os mais destituídos encontraram o caminho para qualquer um dos hospitais superlotados, mas muitos mais definharam sozinhos.

Não importa aonde ela fosse, Emilie podia ouvir os lamentos tristes ou gritos selvagens que ressoavam de todos os cantos. Os cadáveres multiplicavam-se nas ruas e um grande fedor subia. No hospital, as pessoas dormiam espremidas e amontoadas, vinte ou trinta em cada enfermaria e deitadas no chão dos corredores. Cada brisa trazia desespero, cada nascer do sol trazia notícias de mais aflições, a dor existia em cada coração. Emilie trabalhou incansavelmente, sem alívio ou pensamento, exceto para responder aos gritos dolorosos dos doentes e moribundos.



Em Pointe-du-Lac, quando Yves Dupuis, o miliciano da paróquia, contraiu a varíola, o medo tomou conta do père Jean. Em poucos dias, a doença se espalhou para mais quatro pessoas, levando famílias inteiras a portas fechadas em Pointe-du-Lac. Com medo do contágio, as pessoas se aventuravam apenas para as necessidades mais extremas.

Père Jean cancelou todas as missas. Ele sabia que deveria fugir se quisesse se salvar, mas para onde iria? Ele não poderia permanecer em Pointe-du-Lac, caso contrário seria forçado a lidar com os doentes e moribundos. Era impossível alugar um meio de transporte, pois todos evitavam qualquer tipo de contato. A pé, père Jean não conseguia percorrer grandes distâncias, mas que escolha tinha? Ele correu pela reitoria, meio fora de si, seguindo Rose, que estava ocupada coletando os bens domésticos mais valiosos para escondê-los sob as tábuas do assoalho ou enterrá-los atrás da casa, preparando-os para partir.

Enquanto a seguia para um quarto de hóspedes, ela passou por ele com os braços cheios, preocupada. — Estou quase terminando de guardar essas coisas, então podemos ir embora.

Père Jean franziu os lábios. A mulher nunca deixou de testar sua paciência. Suas vidas estavam em jogo e tudo o que ela podia fazer era se preocupar com pratos e talheres quando já deveriam ter ido embora.

— Outros estão se protegendo, e eu também, e fica aí inútil, atrapalhando meus esforços. Acha que é o único tentando se salvar da varíola? Pode me ajudar em vez de tagarelar? — Rose empurrou a cama sobre o piso, olhou para ele, então girou nos calcanhares e saiu para outro quarto.

Sozinho, ele se retirou para a janela. Um homem e uma mulher passaram em uma carroça puxada por cavalos carregada com o que parecia ser todos os pertences de sua casa. Um menino e uma menina balançavam as pernas na parte de trás do carrinho. — Onde está indo? — Ele chamou.

O homem olhou para cima. — Para Ville Marie.

— Leve-me junto, por favor, eu imploro.

O homem, já sobrecarregado com o peso de tantos bens, balançou a cabeça, estalou as rédeas e incitou os cavalos a avançar.

— O idiota egoísta! — Père Jean fechou a janela com força. — Não há mais caridade neste mundo. Todos pensam por si mesmos e ninguém mais se importa com um padre. — Ele saiu correndo do quarto em busca de Rose e a encontrou em seu quarto.

— Onde está todo o seu dinheiro? — Ela perguntou.

— O que vai fazer com isso?

— Dê tudo para mim. Vou enterrar a maior parte no jardim junto com a

prataria, facas e garfos. O resto, vamos precisar para nossa jornada.

— Mas...

Ela estendeu sua mão. — Dê para mim. Não há tempo a perder.

Père Jean foi até um baú, tirou uma bolsa de dinheiro, separou um punhado de moedas de ouro e prata e entregou a Rose.

— Vou enterrá-la ao pé da árvore de bordo.

Ele a observou da cozinha. Ao voltar, encheu uma cesta com queijo, biscoitos e maçãs e a cobriu com um pano.

— Certamente não acredita que podemos fazer todo o caminho até Ville Marie com essa quantidade insignificante de comida? Ora, não vai durar mais do que um ou dois dias no máximo — o olhar do père Jean caiu nas prateleiras abundantes da despensa aberta.

Ela estreitou os olhos. — Isso é tudo que consigo carregar a pé. Nós iremos para o oeste. A partir daí, quem sabe o que vai acontecer. Talvez possamos encontrar alguém para nos levar pelo resto do caminho.

As mãos do père Jean tremiam quando ele pegou o chapéu e o casaco.



Fazia semanas desde que Ada recebeu uma carta de Emilie e sua preocupação aumentava a cada dia que passava. Quando a varíola atingiu Pointe-du-Lac, ela temeu o pior. Nada, exceto a doença, teria impedido Emilie de escrever. Ada sobreviveu à varíola quando criança. As cicatrizes em seu rosto desapareceram com o tempo e ela era imune a isso, mas Emilie não. Possuída pelo medo, Ada sabia que deveria ir para Québec e encontrar Emilie. O problema era que, por medo de contágio, ninguém a transportava, por mais dinheiro que oferecesse.

As palavras do Seigneur Claude reverberaram em sua mente - se ela precisasse de ajuda, não deveria ter medo de procurar sua ajuda. Mas, não tinha ideia de onde ele morava. Apenas père Jean conhecia o caminho para a mansão isolada. Ela costurou algum dinheiro na bainha de seu vestido e enterrou o restante debaixo de uma pedra atrás do estábulo nos fundos de sua casa. Então partiu para a reitoria para convencer père Jean a levá-la lá. Quando estava prestes a bater na porta da reitoria, ela se abriu e deu de cara com Rose e Père Jean.



— O que acha, Rose? — Père Jean perguntou depois que ele e Rose ouviram os apelos de Ada e a deixaram esperando do lado de fora pela resposta.

— Digo que não devemos perder tempo antes de partirmos.

Père Jean andava de um lado para o outro, seu alarme aumentando. — Para a casa de Prudhomme? Está bravo?

— Quando chegarmos lá, estaremos em boas mãos. Seigneur Claude é um homem mudado. Não tenho dúvidas de que ele nos receberá. Disse-me que a casa dele é isolada. Isso deve nos manter a salvo da morte manchada. Além disso, nossas provisões não teriam durado até chegarmos a Ville Marie.

Père Jean esfregou as palmas das mãos suadas na batina e olhou para Rose. — Acredita que ele se converteu?

— Por que deveria duvidar disso depois de tudo o que está sendo dito e depois do que viu? A chegada de Ada aqui é uma benção. Devemos aproveitar a oportunidade — Rose pegou a cesta de comida, passou os braços pelas alças e colocou-a nas costas. Quando estava prestes a abrir a porta e dar a resposta a Ada, Père Jean agarrou seu braço.

— Não seria melhor se encontrássemos um homem para vir conosco? Alguém para nos guardar e proteger? Se encontrarmos algum rufião, que ajuda ambas poderiam me dar?

— Outra perda de tempo! — O rosto vermelho de Rose enrugou-se de desgosto. — Pegue seu breviário e chapéu e vamos embora.

Père Jean obedeceu e Rose abriu a porta para Ada. — Ficaremos felizes em acompanhá-la. Entre e sairemos pelos fundos.

Ele conduziu as mulheres pela casa e saiu por uma porta que dava para o cemitério. Rose trancou atrás dela e deixou cair a chave entre os seios.

Père Jean lançou um último olhar para a igreja enquanto se afastava. — Cuidar disso é da conta do povo, pois são eles que a usam — ele murmurou. — Se eles tiverem o mínimo de amor por sua igreja, cuidarão disso, caso contrário, será o infortúnio deles.

Eles pegaram a estrada pelos campos. Père Jean vigiava qualquer pessoa suspeita. Para seu alívio, não encontraram ninguém. As pessoas foram trancadas em suas casas ou fugiram para lugares desconhecidos. Ele resmungou enquanto caminhava, praguejando sobre o bispo, o governador e todos os que falharam em avisar sobre a propagação da doença.

— Pare de tagarelar, — Rose sibillou para ele em voz baixa. — Não há nada que alguém possa fazer quando se trata de varíola.

— Está fugindo da varíola? — Ada perguntou, sua voz estridente com incredulidade. — E quanto aos doentes e moribundos em Pointe-du-Lac?

Quem administrará os sacramentos a eles?

— Muito bem, Rose! — rosou Père Jean. — Quando vai aprender a ficar de boca fechada?

Rose parou abruptamente e descansou as mãos nos quadris. — Como se atreve a me repreender, quando tudo o que fiz foi ajudá-lo.

Père Jean sentiu o calor subir do pescoço ao rosto ao encarar Ada. — Fui chamado para Ville Marie.

Rose revirou os olhos e desviou o olhar com desgosto. Ada o estudou com os olhos estreitados. Então balançou a cabeça e continuou andando.



Ada se retirou para seus próprios pensamentos enquanto caminhava. Sua aversão por père Jean era tão forte que ela não suportava olhar para ele. Que tipo de padre abandona seus deveres para se salvar? O mesmo padre que se recusaria a casar um casal apaixonado no dia do casamento! Ao deixarem a trilha pelos campos e chegarem à estrada principal, Ada reconheceu a terra que cercava a fazenda dos Tremblay. Na verdade, já podia ver a casa da fazenda à distância.

— Devemos parar e verificar Juliette e sua família — Ada anunciou. Fazia meses que não a via. Juliette já teria seu bebê agora.

Père Jean parou abruptamente e balançou a cabeça, a boca aberta pronta para argumentar.

— Sim, vamos descansar um pouco — Rose disse, encarando o padre. — A cesta é pesada. Além disso, devemos parar para comer.

Père Jean deu a Rose um olhar penetrante. — Acho que não devemos perder tempo, não estamos viajando para nossa diversão. Além disso, quanto mais cedo chegarmos à mansão do Seigneur Prudhomme, mais cedo Ada poderá se reunir com Emilie.

Ada deu-lhe um olhar de advertência. — Recuso-me a passar por esta fazenda sem verificar o bem-estar dessas boas pessoas depois de toda a ajuda que deram a mim e à minha filha — agradeceu-lhe ver as bochechas do père Jean corarem. Com isso, ela virou para o caminho esburacado que levava à casa de Juliette. Quando bateu na porta da frente, ninguém respondeu. Ela bateu de novo e desta vez foi a voz de Monsieur Tremblay que ela ouviu lá de dentro. — Quem vai lá?

— É Ada Basseaux e Père Jean Civitelle com Rose Babbette, sua governanta.

— Ada! — A voz de Monsieur Tremblay era alegre. — Por favor, perdoe-nos, mas não podemos lhe abrir a porta por medo da varíola.

— Todos estão bem? — Ada não conseguia esconder o alarme em sua voz.

— Sim, estamos todos bem, graças a Deus. Estamos apenas protegendo as crianças. Por favor, entenda e perdoe-nos por nossa inospitalidade.

— Claro que entendemos — Ada disse enquanto fazia o sinal da cruz. — E o bebê?

— O bebê também está bem, um menino forte.

— Como a senhora e Emilie estão? — A voz de Juliette chamou de dentro.

Lágrimas brotaram nos olhos de Ada. — Não tenho certeza. Não tenho notícias dela há várias semanas. Ela está no Québec, no centro da epidemia. Receio que algo tenha acontecido com ela — tendo dado voz a seus medos, Ada começou a chorar. Rose colocou um braço consolador em volta de seus

ombros, enquanto père Jean olhava para o chão arrastando uma pedra com o pé.

— Père Jean e sua companheira a acompanharão então? — Perguntou o alfaiate.

— *Mais oui*, claro — Rose lançou um olhar penetrante ao Père Jean. — Não vamos, Père Jean?

— Estamos escoltando-a até a casa do Seigneur Prudhomme — Père Jean gritou.

Ada enxugou as lágrimas com as mangas e olhou para uma mesa e cadeiras ao ar livre sob um olmo. — Podemos parar para descansar um pouco? Então iremos embora.

— Claro — gritou o alfaiate. — Vamos lhes preparar um pouco de comida.

Père Jean acenou freneticamente com as mãos para sinalizar que ela recusasse.

Ada franziu a testa para ele, irritada, mas ela entendeu. — Agradecemos, mas temos nossa própria comida, — Ada disse. — Comeremos e depois seguiremos nosso caminho.

— Reze por nós como rezaremos pelos senhores — a voz de Juliette soou.

A emoção sufocou a garganta de Ada e ela não conseguiu responder.

Depois que père Jean fez o sinal da cruz na porta da frente, eles se sentaram à sombra sob a árvore e comeram em silêncio.



Claude Prudhomme estava sentado atrás de sua escrivaninha no sótão, examinando as páginas do livro aberto à sua frente. Ele havia doado comida, dinheiro e terras, mas muito de sua riqueza permaneceu. O conhecimento de que tinha mais para dar o tranquilizou, mas não estava satisfeito. Não importava o quanto deu, a paz aludiu a ele. Deve fazer mais.

Sua vida havia mudado nos últimos meses. Ele havia trabalhado duro para expiar seus erros, buscando conforto, socorrendo os pobres e realizando qualquer boa ação que surgisse em seu caminho. Embora tivesse largado todas as suas armas, dispensado seus guarda-costas e caminhado sozinho, ele não temia mais encontros decorrentes de seu passado sombrio. Se alguém o machucasse, ele não defenderia sua vida, pois considerava isso apenas uma retribuição por todos os seus pecados.

Claude sabia que por causa de sua antiga tirania, muitos ansiavam por vingança. No entanto, a maioria das pessoas o admirava por sua mudança e isso garantia sua segurança. O homem que ninguém poderia humilhar agora se humilhou. O rancor da maioria das pessoas desapareceu à luz de sua nova humildade. Aqueles que uma vez ofendeu ficaram encantados por ele ter lamentado seus atos passados. Outros o cumprimentaram com respeito, maravilhados com sua nova beneficência.

Sua conversão aumentou sua fama. Fontes disseram a ele que os magistrados se alegraram publicamente com sua mudança de comportamento e teria parecido incongruente se levantar contra ele agora por causa das muitas reparações generosas que havia feito. Isso apenas incitaria a raiva do povo. A intervenção do Bispo Laval serviu como um escudo sagrado. Claude sabia que tinha sido um homem odiado, mas agora era reverenciado por muitos e poupado por todos.

Quanto aos seus inimigos, eles o desprezavam. Os bandidos que ele uma vez empregou em sua casa, que não podiam tolerar as mudanças nele, provavelmente retornaram às suas vidas anteriores de vilania longe de seu alcance. Novos servos trabalhavam com satisfação para ele.

Em um canto desse sótão, ele deu uma olhada em sua coleção de armas, sua famosa carabina, mosquetes, espadas, pistolas, enormes facas e punhetas. Agora, eles estavam deitados no chão ou encostados na parede, intocados.

No entanto, nada lhe trazia tranquilidade de espírito. Um pecado, maior do que todos os outros, o devorou, o de sua esposa e filho. Ele abriu a gaveta de sua mesa e pegou o retrato.

Emmanuelle. Ele passou o dedo pelo rosto dela. Através de relatórios regulares de Gaston, sabia que ela ainda sofria, assim como ele. O desprezo que ele uma vez teve por ela havia desaparecido. Ele, que cometeu mais

maldade do que qualquer um poderia imaginar, percebeu que a havia julgado duramente. Ele estava errado, muito errado. Assassinato, assalto, roubo, esses eram seus pecados. Mentir tinha sido seu único pecado e empalidecia em comparação com os crimes dele.

Pior ainda foi o destino do menino e sua participação na separação de mãe e filho. Ele se lembrou de suas lágrimas histéricas quando insistiu que ele era o pai do menino. Na época, se recusou a acreditar. Ela poderia estar dizendo a verdade? Ele havia dado seu único filho? O conhecimento o corroeu como podridão negra. A percepção de que sua alma não poderia encontrar paz a menos que ele corrigisse seu crime mais hediondo o atingiu como um raio. Mesmo que levasse cada pedacinho de sua riqueza, ele expiaria o que havia feito encontrando o menino e reunindo mãe e filho.



À primeira vista da casa do senhor Prudhomme, Ada pensou em Emilie. — E pensar que meu pobre bebê uma vez passou por esta estrada e sofreu tanto. Isso mudou sua vida para sempre.

— Por favor, cale a boca — Père Jean repreendeu. — Não diga nada que lembre Seigneur Claude de seu passado. Quem sabe como ele pode reagir.

— Mas ele é um homem mudado — argumentou Ada.

— Isso é o que todos pensam, mas não se pode ter certeza — Père Jean disse. — Fale o menos possível e não o irrita.

Ada deu-lhe um olhar severo, exasperada com seu medo. — Acha que não sei ser civilizada?

— Civilidade significa não falar coisas desagradáveis, especialmente para um homem como Prudhomme. Não tagarelar sem pensar e ser prudente. Pese suas palavras e que sejam poucas, apenas quando necessário. Nunca se está errado quando se está em silêncio.

As bochechas de Rose coraram e seus olhos brilharam. — Está muito pior, com o seu.

— Silêncio! Ele está aqui — Père Jean tirou o chapéu e fez uma profunda reverência quando Prudhomme saiu da casa para encontrá-los. — Seigneur Prudhomme, que bom vê-lo novamente.

— *Bien venu!* — O Seigneur Claude sorriu. — A que devo essa tão bem-vinda visita?

Antes que Ada pudesse dizer uma palavra, Père Jean parou na frente dela. — Pedimos desculpas pela intromissão, mas viemos na mais urgente das circunstâncias.

Rose cutucou-o e olhou com raiva, seus braços nos quadris.

Uma expressão de perplexidade atravessou o rosto do père Jean antes de se iluminar. — Ah, sim, deixe-me apresentar minha governanta, Rose Babbette.

— É um prazer conhecê-lo, *Monsieur* — Rose disse cordialmente.

— O prazer é todo meu, *Madame* — Seigneur Claude inclinou a cabeça para ela.

— Eu sou uma *Mademoiselle*, *Monsieur* — Rose disse, suas bochechas coradas, e seus cílios tremulando.

Père Jean deu tapinhas nas costas de Ada. — Eu acompanhei essa boa mulher aqui na esperança de que possa transportá-la para a vila de Québec.

— Estou preocupada com Emilie — Ada agarrou o lado de seu vestido e enrugou o pano em seu punho.

Prudhomme olhou para o chão, envergonhado, e então olhou para ela. — Emilie? Por quê? O que aconteceu?

— Oh, estou com tanto medo. Emilie está em Québec, onde a varíola é

galopante. Não tenho notícias dela há várias semanas. Já tentei achar alguém que me leve até lá, mas ninguém me leva. Todo mundo tem medo da doença — ela torceu as mãos e engoliu. — Por favor me ajude.

Sem hesitar, o Seigneur Claude pegou a mão de Ada. — Claro. Vou acompanhá-lo até lá pessoalmente.

Ada notou o brilho de dor em seus olhos.

— Eu também estou procurando alguém lá — Seigneur Prudhomme acrescentou. — Entre agora e eu terei tudo preparado para nossa jornada. Podemos partir na primeira luz de amanhã.

Os olhos do père Jean se arregalaram enquanto seu rosto empalidecia. — Ah, bem, talvez seja melhor para Rose e eu ficarmos para trás.

O Seigneur Claude olhou confuso para o père Jean. — Mas eu não entendo. Presumi que queria ir para lá também. Ouvi dizer que a maior parte do clero em Québec adoeceu e não há padres ou frades suficientes para atender os doentes e moribundos.

— É claro que Père Jean me acompanhará pelo resto do caminho — Ada interrompeu. — Nunca soube que père Jean se esquivou de um dever. Não é verdade, mon prêtre? — Ela lhe deu um sorriso falso.

Um poderoso acesso de tosse tomou conta do père Jean e Rose bateu com força em suas costas.

— Não está bem? — Perguntou o Seigneur Claude, com o rosto marcado pela preocupação.

— Oh, não, ele está bem. Está sofrendo com o esforço da viagem, isso é tudo — Ada olhou severamente para o sacerdote.

Père Jean juntou as mãos. — Ah, o contágio, uh, se ele se espalhar aqui, serei necessário em Pointe-du-Lac.

Seigneur Claude ponderou o fato e assentiu. — Suponho que seja verdade — ele pausou. — Encontrarei algumas pessoas para enviar de volta à vila com o senhor. Eles podem ajudar se a doença se espalhar. Eu ousou dizer que precisará da ajuda deles — ele estendeu o braço e os convidou a passar diante dele. — *Bon*, mas onde estão minhas maneiras? Entrem. Há muito o que fazer se quisermos sair de manhã.

Os ombros do père Jean caíram quando caminhou atrás de Rose e entrou na mansão.

Triunfante, Ada sorriu. Uma onda de satisfação a percorreu ao saber que Père Jean teria que enfrentar seus medos e cumprir seu dever.



O sol mal havia nascido no Québec quando o Seigneur Richard Tonnacour se levantou de sua cama na estalagem de Le Gros Cochon, uma estrutura apropriadamente batizada com o nome de seu proprietário, cuja corpulência, nariz achatado e tez pálida não natural complementavam o título. Mais cansado do que de costume, vestiu-se com cuidado um casaco de cor sóbria e afastando os cabelos lisos da testa. A julgar por seu reflexo no espelho rachado pendurado atrás da porta, dava a ele um ar sério. Deveria parecer respeitável e evitar qualquer aparência de tendência romântica quando visitasse o convento das Ursulinas para perguntar sobre Emilie.

Richard entrou no corredor e passou pelo quarto de Thomas. Nenhum som veio de dentro. Não foi nenhuma surpresa. Thomas havia se acostado com uma das prostitutas locais e provavelmente ainda dormia. Ao sair da pousada, pegou um pouco de pão e, com a bengala na mão, partiu em sua expedição, caminhando vagorosamente sob o céu claro até chegar aos portões do convento. Depois de tirar algumas partículas de poeira do casaco, ajeitou a gola alta e puxou a corrente do sino surrada com um puxão constante. Primeiro, deveria verificar se ela estava lá e então formularia um plano para tirá-la de lá.

Apesar da letargia que o atormentava desde que acordou, não sentiu nenhuma sensação de nervosismo. Ele era tão deliberado em seus movimentos e tão calmo em todos os aspectos como jamais havia sido em toda a sua vida. Ele acreditava que era certo estar aqui para reivindicar sua noiva. Logo, ela se tornaria sua esposa. Ele se certificaria disso. Um sorriso meio bem-humorado curvou seus lábios uniformes, mas desapareceu quando ouviu o estalo e o arrastar de chinelos no arco abobadado. Um instante depois, a pequena abertura no portão se abriu, e uma freira com um rosto enrugado olhou para ele com olhos semicerrados. Ela segurou o véu sobre a boca, uma tentativa óbvia de afastar qualquer contágio.

— *Bon jour* — ele disse, tirando o chapéu. — Eu vim em busca de uma jovem que ouvi que recebeu abrigo temporário aqui.

Os olhos da freira percorreram da cabeça aos pés e vice-versa.

— É urgente que eu fale com ela. Sou um advogado que representa seu falecido tio e assumi todas as funções do homem. Há uma questão de uma pequena herança sobre a qual gostaria de falar com ela.

— Qual é o nome dela?

O Seigneur Richard sorriu. — Emilie Basseaux.

O reconhecimento brilhou nos olhos da freira. — Tenha a bondade de esperar — ela ordenou.

— Lá fora? — Perguntou Richard, enquanto a pequena persiana começava

a fechar.

— Claro — respondeu a freira, abrindo a abertura novamente e fechando-a assim que falou.

Longos momentos se passaram. O sol parecia brilhar sobre ele, embora fosse de manhã cedo. Richard sentiu calor e enxugou a testa com um lenço, dobrando-o antes de guardá-lo no bolso. Um leve ataque de náusea surgiu e depois passou. No calor, o fedor da morte tornou-se quase insuportável. Mal podia esperar para pegar Emilie e sair dessa fossa de morte. O que havia nela que o levou a enfrentar tais riscos? Colocar-se no meio de uma epidemia em busca dela estava além de sua própria compreensão. A necessidade de adquiri-la tornou-se seu único desejo. Com relação à garota, ele não era melhor do que um bêbado que não conseguia se afastar de uma garrafa de vinho. Em breve, ela seria dele. Por fim, ouviu o som de passos novamente e, alguns segundos depois, a abertura se abriu.

— Deve falar com uma mulher chamada Emmanuelle no Hôpital Général — a porteira disse. — Não é longe daqui. Ela pode saber mais sobre a mulher que procura.

A resposta da mulher o confundiu e ele refletiu sobre seu significado. A freira se afastou um pouco da brecha. Quando estava prestes a pedir esclarecimentos, a persiana se fechou e ele a ouviu se afastar rapidamente.

O cansaço pesava a cada passo, mas quando chegou ao Hôpital Général, parou na rua para contemplar o caos que o esperava. As pessoas deitavam doentes em fileiras no gramado da frente. As freiras circulavam entre os pacientes enquanto os padres rezavam por alguns dos aflitos. Os gemidos dos doentes e moribundos ressoavam como uma cadência triste, abafando os sons das carroças que transportavam os mortos. Ver tal morte, em sua forma mais brutal, o abalou profundamente. Tudo o que queria era deixar este assentamento abandonado por Deus e voltar para a segurança de sua casa.

Com o lenço na boca, aproximou-se de uma das freiras. — Por favor, irmã, estou aqui para falar com uma mulher chamada Emmanuelle.

— Pode encontrá-la nos fundos de uma das tendas.

— Merci — ele disse, mas duvidou que ela tivesse ouvido, pois já havia se afastado para atender um paciente.

Sem tirar o lenço, Richard caminhou até a lateral do prédio, onde se abaixou para entrar por um pequeno portão em arco. Na parte de trás, uma longa linha de tendas abertas sombreava numerosas fileiras de catres carregados com os feridos. Freiras, padres e médicos circulavam, carregando comadres, tigelas de caldo, lençóis ou livros de orações. Ele parou uma freira e perguntou sobre Emmanuelle. Ela apontou para uma mulher sentada em um banquinho de três pernas segurando a mão de um velho.

Uma brisa quente, mas suave, soprou pela tenda quando ele se aproximou da freira e fez uma reverência. — *Excusez-moi*, é Soeur Emmanuelle?

Ela ergueu a cabeça para olhá-lo. — Quem deseja saber?

Nem um pingo de calor existia nas profundezas de seus olhos escuros. Era

como se os olhos da morte olhassem fixamente para ele.

— Sou um advogado procurando por uma jovem sobre a qual pode saber algo, — Richard disse gravemente e ficou parado. Ele olhou para suas lindas mãos brancas nas quais segurava um rosário de contas marrons e pensou que nunca tinha visto mãos tão lindas antes, tão nobres e atraentes. Richard não sabia mais o que dizer e, como nada parecia ser esperado dele, manteve-se em silêncio e esperou pela resposta dela.

— E quem seria? — Ela perguntou, sua voz cautelosa.

— *Mademoiselle* Emilie Basseaux.

Emmanuelle virou-se e afastou uma mecha de cabelo úmido da testa do velho doente. — Nunca ouvi falar dela.

— É urgente que eu fale com ela sobre uma herança — Richard disse, esperando recapturar a atenção dela.

Ela olhou para ele. Um vislumbre de suspeita queimou em seus olhos afilados. — Já lhe disse que não conheço ninguém com esse nome — o tom dela era frio e desdenhoso, mas Richard sentiu que ela mentia. Seguiu-se outra pausa, durante a qual nenhum dos dois se moveu. Então Emmanuelle deu-lhe um olhar zangado. — Por que ainda está aqui? Eu já disse que não a conheço.

— Acredito que sim.

— Então acredita errado. *Au revoir*, senhor. Que Deus lhe envie luz — Emmanuelle levantou-se e foi embora.

Convencido de que havia atingido um ponto fraco, ele lutou contra a tentação de persegui-la. A julgar pela reação dela, Emilie deveria estar aqui em algum lugar. Richard deu a volta e correu para longe de toda a doença opressiva, mas cada passo parecia trabalhoso. Ele deu a volta no prédio e desceu a rua até ficar a uma distância segura do hospital.

Apesar do sol quente e do suor que escorria de sua testa, ele estremeceu. A essa altura, Thomas já estaria acordado. Precisava falar com ele para que pudessem formular um plano e voltar ao hospital antes que a mulher avisasse Emilie. Sua excitação aumentou e ele se parabenizou por sua extraordinária boa sorte. Sabia que Emilie estava por perto. Ele sentiu isso. A essa hora do dia seguinte, Emilie estaria sob suas garras.

Caminhando para casa, experimentou um estranho langor, uma fraqueza nos membros. Respirar tornou-se mais difícil e um calor ardente interior ganhou vida dentro dele, o que atribuiu às últimas horas da noite quando bebeu muito vinho. Mesmo que seu corpo ansiasse por descanso, quando Richard chegou à pousada, bateu na porta de Thomas e ordenou que o seguisse até seu quarto.

Thomas franziu a testa e o estudou com desconfiança. Ele manteve-se à distância e pairou perto da porta.

— Do que tem medo? Estou bem, como pode ver, — *Seigneur* Richard disse. — Devo ter bebido um pouco de vinho demais na noite passada. Entre e sente-se, acho que encontrei a garota.

— Onde? — Thomas não se moveu mais para dentro da sala.

— Ela está no hospital, tenho certeza.

— Tem certeza? O senhor a viu?

— Não, mas falei com uma freira que se comportou de forma suspeita e reagiu fortemente quando mencionei o nome da menina. Tenho certeza de que ela está lá. Devemos fazer um plano e buscá-la — Seigneur Richard sentou-se na beira da cama e esfregou a testa.

— O senhor não parece bem — Thomas disse, ainda mantendo distância. — Deite-se e descanse. Eu mesmo irei ao hospital e darei uma olhada. Durma um pouco, vai lhe fazer bem. Precisarás de sua energia para mais tarde.

Richard caiu de volta na cama. — Está certo. Eu deveria dormir um pouco. Quando voltar, estarei revigorado. Antes de sair, feche as venezianas, há um friozinho na brisa hoje.

Thomas atravessou a sala até a janela, mas o fez nervosamente, mantendo o máximo de espaço possível entre eles. — Eu voltarei logo — ele disse, sua voz vazia de emoção.

Richard soltou um leve gemido e se enterrou sob as cobertas. A colcha pareceu sufocá-lo e ele a jogou fora. Tentou relaxar e fechou os olhos para satisfazer a necessidade urgente de dormir. Richard mergulhou na escuridão do descanso e mal havia fechado os olhos quando acordou novamente, seu corpo em chamas de calor, sua mente agitada pelo delírio. Seus pensamentos se voltaram para sua obsessão por Emilie, que o havia levado ao meio da pestilência, ao vinho da noite anterior, até mesmo às libertinagens de seu passado. Culpou todos eles por seu estado atual. Ele nunca havia se sentido tão mal antes.

Depois de uma longa batalha, ele adormeceu e começou a ter sonhos sombrios e inquietantes.

Richard caminhou pelo mundo até se encontrar dentro de uma grande igreja em meio a uma multidão de pessoas. Como ele chegou lá, pois raramente ia à igreja? A irritação pesava em seu peito. Os espectadores estavam pálidos, emaciados, com olhos fundos e lábios babando. Suas roupas esfarrapadas se desfizeram e através dos rasgos e fendas apareceram manchas e inchaços lívidos. ‘Abram espaço, sua ralé!’ Ele acompanhou o grito com sua expressão mais dura e depois olhou para a porta da igreja, que estava longe, muito longe. No entanto, ele não conseguia se mover e fugir das criaturas poluídas que o cercavam por todos os lados. Nenhum dos seres insensatos atendeu ao seu comando. Em vez disso, eles o pressionaram ainda mais. Um deles deu-lhe uma cotovelada no lado esquerdo, empurrando o espaço entre o coração e a axila com uma pressão pesada e dolorosa. Quando ele tentou se contorcer, outro ser o picou no mesmo local.

Enfurecido, ele pegou sua pistola. A multidão o agarrou, virou-o e apontou para seu peito. O cano pressionou com tanta força contra sua carne que ele experimentou um golpe ainda mais forte. Ele gritou, mas todos os rostos se viraram. Ele também olhou e viu um púlpito, e a figura ereta de um padre jesuíta surgiu por trás dele. O père Marc-Mathieu fixou nele o olhar com

severidade. O padre levantou a mão da mesma maneira que fazia quando estava em sua casa. Richard ergueu a própria mão com fúria e fez um esforço para se jogar para a frente e agarrar os braços do padre. O padre começou a proferir sua maldição.

Os próprios gritos de Richard explodiram em um grande uivo, despertando-o.

Ele baixou o braço que havia levantado e se esforçou, com muita dificuldade, para entender tudo. Seus olhos se abriram e lutaram contra a penumbra. Ele reconheceu a cama e o quarto e entendeu que estivera sonhando. A igreja, as pessoas, o padre jesuíta, tudo havia desaparecido - tudo menos aquela dor no lado esquerdo. Seu coração disparou e bateu. Um barulho e um zumbido ecoaram em seus ouvidos. O fogo ardia dentro de seu corpo, seus membros pesados como bigornas.

O terror da morte se apoderou dele. Ele tinha visto as carroças cheias de mortos e as valas comuns e temia o mesmo destino. Como poderia evitar esse mesmo resultado horrível? Seus pensamentos ficaram obscuros. A inconsciência se aproximou e ele experimentou uma sensação de desespero. Chamou por Thomas, repetidamente até que perdeu toda a noção do tempo.

Então, como se suas preces tivessem sido atendidas, Thomas voltou. Thomas ficou a alguma distância da cama, olhando para ele.

— Thomas! — Richard resmungou com dificuldade, levantando-se em uma tentativa tímida de sentar-se, que falhou. — Sempre foi meu servo de confiança.

— Sim, Seigneur.

— Sempre o tratei bem.

— Nem sempre.

— Eu confio... — ele pausou para inalar uma respiração profunda. — Estou doente, Thomas.

— Parece que sim.

— Se eu me recuperar, acumularei mais favores do que já fiz.

Thomas esperou.

— Não há ninguém em quem eu confie mais — Richard retomou. — Faça-me um favor, Thomas.

— Comande-me — respondeu Thomas.

— Conhece um bom médico em Québec?

— Conheço alguns.

— Preciso de um homem quieto, que, se for pago, não fale da minha doença. Não desejo que ninguém saiba que estou doente. Vá e encontre-o, diga a ele que lhe darei quatro, seis Louis, mais, se ele exigir. Diga a ele para vir aqui discretamente, para que ninguém o veja.

— Irei e voltarei em breve — Thomas disse.

— Ouça, Thomas, me dê um gole de água primeiro. Minha garganta está tão seca. Eu não posso suportar isso.

— Sem água — Thomas respondeu, sua expressão branda e fria. — Pelo

menos não até que o médico o veja. Não há tempo a perder. Fique quieto, eu voltarei logo — Thomas se virou e saiu, fechando a porta atrás de si.

Em sua mente, Richard acompanhava Thomas em sua busca por um médico, contando os passos, calculando o tempo. Depois de algum tempo, ouviu a chegada deles, e isso pareceu suspender sua sensação de doença e manteve seus pensamentos em alguma aparência de ordem.

De repente, ouviu passos. Ele jogou as pernas para fora da cama e olhou para a porta. Ela se abriu e Thomas entrou na sala, sozinho, os olhos frios de malícia, queimando de ódio.

Richard enfiou a mão sob o travesseiro, pegou sua pistola e a tirou. Thomas correu para a cama e a arrancou de sua mão, jogando-a do outro lado do quarto.

A fúria de Richard se misturou ao desprezo. — Deus te apodreça!

Thomas caminhou até o baú ao pé da cama e forçou a abertura com um chute de calcanhar.

— Seu bastardo! — Richard uivou, frustrado com sua própria fraqueza. — Vou matá-lo, Thomas! Socorro! Alguém me ajude!

— Economize seu fôlego — Thomas disse. — Mande todos embora.

— Pagará por isso! — Richard rugiu.

Thomas o ignorou e jogou as roupas fora do baú até encontrar o saco de moedas, que colocou no bolso.

— Ladrão! Demônio do inferno! Quando eu me recuperar, irei atrás pegá-lo!

Thomas olhou para ele com um sorriso malicioso. — O Seigneur é um homem morto. Olhe para o seu peito. É a varíola negra.

Richard olhou para seu peito, as pústulas negras já ameaçavam estourar e espalhar o contágio para todas as partes de seu corpo. Ninguém sobreviveu à varíola negra. O que restava de sua força se esvaiu enquanto olhava para Thomas. Richard se ouviu gemer. Ele respirou o mais forte que pôde, então expeliu o ar com todo o seu esforço na esperança de que o contágio tomasse conta de Thomas. Em uma atmosfera enevoadada, observou Thomas juntar as roupas que usava quando adoeceu e esvaziá-las de dinheiro.

Richard sorriu para a loucura de Thomas.

Uma estranha paz tomou conta dele quando Thomas puxou o travesseiro debaixo de sua cabeça. Sua mente evocou a maldição que o père Marc-Mathieu havia começado a proferir contra ele em sua casa há tanto tempo e novamente em seu sonho recente. Estava se tornando realidade. Um tiro de dor intensa explodiu em seu crânio. Ele não conseguia se mexer.

Com uma mão em cada extremidade do travesseiro, Thomas baixou-o sobre o rosto.

Richard fechou os olhos e esperou que a escuridão o consumisse.



Enquanto Thomas se sentava na extremidade de uma longa mesa em uma taverna, foi tomado por um súbito calafrio. Ele se sentiu mal. Thomas amaldiçoou sua própria estupidez. Ao agarrar as roupas de Richard e esvaziá-las de dinheiro, ele havia tocado o contágio imundo. Agora, não conseguia parar de pensar em sua tolice. A cada segundo que passava, sua visão ficava nublada e sua força falhava. Ele começou a delirar e não conseguia se lembrar de ter caído no chão, obviamente, ele tinha. Alguém o rolou para a rua e o colocou em uma carroça depois de roubar seu dinheiro e objetos de valor. Perdeu a noção do tempo, minutos, horas, dias. Logo a morte viria até ele com uma face maligna, a risada do ser ansiosa e selvagem, pois o puxaria para um vazio escuro e insondável. Não havia nada a fazer senão esperar que a morte o levasse.



Na primavera, Robert deixou o barraco de açúcar e voltou a trabalhar no mercado de Bastien. Barbudo e com bigode, sua aparência alterada lhe dava uma sensação de segurança suficiente para permitir que se aventurasse novamente na sociedade. Ansioso para ser ativo mais uma vez, assumiu funções de escritório na sala dos fundos da loja.

A varíola logo estendeu seus tentáculos mortais em sua aldeia. Por causa de seu contato com marinheiros e estivadores, Robert foi um dos primeiros a ser abatido.

Temeroso, Bastien fechou o mercado. Ele contratou uma nativa que havia sobrevivido à varíola para cuidar de Robert, que estava doente em uma cama no quarto dos fundos, e correu para casa, onde permaneceu a portas trancadas com sua família.

Durante semanas, Robert sofreu, febril e debilitado, mas se recuperou totalmente. Enquanto Bastien continuou isolado em sua casa para evitar o contágio, Robert manteve-se ocupado abastecendo a loja e reabrindo e operando da loja.

A primavera se transformou em verão, depois no início do outono. Por causa de todas as responsabilidades adicionais, Robert levou algum tempo para perceber que não tinha notícias de Ada. Ele enviou várias cartas para ela, mas não recebeu uma resposta. Alarmado, decidiu deixar Saint-Anne-de-Beaupre para procurar por ela e sua amada Emilie.

Robert deu a notícia a Bastien quando lhe trouxe o livro-razão com as contas da semana.

— Agora? Com a varíola ainda desenfreada? Quem vai cuidar do mercado? — Bastien fechou o livro e se inclinou para frente.

A casa de Bastien parecia mais uma continuação de sua loja do que uma residência. Engradados de suprimentos e peças de tecido estavam empilhados contra duas paredes. Presuntos curados e salsichas pendiam de cordas penduradas nas vigas sobre a cabeça de sua esposa enquanto ela cuidava de uma panela em um guindaste sobre o fogo.

— Gilles Dubeau também sobreviveu à varíola. Ele já cuidou da loja antes. Puxe-o das docas e do armazém. Eu sei que ele aceitaria a mudança.

— Se for pego, será enforcado como o resto dos desordeiros — Bastien argumentou.

Robert deixou-se cair na cadeira em frente ao amigo e olhou para ele do outro lado da mesa. — Eu tenho que encontrá-las, Bastien. Algo está errado, posso sentir — um ano de frustração ferveu dentro dele, mas quando notou a preocupação no rosto de Bastien, suavizou. — Faria o mesmo, e bem sabe. Além disso, já vivi de sua caridade por tempo suficiente. É hora de colocar

minha vida em ordem. Depois de encontrá-las, quero achar uma maneira de limpar meu nome.

— E como propõe isso?

— Se eu conseguir encontrar uma maneira de falar com o Governador, tenho certeza de que ele entenderá que as acusações contra mim são infundadas. Ele testemunhou como eu o ajudei.

— Acho que está correndo um grande risco.

— Talvez — Robert se retirou para seus próprios pensamentos. Como um pequeno navio jogado em um mar tumultuado, sua vida era uma bagunça e seu futuro incerto. Ele tinha que começar de algum lugar para acertar as coisas novamente. Aconteça o que acontecer, saiba que lhe sou grato por tudo que fez. Com sua ajuda, consegui juntar dinheiro suficiente para começar uma nova vida.

Bastien negou com a cabeça. — Deve esperar, o tempo trabalhará a seu favor. É tolice voltar para Québec, onde seus problemas são piores.

— Vou primeiro para Point-du-Lac, era de lá que Ada mandava suas cartas. A ideia de que Emilie e Ada estão por perto e além da minha ajuda é mais do que posso suportar. Que tipo de homem eu seria para permitir que minha futura esposa e sua mãe sofressem? Agora que sobrevivi à varíola, estou seguro. Devo fazer o que puder para torná-las seguras — Robert sabia que não era tão simples. Mesmo que encontrasse Emilie, sua promessa pairava entre eles como uma parede de pedra. Ele precisava vê-la, ouvir sua explicação em suas próprias palavras, e então faria tudo ao seu alcance para convencê-la a mudar de ideia.

— Quando vai, Robert?

— Pela manhã.

— Que os céus o protejam — Bastien cruzou as mãos diante dele. — Faça o que fizer, não seja pego. Encontre as mulheres e, quando voltar, tudo aqui o estará esperando. Seremos parceiros de negócios, exatamente como planejamos.

— Se tudo estiver bem, eu gostaria disso. Estou deixando a maioria dos meus pertences aqui.

— Suas coisas estão seguras comigo, não importa o que decida, aconteça o que acontecer.

Sufocado pela emoção, tudo o que Robert pôde fazer foi acenar com a cabeça. A bondade de Bastien não conhecia limites. — Enviarei uma mensagem assim que puder. Em breve nos veremos novamente, meu amigo. Eu prometo.

Bastien se levantou, rodeou a mesa e deu a Robert um abraço másculo. — Vou exigir que cumpra essa promessa, *mon ami*.



Robert acordou antes do amanhecer e vasculhou o baú ao pé de sua cama em busca dos itens que precisava levar consigo. Sob uma pilha de camisas cuidadosamente dobradas, ele encontrou a sacola de dinheiro que Ada lhe enviara. Permaneceu intacta, intocada. Ele também não havia contado a ninguém sobre isso, nem mesmo a Bastien e decidiu deixar o dinheiro aqui onde estaria seguro. Quando encontrasse Emilie, ele o devolveria a ela. Puxou uma bolsa de couro que continha as moedas de prata que ele havia economizado nos últimos meses. Enfiou algumas moedas em um cinto de dinheiro, que amarrou na cintura por baixo da camisa e das calças.

Depois de tirar uma muda de roupa, enfiou-a num saco de couro, que pendurou no ombro. Ele trancou o baú e enfiou a chave no bolso. De debaixo do travesseiro, tirou um papel dobrado que o identificava como Simon Germaine e o enfiou no bolso da calça junto com uma adaga embainhada. Nunca se sabia quando o perigo se apresentaria. Com o sol recém-nascido às costas, ele partiu.

Aonde quer que fosse, encontrava sinais da varíola. Como ele, aqueles que tiveram a sorte de se recuperar carregariam para sempre as cicatrizes de sua doença. Sinais daqueles que definharam ou pereceram existiam em cada fazenda habitante por onde passava. Com tanta doença, o que aconteceria na colheita?

Quando escureceu, Robert dormia debaixo de uma carroça abandonada virada ao lado da estrada, a salvo de animais selvagens ou malandros que pudessem tropeçar nele durante a noite. Depois de mais um dia inteiro de viagem, Pointe-du-Lac apareceu. Difícil de acreditar que um ano e meio se passou desde que ele pisou pela última vez aqui. Seu coração batia rapidamente enquanto uma série de memórias o assaltavam, a mais forte das quais era o badalar dos sinos da igreja que repicavam implacavelmente na noite em que fugiram. No entanto, esta noite, o assentamento estava diante dele em um silêncio mortal. Nenhuma pessoa se aventurava em qualquer lugar e todas as janelas e portas estavam fechadas para o mundo.

Ao se aproximar da cabana de Ada e Emilie, experimentou uma profunda sensação de perda. Um vento frio soprou, embora o sol brilhasse. Por favor, deixe-me encontrá-las com boa saúde. As persianas do chalé estavam fechadas e não havia sinais de habitação. Ele bateu, esperou e bateu de novo, mas não houve resposta.

Desapontado, ele se virou. Depois de alguns passos, notou um homem vestindo apenas uma camisa e calções sentado no chão, com as costas apoiadas em uma cerca viva, repetidamente jogando algo para o ar e pegando novamente. De longe, e do estranho comportamento do homem, Robert

pensou que poderia ser o pobre e estúpido Gervaise, mas ao se aproximar, viu que era seu amigo Denis, as cicatrizes da varíola devastando seu rosto. Ele jogou uma boneca de pano no ar pela cabeça e a pegou pelas pernas, alheio à presença de Robert.

Robert parou diante dele. — *Salut Denis.*

Denis levantou os olhos, sem mover a cabeça e deu-lhe um olhar vazio.

— Denis, não sabe quem eu sou?

— Quem é, quem é? — respondeu Denis, olhando para ele com olhos tristes.

— Sou eu. Robert. Não me reconhece?

Denis olhou para cima, os olhos arregalados em reconhecimento. — Robert? É mesmo você por trás dessa barba? Achei que estava morto.

Robert recuou com um sorriso. — Como pode ver, estou vivo e bem.

Denis não fez nenhum movimento para se levantar e cumprimentá-lo, mas seu leve sorriso garantiu a Robert que ele não havia enlouquecido completamente.

— Onde estão todos?

A dor vitrificou os olhos de Denis. — Mortos.

Um medo frio apertou as entranhas de Robert e seus joelhos quase se dobraram. — Todo mundo?

— Não, mas quase. Os que estão bem cuidam dos doentes, mas permanecem trancados em suas casas.

— E você?

Lágrimas vidraram os olhos de Denis. — Em minha casa, só eu sobrevivi.

— Me desculpe.

Denis assentiu e desviou o olhar, olhando ao longe para o rio Saint Lawrence, cujas águas brilhavam contra o sol poente.

— Tem alguma notícia de Ada e Emilie?

— Se foram.

O pânico correu desenfreado por seu corpo. — Foram para onde?

Denis deu de ombros e voltou a virar a boneca e cantarolar, dispensando Robert.

Desanimado e com mais medo do que nunca, Robert foi embora.

Um homem vestindo uma batina negra dobrou a esquina e avançou em sua direção. Era Père Jean. Ele caminhava lentamente e, ao se aproximar, Robert distinguiu seu semblante pálido e emaciado, como se também tivesse passado por uma tempestade. Ele olhou de soslaio para Robert, a princípio não o reconhecendo, mas então parou abruptamente. Os olhos do père Jean se arregalaram quando ele respirou fundo e levantou as mãos no ar, seu olhar disparando como se pretendesse fugir.

Robert correu para encontrá-lo e acenou com a cabeça em saudação. Père Jean parecia ter envelhecido desde a última vez que o viu. Ele também havia perdido peso e o pouco cabelo que restava em sua cabeça era branco. Seu rosto trazia as cicatrizes da varíola.

— Robert? — Père Jean perguntou.

— Sim, sou eu. Estou procurando Emilie. O senhor ouviu alguma coisa sobre ela?

Père Jean juntou as mãos e levou-as ao peito. — A última vez que ouvi dizer, ela estava em Québec, mas quem sabe se ainda está neste mundo.

— E Ada? Ela está viva?

— Ela pode ser, mas quem sabe ao certo. Tudo o que sei é que não está aqui.

— Onde ela está?

— Foi procurar Emilie.

— E o Père Marc-Mathieu?

Père Jean deu de ombros. — Ele se foi há algum tempo.

Robert afastou seu aborrecimento. — Eu sei. Ada escreveu e me contou isso, mas quero saber se ele voltou.

— Não, ninguém ouviu nada sobre ele.

— E quanto ao Seigneur Richard?

Père Jean encolheu os ombros novamente. — Alguns acreditam que ele foi para Québec.

As palavras provocaram uma fúria de choque nas entranhas de Robert enquanto a raiva se instalava em seu coração. Seigneur Richard deve ter ido atrás de Emilie. Não poderia haver outra razão para ele ir para lá.

— Robert, o que está fazendo aqui? Não sabe que as autoridades o estão procurando em todos os lugares?

— O que mais importa? — Robert deu-lhe um olhar duro. — Minha vida está em frangalhos por sua causa. Tudo teria sido diferente se tivesse me casado com Emilie naquele dia.

Père Jean olhou para o chão e não disse nada.

— Mas estou determinado a consertar as coisas.

Père Jean ergueu os olhos. — Difícil fazer isso agora. É sensato que um homem procurado volte para a boca do lobo? Siga meu conselho, saia antes que alguém lhe veja. Volte para o lugar de onde veio. As autoridades estiveram aqui procurando-o. Eles saquearam tudo, virando sua casa de cabeça para baixo.

— Não estou surpreso, mas não me importo! Tudo que quero é encontrar Emilie e sua mãe.

— Eu já disse que elas não estão aqui. A varíola está em toda parte é melhor não ir procurá-las.

— Vejo que se recuperou, Père Jean.

— Sim, eu consegui! Obstinado e ruim o suficiente! Estou aqui por um milagre. Isso me deixou em um estado terrível. Agora, preciso de um pouco de silêncio para me colocar em ordem novamente. Em nome do Céu, volte para o lugar de onde veio para que as autoridades não o encontrem.

— Não até que eu as encontre.

Père Jean fez o sinal da cruz e balançou a cabeça.

Robert olhou em volta. — Muitos morreram aqui?

Père Jean torceu as mãos ao iniciar uma longa enumeração dos mortos.

Robert esperava algo desse tipo, mas, ao ouvir os nomes de conhecidos e amigos, a tristeza o dominou e ele abaixou a cabeça em tristeza, sem saber o que dizer.

— Entende o que quero dizer? — Exclamou Père Jean. — E ainda não acabou.

— Não se preocupe comigo. Não tenho intenção de ficar aqui.

— Ah! Graças a Deus, caiu em si e vai embora.

— Não, ainda não, tenho algo que devo fazer primeiro.

— Que loucura! Não é seguro aqui.

— Não se preocupe comigo — Robert disse enquanto acenava para ele ir embora. — De qualquer forma, não conte a ninguém que me viu. É um padre. Eu sou um de seu rebanho. Se me trair de novo, vai se arrepender — Robert estudou o rosto do velho e quebrado homem diante dele.

O rosto de père Jean ficou vermelho e ele suspirou petulantemente. — Arruinaria nós dois. Ainda não passou por muito, suponho e nem eu. Eu entendo, eu entendo — resmungando consigo mesmo, seguiu seu caminho.

Robert ficou parado ali, contrariado e descontente. Tanta coisa aconteceu. A fúria o invadiu ao pensar que o Seigneur Richard poderia ter sequestrado Emilie. E se ela já estivesse em suas garras? Isso explicaria a ausência de Ada, pois ela não hesitaria em ir em socorro de sua filha, não importando o perigo. Algo não estava certo e ele tinha que correr para Québec. Ele rezou para que não fosse tarde demais para encontrar Ada e Emilie vivas.



Robert estava no topo de uma colina com vista para Québec. Uma densa coluna de fumaça escura se enrolou para cima e se dispersou na atmosfera cinzenta e imóvel. Uma multidão cercou uma fogueira. As pessoas jogaram vestes, roupas de cama e outros artigos infectados nas chamas. O ar espesso e pesado pairava como uma nuvem lenta de névoa que cobria todo o céu, impedindo o sol de espreitar.

A solidão e o silêncio adicionavam consternação à inquietação de Robert, mantendo seus pensamentos sombrios. O sol se poria em breve. Robert sabia que precisava se apressar. Ele partiu por um caminho à direita e chegou a uma guarita. Um guarda estava parado na porta, apoiado em seu mosquete, observando languidamente a estrada que entrava e saía da colônia.

Agora era um momento tão bom quanto qualquer outro, e com os olhos fixos no chão, Robert avançou. A sentinela o deteve. — Ninguém entra por causa da varíola.

Robert tirou uma moeda de prata. — É um assunto de grande urgência — com uma piscadela, mostrou-a à sentinela.

O sujeito estendeu a mão e Robert a jogou para ele.

— Vá então.

Sem hesitar, Robert passou pelo portão e entrou na colônia. À primeira vista, tudo parecia deserto. Então, ao longe, ele viu um homem caminhando em sua direção. Ao se aproximar, o homem olhou para ele com desconfiança e atravessou a rua. Ele ergueu sua bengala nodosa e apontou para Robert. — Fique longe de mim.

A reação do homem parecia extrema, mas Robert lembrou a si mesmo que a varíola era pior ali do que em qualquer outro lugar. Para manter o anonimato, ele não tinha intenção de se aproximar de ninguém e continuou seu caminho.

Em cada esquina, em cada rua, poucas pessoas andavam. Uma tristeza melancólica pairava no ar, ligada às muitas mortes, que Robert sabia que não deixavam nenhuma família intocada. Ele olhou ao redor. Em algum lugar em meio a essa miséria, esperava encontrar Emilie.

Ele virou à esquerda seguindo uma estrada que levava à parte baixa da colônia. Ele ouviu alguém chamá-lo e olhou para cima na direção do som. Uma mulher cercada por um grupo de crianças estava na varanda de uma casa isolada. Tábuas grandes e grossas cobriam portas e janelas. Ela acenou para que ele se aproximasse. — Por favor me ajude. Meu marido está morto e pregaram as portas e janelas. Ninguém nos trouxe nada para comer desde ontem. Fiquei aqui fora por muitas horas, mas ninguém está disposto a nos ajudar. Meus pobres filhos estão famintos e com frio. Por favor, diga às

autoridades para nos libertar.

Robert enfiou a mão no bolso e retirou duas moedas. — Eu não tenho ferramentas ou comida comigo, mas se puder me indicar onde ir, eu pegarei algo para que coma.

Ela apontou para uma padaria próxima na rua. Lá dentro, o padeiro manteve distância e colocou dois pães em uma cesta com uma alça comprida saindo da lateral. Ele deslizou sobre o balcão para ele. Robert pegou os pães e jogou o dinheiro na cesta para pagar. Ele agradeceu ao padeiro e voltou para junto da mulher.

— Deus o recompense! Espere um momento — a mulher desapareceu lá dentro. Ela voltou com uma pequena cesta e uma corda para abaixá-la até ele. Robert colocou os pães na cesta. Naquele instante, lembrou-se dos pães que descobrira no chão na primeira vez que viera a Québec, tanto tempo atrás. Ele experimentou uma sensação de alívio e satisfação, pois este ato era de restituição. Seu coração inchou por ter feito uma boa ação para a mulher indefesa. — Não tenho certeza se posso ajudá-la a solicitar às autoridades que a libertem — ele não podia correr o risco. Pelo menos não até que encontrasse Emilie e Ada e soubesse que elas estavam seguras.

Seu rosto afundou com uma combinação de medo e decepção.

Uma pontada de culpa atingiu Robert. — Por favor, não se preocupe. De alguma forma, encontrarei uma maneira de ajudá-la — ele pausou e uma ideia lhe ocorreu. — Talvez também possa me fazer uma gentileza. Estou procurando duas mulheres que atendem pelo sobrenome de Basseaux, Emilie e Ada Basseaux. Já ouviu falar delas?

Ela balançou a cabeça. — Nunca ouvi falar delas, e quem sabe onde podem estar agora, em meio a toda essa doença? Talvez se for um pouco mais longe na colônia, possa encontrar alguém que tenha ouvido falar delas. E, por favor, não se esqueça de contar a alguém sobre nós.

— Não vou — Robert se virou e foi embora.

Da esquina de uma igreja, um homem dirigia uma carroça de dois cavalos carregada de mortos, os corpos lamentavelmente entrelaçados em lençóis esfarrapados. A cada obstáculo e solavanco, os cadáveres tremiam de maneira horrível, as cabeças balançando e as longas tranças das mulheres desgrenhadas. Robert estremeceu com a visão miserável. Enquanto ele sussurrava uma oração silenciosa pelas almas desconhecidas, um pensamento horrível passou por sua mente — e se Emilie estivesse naquele carrinho, ou algo parecido? Ele sacudiu a ideia e continuou passando.

A carroça desapareceu na rua deserta e ele caminhou na direção oposta. Um padre carregando uma pequena vara estava perto de uma porta entreaberta com a cabeça inclinada e o ouvido na abertura, e então levantou a mão para pronunciar uma bênção e saiu da porta. Robert caminhou em direção a ele, mantendo-se no meio da estrada.

Quando chegou a quatro ou cinco passos do padre, Robert tirou o chapéu e parou para ajudá-lo a compreender que não se aproximaria mais. — Padre,

posso falar com o senhor?

O padre plantou a bengala no chão, deixando um bom espaço entre eles, e esperou.

— *Mon prêtre*, estou procurando duas mulheres com o nome de Basseaux do povoado de Pointe-du-Lac.

O padre balançou a cabeça e encolheu os ombros. — Um terço da população já foi perdida muitos mais estão doentes. Estamos todos à mercê de Deus, meu filho.

— Se adocessem, para onde seriam levadas?

— O *Hôpital Général* ou o *Hotel Dieu* — o padre apontou as direções.

— Deus o mantenha com boa saúde — Robert gritou. Quando o padre começou a se afastar, Robert se lembrou da mulher. — Posso pedir-lhe um favor, mon prêtre?

Quando o padre parou e acenou com a cabeça, contou-lhe sobre a mulher e as crianças esquecidas.

— Obrigado por me contar. Fique tranquilo, vou informar as autoridades competentes e ver o que pode ser feito para libertá-los — o padre disse e continuou seu caminho.

Enquanto caminhava, Robert lutava. Não porque as direções fossem muito complexas ou o caminho que ele seguia fosse muito oneroso, mas porque a inquietação surgiu em sua mente. O padre havia fornecido poucas informações além das direções para o hospital. Logo, ele descobriria o destino de Emilie e Ada. Toda a esperança seria frustrada ou renovada. Independentemente do que acontecesse, os problemas que o prenderam nos últimos dois anos logo terminariam. Não há mais dúvidas. Emilie estava viva ou Emilie estava morta. Chegara a isso e nada mais. A ideia o atingiu com tanta força que, por um momento, não quis saber, mas se decidiu e continuou seu caminho.

Robert passou por um bairro desagradável da colônia. A virulência do contágio que varreu este bairro foi tão destrutiva, todos os sobreviventes devem ter abandonado suas casas. Portas se abriram, algumas fora de suas dobradiças, seus interiores saqueados. O espetáculo de solidão e deserção que o saudou surpreendeu-o, e ele apressou o passo, consolando-se com o pensamento de que estava próximo de seu destino.

Por onde andava, cruces negras desenhadas com carvão marcavam algumas casas. Tapos e lençóis corrompidos, palha infectada, roupas e lençóis jogados das janelas cobriam a rua. Um silêncio assombroso permaneceu. Os gritos dos vendedores, o barulho das carruagens e a tagarelice dos vizinhos que antes se elevavam como uma cacofonia de sons na última vez que vagou por este bairro não existiam mais. Apenas o lamento ocasional de uma viúva ou o choro de uma criança doente quebrava o silêncio do ar.

O último raio de sol deslizou sob o horizonte e a escuridão tornou-se densa. Os sinos das igrejas tocavam ao longe, uma chamada de oração para aqueles que precisavam de paz em seu desespero. O conhecimento de que em algum

lugar em meio à devastação, Emilie esperava, viva ou morta, o impulsionava. Em seus braços ela carregava amor e esperança para o futuro. Ele já a havia perdido uma vez por causa das manipulações de um homem mau que pouco se importava com cuja vida ele destruiu para satisfazer sua própria ganância e luxúria. Robert se recusou a perdê-la novamente. Se ela vivesse, ele a abraçaria, a amaria com cada fragmento de paixão que possuía e compartilharia com ela sua vida, amor e riqueza. Ele se agarraria a ela com todas as suas forças e a trataria como o tesouro que acreditava que ela fosse. Nenhum voto ficaria em seu caminho.

Outro carro da morte entrou na rua e Robert abaixou a cabeça e passou correndo. Quando olhou para cima novamente, uma bela mulher de meia-idade desceu os degraus da frente de uma casa com um andar cansado. Seu rosto trazia cicatrizes, mas não recentes. Ela também era uma sobrevivente anterior. Embora vermelha devido ao choro recente, nenhuma lágrima caiu de seus olhos. Havia algo pacífico e profundo em sua tristeza ao carregar uma criança de aproximadamente nove anos em seus braços. Embora o rosto inflamado da garota estivesse sem vida, seu cabelo estava repartido e ela usava um vestido branco limpo. A criança estava deitada com o seio encostado no da mãe. Ainda com a morte, sua mão delicada, branca como cera, pendia de um lado, e sua cabeça descansava no ombro de sua mãe.

O carrinho da morte se aproximou da mulher e o condutor desceu. Respeitosamente, o homem tentou tirar a criança de seus braços. A mulher recuou. — Não! Não a tire de mim. Eu mesma devo colocá-la no carrinho — ela abriu a mão e mostrou uma pequena bolsa, que colocou na mão do condutor. — Prometa-me que não vai tirar nada dela, nem deixar ninguém tentar fazer isso, e deitá-la no chão assim como ela está em meus braços agora.

O condutor pôs a mão direita no coração e apressou-se a abrir espaço na carroça para a criança morta. A mulher beijou a filha na testa, deitou-a com ternura no local e arrumou-a como se estivesse deitada no melhor esquife fúnebre, cobrindo-a com um pano de linho branco puro. — *A bien tot, ma chère* Cecile. Em breve, seu irmão virá lhe fazer companhia e poderão descansar juntos para sempre — ela se virou para o cocheiro e apontou para sua casa. — Quando passar por aqui novamente, verifique como estamos, pois toda a minha família está doente.

Robert observou com perplexidade quando ela voltou a entrar na casa e, após um instante, reapareceu na janela. Ela segurava nos braços uma criança ainda mais nova, um menino, ainda vivo, mas com as marcas negras da varíola na carne. Ela ficou imóvel como a morte, seu olhar nunca deixando o carrinho até que ele desaparecesse de vista. Então Robert a viu se afastar tristemente. Com o coração oprimido, a tristeza pesava a cada passo. Ele chegou ao fim da estrada e viu um pequeno grupo de jovens. Bêbados, eles ziguezaguearam. Robert parou para deixá-los passar.

O maior dos quatro o avistou e parou. — E onde pode estar indo? — Ele

falou arrastado enquanto se firmava. Uma grande lacuna separava seus dois dentes da frente, de modo que ele parecia um castor.

— Não se aproxime. Estou com febre — Robert disse, ansioso para evitar qualquer problema.

— O inferno que está — disse o mais feio dos quatro. Este jovem era magro, com olhos esbugalhados e um nariz largo e torto que parecia ter sido quebrado mais de uma vez.

— O que tem aí? — O menor dos quatro encarou a bolsa de couro de Robert e deu um passo à frente. Em um movimento rápido, enfiou a mão no bolso e tirou uma faca.

— Eu lhe darei a bolsa contanto que prometa me deixar passar — Robert a deslizou de seu ombro e a deixou pendurada em sua mão. Deixe-os ficar com as roupas dele. Seu dinheiro estava seguro no cinto de couro que usava na cintura, escondido sob as roupas.

O jovem com a faca assentiu rapidamente e o quarto jovem deu um passo à frente e arrancou-a da mão de Robert.

— Pronto, tem o que queria. Agora vou embora — Robert tentou passar pelo grupo.

O menino de dentes de castor bloqueou seu caminho e olhou para ele ameaçadoramente. — Não tão rápido. Ainda não checamos seus bolsos.

Os jovens o cercaram. Robert pegou a faca em seu bolso, mas o menino castor chutou sua mão. Por trás, alguém chutou a parte de trás de seus joelhos e ele caiu para a frente. Uma rajada de punhos e botas o assaltou.

Robert lutou e chutou, mas havia muitos deles. Então veio a dor horrível da faca cortando sua barriga. Robert ignorou o lampejo de dor lancinante, esperando que o ferimento fosse superficial. Ele gemeu e apertou o estômago. O sangue empapava sua camisa e escorria por entre seus dedos.

— Corra — gritou um dos jovens enquanto disparavam pela rua. Em sua pressa, o sujeito que carregava a bolsa acidentalmente a deixou cair.

Os pensamentos de Emilie vieram à tona e uma forte determinação tomou conta. Robert levantou-se e firmou-se. O hospital não era longe.

Ele pegou a bolsa. Ignorando a dor, deu um passo trôpego após o outro até passar pelas portas da frente do hospital e cair misericordiosamente de joelhos.



Emmanuelle atravessou o corredor carregando uma bandeja com uma jarra de água e vários copos. Ela estava pensando em Emilie e no visitante que veio vê-la dois dias atrás. Ainda não havia contado a Emilie sobre ele não houvera tempo, pois ambas estavam ocupadas cuidando dos enfermos. Não queria causar nenhum alarme, mas avisaria Emilie na primeira oportunidade para que ela pudesse ficar atenta a qualquer pessoa ao seu redor. Foi culpa dela que Emilie caiu em perigo na primeira vez, e Emmanuelle jurou não deixar isso acontecer novamente. Não sabia quem era o homem, mas suspeitava que fosse seu noivo ou o homem que arruinou sua felicidade. Independentemente de qual deles fosse, deveria avisar Emilie.

Um jovem, com a camisa ensanguentada, tropeçou pelas portas da frente e caiu em um banco na sala de espera. Emmanuelle colocou a bandeja em uma mesa lateral do corredor e correu para o lado dele. Ele parecia não ter mais de vinte e cinco anos, de constituição esbelta, alto, com um semblante bonito. Sua respiração era curta e o sangue em sua camisa centrado em seu abdome.

— O que aconteceu? — Emmanuelle perguntou, inclinando-se sobre ele, os olhos fixos naquela mancha carmesim.

— Fui esfaqueado, mas acho que é apenas um ferimento superficial — disse o jovem, seu rosto enrugado de dor.

— Espere aqui. Estou trazendo um carrinho para levá-lo à enfermaria.

— Eu posso andar — ele disse já se levantando.

— Tem certeza?

Robert assentiu e ela o ajudou a se levantar. Um passo de cada vez, ela guiou o jovem para o quarto mais próximo, onde o colocou em uma cama. Ele jazia com o rosto pálido e ofegando pelo esforço.

Emmanuelle pegou uma tesoura em uma mesa próxima. Com mãos experientes, ela cortou sua camisa ensanguentada. Um rasgo na frente de sua calça logo abaixo do umbigo expôs parte do ferimento.

Com cuidado, ela afrouxou as calças e as abaixou para expor a ferida. Um longo corte vermelho corria de seu abdome esquerdo, atravessando e passando do ponto de seu umbigo. Ela pegou um pano limpo e o posicionou sobre a ferida para absorver um pouco do sangue. Mesmo sob seu toque ágil, ele inalou uma respiraçãoafiada.

Cortes, mesmo superficiais como esse, causavam muita dor. Agora que o pano havia enxugado um pouco do sangue, ela examinou o ferimento mais de perto. Era um corte que exigiria pontos. Com cuidado, abaixou um pouco mais as calças. Ela congelou e respirou fundo com a visão.

Uma marca de nascença em forma de cabeça de cavalo chamou sua atenção. Ela não conseguia desviar os olhos dela. Um grito ficou preso em sua

garganta quando suas mãos começaram a tremer. Ela deu um passo para trás, seus olhos vagando da marca de nascença para o rosto do jovem.

Memórias de seu filho inundaram sua mente. Os mesmos olhos insondáveis a encaravam. O inconfundível nariz arrebitado, semelhante ao dela e ao de seus próprios pais, descansava entre as maçãs do rosto salientes. A cor do cabelo e o formato do rosto e das mãos combinavam com os do pai. As lágrimas embaçaram sua visão enquanto lutava contra o desejo desesperado de apertá-lo contra o peito.

Ela sonhou com esse momento todos os dias de sua vida, visualizando o abraço choroso, a alegria no rosto do filho. Agora que chegara o momento, no entanto, experimentou apenas um profundo terror de que ele pudesse rejeitá-la, raiva pelo destino imposto a ele, que suas ações haviam forjado. E, se ele a dispensasse, não desejaria viver. Suas pernas tremiam e seu coração disparou. Qualquer tentativa de se recompor falhou.

— Qual é o problema? É minha ferida?

Ela balançou a cabeça. — Enviarei outra pessoa para cuidar do senhor — tomada pela emoção, fugiu do quarto em busca de solidão, para pensar, para rezar. Ela tinha uma chance de recuperar seu filho e não deveria errar. A cadeia interminável de mentiras quebradas e falhas a assombrava agora, mais do que nunca.



Quando Emilie entrou na sala de recepção do convento, Ada correu para abraçá-la. Sentir os braços de sua mãe ao seu redor a enchia de alegria. Quando elas se separaram, notou Seigneur Claude sorrindo para ela de onde estava perto de uma janela olhando para os jardins. Um músculo se contraiu em sua mandíbula e seus olhos não se desviaram dela, mas hoje pareciam distantes, pensativos, como se seus pensamentos estivessem em outro lugar.

O alarme substituiu o olhar inicial de alegria no rosto de sua mãe. Com as costas da mão, acariciou a bochecha de Emilie, sobre as pequenas cicatrizes que agora marcavam sua pele outrora perfeita. — Querido Deus, esteve doente — os olhos de sua mãe vagaram da cabeça aos pés. — Perdeu muito peso e há olheiras sob seus olhos, minha pobre Emilie, como sofreu — as palavras voaram da boca de sua mãe, a dor evidente.

Lágrimas de alegria rolaram pelo rosto de Emilie. Com o polegar, sua mãe enxugou as lágrimas. — Eu estava doente, mas já estou recuperada. Apenas cansada das longas horas de trabalho no hospital.

Seigneur Claude se aproximou e pegou as mãos dela. — Estou tão feliz em vê-la e bem recuperada.

Emilie desviou o olhar, constrangida com as cicatrizes ainda evidentes em seu rosto. — Não há com o que se preocupar agora. Fui um das afortunadas. Muitos não foram poupados. É gratificante passar meus dias cuidando de outras pessoas que estão aflitas.

— Muito generoso de sua parte — Seigneur Claude sorriu para ela. — Mas não deve trabalhar muito. Ainda está pálida e precisa descansar.

— Minha filha tem um espírito muito generoso, — Ada disse. — Mas o Seigneur Claude está certo, deve cuidar de si mesma antes de tudo. É tudo que eu tenho. Quando suas cartas pararam de chegar, temi que algo ruim lhe tivesse acontecido e nunca me perdoaria se não estivesse por perto se precisasse de mim. — Ela franziu a testa. — Meus instintos estavam corretos, eu vejo.

— Parece bem, mamãe. E o Seigneur Claude? — Emilie perguntou.

— Eu acompanhei sua mãe. Por medo da epidemia, sua mãe não encontrou ninguém para trazê-la aqui. Então eu me ofereci.

— Algo pelo qual sempre serei grata — Ada acrescentou.

O calor encheu o coração de Emilie pela generosidade e bondade deste homem que havia mudado tão notavelmente.

— Não há necessidade de agradecimentos. É o mínimo que posso fazer. Além disso, prometi a as duas que, se precisassem de alguma coisa, eu estaria lá para oferecer minha ajuda. E eu quero dizer isso com toda a sinceridade.

A gratidão formou um nó na garganta de Emilie. Criar uma filha não foi

fácil para sua mãe viúva. Ter alguém em quem confiar em momentos de necessidade aliviaria qualquer preocupação futura.

Após um breve silêncio, Seigneur Claude pigarreou. — Bem, espero que me perdoem se as deixar na companhia uma da outra por enquanto. Eu tenho um assunto que devo resolver.

— Claro. Emilie e eu temos muito o que conversar — Ada disse.

— Fico feliz em vê-las reunidas. — O Seigneur Claude abaixou a cabeça para recolocar o chapéu e saiu da sala.

Emilie ergueu uma sobrancelha.

Sua mãe deu de ombros. — Não sei, mas seja o que for, deve ser algo importante. Nunca o vi tão pensativo — Ada fez uma pausa e passou a mão pela bochecha de Emilie. — Agora, conte-me tudo o que aconteceu desde que nos separamos.



Seigneur Claude olhou para a guarita que se erguia acima dele. Um generoso estipêndio pago às Irmãs Ursulinas manteve Gaston empregado aqui. Em troca, Gaston forneceu-lhe relatórios sobre as idas e vindas de Emmanuelle. Sabia que o homem a controlava através da culpa e que ela havia sofrido desde que a baniu de sua vida. O pensamento de que sua vida se tornou uma depravação aumentou a nuvem de remorso que pairava sobre ele. O arrependimento pressionou sua consciência ao saber que ele causou tanta dor a Emmanuelle. Agora deveria acertar as coisas entre eles. Até que o fizesse, sua alma permaneceria escura e sua própria culpa cresceria até que encontrasse uma maneira de expiar seus erros.

Ele abriu a porta, subiu as escadas e entrou na sala do andar de cima.

— Gaston? — Ele chamou. Mas o quarto estava vazio, exceto por uma cama e uma mesinha com duas cadeiras de madeira perto da janela. Um chicote estava enrolado no chão, assim como uma corda e uma máscara. A compreensão se instalou. Que tipo de homem era Gaston para se entregar a tais coisas?

Ele fervia de raiva quando pegou o chicote e permitiu que as chicotadas corresse por entre seus dedos. Gaston sempre lhe garantiu com confiança que tinha Emmanuelle sob seu controle total. Foi assim que ele fez? Seigneur Claude sentou-se em uma cadeira e esperou, o chicote enrolado no colo. Em pouco tempo, ouviu o som de passos na escada.

Gaston entrou na sala, com o rosto cheio de surpresa ao vê-lo sentado ali.

— Monsieur Prudhomme, não o esperava.

— Não, eu estava em Québec e resolvi fazer uma visita.

— Posso lhe oferecer um refresco? Uma taça de vinho, talvez?

— Não, vou ser breve e depois vou embora. Sente-se, por favor —
Seigneur Claude apontou para a cadeira oposta.

Gaston puxou-a e sentou-se a uma distância confortável dele.

Seigneur Claude tirou uma bolsa de couro de um bolso interno do casaco e jogou para ele. — Tome. Pagamento para o ano inteiro. Isso deve sustentá-lo até que encontre outro trabalho. Não preciso mais de seus serviços.

Gaston virou a bolsa, sentindo seu peso em suas mãos. Então olhou para Seigneur Claude. — Há algo errado? Não parece satisfeito? — Gaston olhou para o chicote no colo de Claude e engoliu.

O Seigneur Claude estreitou o olhar e o fixou em Gaston. — Foi assim que a controlou?

— Ela queria.

— Não mais — ele apertou os lábios e deu-lhe um olhar gelado.

Gaston engoliu em seco e olhou para os pés.

— Onde ela está agora?

Gaston ergueu os olhos surpreso. — Não está no convento?

— Não.

— Então está no Hôpital Générale cuidando dos doentes.

— Tem até de manhã para sair — Claude se levantou e caminhou até a porta. Com a mão no trinco, ele se virou.

Gaston olhou para ele, seu semblante pensativo, confuso.

— Gaston, aceite isso de quem sabe, encontre Deus, deixe-o entrar em seu coração e peça perdão. Então reze para que não seja tarde demais.



A luz da tarde brilhando através dos vitrais lançava uma luz tranquila na capela onde Emmanuelle estava ajoelhada no primeiro banco diante do altar. Suas lágrimas há muito cessaram. Sua vida se desenrolou em sua mente e, junto com ela, pesou cada ação sua. A paz a iludiu, a felicidade sempre fora de seu alcance. Mas enquanto rezava diante da estátua da Virgem Maria, um profundo amor começou a aquecer sua alma. Era como se um raio de sol extinguisse a escuridão em seu coração pesado.

Seu filho viveu. O coração de Emmanuelle disparou de alegria e esperança renovada. Ela nunca poderia mudar o passado, mas o futuro brilhava com promessas. A determinação agora substituiu o desespero. Emmanuelle sabia que deveria enfrentar cada um de seus fracassos e expiá-los. Ela sentiu uma presença atrás dela e virou a cabeça.

Um homem permanecia imóvel nas sombras no fundo da nave e ela não conseguia distinguir suas feições. Ele deu um passo à frente em direção a um raio de sol. Sua respiração ficou presa na garganta quando viu seu rosto. Claude ficou parado, alto e esguio como ela se lembrava, só que agora, linhas profundas marcavam seu rosto outrora bonito.

O pânico a possuiu e olhou em volta procurando uma saída, mas ele estava entre ela e a única saída. Seu coração martelava em uma cadência frenética em seu peito. Aproximou-se lentamente, como se estivesse medindo cada passo. Um medo frio tomou conta dela. Os olhos dela caíram sobre o tricórnio nas mãos dele. Mãos cruéis que quase a mataram.

— Emmanuelle, — ele disse, sua voz ecoando no vasto vazio sob o teto abobadado e com vigas.

De algum lugar dentro dela, a coragem surgiu, e junto com ela veio a força para enfrentar os demônios de seu passado.

Seu olhar a percorreu, e ela tentou disfarçar as mãos trêmulas nas dobras de seu hábito.

— Não tenha medo — ele disse. — Não quero lhe fazer mal.

— Por que está aqui? — As palavras voaram corajosamente de sua garganta.

Ele procurou seu rosto, seus olhos tristes. — Eu vim vê-la, para corrigir um erro terrível.

Emmanuelle lutou contra o grito que ameaçava escapar de sua garganta e ficou diante dele sem palavras.

— Por favor, eu a assustei. Venha e sente-se. — Ele falou com gentileza e um tom subjacente de sinceridade.

Quando ela se sentou, ele deslizou para o banco ao lado dela e olhou para a Virgem Maria. Emmanuelle deslizou um pouco mais para longe dele, a

distância adicionada aliviava um pouco o desconforto de tê-lo tão perto.

A inquietação caiu sobre eles como uma mortalha. O medo a impediu de quebrar o silêncio.

Ele se virou para olhar para ela e Emmanuelle leu o tormento nas rugas de seu rosto. — Emmanuelle, eu vivi uma vida miserável com o pecado como meu companheiro constante. Há muito que devo expiar — ele pausou. — Você e o garoto são meus maiores arrependimentos

Como um grande vazio, o caminho para a veracidade se estendia diante dela. Sabia que caminho tomar. Ela assentiu e se recompôs. — Eu também me arrependo, Claude.

Ele a estudou então, como se a visse pela primeira vez. — Eu destruí vidas. Foi o que eu fiz de melhor e admito, aproveitei cada momento — ele engoliu em seco e olhou para suas mãos. — Eu estava errado, muito errado. Nunca poderei mudar o que fiz, e Deus sabe que não mereço perdão. O que lhe fiz e ao seu filho foi meu maior fardo.

Seu filho. As palavras ecoaram em sua mente como um sino que se recusava a parar de tocar. — Ele também é seu filho. Eu jurei então, juro agora — as palavras dela pareceram enviar um choque através dele.

— Se eu pudesse, pegaria tudo de volta. A perda é mais do que posso suportar. Oh, Emmanuelle, eu não mereço seu perdão, mas estou aqui para fazer o que puder para compensar, para melhorar sua vida — suas lágrimas caíram livremente agora.

Durante anos, ela sonhou com esse momento, mas era apenas um sonho, um desejo que nunca se tornaria realidade. E agora, parecia que sim.

— Eu também me arrependo de minhas mentiras — ela o olhou diretamente nos olhos. — É verdade, era uma mulher casada na França, mas meu marido era cruel e me batia sem motivo, exceto pelo puro prazer de fazê-lo. Se eu tivesse ficado, um dia teria morrido por causa disso. Quando soube de Les Filles de Roi, vi isso como um meio de fuga, um novo começo. Esperança de uma vida melhor. E assim eu vim. No começo, eu queria contar-lhe, mas o temi e o que faria comigo quando descobrisse. Acontece que eu estava certa.

Seus olhos se fecharam com a memória. — Sabia que o homem com quem se casou na França agora está morto?

Ela respirou fundo com a notícia. — Não, não sabia.

— Fiquei sabendo disso recentemente. Como ele ainda estava vivo quando se casou, nosso casamento nunca foi válido. Então é livre para fazer o que quiser.

Emmanuelle deixou que a notícia a envolvesse. Liberdade, um futuro livre. A esperança novamente se abriu para ela.

— O que fará agora? Fará seus votos finais? — Ele perguntou.

— Talvez um dia, mas não agora.

Ele olhou para ela com perplexidade, mas não a questionou mais. — Sinto muito por todo o mal que lhe fiz e ao nosso filho. Se eu pudesse retirá-lo, eu o

faria. Seja o que for que precise ou deseje fazer, lhe darei os meios para fazê-lo. Só precisa pedir.

Ela estudou seu rosto e viu sinceridade ali. — E você?

Seu rosto ficou sério e seus olhos nublados com dor. — Estou sozinho, sem ninguém para compartilhar a concha vazia da minha vida. Se puder, encontrarei nosso filho e implorarei seu perdão. Como meu herdeiro, ele terá tudo o que é dele por direito.

Ela vacilou, insegura. Poderia acreditar nele? Ele realmente se transformou em alguém em quem podia confiar? A paz e o perdão que a renovaram momentos antes ressurgiram. A oportunidade de restaurar vidas destruídas se apresentou como uma estrada dourada diante dela. O filho deles foi privado de seus verdadeiros pais durante toda a vida. Ele tinha o direito de conhecer seu pai, sua mãe e, se assim desejasse, rejeitá-los completamente. Juntos, ela e Claude deveriam estar diante de sua carne e sangue e revelar tudo.

— Eu sei onde ele está — expeliu as palavras sem fôlego, como se ela mesma não pudesse acreditar nelas.

Claude congelou e sua boca se abriu quando um olhar de choque em seu rosto se transformou em confusão. Ele parecia sem palavras.

— Um homem entrou no hospital não faz muito tempo com um ferimento superficial no abdome. Quando tirei suas roupas para limpar a ferida, vi a marca de nascença.

— A cabeça do cavalo? Tem certeza.

— Sem dúvida. Uma mãe nunca esqueceria uma coisa dessas. Mas não disse nada a ele, então ainda não sabe.

— Então devemos contar a ele. Juntos — Claude ofereceu-lhe a mão.

Ela recuou.

Ele a manteve estendida, como se esperasse tal reação. — Temos muito o que conversar, muito o que fazer, mas por enquanto não podemos desperdiçar o que o destino colocou em nossos caminhos.

O coração de Emmanuelle disparou ao mesmo tempo que a ansiedade tomou conta. Ela se levantou e o olhou nos olhos. Lentamente, ela colocou a mão na dele. Parecia quente, forte e, naquele momento, não o temia mais. Lado a lado, eles caminharam pelo corredor. Quando chegaram às portas, Claude pôs a mão no trinco e hesitou. — Obrigado — ele sussurrou.

Os olhos de Emmanuelle se encheram de lágrimas. Um leve sorriso enfeitou seus lábios e ele abriu a porta para deixá-la passar primeiro.



O corte no abdome de Robert não o havia perfurado além de sua carne, mas por causa de seu comprimento, um médico e uma enfermeira levaram quase uma hora para costurá-lo. Apenas a cadência de uma pulsação resoluta permaneceu para lembrá-lo de sua provação. Ele teve sorte. Robert deitou-se na cama e pensou no que fazer a seguir.

Um padre jesuíta entrou na enfermaria - um jesuíta que, mesmo à distância, tinha todo o porte e movimento do père Marc-Mathieu. Ele caminhou de um leito para outro abençoando os enfermos e, ao se aproximar, Robert viu que era realmente o bom padre. Tornou-se dolorosamente consciente de quanto o père Marc-Mathieu havia mudado desde a última vez que o vira. O padre caminhava com uma postura encurvada e laboriosa e seu rosto pálido e enrugado dava sinais de exaustão. Seu cabelo parecia mais longo, mas mais fino e grisalho. O mais alarmante de tudo, tons de amarelo profundo manchavam o branco de seus olhos e sua pele.

Ele ergueu a mão sobre Robert e começou a proferir uma bênção, mas parou. — Robert, é mesmo você por trás dessa barba?

Robert olhou em volta e levou o dedo indicador aos lábios para silenciá-lo. — É bom vê-lo novamente — Robert respondeu com uma voz suave.

— Sim é! — Um sorriso surgiu nos cantos da boca do padre.

— Como vai, *mon prêtre*?

— Melhor do que muitas das pobres criaturas que vê aqui, — ele respondeu. Sua voz era fraca, oca e tão alterada quanto tudo o mais nele.

— Como o senhor veio parar aqui?

— Depois que deixou Pointe-du-Lac, fui transferido para La Prairie de la Madelaine. Quando chegou aos meus ouvidos a notícia da epidemia que assolava a cidade do Québec, deu-me a oportunidade que desejava, de dedicar a minha vida ao serviço dos outros. Roguei aos meus superiores que me mandassem aqui para atender os enfermos. Meu pedido foi concedido sem dificuldade. Estou aqui há alguns dias. — Père Marc-Mathieu tirou um lenço e enxugou a testa. — Mas chega de falar de mim. Conte-me a seu respeito. Ouvi sobre o seu problema.

— Lamento dizer-lhe, padre, mas desde a última vez que o vi, sofri um desastre após o outro.

Père Marc-Mathieu franziu a testa e puxou uma cadeira. — Conte-me tudo.

Falando em voz baixa para evitar ser ouvido, Robert descreveu o dia que passou em Québec e sua fuga, do preço por sua cabeça. Ele explicou como havia perdido o rastro de Emilie e mais tarde soube de seu sequestro no convento das Ursulinas.

O padre pareceu murchar com a notícia. — Me desculpe, pensei que seria

seguro para ela lá.

— Então aqui estou eu, de volta a Québec, para procurá-la, se ela estiver viva e me quiser.

— Arriscando sua própria vida.

— Vale a pena arriscar — Robert o assegurou.

— Mas o que te trouxe aqui no hospital?

— Eu ouvi que Emilie estava aqui, e no meu caminho, fui atacado por alguns canalhas. Um cortou minha barriga, mas foi suturada e deve sarar.

— Tem alguma informação sobre onde ela pode estar alojada?

— Nenhuma, padre, exceto que está aqui em algum lugar. Achei que o senhor poderia saber.

Père Marc-Mathieu balançou a cabeça. — Como eu disse, cheguei há apenas dois dias. Se ela está aqui, ainda não a vi.

Robert cerrou os punhos. — Emilie deveria ser minha esposa agora. Por quase um ano e meio, suportei nossa separação. Cheguei até aqui e enfrentei grandes riscos, um pior que o outro, e ainda assim, não consigo encontrá-la.

— Não sei o que dizer — Père Marc-Mathieu esfregou o queixo. — Suas intenções são boas, e Deus abençoe sua perseverança em buscar Emilie — Père Marc-Mathieu levantou-se. — Está bem o suficiente para ficar de pé?

— Acho que sim — Robert disse enquanto aceitava a mão do padre e cuidadosamente se posicionava sentado e depois em pé. Ele esperou que a dor diminuísse e então se endireitou.

O père Marc-Mathieu conduziu-o para o corredor. Ele ergueu a mão fina e trêmula e apontou para a esquerda. — Vou celebrar uma missa na Église de Notre-Dame-des-Anges em breve. Haverá uma procissão. Se Deus quiser, Emilie pode estar lá com as outras irmãs, e se não estiver, então prepare-se, pois muitos morreram.

Robert não suportava pensar nela morta. Se ela morresse, seria tudo por causa do Seigneur Richard. Sua raiva veio à tona. — Devo encontrá-la!

— E se não o fizer? — Père Marc-Mathieu deu-lhe um olhar de repreensão.

A raiva de Robert estava crescendo em seu peito e agora dominava seus pensamentos. — Se eu não a encontrar, vou procurar Seigneur Richard. Seja no Québec, seja em seu detestável palacete, seja no fim do mundo, seja na morada do próprio diabo, encontrarei aquela cria de Satanás que nos separou. Se não fosse por ele, Emilie teria sido minha esposa meses atrás, e se estivéssemos condenados a morrer, pelo menos teríamos morrido juntos. Se aquele vilão ainda estiver vivo, vou encontrá-lo e fazê-lo pagar.

— Robert! Não fale assim na minha presença — Père Marc-Mathieu agarrou-o por um braço e o encarou severamente.

— Se eu o encontrar — Robert continuou, cego de raiva, — se a varíola ainda não fez justiça a ele, vou me certificar de que o covarde não zombe mais das pessoas ou as leve ao desespero. Vou encontrá-lo cara a cara e fazer minha própria justiça!

— Robert! Ainda não aprendeu a lição? — A voz do Père Marc-Mathieu

assumiu seu antigo tom cheio e sonoro. Ele ergueu a cabeça encovada, as bochechas coradas com a cor original. O fogo brilhou em seus olhos. — Olhe ao seu redor! — Ele agarrou e apertou o braço de Robert com uma mão, e com a outra, apontou para a triste cena ao redor deles. — Justiça! Faria justiça? Você! Sabe o que é justiça? Eu esperava que, antes de minha morte, Deus me desse o conforto de vê-lo unido a Emilie, que orassem sobre o túmulo onde eu serei colocado. Mas Deus não os reunirá se houver tanto ódio em seu coração. Não quero ouvir mais nada da sua boca — ele jogou o braço de Robert para o lado e foi embora.

— *Mon prêtre!* — Robert o seguiu com ar suplicante. — Espere, por favor.

O padre se virou, sem relaxar nada de sua severidade. — Atrave-se a roubar meu tempo dessas pobres pessoas aflitas apenas para ouvir suas propostas de vingança? Eu o escutei quando buscou consolo e direção, mas agora tem represálias em seu coração. O que quer comigo? Todos os que estão morrendo anseiam por perdão. São eles que merecem minha atenção, pois entendem. Não você, com seu desejo de retribuição borrando sua alma, incapaz de mostrar qualquer sinal de perdão — ele balançou a cabeça. — O que devo fazer contigo?

— O senhor quer que eu o perdoe? — A voz de Robert aumentou.

O padre olhou para ele com serenidade tranquila. — Deve. Procure em seu coração e sei que encontrará perdão lá.

Robert fez uma careta e não disse nada.

Père Marc-Mathieu respirou fundo e soltou um suspiro. — Sabe por que eu uso esse hábito?

Robert hesitou.

— Sabe por quê! Ouviu os rumores sobre o homem que uma vez matei, então admita — retomou o velho.

— Sim — respondeu Robert.

— Eu também odiei, e é por isso que o repreendo por seus pensamentos. Matei o homem que odiei por tanto tempo, e passei minha vida me arrependendo disso.

— Mas ouvi dizer que foi um acidente. O senhor estava se defendendo.

— Se eu o tivesse perdoado, não haveria necessidade de me defender e o homem estaria vivo hoje.

— Não é a mesma coisa. Seigneur Richard é um tirano desprezível, alguém que...

— Silêncio! — Père Marc-Mathieu interrompeu. — Assassinato nunca pode ser justificado. Se ao menos eu pudesse incutir em seu coração o arrependimento que tive, e ainda tenho, pelo homem que odiei! Eu não posso, mas talvez Deus possa. Ousa meditar na vingança, mas Ele tem poder e misericórdia suficientes para impedi-lo. Pode aprender com meus erros. Deus pode prender tanto a mão do opressor quanto a do vingativo. Acha que Deus não defenderá este homem contra sua vingança? Quaisquer que sejam os problemas que lhe acontecerem, tenha certeza de que será um castigo, a

menos que aprenda a perdoar.

Uma vergonha profunda queimou através de Robert. — Não sei se posso perdoá-lo.

— E se o visse?

Robert abriu a boca e depois fechou de novo, inseguro. Ele poderia suprimir sua raiva e perdoar?

— O Senhor nos ordena não apenas perdoar nossos inimigos, mas também amá-los.

As palavras do padre tiveram mérito. Robert se cansou do ódio e da raiva que o consumiram por tanto tempo, e da futilidade disso. Todo esse tempo perdido, quase dois anos completos, e para quê? Pensamentos de vingança o mantinham preso como se estivesse amarrado com correntes. O perdão era a única forma de se libertar. Só então poderia olhar para o futuro. — Com a ajuda de Deus, vou tentar.

— Bem, venha vê-lo. Disse que queria encontrá-lo, e assim o fará. Venha e veja o homem contra quem nutre tanto ódio, sobre quem desejou tanto mal.

Robert pegou sua bolsa, tirou uma camisa limpa e a vestiu, estremecendo com o desconforto. Ele pegou o casaco e o vestiu com cuidado.

O padre pegou a mão de Robert e puxou-o para frente.

Robert o seguiu para fora do prédio sem ousar dizer mais uma palavra. Cada passo lhe doía, mas ele suportou.

Depois de uma curta caminhada, o père Marc-Mathieu parou perto da entrada de uma tenda nos fundos do hospital. Ele fixou os olhos em Robert com uma mistura de gravidade e ternura, e o atraiu.

Vários homens estavam deitados em lençóis no chão. Père Marc-Mathieu conduziu-o até o último homem da fila, um manto de nobre estendido sobre ele como uma colcha. Robert olhou para Seigneur Richard e recuou horrorizado.

Père Marc-Mathieu o cutucou para mais perto e apontou para o homem. Seigneur Richard estava imóvel. Seu peito arfava de vez em quando com respirações curtas. Seus olhos estavam abertos, mas vazios. As manchas negras da forma mais mortal da doença cobriam seu rosto pálido. Seu *rosto* e os lábios inchados se contraíram, revelando sua tenacidade pela vida. O lado direito de seu rosto caiu.

— Veja — disse Père Marc-Mathieu em voz baixa e solene. — Se a varíola não o matar, a apoplexia o matará. Isso pode ser uma punição, ou pode ser misericórdia. Por quatro dias ele ficou aqui, assim como o vê, sem nenhum sinal de consciência. Talvez a salvação deste homem dependa da sua capacidade de perdoar — ele fez o sinal da cruz sobre o Seigneur Richard.

Robert ficou paralisado de choque ao contemplar a lamentável visão do outrora poderoso homem reduzido a nada mais do que uma massa de carne. Quando ouviram o badalar do sino da igreja, saíram da tenda.

— Vá agora procurar Emilie — disse o padre. — Prepare-se para o pior. Seja qual for o resultado, encontre-me e diga-me.

Sem outra palavra, eles se separaram. Entorpecido pelo choque, Robert partiu para a igreja.



Emmanuelle conduziu Claude pelos corredores até chegarem ao quarto onde havia deixado o filho, mas ele não estava lá. Emmanuelle olhou em volta para todos aqueles que jaziam doentes ou imóveis perto da morte, mas ele não estava entre eles. Ela parou uma freira que passou apressada com uma bandeja cheia de panos e uma pequena bacia. — Por favor, pode me dizer onde encontrar o jovem com a carne ferida em seu abdome?

A freira mal olhou para ela. — Nós o transferimos para a enfermaria masculina — ela inclinou a cabeça na direção da enfermaria do outro lado do corredor e passou apressada sem dizer mais nada.

Emmanuelle e Claude trocaram um olhar de encorajamento e entraram juntos na sala. Dez catres alinhados de cada lado da sala longa e estreita. Mais uma vez, seus olhos percorreram cada homem, mas ele não estava em lugar nenhum.



A visão assombrosa do Seigneur Richard perto da morte, juntamente com a repreensão do père Marc-Mathieu, agitou Robert mais do que as palavras poderiam expressar. Nunca poderia entender o calvário que ele e Emilie suportaram por causa do capricho daquele homem. O conhecimento de que tinha sido tudo em vão era mais do que podia suportar. Sua raiva crua fervia à superfície. Agora que o Seigneur Richard não era mais uma ameaça, deveria ter experimentado algum alívio, mas havia sofrido demais. O suserano e o destino traçaram um caminho traiçoeiro para ele e Emilie, forçando-os a se separar. Eles encontrariam o caminho de volta um para o outro? E se sim, o que dizer do amor deles? Teria sobrevivido? Seu amor por Emilie queimava ainda mais forte, mas quanto aos sentimentos dela por ele, não sabia mais ao certo, mas tinha que descobrir.

Robert ficou na rua e observou o père Marc-Mathieu aparecer na entrada da igreja e encarar os reunidos. Quando o padre começou a pregar, Robert contornou a multidão até ficar no fundo. No centro da multidão, ele distinguiu cabeças veladas, mas não conseguiu distinguir nenhum dos rostos das freiras.

A voz do père Marc-Mathieu retumbou um discurso solene. — Lembremos dos milhares que morreram — ele apontou para o cemitério. — Abençoe todos os que sobreviveram e agora vivem com futuros incertos. A vida é um presente a ser valorizado e devemos aproveitar ao máximo cada momento. Lembre-se de tudo o que sofreu para que isso o torne compassivo com os outros. Devemos começar uma nova vida tendo o amor como alicerce. Empréstimo um braço fraternal aos fracos. Aqueles que são jovens devem sustentar os velhos. Os sem filhos devem procurar os filhos sem pais e constituir família. Só assim podemos aliviar nossas tristezas.

A multidão ficou em silêncio quando ele pendurou uma corda em volta do pescoço e se ajoelhou com a cabeça baixa. Todos esperaram. Ele esticou os braços para o lado e olhou para a multidão. — Eu imploro seu perdão. Se algo me deixou menos atento às suas necessidades, menos pronto para atender seus chamados, se a impaciência ou o cansaço às vezes me deixavam severo ou desanimado, se de alguma forma falhei em tratá-los com humildade, se, na minha fragilidade, lhes ofendi, por favor, perdoem-me! E que Deus perdoe todas as suas ofensas e os abençoe. — Ele fez o sinal da cruz sobre a assembleia e levantou-se.

Um nó se formou na garganta de Robert e ele lutou contra a tristeza que ameaçava explodir em uma cascata de lágrimas. As palavras tão eloquentemente expressas com tanta sinceridade foram o adeus final desse bom homem ao povo a quem ele serviu tão generosamente, verdadeiras palavras de perdão e esperança.

Muitos caíram de joelhos soluçando, mas Robert não conseguia se mexer. Paralisado, ele observou como Père Marc-Mathieu pegou uma grande cruz, que descansava contra a parede, ergueu-a diante dele e procedeu à massa de pessoas que abriram caminho para ele.

Robert seguiu a multidão. Logo se viu perto de um grupo de tendas para enfermos ao lado do hospital. Père Marc-Mathieu caminhava com a corda no pescoço, a pesada cruz elevada diante dele. Seu rosto estava pálido e abatido, inspirando tristeza e encorajamento, e ele caminhava com passos lentos e resolutos. Logo atrás dele vinham as mulheres e as crianças, e sua languidez encheu de pena o coração de Robert. Ele estudou cada rosto trágico que passava, olhando para a multidão enquanto ela diminuía.

Na retaguarda do cortejo, carroças levavam convalescentes que ainda não podiam andar. A esperança se renovava dentro dele, pois as freiras caminhavam entre eles. A procissão passou tão devagar que Robert pôde estudar cada monja, postulante ou noviça, mas Emilie não estava entre elas.

Sua esperança se dissipou. Talvez ela estivesse entre os doentes. Contornou a igreja até o jardim dos fundos e passou por um portão dilapidado nos fundos. Ele parou em uma passagem estreita entre duas pequenas tendas. Abaixando-se para afrouxar a camisa para verificar as bandagens, ele ouviu uma voz familiar lá de dentro. Isso o levou a uma parada repentina. Seria possível? Ele prendeu a respiração e escutou novamente.

— Medo de quê? — Perguntou uma mulher, sua voz gentil. — Passamos pela pior das doenças.

Robert não conseguia soltar nenhum grito porque sua respiração estava presa em seus pulmões. Seus joelhos ameaçaram falhar. Nenhum som existia no mundo inteiro, exceto por aquela voz melodiosa. Ele se endireitou, alerta, mais vigoroso do que nunca. Em três saltos, ele contornou a tenda e parou na abertura. Uma mulher com hábito de noviciada estava de costas para ele.

Um rasgo no teto da tenda permitiu que um pequeno raio de sol entrasse. Ele a banhou em uma luz dourada tão rica quanto o metal precioso. O mundo além dele deixou de existir enquanto ela girava lentamente.



Um leve indício de intuição tomou conta de Emilie. Ela se manteve tensa como uma estátua. Um silêncio, carregado de vivacidade e ânimo, incitou-a a virar a cabeça. Um homem estava parado na porta, mas ela desviou o olhar novamente, descartando-o como um estranho. O poder de sua presença inflexível recusou-se a desaparecer, então ela se endireitou e se virou novamente.

Por trás de uma barba, Robert a encarava inabalavelmente, os olhos brilhando como se fossem o próprio fogo. Suas mãos voaram para sua boca. — Robert — ela sussurrou, sua voz abafada por sua euforia.

Robert avançou para ela, com as mãos trêmulas. — Emilie! Está viva!

Emilie ficou fria com o choque e, quase com a mesma rapidez, seu corpo tremeu. — Robert! — Ela estendeu a mão trêmula e tocou o braço dele.

Como se ressequida por uma ausência tão longa, seus olhos o percorreram, observando sua barba e bigode, e as minúsculas cicatrizes que marcavam suas bochechas. Lágrimas transbordaram e borraram a visão dela. — É você mesmo, Robert? Está vivo.

— Eu sobrevivi à varíola — ele pausou enquanto seu rosto perdia um pouco do brilho. — Vejo que também o fez.

Ela assentiu, sem palavras, insegura. O ar pareceu repentinamente opressivo. A distância entre eles parecia assustadoramente intransponível.

Robert se aproximou e levou a mão ao rosto dela. Uma profunda tristeza pareceu tomar conta dele. — Como está pálida, como se tornou magra.

— Houve muito o que fazer aqui e pouco tempo para descansar — Emilie virou-se para a mulher doente no berço. — Voltarei em breve para verificá-lo — ela disse com um sorriso para tranquilizar sua paciente. Então ela se virou e fez um gesto para que Robert a seguisse para fora.

— Por que está aqui? — Ela perguntou.

A pergunta pareceu atordoá-lo. — O que quer dizer? Você foi tudo em que pensei dia e noite.

— Minha mãe não lhe escreveu?

— Ela fez, mas eu me recusei a acreditar no que ela me disse em sua carta.

— O que ela escreveu era a verdade. Eu fiz uma promessa e tudo está acabado entre nós.

— Por que acabou? Estamos noivos! — A dor vidrava seus olhos. — O que mudou?

— Tudo mudou. Eu esperava que agora já tivesse me esquecido.

— Eu nunca poderia esquecê-la ou o amor que compartilhamos.

Suas palavras ressuscitaram uma dor há muito enterrada em seu coração. — Então veio até aqui, até esta praga da morte para me encontrar?

— Acha certo que nós, que sobrevivemos, vivamos em desespero?

— Fiz uma promessa que não posso quebrar — ela desviou o olhar. Seus apelos desesperados a Deus foram atendidos e não podia renegar tal voto.

Ele inclinou o queixo dela com a ponta dos dedos e a forçou a olhar para ele. — Uma promessa que não vale nada.

— É uma promessa a Deus.

— Acredito que Deus não impõe promessas às pessoas que causarão dor a todos ao seu redor.

— Não sabe o que eu passei, nunca se viu nas mesmas circunstâncias — ela se afastou dele, mas ele agarrou seu braço e a girou de volta.

— Diga-me uma coisa. Se esse seu voto não existisse, estaria comigo?

Emilie o encarou novamente, lutando para conter as lágrimas. — O que importa agora? O que há a ganhar me fazendo responder a isso? É tarde demais para nós. Deve ir, e não pense mais em mim. Depois de tudo o que aconteceu, está claro que não fomos feitos um para o outro.

Suas palavras pareceram transformá-lo em gelo. Ele não tentou se aproximar dela. — Emilie, por favor.

— Não, vá embora, por favor! — A dor de sua proximidade era mais do que ela podia suportar.

— Ouça, acabei de falar com o Père Marc-Mathieu.

— Ele está aqui?

— Falei com ele alguns minutos atrás. Perguntou a seu respeito.

O medo correu através dela. — Ele está doente?

Robert hesitou. — Sim, mas não com varíola. Temo que ele não tenha muito tempo de vida.

Tanta tristeza, tanta morte. Parecia um fluxo interminável que se recusava a parar. — Onde ele está?

— Ele liderou a procissão até o cemitério, mas depois, suponho que estará aqui em algum lugar cuidando dos enfermos — Robert a segurou pelos braços. — Falamos a seu respeito. Ele me disse que fiz bem em voltar para procurá-la, que Deus aprovou e me ajudaria a encontrá-la. E ele estava certo. Estou aqui agora ao seu lado, não estou?

— Ele não sabe tudo o que aconteceu.

— Como ele poderia saber? Como alguém poderia saber? Este seu voto, que ninguém conhece, é tudo o que existe entre nós. Seigneur Richard não é mais uma ameaça.

— O que quer dizer?

— Père Marc-Mathieu me levou para vê-lo. O Seigneur Richard está morrendo, Emilie. Ele pode estar morto enquanto falamos.

Emilie escutou enquanto Robert lhe contava sobre sua visita ao leito do homem. Acostumada como estava com a morte, ela ficou impressionada com a notícia. — O pobre homem — embora ele tenha sido a causa de toda a destruição em suas vidas, ninguém merecia morrer de maneira tão horrível.

— Não há nada entre nós agora, nada que nos impeça de nos casarmos.

Emilie balançou a cabeça, caminhou até um banco próximo e sentou-se. A sensação de desesperança se recusou a deixá-la. — Não, não podemos. Orei por minha vida naquela noite e minhas orações foram ouvidas. Em troca, fiz uma promessa, que devo cumprir.

— E sua mãe, aquela pobre mulher que tanto se esforçou para nos ver casados. Ela não argumentou contra esse seu voto?

— Minha mãe! Acha que ela me encorajaria a quebrar um voto?

Ele se sentou ao lado dela e olhou para suas mãos. Seguiu-se um longo silêncio. — Père Marc-Mathieu me pediu para dizer a ele se a tivesse encontrado. Irei buscá-lo, então poderá ouvir o que ele pensa sobre o seu voto de sua própria boca.

— Sim, encontre-o. Eu quero vê-lo — ela se virou para olhar para ele. — Para seu próprio bem, Robert, não retorne e me tente a voltar atrás em minha palavra. Assim que o Père Marc-Mathieu souber do meu voto, ele o trará de volta ao seu bom senso e deixará seu coração em paz.

— Meu coração nunca descansará sem você! Mandou-me aquela carta abominável. Tem ideia de como sofri por causa disso? Quer me esquecer, mas eu não quero esquecê-la. Enlouquecerei. Preenche meus pensamentos a cada momento desde que nós nos vimos pela última vez. Considere tudo o que sofremos. Nada disso foi obra minha. Duvida do seu amor por mim porque fui perseguido? Porque passei um tempo longe de casa, infeliz e longe? Por que eu vim em sua busca assim que pude?

Ela desviou o olhar, o rosto banhado de angústia.

Por que acredita que Deus nos fará sofrer por palavras que escaparam de seus lábios em um momento em que não entendia o que estava oferecendo? Se não me ama mais, se passou a odiar-me, diga-me, mas não se esconda atrás desse seu voto.

— Eu não o odeio, Robert. Eu nunca poderei odiá-lo. Vá procurar o Père Marc-Mathieu. Ele vai ajudá-lo a entender, mas não volte aqui — ela se levantou e começou a se afastar.

— Emilie — ele a chamou.

Ela parou na entrada da tenda, mas não se virou.

— Eu irei, mas mesmo que eu esteja do outro lado do mundo, sempre voltarei para você.

Quando ela o ouviu se afastar, abaixou a cabeça e voltou para dentro da tenda. Emilie caiu no chão ao lado de uma cama. Descansando a cabeça contra ela, chorou amargamente.



Cada passo que dava, cada movimento que fazia, agravava a dolorosa ferida de Robert, mas não era nada comparado à dor em seu coração provocada pela rejeição de Emilie. Não contou a ela tudo sobre suas lutas ou sua ferida porque não queria influenciá-la. Se ela voltasse para ele, queria que o fizesse de coração aberto.

Robert encontrou o père Marc-Mathieu administrando os últimos ritos a uma moribunda que estava deitada no chão sobre um lençol. Robert esperou em silêncio. Ele o viu fechar os olhos da pobre mulher, erguer-se de joelhos e, após uma breve oração, levantar-se.

— Ah, Robert — Père Marc-Mathieu sorriu. — Bem? Encontrou-a?

— Ela está aqui — Robert disse sombriamente.

Père Marc-Mathieu o estudou por um momento. — Em que estado?

— Ela se recuperou.

— Deus seja louvado!

Robert se aproximou. — Há um problema.

— O que é?

— Depois de tudo o que aconteceu, ela me disse que não pode se casar comigo. Em um momento de terror fez um voto a Deus em troca de sua vida.

— Onde ela está agora?

— Alguns metros além da igreja.

— Dê-me um momento — Père Marc-Mathieu disse, — e iremos vê-la juntos.

— O senhor vai ajudar a fazê-la entender?

— Não sei de nada, meu filho, primeiro devo ouvir o que ela tem a dizer.

— Entendo — Robert observou o padre partir. Com os olhos fixos no chão e os braços cruzados sobre o peito, ele esperou em absoluto suspense.

Père Marc-Mathieu voltou com uma cesta no braço. — Vamos.

Um frio gelado e um céu escuro avisavam sobre uma tempestade de outono. Uma brisa estridente soprou, ameaçando derrubar as tendas. O espírito de Robert se agitava com expectativas incômodas e ele caminhava imerso em pensamentos. Ele olhou para trás e viu o père Marc-Mathieu ficando para trás, sofrendo sob a pressão de sua doença. Robert acelerou o passo. Père Marc-Mathieu caminhava com dificuldade, levantando ocasionalmente o rosto pálido para o céu, como se buscasse mais ar para respirar.

Quando eles pararam do lado de fora da tenda, Robert falou. — Ela está lá.

O père Marc-Mathieu pôs a mão no ombro de Robert como para lhe dar força. Então entrou na tenda. Robert o seguiu para dentro.



Assim que entraram, Emilie levantou-se e cumprimentou o père Marc-Mathieu. Sua aparência a chocou, mas ela disfarçou qualquer reação. — Como é bom ver o senhor.

— É bom vê-la também, criança. Veja de quantos problemas o Senhor a livrou. Deve realmente se alegrar por sempre ter confiado Nele.

— Ah sim, de fato! Mas, mon prêtre? Como o senhor está?

— Se Deus quiser, logo estarei livre — ele deu a ela um olhar plácido e puxou-a para o lado. — Posso ficar por alguns momentos. É capaz de confiar em mim como costumava fazer?

— Claro, sempre será *mon prêtre*.

— Então, minha filha, que juramento é esse que Robert vem me falando?

— É um voto que fiz com Deus. Se Ele me salvasse do perigo que enfrentei, prometi dar minha vida a Seu serviço — Emilie juntou as mãos.

— Quando fez o voto, se lembrou de que já estava vinculada a outra promessa?

Ela franziu a testa. — Não. Eu não.

— Minha filha, o Senhor aprova sacrifícios e oferendas quando os fazemos por nossa própria vontade, mas não pode oferecer a vontade de outro, particularmente alguém a quem já se comprometeu.

— Eu fiz errado?

— Não, minha pobre criança, mas diga-me: nunca consultou ninguém sobre isso?

— Achei que não precisava.

— Isso é tudo que a impede de cumprir a promessa que fez a Robert?

— Não há mais nada — Emilie disse com hesitação, suas bochechas quentes. Ela olhou para Robert, que permanecia imóvel. Sob uma carranca, seus olhos nunca vacilaram dela.

Père Marc-Mathieu baixou os olhos. — Acredita que Deus me deu autoridade para expurgar as dívidas e obrigações que os homens possam ter contraído com Ele?

— Sim, acredito.

— Entende que posso livrá-la da obrigação de seu voto?

— Não é pecado renegar uma promessa feita? Uma que eu fiz com a maior sinceridade? — Emilie balançou a cabeça confusa.

— Um pecado? É meu dever guiá-la através disso. Vê como você e Robert foram reunidos? Independentemente dos problemas que ambos enfrentaram, foram reunidos novamente. Está escrito em seus destinos. Se precisar que eu a absolva desse voto, não hesitarei em fazê-lo.

Emilie notou o olhar esperançoso nos olhos de Robert. Ela deu ao padre

seu sorriso mais caloroso. — Então... eu peço a sua absolvição.

Père Marc-Mathieu acenou para Robert. Ao se aproximar, o padre sorriu para Emilie. — Pela autoridade investida em mim, eu a declaro absolvida do voto e a liberto de todas as suas obrigações.

Como se o voto a tivesse sobrecarregado dolorosamente, a leveza levantou o ânimo de Emilie. Um fragmento de felicidade ganhou vida dentro dela.

Père Marc-Mathieu voltou-se para Emilie. — Amem um ao outro como companheiros em uma jornada. Se Deus lhe conceder filhos, inspire-os com amor. Robert lhe disse quem ele viu aqui?

— Sim, ele disse.

O rosto do padre escureceu de tristeza. — Ore pelo Seigneur Richard Tonnacour. E rezem por mim também, meus filhos. Espero que se lembrem de mim.

De sua cesta, ele tirou uma caixinha de madeira, virou e poliu com precisão sacerdotal. Ele levantou a tampa e mostrou seu conteúdo para Emilie. Dentro havia um colar de ouro sobre o qual pendia um pingente de cruz incrustado de rubis. — Quando minha mãe morreu, isso foi enviado para mim. É tudo o que me resta dela e da minha outrora feliz família. Todos morreram, exceto eu, mas esse dia também se aproxima — ele sorriu para ela. — Minha mãe teria gostado muito de você. Eu ficaria feliz se o guardasse e o usasse. Que lhe seja um símbolo de amor e família. Seus filhos nascerão em um mundo cruel e viverão no meio do mal, como você e Robert viveram. Minha mãe me ensinou a perdoar. Ensine seus próprios filhos a sempre perdoar. — Ele fez uma pausa e engoliu em seco. — Reze por mim, Emilie. — Com a mão trêmula, ele entregou a caixa e a joia para ela.

Ela o recebeu com reverência e beijou o padre nas duas faces.

— Devo ir agora — ele disse suavemente.

— Oh, Padre! — Disse Emilie. — Verei o senhor de novo? — Ela mal conseguia pronunciar as palavras.

O rosto do Père Marc-Mathieu permaneceu sem expressão, mas seus olhos brilharam com calor quando ele apontou para o céu. — Acima, espero. Dê minhas bênçãos a Ada e implore a ela, e a todos os que restaram, que se lembrem do Padre-Marc-Mathieu e rezem por ele. Deus vá com os dois e os abençoe para sempre! — Então, se virou e desapareceu de vista.

Um vento brutal rodopiava e uivava e uma neve branca e pura caiu do céu em uma rajada de brancura.



Emilie virou-se para Robert e chorou quando ele a tomou nos braços. A pressão do corpo dela contra o dele doeu e ele inalou fortemente. Ela se afastou dele e seus olhos o estudaram. O medo percorreu o rosto de Emilie. — Robert, está sangrando!

Robert olhou para a crescente mancha carmesim que se infiltrava em sua camisa. Sua mão voou protetoramente sobre seu ferimento. — Não se assuste. É apenas um ferimento superficial — ele olhou para ela.

— Precisa ser cuidado. Venha e deite-se — o pânico em seu tom revelava seu amor, e uma onda de alegria o encheu.

— Já foi limpo e costurado, mas toda essa caminhada não ajudou.

— O que aconteceu? — Emilie perguntou.

— Fui abordado por alguns bandidos no meu caminho até aqui para encontrá-la. Um deles sacou uma faca e, durante a briga, me cortou. Se não fosse pelo cinto de dinheiro que eu usava na cintura, poderia ter sido muito pior — a lembrança repentina de seu cinto de dinheiro enviou um tremor de preocupação através dele. Onde estava? A mulher que cuidara dele o havia removido e jogado de lado. — Meu dinheiro. Devo voltar e ter certeza de que ainda está lá. Venha comigo — Robert pegou-a pela mão e levou-a da barraca de volta ao hospital.

A ferida no abdome de Robert doía mais do que nunca, mas sua ansiedade o impelia.

Quando eles entraram na enfermaria, Robert notou duas pessoas de pé perto da cama onde ele estava deitado. Robert ficou tenso e parou. A mulher era a mesma que havia fugido quando descobriu seu ferimento. E se ela o tivesse reconhecido e fugido para chamar as autoridades, e o homem com ela estivesse aqui para prendê-lo?

Robert apertou com mais força a mão de Emilie, pronto para correr de volta para fora da enfermaria, mas Emilie o segurou, com o rosto confuso.

— Espere, por favor! — A voz do homem ecoou pela sala, despertando vários dos pacientes adormecidos.

— Robert, qual é o problema? — Emilie disse. — Eu conheço essas pessoas.

Ele hesitou, olhando entre Emilie e o casal. Seus semblantes estavam tensos, seus corpos tensos. Ele sentiu que algo estava errado, mas o quê? Por todos esses meses ele foi forçado a correr e se esconder, mas não mais. Com a morte de Seigneur Richard, ele estava determinado a acabar com todos os problemas do passado. Cautelosamente, avançou na direção deles. A mulher segurava o cinto de dinheiro dele nas mãos e, quando se aproximou, ela o ergueu para ele. Seus dedos frios e trêmulos acidentalmente roçaram os dele e

Robert se forçou a não recuar.

— *Merci* — a julgar pelo peso do cinto, ele duvidava que faltasse alguma coisa. Robert o pendurou protetoramente sobre o braço. O olhar intenso e inabalável do homem deixou Robert desconfortável.

— Veio me buscar? — Emilie perguntou ao homem.

Robert olhou para Emilie. — Conhece esse homem?

Emilie sorriu. — Claro que sim. Ele é o Seigneur Claude Prudhomme, um bom homem, meu protetor — ela gesticulou para a mulher. — E esta é Emmanuelle, minha amiga que mora no convento das Ursulinas, e que cuidou de mim durante minha doença.

Robert relaxou um pouco, mas não conseguiu afastar o pressentimento que se instalou em seu estômago. Era a maneira como o homem o encarava, avaliador e triste, um olhar dolorido e assombrado, que mais o perturbava. Quanto à mulher, seu comportamento pálido e membros trêmulos revelavam sua angústia. Robert não conseguia entender por que ela parecia assustada e vulnerável. Uma vontade de tomá-la em seus braços e consolá-la tomou conta dele.

— Robert — a mulher sussurrou trêmula. — Está sangrando. Deixe-me ajudá-lo.

A dor em sua voz o sacudiu profundamente. — Como sabe meu nome?

A mulher se manteve ereta. — Eu o conheci quando nasceu.

A excitação floresceu dentro dele. Esta mulher poderia saber quem eram seus pais e o que havia acontecido com eles.

Com o rosto contorcido de confusão, Emilie virou-se para Emmanuelle. — Conhece Robert?

Emmanuelle assentiu, com os olhos cheios de lágrimas.

— Mas, ele é meu noivo, aquele de quem lhe falei — Emilie disse.

As sobrancelhas de Emmanuelle se ergueram e seus olhos se arregalaram. O menor dos sorrisos curvou seus lábios e então desapareceu. — Por favor, deite-se, para que eu possa examinar seu ferimento.

Robert obedeceu, permitindo que Emmanuelle e Emilie tirassem seu casaco e a camisa ensanguentada. — Receio que seja a última das minhas camisas.

— Vou mandar lhe trazerem algumas roupas — Seigneur Claude afirmou.

— Por que está fazendo isso? Quem é o senhor?

Emmanuelle interrompeu seus cuidados para trocar um olhar com o Seigneur Claude, que lhe deu um aceno de encorajamento.

Ela respirou fundo e com uma voz gentil disse, — somos seus pais.

— Meus pais? — Sua voz subiu uma oitava enquanto seus olhos se deslocavam entre Emmanuelle e Claude, procurando em suas feições por semelhanças com as dele, sua mente incapaz de manter o ritmo com as semelhanças que seus olhos processavam. Ele tinha a constituição e as características faciais de seu pai, os olhos e o queixo de sua mãe combinavam com os dele. Estas foram as pessoas que o abandonaram. Mil perguntas surgiram. — Como pode ser isso? Que prova tem? — ele sentiu a pressão da

mão de Emmanuelle em seu braço.

— Nosso filho nasceu com uma marca de nascença distinta, a cor do sangue na forma de uma cabeça de cavalo — ela colocou a mão no lado direito do abdome inferior. — Aqui — ela demonstrou. — Eu reconheci antes quando tirei sua camisa para cuidar de seu ferimento.

A respiração de Robert ficou presa na garganta. Agora entendia por que ela reagiu tão fortemente e fugiu. Apenas as pessoas que o criaram sabiam de sua marca de nascença, mas estavam mortas e ele nunca havia mencionado a marca para ninguém, nem mesmo para Emilie. Ele fechou os olhos, consumido pela confusão, raiva e pela dor que veio com o abandono depois que seus pais o descartaram como destroço. Em sua mente, surgiu uma pergunta, mais poderosa e predominante do que qualquer outra, e ele reuniu coragem para fazê-la. — Por que me abandonou?

Emmanuelle pareceu desmoronar com suas palavras. Ela olhou impotente para Claude e depois para as mãos que torcia na cintura.

— Eu sou a culpada, por tudo isso, por tudo que lhe aconteceu — Emmanuelle disse.

— Não, sou eu o culpado, — Seigneur Claude disse enquanto pegava a mão dela e a apertava. — Fui eu que os tratei mal, expulsando-os da minha vida — ele engoliu em seco. — E eu me arrependo de todo o coração.

A tensão, obstrutiva e lenta, cortou o ar.

— Eu quero saber — Robert disse, décadas de mágoa o pressionando fortemente.

Seigneur Claude endireitou-se e manteve-se imóvel. — Tenho muitos arrependimentos em minha vida, mas o maior de todos é o que lhe fiz e a sua mãe. — Sua voz carregava um tom triste enquanto ele retransmitia a história de sua vida, de sua família outrora feliz, e da terrível raiva que o levou a separar um bebê de sua mãe. A cada palavra que falava, seu corpo parecia murchar.

Robert viu como a culpa devoradora de seu passado sórdido havia roubado a alegria do Seigneur Claude. Ele parecia velho e lamentável ao confessar, um homem cuja alma foi enterrada sob anos de transgressões e que agora corria contra o tempo para corrigir seus erros.

Enquanto ele falava, Emmanuelle trabalhava em silêncio. Quando suas mãos delicadas removeram as amarras, todos os olhares caíram sobre sua marca. O silêncio pairou sobre eles e ninguém se mexeu ou falou. Então, lentamente, Emmanuelle pegou um pano, molhou-o em água morna e limpou a ferida, com os olhos inundados de lágrimas. Cada toque enfeitava sua carne com ternura.

Quando chegou sua vez de contar a eles sobre sua vida, ela o fez estoicamente, sua voz equilibrada, mas tingida de remorso, a dor de seu passado contorcendo seu rosto. O coração de Robert se partiu ao saber o que ela havia sofrido.

Um carinho de mãe. Robert se deliciava com a sensação da mão dela

sempre que tocava a dele, um bálsamo para sua alma. Em sua honestidade e sofrimento, um vasto abismo estava sendo rompido, uma família reunida novamente em circunstâncias improváveis. As palavras de perdão que o père Marc-Mathieu havia falado reverberaram em sua mente repetidas vezes. Se havia algo que Robert havia aprendido durante o último ano e meio era que a vida é curta e pode mudar tão rápido quanto o vento. Era preciso estender a mão e agarrar a vida quando e onde quer que a encontrasse. Seu coração se abrandou e se abriu para este homem e mulher que trouxeram tanta dor para si mesmos e para os outros. Robert acalmou as mãos de sua mãe e as pressionou contra sua bochecha.

Ela respirou fundo. Então a cabeça dela caiu contra o peito dele enquanto soluçava, o som do alívio uma onda de desabafo.

Emilie colocou o braço em volta de Emmanuelle. Robert olhou para as duas. Em seus olhos, ele viu um futuro cheio de família e esperança. Tudo o que precisava fazer era perdoar, pois com o perdão vinha a liberdade de participar da vida sem ser impedido pelos fracassos do passado. Uma vida rica estava diante dele em toda a sua glória, tentadora, promissora, atraindo-o como uma cortesã luxuriosa. Mais uma vez, eles caíram em silêncio. Mais uma vez, foi Claude quem acabou com isso.

— Robert, nada pode expiar o passado e toda a dor que lhes causei — Claude olhou fortemente para ele. — É meu filho e eu sou seu pai. Eu falhei contigo no passado, mas não falharei agora, ou amanhã, ou pelo que resta da minha triste vida — em seguida, Claude encarou Emilie. — E você, linda criança, espero que me perdoe. Já a considero como uma filha. Saber que está noiva de meu único filho e voltar a ter uma família, quando por tanto tempo estive sozinho, me traz grande alegria. Robert, é meu único herdeiro, tudo o que tenho será seu - casa, terras e tudo.

Enquanto Claude falava, Robert notou que sua mãe ficava tensa. — E minha mãe? — Ele perguntou.

Seigneur Claude esfregou o queixo enquanto Emmanuelle voltava seus olhos escuros para ele. Ele deu um passo em direção a ela e pegou sua mão. — Eu a amei assim que pus meus olhos em você, e não pode imaginar a felicidade que senti quando deu à luz ao nosso filho. Desde o dia em que a forcei a sair de nossa casa, minha vida mergulhou na miséria. Perda e vazio preenchiam todos os meus momentos de vigília. O tormento foi minha justa recompensa. Se eu tiver outra chance, passarei o resto da minha vida lhe provando que pode confiar em mim novamente. Não precisa me responder agora, mas se puder me perdoar pelos males que lhes fiz, por favor, torne-se minha esposa novamente e reúna nossa família.



Emmanuelle olhou nos olhos do homem que já foi seu marido com total descrença. Embora as palavras que Emmanuelle ansiava ouvir por todos esses anos acalmassem como um bálsamo sobre uma ferida aberta, a apreensão tomou conta dela. Durante toda a sua vida, com palavras de ouro, homens astutos proferiram suas promessas a ela. Cada um falhou com ela - seu pai, que prometeu casá-la com um homem bom, seu primeiro marido, que prometeu amá-la e honrá-la, Claude, que a espancou até a morte apenas para jogá-la fora como lixo, e Gaston, que havia explorado sua culpa e dor.

Agora, Claude estava diante dela professando ser um homem mudado, fazendo promessas de uma boa vida cercada pela família. Ela ousaria abrir seu coração e confiar novamente? Mesmo se ousasse, ela poderia perdoar?

Ela olhou para Robert, carne de sua carne, sangue de seu sangue, e lamentou todos os anos perdidos. Uma mãe privada de cuidar de seu filho até a idade adulta. Um filho que nunca conheceu o amor de sua mãe. Seus braços ansiavam por abraçá-lo, seus lábios ansiavam por beijá-lo no rosto, mas ela não ousava fazê-lo.

Quanto a Emilie, a jovem que ela traiu, mas por quem se afeiçoou, ela e Robert representavam o futuro. O destino conspirou para reuni-los nesta sala depois de serem dilacerados por mentiras e traições. No entanto, Emmanuelle sabia que o passado não poderia ser apagado com um golpe. O tempo deveria passar antes que todos pudessem superar as torrentes de problemas que os separavam. As feridas não cicatrizavam da noite para o dia.

Ela olhou de volta para Claude, a emoção forçando sua voz a vacilar. — Todos esses anos sonhei em ouvir essas palavras. Não há nada que eu queira mais do que reunir nossa família.

Ele estudou o rosto dela. — No entanto, não pode — Claude falou as palavras com decepção.

— Ainda não, mas talvez um dia. Há muito que devemos compartilhar uns com os outros. Os anos mudaram nós dois, Claude. Não sou a mesma pessoa que conheceu. Vamos nos familiarizar um com o outro primeiro e nos permitir o tempo que ambos precisamos para nos curar. Não há nada que eu queira mais do que conhecer meu filho novamente e sua nova noiva. Então, se Deus quiser, podemos nos casar.

Ela leu a decepção em seu rosto e colocou a mão trêmula em sua bochecha. — Pode esperar?

Ele pegou a mão dela e a pressionou contra o rosto, os olhos fechados. — Esperarei uma vida inteira para tê-la — ele beijou a mão dela.

O coração de Emmanuelle batia de alegria.

Claude soltou a mão dela e sorriu de volta. — Nesse ínterim, insisto que

me permita sustentá-la. Por favor, venha para casa comigo. Terá seus próprios aposentos.

Emmanuelle procurou seu rosto e então assentiu, regozijando-se com a felicidade que apareceu quando ela concordou.

Claude então se virou e olhou para Robert. — Minha mansão é grande, com bastante terra para todos nós. Minha casa é sua casa. Nada me faria mais feliz do que ter todos nós juntos. Há um chalé grande, mas pitoresco, ao lado de minha mansão que acho que serviria para sua nova noiva. Muito espaço para Ada também. O que acha da minha sugestão de que venham morar comigo?

Robert trocou um olhar com Emilie. Seus olhos brilhavam de excitação. Ele olhou para Emmanuelle, que parecia estar prendendo a respiração. — Prometi ao meu amigo Bastien que me mudaria para Saint-Anne de Beaupre e faria negócios com ele.

Os olhos de Emilie perderam o brilho e o corpo de sua mãe pareceu cair. Ele lançou a ambas seu sorriso mais sincero. — Mas eu sei que ele entenderá.

Emilie deu um grito de alegria.

— E sua mãe? — Robert perguntou a ela. — Como ela se sentirá morando conosco?

— Minha mãe! Ela não sabe nada disso. Mas ficará feliz em saber tudo o que aconteceu. E sei que ela ficará feliz enquanto pudermos ficar juntos.

— Esplêndido — disse Claude com um largo sorriso. — Tudo deve ser arranjado.



Um dia depois de chegarem à mansão de seu pai, Robert partiu com Emilie e seus pais para a igreja. Ele e Emilie queriam que o casamento ocorresse com toda a pressa. Já haviam perdido muito tempo.

Apesar da neve do inverno e dos ventos frios, Robert estava cheio de calor. Nada poderia dissipar a alegria que experimentou enquanto seu trenó puxado por dois majestosos castrados baios deslizava sobre a neve. Eles se enrolavam sob peles, pedras quentes aos pés para mantê-los aquecidos. Com o pai a seu lado, Robert olhou para Emilie, que estava sentada entre Ada e Emmanuelle. Das duas mães, Emmanuelle era a enigmática. Uma aura de tristeza tingida de cautela a rodeava. Uma parede de proteção parecia protegê-la. Se os olhos fossem as janelas da alma, no fundo dela, ele poderia imaginar sua dor, em grande parte causada por seu pai, que agora trabalhava incansavelmente para curar as feridas que havia causado. Durante toda a sua vida, Robert acreditou que era órfão. Agora, às vésperas de seu casamento, ele teria uma família de verdade ao seu lado.

A raiva foi sua primeira reação quando soube que seus pais viviam e os papéis que desempenharam em seu abandono. Agora, ele sentia seu remorso, assim como sua tristeza. Se o Père Marc-Mathieu pôde ensiná-lo a perdoar o Seigneur Richard, não poderia fazer menos por sua própria mãe e pai.

Agora que ele e Emilie iriam se casar, não queria que nada os atrapalhasse. Especialmente não o pároco.

O trenó parou em frente à reitoria. Robert e Claude ajudaram as três mulheres a desmontar. Juntos, eles enfrentaram o frio extremo e atravessaram o pequeno portão até a porta da frente. Robert deu três batidas rápidas na aldrava e esperou. Ninguém respondeu.

— Vamos dar a volta por trás — Claude disse.

— Talvez ele esteja na cozinha e não possa ouvir nossa batida — Ada sugeriu.

Nos fundos da casa, eles bateram novamente. Père Jean abriu a porta. Seus olhos se arregalaram e ele deixou cair o breviário de sua mão. Ele parecia um cervo preso por caçadores, desesperado para escapar, mas sem saber para onde ir. Um fogo queimava na lareira e uma tigela de sopa parcialmente consumida repousava sobre a mesa.

— Père Jean, que bom vê-lo novamente — disse Robert ao entrar por último. Ele apertou a mão suada do padre.

— Robert! *Seigneur* Prudhomme! — Père Jean pegou o livro do chão e esfregou a neve de sua capa enquanto se endireitava.

— Père Jean — Robert sorriu. — Esta é minha mãe com quem me reencontrei em Québec.

— Sua mãe? — Um olhar confuso cruzou as feições do padre.

— E o Seigneur Claude é meu pai.

O queixo do père Jean caiu e ele ficou sem palavras, pálido, as mãos cruzadas sobre o peito.

Robert lhe deu um tapa nas costas. — Espero que o senhor tenha perdido aquela dor de cabeça, que o impediu de casar-nos há muitos meses — Robert decidiu aproveitar a falta de palavras do padre para insistir em seu caso. — Voltamos para casa agora, e com a aprovação de nossos pais, estamos ansiosos para nos casarmos.

Père Jean abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Robert insistiu. — Eu verifiquei e não há feriados religiosos como a Quaresma para interferir neste período. Então, quanto mais cedo o senhor realizar a cerimônia, melhor para todos nós.

Père Jean hesitou. — Robert, tem certeza? Seria tolice chamar a atenção para si mesmo quando ainda há uma proclamação de apreensão contra sua pessoa. Para casá-los, terei que publicar seu nome — ele coçou a cabeça e continuou com suas várias desculpas. — Por que se casar aqui em Pointe-du-Lac quando pode se casar com a mesma facilidade em outro lugar? Terei que ler os proclamas novamente porque muito tempo se passou e precisarei completar todas as buscas novamente.

Père Jean estava prestes a dar outra desculpa quando Claude o interrompeu. — Não há nada para temer. Se pudermos convencê-lo de que não sofrerá nenhum dano, com certeza pode casar meu filho com esta linda jovem — ele deu um sorriso rápido e uma piscadela para Emilie, que assistia com uma expressão preocupada.

— Os proclamas já foram lidos e as buscas feitas — Robert disse em um tom que não admitia discussão. — Não havia impedimento então e não há impedimento agora.

Père Jean olhou para suas mãos e balançou a cabeça. — Agora que sabe quem são seus pais, o processo deve ser repetido.

Claude tirou um envelope do bolso do colete. — Fiz as buscas enquanto estava em Québec. Tenho certeza de que encontrará tudo em ordem.

Père Jean abriu o envelope e seus olhos percorreram cada palavra. Seu pomo de Adão balançou enquanto engolia em seco.

— Não tem nada a temer. Seigneur Richard está em seu leito de morte — Robert disse. — Eu o vi com meus próprios olhos, a mortal varíola negra cobriu todo o seu rosto e corpo. Ele estava deitado em um estado incoerente em uma pequena cama no Hôpital Général, lutando para respirar. Tenho certeza de que ele já está morto. Que o Senhor tenha misericórdia de sua alma.

— Não pode ter certeza de que ele está morto. Enquanto um homem tiver fôlego em seu corpo, haverá esperança. Eu também estive doente. Eu mesmo estava perto de entrar no Paraíso, mas sobrevivi — Père Jean olhou para Emilie como se pedisse ajuda. — Não trarei mais problemas para mim.

— O senhor está bem agora — disse o *Seigneur* Claude. — Na verdade,

nunca vi parecer tão forte e radiante com boa saúde.

Père Jean puxou um fio de sua batina. — Não recomendo prosseguir até que a ordem de prisão de Robert seja suspensa — ele se virou para Emmanuelle. — A senhora, madame, que vem de Québec, saberá o rumo que essas coisas tomam — ele sorriu como se uma ideia lhe ocorresse. — Por que não se casam em Québec? Há muitos padres e igrejas muito maiores do que esta — quanto mais falava, mais coragem ele parecia reunir. — Para falar a verdade, Robert, sendo procurado pelas autoridades, proclamar seu nome no altar é algo que não posso fazer com a consciência tranquila. Não daria um bom exemplo. Desejo-lhes felicidades, mas receio não poder casá-los.

— Estamos muito longe de Québec — Ada interveio, seu rosto ficando vermelho. — Ninguém de lá ouvirá falar de um pequeno casamento em um pequeno povoado tão distante.

— Não é difícil realizar um casamento em cima da hora, — Emmanuelle acrescentou, sua voz calma. — Encontrei muitos sacerdotes que fizeram isso.

Robert não pôde deixar de sorrir com sua intervenção maternal.

Nesse momento, alguém bateu na porta. Quando père Jean a abriu, uma rajada de ar frio entrou na sala. Um nobre bem-vestido com uma braçadeira negra em volta da manga direita estava do outro lado, suas bochechas avermelhadas pelo vento, geada em seu bigode. Por insistência do Père Jean, ele entrou e pisoteou a neve de suas botas. — Desculpe incomodá-lo, mas bati na porta da frente e como não houve resposta, vim pelos fundos. Eu vim na esperança de que possa me indicar a casa de um de seus paroquianos.

— Quem é que procura, Monsieur? — Père Jean perguntou.

— Procuo um homem chamado Robert Lanzille.

Père Jean empalideceu e todos ficaram quietos.

— Posso perguntar quem está perguntando? — *Seigneur* Claude disse enquanto se aproximava imponente do homem.

Um olhar ferido escureceu as feições do homem. — Eu sou o Conde Georges Le Barroy, tio de Pierre Robillard e Richard Tonnacour, ambos senhorios próximos. Meus sobrinhos foram atingidos pela varíola e eu vim para liquidar suas propriedades.

Ada dirigiu a père Jean um olhar penetrante como se reforçasse o que já haviam dito sobre a provável morte do *Seigneur* Richard.

— O senhor tem minhas condolências — Claude disse, a sinceridade em sua voz clara. — Eu fiz alguns negócios com Richard não muito tempo atrás. Eu me beneficiei disso de várias maneiras.

— É animador saber disso — disse o Conde. — Não parece certo alguém da minha idade sobreviver a homens jovens, mas Deus trabalha de maneiras misteriosas.

— *Oui, oui.* — disse Père Jean parecendo aliviado, mas ele se recuperou e suas feições ficaram sérias. — Vou rezar uma missa em sua homenagem.

— Eu ficaria muito grato — disse o Conde.

— O que tem a ver com Lanzille? — *Seigneur* Claude perguntou.

O conde tirou um envelope do colete e segurou-o nas mãos. — Bispo Laval me pediu para entregar isso a ele. Alguém sabe onde posso encontrá-lo?

Père Jean abriu a boca para falar, mas antes que pudesse pronunciar uma palavra, o Seigneur Claude o interrompeu. — Ele não está aqui, mas eu mesmo estou procurando por ele. Se deixar o envelope com o Père Jean, nós o entregaremos em segurança.

O conde hesitou. — Minhas instruções do bispo foram para entregá-lo a Robert Lanzille.

— Enviarei uma carta ao bispo em seu nome avisando-o que está em nossa posse aqui na paróquia até que Lanzille retorne. O bispo me conhece bem — falou o Seigneur Claude.

— Muito bem — o Conde entregou-lhe a carta. — É o melhor. Não tenho certeza de quanto tempo ficarei aqui em Pointe-du-Lac. Como único herdeiro vivo de meus sobrinhos, vim para fechar suas casas, cuidar dos criados e vender suas terras e propriedades.

— Acontece que eu tenho pensado em comprar mais um pouco de terra — *Seigneur* Claude disse. — A terra de Tonnacour faz fronteira com a minha de um lado e com a de seu outro sobrinho, Monsieur Robillard, do outro. Talvez possamos discutir o assunto em um ou dois dias?

— Eu ficaria muito grato.

— Talvez possa jantar comigo amanhã à noite?

— É muito gentil. Estarei lá, *merci* — o Conde respondeu. Ele tirou o chapéu para as mulheres e se despediu.

— Não há mais dúvidas — Claude disse enquanto entregava a carta a Robert. — O Seigneur Richard está morto.

— É mesmo verdade? — Père Jean perguntou.

— Certamente não duvida do próprio tio do homem? Não notou a faixa de luto que ele usava?

Père Jean deixou-se cair no banco e pressionou as palmas das mãos sobre os olhos. — Ah! Ele está morto, então! Ele se foi! — Ele olhou para eles, seus olhos brilhando de alívio. — Vê como a Providência funciona. Que grande alívio! A morte salpicada tem sido um flagelo terrível, mas também uma boa vassoura, varrendo nosso problema. Ele não vai mais nos incomodar e nunca mais vai ameaçar um pobre padre.

— Eu o perdoei de coração. O senhor também deveria — após estreitar os olhos para o padre, Robert quebrou o selo do envelope.

— Sim, claro, é nosso dever fazê-lo — respondeu Père Jean. — Mas também podemos ser gratos por termos sido libertados dos problemas que ele trouxe sobre nós — ele pausou e observou Robert enquanto removia três papéis do envelope.

O silêncio caiu sobre todos eles enquanto Robert olhava para a primeira carta. — É do Père Marc-Mathieu.

Emilie aproximou-se dele.

Ele entregou a carta a ela. — Estou muito nervoso, *chérie*. Por favor, leia

para nós.

Emilie pigarreou e começou.

Cher Robert,

Quando receber esta carta, talvez eu já esteja em meu túmulo. Não sofra, pois levei uma vida incrível e vou para o outro mundo com um coração agradecido. Eu já sabia há algum tempo que minha morte era iminente. De muitas maneiras, é uma bênção saber a hora da morte, pois oferece a oportunidade de completar muitas coisas. Certa vez, exortei-o a confiar em Deus, pois Ele consertaria todas as coisas. E para você e Emilie, Ele fez isso.

Emilie fez uma pausa, tomada pela emoção.

Robert colocou o braço em volta dela e ela continuou.

Depois do nosso encontro no Québec, onde me contou tudo o que lhe aconteceu lá, procurei uma audiência com Sua Excelência o Bispo Laval. Embora não revelasse suas fontes, ele soube de minha decisão de ajudá-lo e a Emilie a resolver a questão de sua promessa arruinada. Após a confirmação de que sua presença em Québec no dia fatídico do motim do pão era porque eu o havia enviado para lá com uma carta de meu próprio punho para buscar refúgio em um mosteiro, ele me levou para ver o governador. Depois de ouvir a história de todos os seus problemas e descrevê-lo, o governador lembrou-se claramente de sua pessoa e ficou muito grato por sua ajuda em escoltá-lo até a porta da casa do Intendente e depois abrindo caminho para sua carruagem. Quanto ao tenente que foi agredido na rua, o governador me garantiu que não haverá acusação e que não teve participação no ocorrido. Ele assinou uma proclamação absolvendo-o de todas as acusações, que anexeï a esta carta. Além disso, anexeï uma carta de Sua Excelência, o Bispo Laval, dando a père Jean Civitelle dispensa imediata para casá-los. Meu único arrependimento é não poder estar ao seu lado neste dia alegre para vê-los se casarem, mas estarei ao seu lado em espírito. Que tenha uma vida amorosa e frutífera ao lado de Emilie. Têm tem minhas bênçãos agora e por toda a eternidade. Ore por mim como eu farei por todos.

Père Marc-Mathieu

Robert olhou primeiro para os documentos e depois para Emilie.

Lágrimas choveram por suas bochechas. — Oh, Robert, eu sabia que podíamos confiar em Père Marc-Mathieu. Ele nos prometeu que cuidaria de nós, e cuidou. Está livre, seu nome foi limpo. Podemos começar nossa nova vida sem fardos do passado.

Robert fez uma careta para père Jean e entregou-lhe o documento do bispo. — Sem mais desculpas.

Père Jean deu uma risada nervosa. — Claro, ficarei feliz em conduzir a cerimônia de casamento.



Emilie se casou com Robert em uma manhã magnífica repleta de uma nova cobertura de neve branca sob um céu azul ensolarado. Os sinos da igreja repicaram enquanto todo o povoado de Pointe-du-Lac lotava a igreja para testemunhar o tão esperado evento de uma verdade arruinada corrigida. Para o povo, seu casamento provou que a perseverança, as boas intenções e o perdão conquistam tudo.

Na carruagem a caminho da igreja, Emilie tocou com os dedos seu vestido de Mântua feito de brocado de seda dourada com um padrão em grande escala de rosas e folhas cor-de-rosa. Estava encantada com o vestido feito de um único comprimento de seda, que era aberto na frente da saia para revelar uma anágua de cetim e renda. Na cabeça, usava uma elegante, porém modesta, fontange com laços de renda, com o cabelo empilhado em camadas de elaborados cachos e mechas. Duas longas serpentinas de seda estavam penduradas atrás da fontange e pendiam de seus ombros como cornetas. Emilie nunca havia usado roupas tão bonitas antes. O Seigneur Claude a presenteou com os itens depois de comprá-los em um navio recém-chegado da França.

Seu coração disparou ao ver Robert, seu amado, esperando por ela no altar. Como ele parecia bonito em seu casaco cor de canela, na altura do joelho, com grandes punhos virados para trás sobre um colete marrom escuro. Uma fina trança de ouro e bordados em um padrão de flor-de-lis enfeitavam suas bordas. Emilie admirou suas meias de seda cor de marfim e seus sapatos de couro marrom com fivelas douradas. Na cabeça, ele usava uma peruca branca alta repartida. Em sua elegância, ele parecia tão resplandecente e bonito quanto qualquer jovem da corte francesa.

Ela caminhou até ele, prolongando a delicadeza dos momentos. Seu amor por ele a preencheu.

Ele ficou alto, as mãos cruzadas abaixo de sua cintura, imóvel, exceto pelo bater nervoso de seu sapato. Um sorriso generoso enfeitou seu rosto barbeado enquanto ele a observava a cada passo se aproximar dele.

Quando ela se aproximou, fixou seu olhar no dele, penetrante, ardente, alegre. Uma inundação de amor encheu seu coração. Quando ela pousou os dedos trêmulos na manga do casaco dele, ele retribuiu colocando a mão quente sobre a dela. Ele olhou para ela com afeição brilhante, apertando sua mão em encorajamento quando a cerimônia começou.

Père Jean fez o sinal da cruz sobre eles. — *In nomine Patris et Fillii et Spiritus Sancti.*

Ela ansiava por manter o olhar de Robert, mas, como exigido, ele olhou com reverência para o père Jean. A estabilidade da mão dele sobre a dela era

mais do que adequada por enquanto. Ela ficou ao seu lado diante do père Jean, obedecendo aos rituais da cerimônia e da missa, de pé, ajoelhada, rezando. Por fim, o padre pediu que juntassem as mãos direitas e ela pode olhar em seus olhos.

Com seus corações e almas de acordo, cada um deles recitou seus votos. Emilie falou com clareza deliberada para garantir que ele entendesse que ela não nutria nenhuma relutância. A cada palavra que falava, ele apertava mais a mão dela e seu sorriso se iluminava. Lágrimas se formaram em seus olhos quando ele pronunciou seus votos, sua voz trêmula de emoção.

Père Jean fez o sinal da cruz sobre eles. Ele os abençoou com incenso e água benta.

Emilie experimentou um calor inexplicável e sabia, sem dúvida, que o espírito do père Marc-Mathieu observava de cima, enviando-lhes suas bênçãos.

Durante toda a missa, Emilie se ajoelhou ao lado de Robert, serena, mas atenta cada vez que o cotovelo dele tocava o dela ou sua mente vagava para a noite que estava por vir. Ela agora era uma esposa, a esposa de Robert. Finalmente casados! Depois da recepção, eles ficariam a sós pela primeira vez e pela manhã iriam juntos à missa, desta vez como marido e mulher.

Por fim, a missa foi encerrada. Eles caminharam de braços dados pela nave ao longo do corredor central.

Quando irromperam no mundo coberto de neve, Robert a tomou nos braços e a beijou, respeitosamente, com os olhos brilhando de ardor. Quando seus lábios se separaram, ele pegou o queixo dela com a ponta dos dedos. — Madame Lanzille.

— *Sim*, esse é meu nome agora e é o nome mais bonito do mundo.

O primeiro dos aldeões saiu da igreja e, em instantes, eles se viram envolvidos em abraços e exclamações alegres.

Seguidos por seus convidados e pais, Emilie e Robert abriram caminho para um grande celeiro, esvaziado, impecavelmente limpo e aquecido por vários braseiros. Numerosas mesas e cadeiras foram preparadas para o banquete de casamento.

Um fluxo interminável de pratos era preparado e servido pelas mulheres do povoado, tourtières picantes, terrina de porco e chouriço, tudo intercalado com muitos legumes assados e pães frescos e queijo fresco.

Com muito orgulho, Ada presenteou Robert com uma tigela de cenouras descascadas. — Coma — ela insistiu. — A tigela inteira. Não estou ficando mais jovem e já esperei muito por netos. — Ela enfiou uma na boca dele e Robert mordeu um pedaço. Todos riram até as lágrimas caírem de seus olhos. Depois, comeram grandes porções de torta de açúcar e maçãs maduras.

Depois que o último prato foi servido, as lágrimas de Emilie não tiveram limites quando Seigneur Claude presenteou Robert com a escritura do moinho Seigneurial de Pointe-du-Lac e toda a propriedade que pertenceu ao Seigneur Richard, que ele havia comprado do Conde.

Logo depois que as mesas foram retiradas, os homens pegaram seus violinos e gaitas e a música começou. O bater rítmico de colheres contra coxas musculosas e o bater de pés forneceram a percussão para os animados rigodons, gigas e reels que se seguiram. Os vocalistas cantavam ‘À Saint Malo’, uma história de damas e marinheiros que discutiam sobre o preço do grão até que as mulheres ganhassem o grão de graça. Com canecos de cerveja e taças de vinho nas mãos, os convidados cantaram ‘Alouette’ até que suas vozes ficaram roucas.

— Olha, Robert — Emilie apontou para o banco onde Seigneur Claude estava sentado ao lado de Emmanuelle. Ambos sorriram ao testemunhar secretamente Claude pegar a mão de Emmanuelle e levá-la aos lábios para beijá-la. Emilie sabia em seu coração que, com o tempo, tudo ficaria bem com os pais de Robert.

Robert fez o possível para encontrar um momento livre e levar Emilie para um beijo ou dois, mas havia muitos convidados e muitos olhares sobre eles para tornar isso possível. Eles passaram o dia inteiro cercados de felicitações e abraços de amigos e familiares. As festividades continuaram até a noite cair e os convidados se dispersarem.

Lágrimas vidraram os olhos de Ada enquanto ela beijava Emilie na bochecha e a segurava por alguns breves momentos.

Emilie lançou um olhar tranquilizador para a mãe e foi até Robert. Ele a conduziu ao moinho senhorial de Pointe-du-Lac, onde o Seigneur Claude havia mandado preparar um quarto para eles no andar de cima. Um fogo crepitante ardia na lareira de pedra. Uma cama com uma colcha de crochê à mão e vários travesseiros macios acenavam. Os roupões de cada um deles estavam pendurados em ganchos na parede e suas roupas de cama foram colocadas com cuidado ao pé da cama.

Emilie parou logo na porta, emocionada com a consideração de seus pais que organizaram tudo em tão pouco tempo. Os braços de Robert a envolveram e ela se virou em seu abraço. Quando ele abaixou a cabeça e a beijou, ela se entregou ao toque e sabor de seus lábios.

Robert reagiu como se os lábios dela o queimassem. Ele caiu contra a parede, puxando-a para ele, seu corpo apertado contra o dele. Ela se encaixou contra sua perfeição corpulenta e se apertou contra ele, deleitando-se com as novas sensações.

Ele ergueu a cabeça, os olhos brilhando, e a levantou em seus braços como se ela fosse um tesouro precioso. — Venha para a cama — ele sussurrou, e carregando-a pelo quarto, deitou-a sobre os travesseiros. Ele abaixou a cabeça e a beijou novamente. Desta vez, sua mão vagou até o seio dela e ele a acariciou com encantamento sem pressa.

Seu toque a acalmou, cativada pelas sensações que estremeciam por seu corpo. Seus lábios se abriram e sua respiração ficou mais rasa quando as mãos dele exploraram sua carne.

Ele beijou seus seios, primeiro um depois o outro, através do vestido antes

de liberá-los de seu corpete restritivo.

Ela sussurrou o nome dele, mas com um beijo ele a silenciou.

Suas mãos tremiam enquanto ele lutava para liberá-la de suas roupas complexas.

Ela o ajudou com cada item até ficar esplendidamente nua diante dele. Então, maravilhada, ela o observou enquanto se despia contra a luz do fogo.

Gentilmente, ele se deitou sobre ela. Ela aprendeu a sentir a excitação dele e a descida de seu corpo sobre o dela pela primeira vez. Ele permitiu que ela explorasse seu corpo à vontade, acostumando-a ao seu toque, enquanto se familiarizava com o dela. Suas mãos exploraram toda a extensão de suas costas e quando ele passou a mão sobre seu estômago, ela respirou fundo de incerteza, mas ele a deixou relaxar e sua mão permaneceu fiel ao ato de amor que os esperava.

Juntos, eles experimentaram a beleza de fazer amor.

Do lado de fora, o frio e a neve brilhavam contra a lua brilhante, mas por dentro, o fogo de sua paixão os mantinha aquecidos. Depois de se juntarem aos confins reconfortantes do moinho senhorial, eles emergiram na manhã seguinte radiantes de amor e alegremente felizes, seus corações e almas unidos por toda a vida.

Fim

Guia do Grupo de Leitura



Qual a importância do tema do perdão para esta história? Há lições a serem aprendidas com a situação de Robert e Emilie? Se sim, quais são elas?

Emilie sacrificou muito porque desafiou Seigneur Richard. Conhece mulheres que fizeram sacrifícios para exercitar a mente, o coração e o espírito pelo amor de um homem? Acha que tais sacrifícios são justificados?

Em vários momentos da história, Emilie faz promessas que se arrepende de ter cumprido. Ela é precisa em cumprir suas promessas?

Cada personagem se depara com a necessidade de perdoar, seja ele mesmo ou outra pessoa. Discuta o papel que o perdão desempenha para Emmanuelle e Seigneur Claude.

Emilie a princípio parece ser uma jovem com necessidades simples. Isso faz dela alguém com quem é difícil simpatizar?

Robert fica a princípio obcecado por vingança. Como isso influencia seu estado de espírito, suas ações e seu relacionamento com Emilie?

No final do livro, Emilie acredita que ela e sua nova família encontraram a felicidade. Acha que isso é verdade? É possível que Claude e Emmanuelle realmente perdoem e encontrem a felicidade depois de toda a dor e sofrimento que sofreram nas mãos um do outro?

1. O que havia de único no cenário do livro e como ele aprimorou ou subtraiu a história?

2. Os personagens parecem reais e críveis? Você pode se relacionar com suas dificuldades? Até que ponto eles lembram você de si mesmo ou de alguém que você conhece?

3. Como os personagens mudam ou evoluem ao longo da história? Que eventos desencadeiam tais mudanças?

4. Algumas partes do livro deixaram você desconfortável? Se sim, por que você se sentiu assim? Isso levou a uma nova compreensão ou consciência de algum aspecto de sua vida sobre o qual você talvez não tivesse pensado antes?

Mais da Autora



9786580754021

[Adquira Aqui](#)

1. *Uma mulher prestes a fazer seus votos religiosos.*

Uma fuga desesperada de um massacre assassino.

Um homem vem em seu socorro.

Outro se torna seu inimigo e captor.

E uma busca mortal para se reunir com seu único amor verdadeiro.

No século X em Nápoles, os sarracenos correm desenfreados, aniquilando aldeias, assassinando mulheres e crianças. Morte e desespero estão por toda parte. Sozinha no mundo, Sara é uma jovem novilha atormentada com dúvidas sobre os votos finais para se tornar freira. Quando seu convento é atacado, ela foge para salvar sua vida caindo direto nos braços de um grupo de sarracenos que a deixam para morrer sozinha na floresta.

Um Cavaleiro honorável chamado Nicolo vem em seu socorro e se oferece para levá-la em segurança para Nápoles. Enquanto viajam juntos, são irresistivelmente atraídos um pelo outro. Acreditando que Sara é freira, o honorável Nicolo está dividido entre o amor e o dever de respeitar seus votos. Desolado, ele faz o que a honra exige e a liberta antes que ela possa lhe dizer

a verdade, de que ela não é freira.

Em sua busca de se reunir com Nicolo, ela encontra Umberto, um homem sombrio e perigoso que tem obsessão por possuí-la. Com seu intelecto afiado e seu coração, Sara deve confiar em sua própria coragem e força para escapar de seu agressor e encontrar o único homem que ela amará.

Uma história que brilha com intensidade, intriga e paixão.

Da autora do romance Órfã da Oliveira, grande sucesso internacional e nosso futuro lançamento



9786599019890

[Adquira Aqui](#)

- 1. Um Juramento de Sangue para casar seus primogênitos une as famílias Benevento e Ventura.***
- 2. Duas mulheres. Uma maldição lançada por ciúme. E um segredo que pode destruí-las!***

A superstição antiga de que gêmeos não-idênticos só podem ser fruto de pais diferentes.

Uma gêmea, é levada com apenas um anel de ouro e um cobertor de brocado como pistas de seu passado, e deixada embaixo de uma oliveira em frente a um pequeno convento. A criança recebe o nome de Olivia e é criada pelas freiras.

Ela conhece Luca e o amor entre eles é incontestável. Mas Luca já estava noivo.

Conseguiria Luca evitar o casamento para ficar com Olivia?

O passado de Olivia poderá afastá-los para sempre?

O destino dá uma reviravolta e vem à tona algo que ninguém poderia prever...

De duas vilas vizinhas no coração da paisagem toscana à elegância de Siena; de um mundo repleto de superstições antigas a uma cultura onde a honra da família é primordial, este é um romance multicamadas das vidas, amores, segredos e esforços de duas mulheres e suas famílias no século XIII



9786599019890

[Adquira Aqui](#)

1. *Ser enterrada viva é o pior pesadelo de todos! Quando confrontada com essa traição final, uma vingança assassina é a única solução para uma mulher.*

Uma praga mortífera está em fúria, matando milhares de pessoas em Vicenza, na Itália do século XVII. Carlotta Mancini luta para proteger sua família e seus criados, mas apesar de suas precauções, é ela quem cai vítima da doença mortal. Seu corpo é atirado em um caixão e rapidamente enterrado no subsolo, confinado ao sepulcro de sua família. Mas Carlotta não está morta; está apenas inconsciente por causa da doença.

Ela volta para casa, para seu amado marido, sua melhor amiga e sua querida filha. Mas antes de se revelar aos seus entes queridos, toma conhecimento de uma série interminável de mentiras, enganos e traições.

Ao desvendar o labirinto de traições chocantes, sua fúria dá vida a uma necessidade avassaladora de vingança. Lentamente, meticulosamente, inicia sua vingança diabólica.

A vingança da Condessa é um thriller histórico de ficção carregado de suspense da primeira página até a última. Um conto de traição e vingança que o prenderá enfeitiçado até o final chocante!

A vingança da Condessa é uma releitura do romance clássico, Vendetta de Marie Corelli. Inspirada por este clássico romance épico; um novo e cativante

conto em um novo cenário, um novo século e com novas reviravoltas no enredo, mantendo-se fiel aos elementos-chave da história.



9786580754939

[Adquirir Aqui](#)

1. ***Um conto medieval sobre assassinato, desespero e amor verdadeiro.***
2. ***Um antigo tesouro perdido.***
3. ***Uma rivalidade familiar de 100 anos.***

Na Itália medieval, tão espirituosa e vigorosa como qualquer homem, a ousada condessa Morena é prometida ao empobrecido e de coração negro conde Ernesto, um homem desesperado para escapar de suas crescentes dívidas de jogo, casando-se com ela e reivindicando o antigo tesouro escondido em algum lugar oculto de seu castelo. Morena encontra seu par quando Amoro, o belo e impetuoso herdeiro do Ducado de Gênova, faz um juramento sobre o túmulo de seu pai para reivindicá-la como sua noiva e acabar com a rivalidade entre suas famílias. Logo, o charme viril de Amoro desperta a paixão em seu coração firme. Mas uma trama traiçoeira os enreda; Ernesto rapta Morena e deixa Amoro desamparado. Envolvida em uma perseguição de vida ou morte, Morena aprende que nem mesmo a loucura tortuosa de seu captor pode destruir seu amor por Amoro quando seus corações se unem e seus destinos se tornam um.



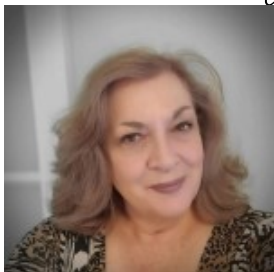
9786554441704

[Adquira Aqui](#)

“EU NASCI com a capacidade de profetizar o futuro. Os destinos com os quais sonho são impossíveis de alterar, apesar de minhas muitas tentativas. Com uma clareza vibrante, as visões noturnas me avisam de boa sorte, mas também de desespero, discórdia e morte - sempre a morte.”

Matilde de Ringelheim, um modelo de virtude e realização, uma lendária mulher de paixão, amada rainha do século X e santa dos estados germânicos, foi uma das mulheres mais influentes e caridosas da história medieval. Sua história de amor, discórdia familiar, traição, sonhos proféticos e intrigas políticas é um relato épico de sua história. Como filha virtuosa de uma família nobre, educada em uma abadia, a jovem Matilde tem um futuro promissor, mas guarda um segredo. Por meio de seus sonhos, ela pode prever o futuro. Quando o duque Heinrich da Turíngia chega sem avisar à abadia e deseja se casar com Matilde, sua infância acaba. Aos quatorze anos, ela se casa com o jovem e enigmático duque. Ela precisa deixar tudo para trás e aprender a lidar com as complexidades e intrigas de sua nova vida como duquesa e, mais tarde, como rainha. Atormentada por grandes intrigas políticas, um povo devastado, relacionamentos tensos e, ainda assim, inspirada por um chamado maior, Matilde vê o que seu futuro lhe reserva se puder aproveitar o momento - se seu marido acreditar e agir de acordo com seus sonhos proféticos.

Sobre Mirella S. Patzer



Os livros são uma das obsessões de Mirella, principalmente os que dizem respeito às épocas medievais e têm a Itália como pano de fundo. Para realizar um sonho antigo, ela começou a escrever há vários anos e nunca olhou para trás. Desde então, ela publicou vários contos e completou três romances com vários outros romances em vários estágios de conclusão. Seu fascínio por mulheres da história e da Itália é frequentemente refletido em seu trabalho, blogs e sites. Ela escreve de sua casa em Alberta cercada por seu marido, Richard, um notório examinador do polígrafo apelidado de Darth Vader (por um bom motivo), suas duas filhas lindas e bem-sucedidas, Amanda e Genna, e um netinho indisciplinado Joseph, que, com sua poderosa Nerf atirador, protege ferozmente contra saqueadores enquanto ela descasca batatas na cozinha. Suas interrupções imprevistas e calamidades e desastres humorísticos fornecem muito material para sua escrita e uma tonelada de alegria diária. Para saber mais sobre Mirella Patzer e seu trabalho, visite:

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®